

THE QUEEN IS ALWAYS THE MOST POWERFUL PIECE.

A golden queen chess piece stands prominently on a checkered floor in the foreground. The background features a city skyline at sunset, with the Empire State Building as the central focus. The sky is a warm orange and yellow, and the city lights are visible in the distance.

FAKE EMPIRE

C.W. FARNSWORTH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FAKE EMPIRE





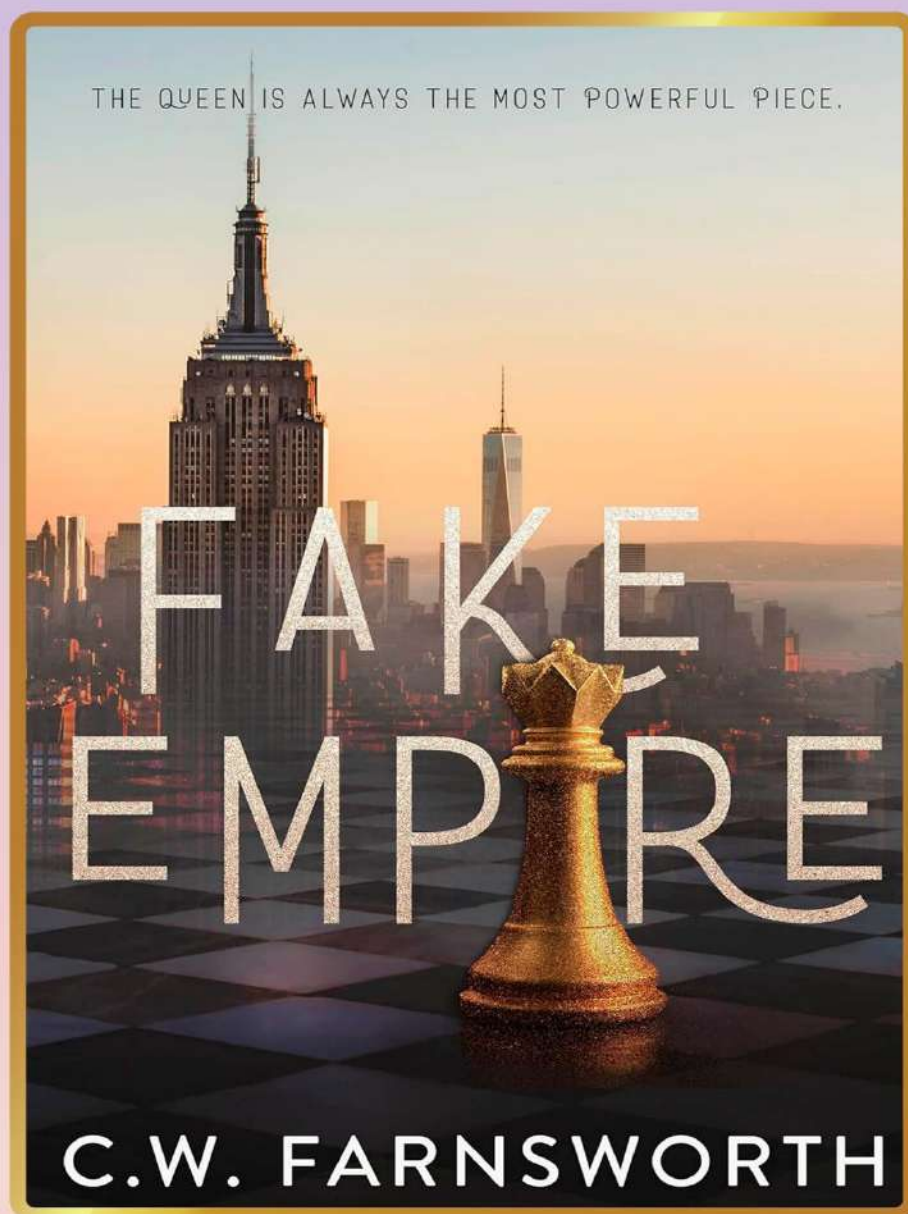
A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

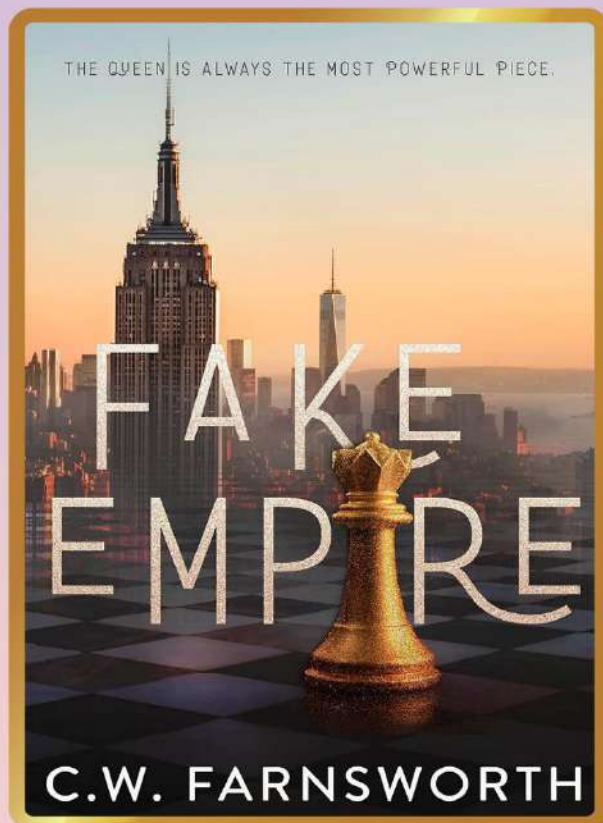
KENSINGTONS LANÇAMENTO



KENSINGTONS

UM

DOIS



FAKE EMPIRE



SINOPSE

Há ricos.

Depois há a família Ellsworth. Os Kensington. Realeza americana.

O dinheiro compra poder, e o poder sempre tem um preço. O medo de quem já possui os dois? Perdê-los. A melhor maneira de garantir a sua posse? Alianças. E as elites não se casam mal - elas se casam com iguais.

Para Scarlett Ellsworth e Crew Kensington, isso deixa uma opção: um ao outro. Aceitar essa inevitabilidade é muito diferente de abraçá-la. Essa é a única coisa que eles concordam.

Era para ser uma união para melhorar os negócios.



Para Elizabeth.

Tudo que aprendi sobre ser uma mulher forte, foi com você.



— Grandes impérios não são mantidos pela timidez.

TACITUS



CAPÍTULO UM

Scarlett

O olhar do meu noivo encontra o meu através do clube lotado. Eu seguro seu olhar. Não sou do tipo de recuar para *ninguém*, incluindo ele.

Especialmente ele.

É mais difícil quebrar um hábito do que formar um.

Os dez metros que nos separam os encobrem, mas sei que os olhos intensos fixos em mim são azuis. Pairando por um tom em algum lugar entre gelo e marinho. Convidativo, como a água calma em torno de uma ilha tropical. Um olhar e você pode imaginar exatamente como será a sensação de entrar naquela água.

A primeira vez que vi Crew Kensington, fiquei tentada a dizer a ele, “*Você tem os olhos mais bonitos que já vi*”. Eu tinha quinze anos. Acabei não dizendo uma palavra para ele, porque aqueles olhos são o *único* atributo dele que poderia ser descrito como convidativo. Porque eles não eram - não são - suas únicas características atraentes, e isso costumava me deixar sem palavras.

Crew não desvia o olhar, mesmo quando uma loira peituda usando um vestido que mal bate no meio da coxa decide se esfregar nele. A ruiva que já estava pendurada em seu braço esquerdo lança um olhar irritado para a recém-chegada. Nenhuma cena me surpreende. Procure *mulherengo* no dicionário e você



encontrará uma página dupla do bilionário encostado no longo bar como se ele fosse o dono.

Eu posso sentir a confiança irradiando dele daqui. A segurança arrogante que vem do nome Kensington e também contém algo exclusivamente Crew. Desde que ele chegou há alguns minutos, ele reduziu todos os homens ricos, poderosos e bonitos aqui a uma versão barata. Todos eles são atingíveis. Nem de perto tão bonitos. Pobres em comparação.

Todos aqui já sabem quem ele é. Mas mesmo que Crew tivesse um sobrenome diferente e uma conta bancária menos robusta, ainda acho que estaria olhando.

Chame isso de presença, carisma ou bons genes. Tive que lutar por privilégios com os quais deveria ter nascido. Crew tem todos eles sem tentar e, no entanto, as pessoas ainda se esforçam para garantir que ele não precise trabalhar por nada.

E ele sabe disso. *Usa* isso.

A loira está se esforçando para chamar a atenção dele, passando a mão pelo braço dele, enrolando o cabelo e piscando os cílios. Crew não desvia o olhar de mim. A ruiva segue sua atenção. Suas feições bonitas se contorcem de desgosto quando ela me vê.

Não estou incomodada com o olhar dela.

Estou incomodada com o olhar de Crew.

Isso se tornou uma competição entre nós. Um jogo. Nos evitamos por anos. Frequentamos diferentes internatos durante o ensino médio. Ambos acabaram em Harvard para graduação. Ele foi para Yale para estudar administração; frequentei Columbia pelos mesmos dois anos.

O tempo todo, sabíamos que seríamos inevitáveis. Não há necessidade de lutar contra isso - ou reconhecer. Isso vai mudar em breve. Essa dinâmica confortável se quebrará tão facilmente quanto a haste fina de vidro que estou segurando.



Eu levanto meu martini para ele em um *brinde* silencioso. Imediatamente, eu repenso o movimento. É como derrubar o primeiro dominó. Movendo o primeiro peão. Eu não jogo até conhecer as regras. Quando se trata de mim e Crew, nem tenho certeza se existem limites.

Um canto de sua boca se curva antes que ele finalmente desvie o olhar, cortando a corda invisível que nos conecta temporariamente. Pela primeira vez no que parecem horas, expiro. Em seguida, respiro fundo o ar fresco que gira com o cheiro de perfume caro e licor de primeira linha. Seguido por um gole saudável do meu coquetel.

Aqueles malditos olhos de oceano. Eu os sinto em mim, mesmo quando ele não está olhando.

— Merda, quem é *esse*?

Eu mantenho meus olhos na casca de limão balançando na borda da minha bebida. Principalmente porque sei de quem Nadia está falando. Estamos sentadas nesta cabine na Proof há quarenta e cinco minutos. Nesse período de tempo, vi apenas uma pessoa que poderia merecer o tom de admiração que ela está usando. Já que sou a única na cabine, isso inevitavelmente volta-se para mim.

— Quem? — Sophie pergunta, olhando para cima de seu telefone. Ela pode ser mais dedicada ao seu trabalho do que eu, o que quer dizer alguma coisa.

— O gostoso de cabelo escuro, — responde Nadia. — No bar com as duas parasitas.

Sophie olha, depois ri. — Sério? Você não sabe?

Nadia balança a cabeça.

Os olhos de Sophie pousam em mim. — Esse é o futuro *marido* de Scarlett.

Eu tiro a casca de limão da borda com uma unha carmesim antes de me encostar na cabine de couro. — Nada é oficial ainda. — O *ainda* soa mais



ameaçador do que o normal. Provavelmente porque sei que meu pai se encontrou com Arthur Kensington na semana passada.

Nadia fica boquiaberta comigo. — Espere. Quer dizer que vai mesmo se *casar*? Com *ele*?

Eu dou de ombros. — Provavelmente.

— Você pelo menos o *conhece*?

— Conheço o suficiente.

Não estou surpresa que Nadia pareça chocada com a revelação inesperada de que provavelmente vou me casar com um homem que nunca nem mencionei. Assim como não fiquei tão surpresa que Sophie reconheceu Crew à primeira vista, já que ela tem uma obsessão doentia pelo sempre agitado moinho de fofocas de Nova York. Eu não esperava que ela soubesse sobre nosso suposto noivado. Que eu saiba, qualquer fofoca publicada fracassou depois de anos de total silêncio de nossas famílias. Sussurros entre nosso círculo social são outra questão, mas Sophie não saberia disso.

Nadia e Sophie são amigas da escola de administração. Ambas cresceram em subúrbios ricos de Manhattan, andando em carros novos e nunca solicitando ajuda financeira. Elas são o tipo confortável de ricos, onde se preocupar em pagar o aluguel ou colocar comida na mesa é um conceito estranho.

Cresci pegando um jato particular entre meu internato de seis dígitos por semestre e uma cobertura multimilionária com vista para o Central Park.

Há ricos e depois há eu e Crew. Cada um de nós deve herdar impérios, incluindo somas de dinheiro com muitos *zeros*. Mais do que qualquer um poderia gastar em toda a vida - ou mil delas. Se a Comissão Federal de Comércio tivesse uma palavra a dizer na instituição conhecida como casamento, de jeito nenhum essa fusão aconteceria. É uma fusão de ativos semelhante a um Rockefeller se casando com um Vanderbilt.



Se eu quero ou não me casar com Crew é irrelevante. Aceitei isso como uma inevitabilidade há muito tempo. Eu tenho uma escolha. A escolha é minha. Casar por amor não é uma opção, mesmo se eu já tivesse conhecido alguém que me fizesse pensar que era, o que não aconteceu. Meu mundo iria mastigá-lo e cuspi-lo. Sem mencionar que sempre haveria uma voz no fundo da minha cabeça, perguntando se ele queria a mim ou o dinheiro.

Com Crew, não preciso me preocupar com isso. Ele é insensível, arrogante e frio. Ele cresceu neste mundo, assim como eu; ele sabe o que é esperado. Ele é conhecido pelas características que acabei de observar: divertir com as mulheres, sempre manter o controle total e conseguir exatamente o que quer.

Meu pai me fez um favor, arranjando esse casamento.

Isso não torna o conceito menos estranho e antiquado para as pessoas que vivem no mundo normal. Nadia está namorando o mesmo cara há dois anos. Finn é um nova-iorquino doce e despretensioso que está em seu último ano de Direito na NYU¹. Sophie atualmente está saindo com um cirurgião cardiovascular chamado Kyle, que parece um completo idiota. Segundo ela, sua habilidade compensa tudo o que falta em sua personalidade.

Minha mente vagueia por pensamentos estúpidos enquanto mantenho meu olhar firmemente no meu copo. Por exemplo, se Crew é bom de cama. Ele parece o tipo de cara que esperaria boquetes sem retribuir e sempre goza primeiro.

Provavelmente descobrirei.

O fim da minha bebida é tomado com um gole. — Eu já volto. — Me levanto e caminho na direção dos banheiros.

Tenho certeza de que Nadia está aproveitando a oportunidade para interrogar Sophie sobre meu noivado. Assim que soube que meu pai se encontrou com o pai de Crew, descobri que não havia chance de esconder isso delas - de ninguém - por

¹ New York University (Universidade de Nova York)



muito mais tempo. Nenhuma de nossas famílias jamais confirmou um noivado. Rumores precisam ser alimentados para se espalhar.

Meu pai não aborda o assunto comigo há anos. Ele supõe que farei o que ele quer sem questionar quando chegar a hora e, pela primeira vez, ele está certo.

Enquanto atravesso o clube, posso sentir os olhares em mim. O mini vestido de lantejoulas douradas que estou usando não foi feito para se misturar com o papel de parede. O trabalho tem consumido a maior parte do meu tempo ultimamente. A única razão pela qual saí do escritório antes das onze da noite é que esta noite é o aniversário de Andrea. Nenhum dos editores da minha revista - incluindo ela - iria sair antes de mim.

Saí às sete, o que é inédito para mim. Encontrei Nadia e Sophie para comer sushi em um novo local no Village e acabamos aqui, como eu sabia que faríamos. Vir ao Proof e se acotovelar com os jovens, ricos e famosos de Nova York é uma novidade para minhas duas companheiras. Menos para mim, visto que eu estava indo a lugares como este muito antes de ter permissão legal para isso.

O corredor que leva aos banheiros está vazio, iluminado por colunas a cada poucos metros. Meus stiletos batem uma melodia rítmica nos azulejos pintados à mão e no salão que serve como entrada para os banheiros. Passo pelas cadeiras forradas de veludo, mal dando uma olhada nos móveis, antes de me trancar em um dos reservados que parecem salas privadas. Cada um tem sua própria pia e vaso sanitário. Uma parede é decorada com molduras cheias de flores secas, enquanto outra contém uma longa prateleira com uma variedade de sprays, sabonetes e loções caros.

Estou lavando as mãos quando ouço o barulho característico de outros saltos se aproximando e o murmúrio abafado de vozes femininas. Fecho a água e seco minhas mãos em uma das toalhas felpudas da cesta ao lado da pia antes de jogá-la no cesto. Uma das mulheres está reclamando de suas bolhas. A outra está falando sem sentido e rápido, indicando que ela já está exagerando. Custa uma



pequena fortuna ficar bêbada em um lugar como este, então ela provavelmente é alguém que conheço.

Abro minha bolsa e pego um tubo de batom para passar nos lábios meu tom de vermelho característico. Mesmo que eu não compartilhasse um nome com um tom de cor, gosto de pensar que ainda seria o tipo de mulher que anda por aí com os lábios vermelhos.

Faz uma declaração.

— Você viu que o Crew Kensington está aqui? — Uma terceira voz pergunta. Minha mão para no meio do caminho do meu lábio inferior.

— É difícil não notá-lo. Anna St. Clair chegou lá em segundos. — Essa frase surpreendentemente sóbria vem da mulher que estava falando besteiras sobre a estreia de um filme segundos atrás.

— Estou surpresa que ele esteja aqui. Ele não tem saído muito. A Kensington Consolidated acabou de comprar aquela nova empresa de eletrônicos. Ele não está assumindo o lugar do pai, junto com todo o resto? Isso é que é uma bofetada na cara de Oliver.

— Achei que era só fofoca. Como o noivado com Scarlett Ellsworth.

— Não, eu ouvi que *isso* é verdade. Ele realmente vai se casar com ela.

— Então por que ele não fez isso? — Pergunta a mulher que antes reclamava dos saltos.

— Talvez Crew esteja tentando sair disso. Ela não é exatamente o tipo dele. Ele gosta de suas mulheres um pouco mais... soltas. — Ela ri. — Não a princesa da Park Avenue e seu pedestal perfeito.

— Quem se importa? Ele ainda vai dormir com outras por aí, apenas com alguns bilhões extras no bolso.

— Deus, você pode imaginar ter tanto dinheiro? Scarlett é tão sortuda.

— Ela já é tão rica quanto ele, — aponta uma delas.



Eu sorrio com isso. *Mais rica*. Crew tem que dividir sua herança com seu irmão mais velho, Oliver. Eu sou filha única.

— Quão gananciosa ela pode ser? Ela já não tem dinheiro suficiente?

Elas estão com ciúmes - e bêbadas. Mas ainda assim, quero dar uma palestra sobre a hipocrisia. *Crew* não é ganancioso? Só *eu*?

— Ela nem é tão bonita assim. Eu nunca a vi sorrir ou flertar – nunca. Na festa de fim de ano dos Waldorf, ela passou a noite toda falando de negócios. Margaret disse que estava entediada demais.

— Margaret está sempre entediada. Eu também estaria, se fosse casada com Richard.

— Só estou dizendo... ela provavelmente não consegue que ninguém se case com ela. Seu pai precisava balançar *bilhões* para conseguir um partido. Patético.

Eu tampo meu batom e coloco de volta na minha clutch, enfiando a bolsa debaixo do braço e abrindo a porta para ir para o lounge. Ser alvo de fofocas não é novidade para mim. Todo mundo tem uma obsessão doentia por riqueza e poder - e aqueles que os possuem - mesmo que digam a si mesmos que não.

Uma pele grossa e a mentalidade de *fingir até que você consiga* são requisitos para sobreviver neste mundo - especialmente se você tem aspirações mais altas do que gastar um fundo fiduciário, o que eu faço. Ninguém quer fazer negócios com uma covarde. O movimento das mulheres não tem visto muito movimento nos escalões superiores da sociedade. Negócios é um clube de meninos.

A única razão pela qual tenho uma base nisso é o fato de ser a única herdeira do império Ellsworth. Complicações durante meu parto impediram minha mãe de engravidar novamente. Mesmo um homem de coração frio e indiferente como meu pai não teria coragem de pedir o divórcio apenas por esse motivo. É uma das principais razões pelas quais ele pressionou pelo meu casamento com um Kensington, no entanto. Nunca houve qualquer dúvida - pelo menos em sua mente - de que eu me casaria bem. A elite antiquada não vê valor em seus filhos



se casarem com alguém com menos dinheiro do que eles. Casando com um *inferior*. Especialmente quando se trata de um filho que levará o nome para a próxima geração.

Para minha família, o equivalente econômico mais próximo são os Kensingtons. É um arranjo vantajoso para ambos os lados, que é único. Normalmente, uma parte ganha mais do que a outra. Mais dinheiro, mais ativos, mais status.

Crew é a minha melhor opção. Nossa situação é diferente porque também sou a melhor opção *dele*. Eu tenho mais poder do que a maioria das mulheres que entram em um casamento arranjado e nenhuma intenção de ceder um único centímetro dele.

Entro no lounge com a cabeça erguida. Todas as três mulheres empoleiradas no veludo parecem familiares, mas nenhum de seus nomes me ocorre imediatamente. Os únicos eventos sociais de que participo são aqueles aos quais sou obrigada. A maior parte da elite de Manhattan sente-se afortunada por ser convidada para uma infinidade de eventos que funcionam como uma desculpa para mostrar quanto dinheiro você pode gastar em uma noite. Só vou às festas em que a minha falta seria um insulto.

Assim que eu apareço, todas as conversas cessam. Seis olhos se arregalam. Três conjuntos de lábios se fecham. Alguns comentários duros ficam na ponta da minha língua, mas eu os engulo. Você não pode esperar que ninguém a veja como superior se você se rebaixar ao nível delas. Os insultos dizem mais sobre o falante do que sobre o destinatário pretendido.

Passo pelas três mulheres surpresas e saio da sala sem dizer uma palavra ou tropeçar. Em vez de voltar direto para a minha cabine, paro no bar, parando a cerca de seis metros de onde *ele* está. Um dos bartenders vestidos de preto imediatamente corre até mim.

— Gin martini, por favor, — eu peço.

— Imediatamente, senhorita, — ele responde.



Ele gira e imediatamente começa a fazer minha bebida, indicando que ele trabalhou aqui por tempo suficiente para apreciar que os clientes do Proof não toleram ser deixados esperando. Eu observo as luzes fracas brilhando na linha de garrafas coloridas atrás do bar enquanto outro barman mede suavemente um fluxo de vodca e espreme uma toranja em cima dele.

— Ellsworth.

Meu estômago afunda como se o chão tivesse caído embaixo de mim assim que ouço a voz profunda e confiante. Concentro-me em tudo o que é tangível: a superfície dura em que meu braço está apoiado, o aperto de meus saltos, o respingo e o cheiro de álcool sendo derramado. Sem olhar, sei instantaneamente quem está ao meu lado.

— Kensington. — Inclino minha cabeça para a direita para poder avaliá-lo, mantendo minha pose casual no lugar.

Antes desta noite, a última vez que o vi foi na festa de fim de ano dos Waldorfs há quatro meses. Crew parece o mesmo, exceto que ele está vestindo um par de calças azul-marinho e uma camisa branca com as mangas arregaçadas em vez do smoking padrão em eventos da sociedade. Parece que veio direto do escritório.

Se há uma coisa que respeito em Crew Kensington, é sua ética de trabalho. Para alguém que teve tudo entregue a ele durante toda a sua vida, ele parece puxar seu próprio peso na Kensington Consolidated. Enquanto usava um sorriso autoritário, mas ainda assim. Seu pai, Arthur Kensington, valoriza o sucesso sobre o nepotismo. Ele não estaria preparando Crew para o futuro CEO se não tivesse o que é preciso para prosperar na função.

Eu olho além dele, até onde ele estava antes. — Então, quem é a sortuda esta noite? A ruiva ou a loira?

Aqueles olhos azuis me avaliam enquanto ele casualmente apoia um cotovelo na madeira envernizada do tampo do bar, refletindo minha postura relaxada. Crew gira um copo do que cheira a bourbon antes de responder. — Ou ambas.



— Ineficiente.

O canto esquerdo de sua boca se enrugava com uma pitada de diversão quando o barman coloca um martini fresco na minha frente.

— Obrigada, — eu digo a ele.

Crew mantém contato visual comigo enquanto ele enfia a mão no bolso. Sua mão surge com uma nota de cem dólares, que ele desliza sobre a superfície lisa.

— Fique com o troco.

— Obrigado, senhor. — O barman sai rapidamente, não querendo dar a Crew a chance de mudar de ideia. Mesmo em um lugar tão sofisticado como este, é uma gorjeta escandalosa. As pessoas ficam felizes em deixar cair qualquer quantia que lhes é cobrada por bebidas superfaturadas. Mais do que a gorjeta obrigatória de vinte por cento para a equipe de atendimento geralmente é outra história.

Não digo nada. Se ele está tentando me impressionar, dinheiro é a maneira errada de fazer isso. Não sei *o que* ele está tentando fazer. Ele se aproximou de mim, quase confirmando o resultado da conversa de nossos pais na semana passada.

Crew me observa de perto enquanto levanto meu copo e tomo um gole. Uma voz estridente e chorosa interrompe nossa disputa silenciosa de olhares.

— Crew, você disse que voltaria logo.

Ele age como se nada tivesse sido dito. Eu mantenho seu olhar por mais alguns segundos, então olho para a mulher que se aproximou de nós. A ruiva que estava pendurada nele mais cedo tem um quadril erguido e um sorriso colado no rosto. Nenhum dos dois mascara completamente a irritação que emana dela - presumivelmente sobre a escolha dele de deixar o lado dela e se aproximar de mim.

Eu saboreio outro gole do meu martini antes de reconhecer sua presença indesejada. — É rude interromper.

A ruiva me dá um olhar arrogante. — E quem é *você*?

— Noiva de Crew. — As palavras saem da minha língua como se eu as tivesse dito antes, embora eu não tenha dito. Elas ainda soam estranhas.

Esse título a cala rapidamente, especialmente quando Crew não nega minha reivindicação. Ele apenas continua a me observar, emoções ilegíveis girando em profundidades cerúleas² enquanto ele a ignora.

A ruiva se afasta.

— Feliz? — Crew pronuncia.

— Decepcionada, na verdade. Eu esperava que ela te desse um tapa.

O canto de sua boca se curva novamente. Estou começando a achar que é a ideia dele de sorriso.

— Então... — Ele se aproxima.

Quero respirar, mas há um breve momento em que não consigo.

— Você é minha noiva agora?

— Não sou? — Tomo outro gole de gin. Nesse ritmo, terminarei minha segunda bebida antes de voltar para a cabine. Talvez eu ultrapasse meu limite de dois drinques como presente de noivado para mim mesma.

— A papelada pré-nupcial está sendo elaborada enquanto falamos. — Crew faz uma pausa. — Seu pai não te contou?

— Quanto menos ele me contar, mais poder ele pode fingir que tem. — Eu olho para longe, de volta para a longa fila de garrafas atrás do bar. — A secretária dele ligou para a minha secretária sobre um almoço. Acho que terei a notícia feliz então.

— Fico feliz em saber que você e Hanson estão mais próximos do que nunca.

Eu zombo. — Nem todos nós perguntamos *quão alto?* Quando o papai diz *pule*.

² Cerúleo é um tom de azul



— Você sempre esteve tão estressada, ou é um desenvolvimento recente?

— Se você já tivesse feito mais do que elogiar meu vestido na última década, saberia a resposta para isso.

Crew faz um show olhando o minivestido dourado que estou usando de cima a baixo. — É brilhante?

— Você sempre foi tão terrível em fazer elogios, ou é um desenvolvimento recente?

Pela primeira vez - em nunca - recebo um sorriso completo de Crew Kensington. Ele parece muito bom fazendo beicinho. A diversão - genuína, não zombeteira - suaviza os ângulos mais agudos de seu rosto. Coloque um boné de beisebol virado para trás e uma camiseta, e ele não pareceria um bilionário implacável.

Tão rapidamente quanto o sorriso aparece, ele desaparece.

Eu quero ficar aqui e arrancar outro dele, que é o que me convence a sair. Ele será meu marido, e esta é a primeira conversa que tivemos que envolve mais do que conversa fiada educada. Curiosidade é uma coisa, interesse é outra.

— Obrigada pela bebida, — eu digo a ele, então vou embora.

Sophie está praticamente quicando na cabine quando volto para o meu lugar. — Ah! O que ele disse?

— Ele comprou minha bebida e depois me deu um elogio meio idiota. — E confirmei que nosso noivado é iminente, mas guardo isso para mim.

— Parece que ele gosta de você.

— Mais como se ele estivesse tentando descobrir o quão ingênua eu sou.

Nadia ri. — Ele vai ter uma surpresa, então.

— Talvez. — Estou ouvindo apenas pela metade agora, ocupada examinando as mesas altas abaixo da parede de garrafas de champanhe. É mais do que um talvez. Crew e eu sabemos muito um sobre o outro. Mas não nos *conhecemos*.



Nunca me perguntei o que ele pensa de mim, até esta noite.

Nunca considere que ele poderia me surpreender, até esta noite.

As duas percepções são enervantes, desconfortáveis. Não gosto das implicações e preciso de uma distração.

Um grupo de rapazes entra. Um deles na frente, um loiro, faz contato visual direto comigo. Ele está vestindo um terno completo que parece feito sob medida - gravata, paletó e tudo - o que parece ser um esforço demais para mim. Se você tem dinheiro, não há necessidade de exibi-lo. Especialmente em um lugar como este. Mas ele tem um rosto atraente e um corpo decente, que são meus principais critérios no momento, então sorrio para ele. Ele sorri de volta. Eu olho para baixo, tomo um gole e, em seguida, olho para cima. Ele ainda está olhando para mim. Finjo estar constrangida com os olhos dele em mim, desviando o olhar e me mexendo na cadeira como se a atenção fosse avassaladora, e não exatamente o que eu esperava.

Depois de pedir uma bebida, ele segue em nossa direção.

— Chegando, — Sophie brinca, localizando-o. Nadia também percebe. Nós três o observamos se aproximar.

— Este assento está ocupado?

Não é o início mais original, mas a maneira como ele se dirige a todas nós enquanto fala apenas comigo indica que ele não é novato em pegar mulheres. Não estou interessada em suas habilidades de conversação, embora algumas sejam uma vantagem.

Balanço minha cabeça em resposta. Ele desliza para o assento ao meu lado, sentando-se perto o suficiente para que o material rígido de suas calças roce na minha perna. É um movimento deliberado e praticado, que provavelmente deve gerar mais uma resposta do que um leve atrito. Infelizmente, estou distraída com a sensação de olhos em mim, olhos que não pertencem ao cara ao meu lado. Não sucumbo à forte vontade de olhar para o bar.



O loiro ao meu lado se apresenta como Evan. Ele, Sophie e Nadia conversam enquanto eu trabalho para agir como se estivesse ouvindo a conversa fiada deles, não fervendo lentamente sob chamas azuis. Já conversei com outros caras na frente do Crew Kensington antes. Por que desta vez seria diferente?

— O que você faz, Scarlett? — Evan finalmente pergunta.

— Eu dirijo uma revista.

— Sério? — Ele parece intrigado. — Que tipo de revista?

— Moda.

Seus olhos percorrem meu vestido. — Não é surpreendente. Você está deslumbrante.

— Obrigada. — *Brilhante, minha bunda.* Se eu não estivesse pessoalmente chocada com a ideia, encomendaria um vestido de noiva com lantejoulas só para irritar Crew. Eu tomo uma nova tentativa de conversa. — O que você faz, Evan?

Essa pergunta provoca um olhar estranho de Sophie que me faz pensar que a resposta pode ter sido respondida enquanto eu estava “ouvindo” antes. Evan começa a falar sobre seu trabalho como advogado tributário. É totalmente desconhecido, então eu bloqueei de forma retumbante o suficiente ou Sophie estava franzindo a testa sobre outra coisa. Eu tento prestar atenção no início. Mas sinto minha atenção desviar, mesmo antes de Crew deixar o bar e se aproximar de nossa mesa, seguido por uma loira diferente da anterior. Assim que ele faz isso, Evan pode estar cantando Beyonce e eu não notaria.

Todo o meu corpo fica tenso. Preparando-se para não sei o quê. Nós nos desviamos tanto do roteiro que não consigo me lembrar quais são nossas falas.

Crew não para de andar até chegar à beira da nossa cabine. Ele lota o espaço como se tivesse todo o direito de estar aqui. Evan olha para ele no meio da frase, claramente confuso com o que está acontecendo. Há uma longa pausa onde todos ficam em silêncio.

Então, Crew estende a mão. — Crew Kensington.



O reconhecimento lava o rosto de Evan, seguido rapidamente pela reverência.
— Eu... oh. *Uau*. É uma honra conhecê-lo. Sou Evan... Evan Goldsmith.

Crew olha para mim enquanto Evan balbucia, diversão óbvia em sua expressão. Imagino que Evan seja um fanboy³ na esperança de poder anunciar a um sócio-gerente que conseguiu negócios com a empresa *Kensington* para sua firma. É tempo perdido – a Kensington Consolidated tem uma equipe jurídica interna. Evan está no meio da frase quando Crew se inclina e sussurra algo para ele que tenho certeza que me envolve.

Crew se endireita com um sorriso satisfeito que me faz rezar para que um soco estrague sua estrutura óssea perfeita. Se não por mim, em nome de homens de aparência mediana em todos os lugares. Esse tipo de simetria é um padrão injusto a ser mantido. Eu pensei que Evan era atraente... até que eu o vi ao lado do convidado não convidado da mesa.

O que quer que Crew tenha dito a Evan o deixa pálido. — Aproveite sua noite, senhoritas. — Crew *pisca* e se afasta, com a loira logo atrás dele.

— Bom falar com você. — Evan pega sua bebida e desaparece.

— Bem... isso foi interessante, — Sophie reflete. Nadia parece ter girado em círculos: olhos arregalados e desequilibrados. Exatamente como eu pareceria - se não fosse excelente em controlar minhas emoções.

Eu não deveria olhar por cima do ombro, mas eu olho. Crew está parado ao lado das portas de vidro que dão para a rua. A loira não está à vista; ele a abandonou ou ela está esperando lá fora. Crew não se move ou reage quando me vê olhando para ele. Ele segura meu olhar por alguns segundos antes de se virar e desaparecer na noite. É enervante, porque é exatamente o que eu faria.

Somos parecidos, eu e Crew Kensington.

Cautelosos.

³ Fanboy, é um menino ou jovem que é fã de alguém ou de algo, como um ator, música, uma peça de tecnologia, etc.

Orgulhosos.

Teimosos.

Cínicos.

Crescemos com o mesmo privilégio e expectativas. Nós sabemos o que é esperado. O que é preciso para prosperar neste mundo, não apenas sobreviver.

Essa é a razão pela qual concordei em me casar com ele.

E a razão pela qual eu *não deveria*.



CAPÍTULO DOIS

Crew

As pessoas se dispersam quando saio do elevador na manhã de segunda-feira. A Kensington Consolidated emprega mais de quinhentos funcionários, sem mencionar as muitas empresas das quais servimos como entidade controladora. Menos de cinquenta funcionários têm escritórios no andar executivo. Homens e mulheres com o dobro da minha idade fogem como ratos nervosos enquanto eu caminho pelo corredor acarpetado em direção à sala de conferências principal. Uma vantagem de ter seu nome exibido na lateral do arranha-céu. Impõe respeito, mesmo quando você não o merece.

Meu pai e meu irmão estão sentados à mesa central quando entro na sala de conferências. Nós três começamos toda segunda-feira com um “bate-papo”. É assim que meu pai gosta de chamá-los, pelo menos. Palestras seria uma descrição mais adequada. Ele as usa como uma tática de intimidação para todos os outros com um escritório neste andar. Forçando-os a chegar no horário e alimentando especulações sobre o que estamos falando. Promoções. Aquisições. Demissões.

— Você está atrasado, — meu pai anuncia enquanto eu me sento em frente a ele. Resisto ao impulso de direcionar sua atenção para o relógio acima da tela do projetor usado para apresentações.

São dez segundos depois das oito da manhã

Em vez disso, digo, — Desculpe. Espero que vocês dois tenham algumas histórias de golfe para trocar.



Os olhos do meu pai se estreitam, tentando decidir se estou sendo irônico ou genuíno. O fato de ele não saber é motivo de orgulho.

Ele e Oliver adoram levar investidores e parceiros em potencial para diferentes campos, fechando negócios em dezoito buracos. Esses passeios geralmente envolvem camisas polo e apostas. Prefiro fazer negócios com um terno engomado dentro de uma sala de reuniões.

— A papelada está pronta? — Ele questiona, deixando o golpe passar.

— Sim, — eu respondo. — Fui ao escritório de Richard no domingo. — Exatamente como eu queria passar meu dia de folga em duas semanas, assinando um documento de duzentas páginas estabelecendo explicitamente como cada ativo será distribuído no caso de minha próxima união terminar em divórcio.

Meu pai cantarola, que é o mais próximo de um som de aprovação que ele consegue. — Os Ellsworths vão jantar na sexta à noite. Certifique-se de ter um anel até lá.

— Eu quero o da mamãe.

Nada surpreende mais meu pai. Uma menção à mulher que ele enterrou há duas décadas parece ser a única coisa que sempre acontece. O brilho de surpresa em seus olhos desaparece rapidamente. — Está no cofre.

Eu concordo.

— Podemos seguir em frente com a conversa sobre casamento? — Oliver pede. A maneira sarcástica como ele diz *casamento* responde a qualquer pergunta sobre como ele está lidando com a próxima adição à família.

Dois anos mais velho que eu, ele deveria embarcar na tradição arcaica de um casamento arranjado. Provavelmente Scarlett Ellsworth, uma perspectiva que não me incomodou nem um pouco antes de trocar algumas dezenas de palavras com ela. Sua língua afiada passaria despercebida por meu irmão sisudo. Antes, nosso noivado era hipotético. Um resultado provável, mas longe de certo. Isso mudou, e o tique na mandíbula de Oliver diz que o incomoda.



Nosso pai decidiu que seria eu quem se casaria com Scarlett anos atrás, e Oliver e eu aprendemos muito antes disso a não questionar suas decisões. O que Arthur Kensington diz, vale.

O músculo acima do olho direito do meu pai se contrai, um sinal infalível de que ele está descontente. — Este casamento é crucial para o futuro desta família, Oliver. Você sabe disso.

Não importa quantos anos você tenha, não acho que a satisfação perversa de um irmão sendo repreendido por um desrespeito contra você nunca desaparece. Não o fez depois de vinte e cinco anos, pelo menos.

— Sim, pai, — é a resposta apressada de Oliver.

Nosso pai assente. — Bom. Agora, precisamos revisar a equipe para a transição da Warner Communications. Eu estava planejando que Crew supervisionasse tudo, mas ele estará ocupado nos próximos meses, antes e depois do casamento.

Meu cérebro se concentra nas frases *alguns meses e depois do casamento*. — Há uma data marcada para o casamento?

— Nada oficial ainda. Vamos deixar o anúncio do noivado descansar por alguns dias antes de anunciar uma. A organizadora do casamento disse que ela poderia preparar algo no início de junho.

Junho — Junho? — Estamos em meados de abril. Não me oponho a casar com Scarlett. Um tanto intrigado, até, após nossa conversa no Proof na noite de sexta-feira. Mas seis semanas parecem próximas - claustrofóbicas. Eu me pergunto se o pai dela já disse a ela que estamos oficialmente noivos.

— Este acordo está em vigor há quase uma década, Crew. Se você teve objeções, estamos muito além do ponto de levantá-las. O comunicado de imprensa será divulgado amanhã. — Eu amo como meu pai faz com que empurrar seu filho de dezesseis anos para um futuro noivado pareça normal. Eu nem me



lembro em que consistia nossa conversa naquela época. Provavelmente muitos acenos da minha parte.

— Eu não estou contestando, pai. Só perguntando.

— Josephine Ellsworth está lidando com a logística do casamento. Scarlett é sua única filha. Tenho certeza que ela vai mantê-lo informado, provavelmente com mais do que você gostaria de saber. Agora, o que você acha de designar Billington para liderar a Warner? Ele teve a experiência em Paulson com... — Meu pai continua a falar sobre os pontos fortes e fracos de todos os executivos que não estão em missão no momento. Eu me inclino para trás na cadeira e faço anotações em um bloco de notas para consultá-las mais tarde.

Oito e quinze da manhã, e estou pronto para encerrar o dia.



Entro no meu escritório e paro. Dou alguns passos para trás. Olho na placa de identificação. — Por um segundo, pensei que estava no escritório errado. Mas não. Este é o meu escritório.

— Essa piada fica mais engraçada a cada dia que você faz isso, cara.

— *Fora.*

Asher Cotes não tira os pés do canto da minha mesa. — Bom dia para você também.

— Estou falando sério, Cotes. Eu não estou no clima.

— Roman atrasou trinta segundos para buscá-lo de novo? — Meu melhor amigo brinca.



Eu bufo enquanto caminho em direção à minha cadeira. — Eu estava atrasado para uma reunião com toda a nossa divisão de contabilidade na sexta-feira por causa desses segundos.

— Pena que seu nome não está no papel timbrado. Tenho certeza de que eles criticaram você.

Eles não o fizeram, e nós dois sabemos disso. O vice-presidente realmente se desculpou, pensando que havia errado a hora. Eu não digo isso a Asher.

— É assim que meu pai dirige as coisas. Eu não. — Eu desabotoou meu paletó e me sento atrás da enorme mesa de mogno.

Asher se acomoda em uma das cadeiras de couro de frente para mim. Pés ainda para cima. — O que te irritou esta manhã, então?

Pego uma Montclair e o giro em torno de um dedo, debatendo sobre o que dizer. Foda-se, ele vai descobrir em breve. — Meu noivado será anunciado amanhã.

Os olhos de Asher se alargam para um tamanho cômico. — Com Scarlett Ellsworth?

Eu concordo. Abaixa a caneta e, em seguida, pego-a de volta. — Ela estava no Proof na noite de sexta-feira. — *Esse fato não será incluído no anúncio do noivado. Não sei por que digo isso.*

— Droga, — é a reação inicial de Asher. — Eu sabia que deveria ter pulado o jantar com meus pais. Como ela estava?

Como um sonho. — Bem.

— Isso é bom, hein? — Asher não está sendo sarcástico. Seu tom se tornou admirador. Ele pode não ter o tipo de dinheiro que Scarlett e eu temos, mas sua família ainda é rica. Ele participou de eventos em que ela esteve antes. Ele viu o cabelo escuro grosso e os lábios perenemente vermelhos e a figura que sequestra pensamentos racionais.



Não quero me casar com uma mulher que todos os caras que conheço desejam. Uma mulher que *me* atrai. É uma complicação que não preciso nem quero em uma parte da minha vida que sempre mantive simples e fácil.

Scarlett Ellsworth não é simples. Ela definitivamente não é fácil. Ela é inteligente e fogosa, determinada e atrevida. E onde quer que ela vá, ela é sempre a mulher mais deslumbrante da sala.

Ela é o tipo de mulher pela qual os homens vão à guerra, mas não precisei fazer nada para conquistá-la. Nossos pais decidiram nosso destino há quase uma década. Eu poderia lutar contra isso, mas para quê? Os Ellsworths e os Kensingtons são as duas famílias mais ricas e proeminentes do país. Casar com qualquer outra pessoa além de Scarlett seria casar mal.

— Eu conversei com ela, — admito enquanto giro a caneta em volta do meu dedo indicador.

Há anos que evito conversar com ela. Nós trocamos conversa fiada. Gentilezas. Elogios, como ela apontou. Nada de substancial. Nada sobre *nós*. Nós dois sabíamos que isso não mudaria nada.

As sobrancelhas de Asher disparam para cima. — Sério?

— Foi o que eu acabei de dizer, não é?

Ele revira os olhos para o meu sarcasmo. — Ela veio até você?

— Eu fui até ela. — Eu me inclino para trás na cadeira, fazendo o couro ranger. — Ela estava bem ao meu lado, — acrescento, como se esse detalhe fizesse diferença. Não me lembro da última vez que abordei uma mulher em um bar, o que Asher sabe muito bem. Ele está ao meu lado na maioria das noites.

Asher assobia, longo e baixo. — Ela deveria estar *muito* bonita.

Ela estava. — Eu estava curioso. Vou me casar com ela.

— E?

— Ela é... alguma coisa. — Não sei mais como categorizar nossa interação. Não me lembro da última vez que quis continuar falando com alguém e elas foram



embora. Ela se *afastou* de mim. Depois que *me* aproximei *dela*. Eu não insisti, pelo menos não imediatamente, mas eu queria.

— De um jeito bom ou ruim?

— Ainda estou decidindo. — Meu computador soa com um alerta. Quando eu mudo para o meu calendário, eu gemo. Estou lotado até o almoço. — Eu tenho que ir. Vejo você à uma. — Almoçamos juntos na maioria dos dias.

— Sim. Claro.

Pego a pilha de pastas na minha mesa e sigo para a porta, apenas olhando por cima do ombro no último minuto. — Pés fora da mesa, Cotes. Falo sério.

— O que você vai fazer? Demitir-me como seu melhor amigo?

— Sim.

— Então, para quem você reclamaria ou elogiaria sua noiva?

Eu não respondo antes de sair da sala. Mas suas palavras permanecem comigo enquanto caminho para minha próxima reunião. Scarlett Ellsworth é minha noiva. Em questão de semanas, ela será minha esposa. Isso realmente não me incomoda. E *isso* me incomoda.



Estou sentado com Asher e Oliver, conversando sobre o acidente de trem dos Yankees em uma temporada e almoçando, quando minha secretária Celeste aparece. — Senhor Kensington?

— Sim? — Eu olho para cima da piccata de frango que a equipe de bufê entregou para a refeição do meio-dia de hoje.



— Hum, desculpe incomodá-lo. Eu sei que você disse para não interrompê-lo durante o almoço, a menos que haja uma emergência...

— *Existe* uma emergência?

Celeste hesita antes de responder. — A senhorita Ellsworth está aqui. Ela está pedindo para falar com você imediatamente. Você não me deixou nenhuma instrução sobre como lidar com... bem, se devo deixar você saber... — Outra pausa. — Ela é bastante persistente.

Asher e Oliver olham para mim. Asher parece tão surpreso quanto eu. O olhar de Oliver é perspicaz; ele está tentando avaliar minha reação.

— Aqui? — Eu questiono. — Scarlett Ellsworth está *aqui*?

— Sim, senhor.

— Mande-a para o meu escritório, — eu instruo. — Eu estarei lá em breve.

Celeste acena com a cabeça antes de desaparecer de volta no corredor. Eu me levanto e coloco o paletó, levando alguns segundos extras para endireitar as lapelas e me orientar. *Porque ela está aqui?*

— O que ela está fazendo aqui? — Oliver pergunta, expressando minha confusão.

— Ela provavelmente está investigando o lugar. — Asher deixa cair o garfo e joga a bola de basquete em miniatura que ele gosta de carregar no ar, então a pega. — Ela está prestes a ganhar uma participação substancial na Kensington Consolidated.

Oliver zomba disso. — Por que ela se importaria? Ela tem sua merda de moda para se concentrar.

Não digo nada antes de sair da suíte que serve como sala de descanso do andar. A porta de vidro se fecha silenciosamente atrás de mim enquanto caminho pelo corredor que leva aos principais escritórios dos executivos, que inclui o meu. Funcionários fogem do meu caminho quando passo.

Celeste está de volta à sua mesa quando chego ao final do corredor.

— Ela está lá dentro? — Eu pergunto.

Minha secretária assente. Eu quero ter um momento para me preparar para vê-la, mas não posso. Além de Celeste, há pelo menos uma dúzia de pessoas nesta ala do prédio me olhando discretamente. Hesitação é fraqueza, e eu me recuso a demonstrá-la. Eu entro no meu escritório como se fosse o dono dele - o que sou.

Scarlett está de pé atrás da minha mesa, olhando para o horizonte. O sol da tarde brilha através das janelas do chão ao teto, banhando meu escritório - e ela - em luz dourada.

Ela se vira ao som da porta se fechando atrás de mim. O material de seda de seu vestido azul-marinho balança em torno de suas coxas enquanto ela se move, caminhando para o lado da minha mesa. Sua postura confiante sugere que este é o escritório *dela*, não meu. Ninguém se aventura atrás do trecho de mogno, muito menos se encosta nele, como ela casualmente faz. Quinze anos de amizade, e tudo o que Asher ousou fazer foi descansar os sapatos em um canto.

Ela cruza os braços. — Você demorou bastante.

— Alguns de nós têm assuntos importantes para resolver, querida.

— Sua secretária disse que você estava almoçando.

Eu ranjo meus molares. — Era um almoço de trabalho.

— *Claro.*

Normalmente, eu iria imediatamente para trás da minha mesa e me sentaria na cadeira de couro. Mas se eu fizer isso, não poderei manter contato visual com ela. Se eu me sentar, estarei embaixo dela, olhando para cima. Então eu fico onde estou, essencialmente cedendo o controle da sala para ela.

Scarlett sorri, percebendo o mesmo, então se endireita. Ela puxa um grosso pacote de papéis de sua bolsa e os joga em minha mesa com um leve *baque*. — Eu preciso que você assine isso.

Eu me movo, caminhando até minha mesa como se fosse minha escolha ficar na porta primeiro. Isso parece um jogo de xadrez. Adequado, já que a rainha é a



peça mais poderosa. Pego a pilha pesada e folheio as primeiras páginas. É o nosso acordo pré-nupcial. — Eu já assinei isso.

Passei duas horas assinando.

— Bem, eu não. Mudanças precisavam ser feitas primeiro.

Mudanças? Dou a volta na minha mesa e me sento na cadeira. O couro range quando me inclino para trás. Meu olho esquerdo estremece enquanto folheio o longo documento. — Você quer que eu faça uma comparação linha por linha ou vai me dizer *quais* mudanças foram feitas?

— Meu pai se esqueceu de distinguir as propriedades *dele* das *minhas* nas divulgações do documento original. Você tem direito a uma parte do nome Ellsworth. Não do *meu* nome.

Volto para a primeira página antes de olhar para ela. — Significado?

— Quero manter a propriedade total de minhas empresas. Minhas contas pessoais e minha revista. Enquanto estivermos casados e no caso de nos divorciarmos.

Uma mistura de surpresa e aborrecimento guerreiam dentro de mim. Isso, eu não esperava. — *É disso* que se trata? Sua pequena revista? Você está preocupada que eu diga como vestir suas modelos de capa ou quais são as tendências?

A expressão de Scarlett não reage à provocação. Ela entrou aqui, fez exigências às quais não tem direito e ainda tem a ousadia de olhar para mim como se *eu* fosse o único a incomodá-la. Algo que parece muito com respeito surge lá no fundo.

— Meu pai não tem nenhum envolvimento com a revista. Não é sua decisão como é gerida. Ou sua. Eu quero controle total, ou eu desisto.

Eu sorrio com a proclamação ousada. — Você vai desistir de um acordo no valor de centenas de bilhões, por uma revista de moda que vale... quanto? Cinquenta milhões? No máximo?

— Nem todos nós herdamos tudo o que possuímos, Crew.



— Você herdou o dinheiro que usou para perseguir este empreendimento.

Seus olhos brilham. — Não é negociável. Eu não estou blefando. Meu pai pode tomar todas as *providências* que quiser. Ele não pode me *obrigar* a casar com você.

— Você seria uma tola se não casasse.

— Estou trazendo mais para a mesa. Se você não concordar com meus termos, é você quem vai parecer um tolo. Não preciso de você nem do seu dinheiro, Crew Kensington. Não se esqueça disso.

Folheio mais algumas páginas para ganhar algum tempo. Não tenho certeza do que fazer - e não consigo me lembrar da última vez que isso aconteceu. Eu não me importo com a revista. Eu *me* preocupo em dar a Scarlett a impressão de que ela está no controle aqui. — Tudo o que você mudou foram as ações da revista? — Eu pergunto.

— Sim.

— Preciso ver os extratos de ganhos antes de concordar.

Seus olhos se estreitam. — Por que?

— Eu tomo decisões informadas, Scarlett. — Eu me concentro em seus olhos castanhos, porque olhar para outro lugar não vai acabar bem. Scarlett é uma *distração*. Não consigo deixar de imaginar o cabelo castanho espalhado sobre um travesseiro. Os lábios carnudos pintados um tom sedutor de vermelho. O tecido azul sob medida que abraça suas curvas. Todas as distrações.

Ela suspira, então se aproxima. — Mova-se.

— Com licença?

— Se você quiser ver os demonstrativos de ganhos, *mova-se*.

Contra o meu melhor julgamento, eu faço. Eu me levanto e me afasto do computador que tem acesso total a tudo. Não estou preocupado que ela vá bisbilhotar arquivos secretos. Por duas razões, a segunda mais preocupante que a primeira. Um, eu não acho que ela vai. Isso sugere algum nível de confiança.

Dois, se ela quiser espionar, espero que ela crie um método mais criativo para obter acesso aos meus arquivos. A admiração, talvez até o respeito, é inerente a esse pensamento.

Observo enquanto ela se acomoda na minha cadeira e começa a digitar.

— Você já conversou com seu pai?

— Fui direto daquela reunião para me encontrar com meu advogado. Se você está chateado por assinar pela segunda vez, talvez devesse ter confirmado se eu aprovei o contrato primeiro. Visto que será a *minha* assinatura acima da sua, não a do meu pai.

Eu não digo nada sobre isso. Ela provavelmente está certa, embora eu tenha tido tão pouco envolvimento na redação do documento quanto ela. — Seu pai mencionou o jantar?

— Sim.

— Datas de casamento?

— Sim.

Desisto da conversa e me sento no sofá de couro. A impressora ganha vida.

Scarlett se levanta e caminha até ela. As páginas ainda estão quentes quando ela as joga no meu colo. — Aqui está, *querido*.

— Testando nomes de animais de estimação?

Ela não responde, apenas se senta atrás da *minha* mesa, novamente. Estou preso no sofá como um visitante.

Eu folheio as páginas de números, tentando não parecer impressionado. Não sei quase nada sobre a indústria da moda, mas sei como é uma margem de lucro significativa. Também sei que a *Haute* estava perto de declarar falência antes de Scarlett comprar a revista.

Estou impressionado.

Eu *nunca* estou impressionado.



- Você não deveria ter mostrado isso para mim.
- Eu sei.
- Eu seria uma idiota em ceder ações.
- Eu sei disso também.
- Mas você acha que eu vou. — É uma afirmação, não uma pergunta.
- Sim.

Nós nos encaramos por alguns segundos inebriantes. Estou tentado a chamar o que eu acho que é um blefe. Para ver seus olhos principalmente verdes brilharem e pegarem a ira que ela lançará em minha direção. Se ela fosse outra mulher, não minha noiva, eu o faria. Então, novamente, não consigo imaginar mais ninguém fazendo uma façanha como essa comigo.

- Não vou assinar até que minha equipe jurídica o analise, — digo.
- Mas você vai assinar?

Não há como confundir a esperança em sua voz. Isso é importante para ela; não é apenas um jogo de poder ou um teste. Minha resposta vai passar desta conversa para o resto do nosso relacionamento.

Eu quero que ela goste de mim.

O pensamento é bizarro. As pessoas se preocupam com o que penso delas - não o contrário. — Se essa é a única coisa que você mudou? Sim.

Scarlett morde o lábio inferior. Observo seus dentes brancos afundarem na pele vermelha. Enquanto olhamos um para o outro, percebo duas coisas. Primeiro, apesar de todas as suas declarações ousadas, ela achava que eu não concordaria. Dois, eu quero beijá-la. *Bastante*. A mesma consciência que nos envolveu em Proof aparece em meu escritório, engrossando o ar até que seja tudo o que consigo respirar.

Há uma batida na porta.

- O quê? — Eu falo. A irritação com a interrupção transparece em minha voz.



Isabel, uma das executivas do conselho, abre e coloca a cabeça para dentro. — Crew, eu... — Ela para de falar assim que vê Scarlett. — Oh. Eu... eu não sabia que você estava no meio de alguma coisa.

— Não estamos. — Scarlett se levanta e coloca a bolsa no ombro. Estou esperando as emoções contrárias que ela provoca em mim desta vez. O desejo de que ela ficasse. Ela acha que toma as decisões, e acho isso divertido e excitante. — Vejo você mais tarde, *querido*.

Eu sorrio antes de responder. — Obrigado pela visita, *querida*.

Scarlett revira os olhos antes de caminhar em direção à porta onde Isabel ainda está de pé. Isabel não se move, bloqueando a porta entreaberta.

Eu observo a cena se desenrolar, sabendo imediatamente em qual mulher eu apostaria meu dinheiro. Tornaria minha vida muito mais fácil se Scarlett tivesse a personalidade covarde de socialite que eu esperava, mas não consigo sentir nenhuma decepção por ter acabado com uma cabeça dura. Ela me fascina, e nunca consegui dizer isso sobre uma mulher antes.

Isabel Sterling é um ano mais velha do que eu. Ela subiu na hierarquia da empresa da minha família desde que começou um cargo aqui logo após a faculdade para se tornar uma das duas únicas mulheres no conselho. Eu a vi encarar homens poderosos até eles desistirem.

Eu não acho que Scarlett vai escapar pela pequena abertura como um segredo sujo, no entanto. E ela não decepciona. — Mova-se, — ela instrui. Seu tom é altivo e suas costas são retas como uma régua.

Relutantemente, Isabel se arrasta para o lado. Em um minuto de desafio, ela não abre a porta. Scarlett a abre ela mesma e sai do meu escritório.

Isabel fecha a porta atrás de si bufando. — *Essa é Scarlett Ellsworth?*

— Sim. — Eu me levanto do sofá e pego a pilha de papéis que Scarlett deixou para trás. — Do que você precisava, Isabel?



— A Powers Corporation enviou novos slides antes de sua apresentação. Achei que você gostaria de ver os números antes da reunião de Andover.

Parece que não vou comer o resto do meu almoço. — Certo. Podemos usar a sala de conferências principal até o início da reunião.

Isabel assente. Eu a sigo para fora do meu escritório e paro na mesa de Celeste, deixando cair a pilha de papéis que consiste no meu acordo pré-nupcial no balcão, cercando seu espaço com um *baque*. — Leve isso para o departamento jurídico, — eu instruo. — Quero que eles examinem cada palavra e me deem um memorando listando todas as diferenças em relação ao documento original que foi elaborado. Faça com que eles marquem cada ponto que devo assinar também. Eu não tenho tempo para passar por tudo sozinho. De novo. Diga-lhes para largar todo o resto. Eu quero isso feito até o final do dia.

— Sim, claro. — Celeste pega os papéis e corre para os elevadores.

Ando a passos largos até onde Isabel está esperando. Enquanto caminhamos, ela me informa sobre as mudanças que serão feitas na reunião amanhã. A sala de conferências principal fica bem no centro do andar executivo, cercada por vidros foscos durante reuniões importantes.

— O que Scarlett queria? — Isabel pergunta assim que entramos na sala. Posso dizer que ela está tentando soar casual, mas a pergunta por si só é uma anomalia. Isabel e eu discutimos negócios, é isso. É por isso que trabalhamos bem juntos.

Desabotoou meu paletó e me sento à mesa. — Alguns papéis precisavam ser resolvidos.

— Ela poderia ter mandado, — ressalta Isabel.

— Ela queria falar pessoalmente. — Pego as anotações da reunião.

— Você está tendo dúvidas sobre se casar com ela? Ela parece terrivelmente carente.

Quase sorrio ao ouvir isso, imaginando como Scarlett reagiria ao ser chamada de carente. Essa linha de questionamento está me dando a impressão de que



Asher pode não estar *totalmente* errado nas três vezes em que me disse que Isabel tem sentimentos não profissionais por mim. Tenho certeza de que rumores de nepotismo voam quando não estou por perto, mas levo meu papel aqui a sério. Não misturo negócios com mais nada. Nunca namorei uma funcionária ou brinquei no meu escritório. — Existe um ponto chegando? Sobre minha vida pessoal? — Avisos estão espalhados por essas duas questões.

Avisos que Isabel não dá ouvidos. — Estou preocupada com o impacto dessa mulher no futuro desta empresa.

Agora eu *sei* que ela está com ciúmes. — Seu impacto no futuro desta empresa fortalecerá o nome Kensington, adicionando bilhões aos meus ativos e me dando filhos para quem deixar tudo.

— Mas você não *quer* se casar com ela, não é?

Não faço coisas que não quero fazer. Há desvantagens em nascer com o tipo de riqueza que a maioria das pessoas não consegue compreender. Mas a autonomia nunca foi um problema. Especialmente quando se trata de grandes escolhas que mudam vidas. Se eu não quisesse me casar com Scarlett, já teria encontrado uma saída anos atrás.

— Ela é deslumbrante e tem uma tonelada de dinheiro. Eu poderia fazer pior. — Não sei por que continuo incentivando essa conversa. Ninguém mais apareceu cedo para a reunião, eu acho. E gosto de trabalhar com a Isabel. Estou ansioso para livrá-la de qualquer noção de que algo pode acontecer entre nós. — Somos colegas, Isabel. Se eu quisesse sua opinião sobre minha vida fora deste escritório, pediria.

Suas bochechas ficam rosadas com a reclamação. — Claro. Só cuidando de você.

Nós dois sabemos que não era só isso que ela estava fazendo, mas outras pessoas finalmente estão chegando para a reunião, então volto minha atenção para minhas anotações. Não estou absorvendo nada do que estou lendo. Sem



prestar atenção em Isabel sentada na minha frente. Nem nenhuma das saudações apontadas para mim.

Ela é deslumbrante e tem uma tonelada de dinheiro.

Foi assim que descrevi Scarlett agora há pouco. Ambas verdadeiras. O segundo fato é a principal razão pela qual estou me casando com ela. O primeiro é um bônus bom, embora um tanto inconveniente. Mas bonita e rica não são mais os dois primeiros adjetivos que eu usaria para descrever Scarlett Ellsworth. Depois de duas conversas, eu a descreveria como ambiciosa.

Destemida.

Vivaz.

Nisso é o que eu preciso prestar atenção.



CAPÍTULO TRÊS

Scarlett

Seria muito fácil quebrar este vidro, decido. Observar os fragmentos se despedaçarem e o líquido dourado se espalhar. Rolo a haste fina da taça de champanhe entre o indicador e o polegar, tentando decidir se a emoção temporária valerá a pena a confusão inevitável.

Decido não fazer isso e tomo um gole de álcool efervescente.

As bolhas queimam meu esôfago e fervem em meu estômago vazio. Eu odeio caviar, e é tudo o que foi servido até agora esta noite. Parte da postura sem fim. Eu mataria por algumas batatas fritas. Para estar em qualquer outro lugar.

O luar brilha na superfície da piscina, banhando as pedras perfeitamente uniformes e o paisagismo intocado que a cercam com um brilho luminoso.

Eu respiro profundamente enquanto continuo olhando para a superfície escura da água diante de mim. O oxigênio circula na minha corrente sanguínea. O dióxido de carbono tenta escapar. Eu não deixo. Mesmo quando a sensação desconfortável se torna dolorosa. Finalmente, eu expiro.

Doce alívio flui através de mim. Eu me sinto viva. Renovada. Limpa.

— Contemplando um mergulho?

Eu não reajo ao som de sua voz, mesmo quando a consciência faísca em minha pele. Eu me irrita com o comentário provocador. Tanto quanto eu posso dizer, Crew tem duas configurações: idiota privilegiado ou idiota desagradável.



— Eu *pareço* vestida para nadar? — Eu puxo o vestido de seda brilhante que estou usando para dar ênfase. É dourado. Minha mãe escolheu e mandou para minha cobertura para usar esta noite. Provavelmente como um lembrete para os Kensingtons que sou um troféu - um prêmio.

— Você poderia nadar nua.

Eu bufo. — Aposto que você gostaria disso.

— Sim, — Crew responde, parando ao meu lado. — Eu gostaria, na verdade. — Sua voz tornou-se profunda e rouca, e causa estragos em minhas entranhas.

Crew cresceu cercado pela mesma beleza que eu. Durante anos, vi mulheres voarem para ele como mariposas para uma chama. Não há como ele não transar regularmente. Eu não esperava que ele fosse agir como se eu fosse algo diferente — como se eu fosse especial. Ele provavelmente não está, e estou interpretando mal seu tom porque estou cansada e faminta e mais suscetível a fingir honestidade do que o normal. Porque *me* sinto atraída por *ele*.

— Você tem que comprar a vaca primeiro, *querido*. — Eu continuo nosso jogo de apelidos com uma ponta indiferente do meu copo. Não importa o que ele diz. O que ele pensa. O que ele sugere.

— Eu assinei, *abóbora*, — ele responde.

Eu não respondo. Ele fez, e isso me fez desejar nunca ter feito as mudanças em nosso acordo pré-nupcial em primeiro lugar. Eu não estava preocupada que Crew tentasse assumir o controle da *Haute*. Estou preocupada *que* isso tenha tornado as coisas desiguais entre nós. Sua recusa deveria me dar motivos para não confiar nele. Em vez disso, sinto-me em dívida. Nenhum presente vem sem consequências, na minha experiência.

Crew cantarola enquanto olha para fora. — Está fora de estação esta noite fria.

— Sinta-se à vontade para fazer sua audição de meteorologista em outro lugar.

Desta vez, o zumbido soa quase como uma risada. — Eu estava me referindo à sua personalidade, *querida*.



Essa piada não é digna de uma resposta. Já estou no limite esta noite. Minha mãe e a madrasta de Crew fabricaram esta noite. Agora que nossas famílias anunciaram nosso noivado, os Kensingtons e os Ellsworths devem parecer uma grande família feliz.

Já conheci o pai e a madrasta de Crew antes. Seu pai várias vezes, sua madrasta apenas uma vez. Candace Kensington tem vinte e sete anos, apenas dois anos mais velha que eu. Alegre e loira e muito mais interessada em seus enteados do que em seu marido, com base em minha interpretação da dinâmica familiar durante a última hora. Ou a falta dela.

Observo Crew enquanto ele toma um gole de uísque. — Você dormiu com Candace?

Ele não reage ao engolir, o que é decepcionante. Eu estava esperando por uma tosse dramática ou duas.

— *A esposa* do meu pai?

— Sua madrasta. Sim.

Crew ri. Esfrega a mão no queixo barbeado. Eu me pergunto como ele ficaria com a barba por fazer, só que um pouco menos arrumado.

— Porque a pergunta?

Eu dou de ombros enquanto tomo mais um gole de champanhe, notando a falta de um não. — Apenas tentando descobrir em quanta bagunça eu estou me casando.

— É *uma* bagunça, — ele responde. — Não é bagunçado.

— O que isso significa?

— Isso significa que não é nada que você não possa lidar e nada que você possa mudar.

— Que vago e levemente elogioso da sua parte.

Crew sorri. — Vamos.



Ele começa a caminhar pelo chão de mármore em direção às escadas gêmeas curvas. Eu o sigo, principalmente porque estou cansada de olhar para a piscina e não tenho pressa em voltar para a conversa fiada que acontece na sala de estar.

Meus saltos batem na rocha lisa com um leve toque que ecoa pelo espaço cavernoso com toda a sutileza de um tiro.

A propriedade Kensington é impressionante, mas não consigo fazer nenhuma apreciação genuína. Eu estive em - morei em - mansões tão grandes e ostentosas quanto esta. Se você olhar fixamente para objetos brilhantes por muito tempo, eles perderão o brilho.

Eu estive aqui um punhado de vezes na última década. Todas as visitas eram para festas ou eventos formais. Nunca quando a enorme casa estava vazia - de pessoas e de qualquer coisa além de uma grande variedade de móveis antigos e obras de arte de valor inestimável.

O corredor com vista para a piscina e jardins é dimensionado de forma semelhante a um salão de baile do hotel, com portas de vidro que sobem para encontrar o teto de três metros.

No meio do caminho para as escadas que encerram uma das extremidades do corredor, meu estômago ronca alto.

— Com fome? — Há um riso abafado em sua voz.

— Eu odeio caviar.

— Acho que ninguém realmente *gosta* de caviar. Você apenas engole.

— Eu nunca engulo porque um cara diz.

Crew limpa a garganta. Tosse. *Ri*. — Bom.

Ele leva o comentário na esportiva, e isso me faz querer pressioná-lo ainda mais. Eu classifiquei Crew como impetuoso e mandão, nada tranquilo. Talvez ele só seja assim no trabalho. Na cama.

Eu empurro esse último pensamento para longe, *muito* longe. Eu sabia que estava atraída por Crew. Ele é objetivamente lindo. Mas eu não sabia que me



sentiria atraída por *Crew*. Admirar a bunda de um cara é diferente de perceber como ele age. O que ele veste. O que ele diz.

Observando suas costas vestidas com Brioni mudarem de curso e entrarem em outro corredor forrado de mármore, fico perturbada com a diferença que de repente consigo encontrar entre atração e interesse.

Entrar na cozinha gourmet proporciona uma distração bem-vinda. Eu mal tenho a chance de ver os lustres de cristal, *backsplash*⁴ de mármore e eletrodomésticos brilhantes antes de *Crew* virar à direita e abrir uma porta de correr. Ele acende uma luz e estamos em uma... despensa.

— Legal, — eu murmuro. — Adoro passar o tempo entre alimentos não perecíveis.

— Qual é o gosto dessa colher de prata, Ellsworth?

Eu tenho que morder o interior da minha bochecha para que ele não saiba que eu o acho engraçado. Ou pior, inteligente. — Melhor que a sua, Kensington.

Crew balança a cabeça enquanto abre uma pequena caixa e a estende para mim. — Aqui.

Enfio a mão e puxo um disco circular um pouco menor que a palma da minha mão. Eu cheiro. — O que é?

— Biscoito com cobertura de chocolate. Eu os recebo toda vez que estou no chalé nos Alpes. — *Crew* pega outro da caixa e dá uma grande mordida. A minha é mais hesitante. Meus dentes afundam lentamente na fina camada de chocolate amargo e no biscoito. Uma delícia amanteigada e levemente amarga explode em minha boca.

— É bom, — eu decido. — Muito bom.

— Sim. Percebi que você estava... *engolindo*.

⁴ Backsplash é a área que fica localizada atrás da pia, entre a parede do balcão e os armários superiores, que pode ser revestida com diferentes materiais e estilos.



Eu seguro seu olhar, mas quero desviar o meu. Há muita intensidade pairando ali para uma sala minúscula. Ele envolve em torno de mim e ameaça me engolir - trocadilho intencional - inteira. — Você costuma passar muito tempo na despensa quando vem visitar seu pai?

— Depende.

— Do quê?

— Quanto tempo estou preso aqui no total.

— Não há muitas memórias felizes? — Eu mantenho meu tom leve, mas estou realmente perguntando. Eu não vi Crew interagir muito com seu pai e irmão. Nas festas, eles geralmente conversam separadamente. Cada um socializando do seu jeito. Hoje à noite, eles interagiram mais como colegas do que como uma família próxima.

— Bastante, nesta despensa.

Eu torço meu nariz. — Quão encantador.

A boca de Crew se curva levemente, mas desaparece rapidamente. — Eu quis dizer com a minha mãe. Ela adorava assar. — O súbito estoicismo me desafia a perguntar mais. Avisa-me para não o fazer.

— Você nunca me respondeu sobre Candace.

Espero que ele me acuse de estar com ciúmes, mas ele não o faz. — Por quê você se importa?

Eu dou de ombros. — Você sabe como as pessoas são. Se houver rumores sobre você e sua madrasta circulando na festa de fim de ano dos Waldorfs este ano, como no ano passado, seria bom saber como devo agir como uma esposa horrorizada. — Eu mastigo outro biscoito.

— É provavelmente uma pergunta melhor para Oliver.

— Sério? — Não escondo minha surpresa. O Kensington mais velho parece mais do tipo que não sai da linha.



Crew lê no meu rosto. — Eu não sei ao certo. Só que ele esteve aqui enquanto papai está fora da cidade.

— Isso te surpreende?

— Sim e não. — Crew suspira. — Ele toma cuidado para não demonstrar, mas isso... — Ele gesticula entre mim e ele. — Deveria ser ele. Casar-se primeiro, tornar-se CEO, tudo isso.

Meu rosto permanece cuidadosamente neutro enquanto respondo. — Você acha que ele vai fazer alguma coisa? Semear oposição no conselho?

— Não, eu não penso assim. Oliver é racional - talvez racional demais. Ele vê o quadro geral. Acho que ele não quer se casar. Nem tenho certeza se ele quer herdar o CEO. É o princípio disso... tudo *deveria* ter sido dele.

Uma culpa desconhecida revira meu estômago. Aos dezesseis anos, não pensei nisso o tempo todo. Não pensei nas outras pessoas que seriam afetadas por minha exigência impulsiva — por exercer a pouca autoridade que tinha. Gastando a pequena quantidade de poder que ganhei.

— Você quer, não é? — Eu pergunto.

Ele inclina a cabeça para me olhar melhor. Ouvi fofocas sobre Crew ser mandão. Sua aparência. Sua segurança. As pessoas não falam muito sobre sua inteligência. A astúcia olhando para mim agora de repente parece ser sua característica mais dominante. Ele me enxerga, vê através de mim. Além das proteções que mantêm todos os outros fora.

Certas escolhas são um luxo que nossas vidas não oferecem. Percebo que ele pode pensar que estou perguntando sobre uma decisão diferente da minha.

— CEO? — Eu esclareço.

Ele não tem escolha quando se trata de *mim*. Não mais. Os anúncios foram feitos. O planejamento já está em andamento. Seria um escândalo de magnitude chocante para qualquer um de nós desistir desse casamento agora - um golpe



para a reputação de nossas duas famílias. Não deveria importar — não deveria me incomodar — que ele não tenha mais outras opções.

— Eu quero, — ele confirma.

O barulho alto de outra mordida pontua a afirmação. — Ótimo. — Minha voz está cheia de falsa alegria e verdadeiro sarcasmo. — Devemos voltar. Eles vão se perguntar onde estamos.

— Eles vão presumir que envolveu leite.

Eu lanço ao seu sorriso encantador um olhar de desgosto em troca.

— Na verdade, não podemos voltar ainda.

— O que você quer dizer com *não podemos* voltar ainda?

— Preciso te dar uma coisa.

— Oh. — Percebo do que ele está falando, então olho para as prateleiras repletas de latas e caixas coloridas. — Aqui?

— Não acho que o quarteto de cordas ou a torre de champanhe vão caber.

Droga. Eu pensei que minimizar qualquer ostentação era uma maneira de Crew e eu estarmos na mesma página. Se ele tiver algum elaborado discurso de proposta planejado, provavelmente vou começar a rir. Fazer parecer que isso é algo que não é não me interessa, principalmente quando estamos sozinhos.

Seja qual for a expressão que estou usando, ele se franze com o que parece muito divertido.

— Sim, eu pensei assim.

— Pensou o quê?

— Vamos. — Crew sai da despensa. Refazemos nossos passos de volta ao mesmo corredor com vista para a piscina e o quintal.

Ele se aproxima da escada à esquerda. Silenciosamente, eu sigo. Subindo as escadas e descendo o corredor acarpetado até uma grande sala cheia de paredes de madeira escura e livros antigos. Há um cheiro de mofo no ar que é



desagradável, mas não é. Não é aconchegante, mas não parece um museu, como o resto da mansão - menos a despensa.

Traço os padrões nos vitrais enquanto Crew caminha até a pintura de uma fruteira na parede. Ele a levanta, expondo a frente de um cofre. Eu continuo examinando a sala enquanto roubo olhares para ele.

Há um sinal sonoro revelador. A porta do cofre abre e fecha. A pintura volta ao seu lugar. Crew caminha em minha direção. Não há nada que possa ser descrito como pompa à vista.

Isso deve ser tão separado quanto assinar em uma linha pontilhada. Isso é o que é - um sinal de um compromisso baseado em nada além de negócios. Não há nada moderadamente romântico sobre este momento - os livros empoeirados, o ar viciado, a expressão vazia de Crew - mas meu pulso acelera de qualquer maneira. Sinto *algo*, quando não deveria sentir nada.

Vertigem.

Antecipação.

Interesse.

Em vez disso, tento fingir que estou aqui com Oliver Kensington. Se o irmão mais velho de Crew estivesse se aproximando de mim, eu não me incomodaria. Eu não estaria medindo mentalmente os centímetros que nos separam. Os centímetros diminuindo constantemente.

Talvez eu tenha estragado *minha* vida o pior de tudo, de repente percebo.

Crew para a menos de trinta centímetros de distância. Vinte e dois centímetros, eu estimaria. — Aqui.

Olho para a pequena caixa preta quadrada que ele acabou de deixar cair na palma da minha mão. Um olhar para sua expressão ilegível é tudo que me permito antes de abri-la. Um enorme diamante engastado em uma auréola de diamantes menores brilha para mim. Ele grita caro sem parecer berrante. É atemporal e clássico. Algo que eu teria escolhido para mim.



— É lindo, — eu digo, sinceramente.

Crew não faz nenhuma tentativa, então tiro o anel da caixa e coloco-o no meu dedo. O peso parece pesado, desconhecido e permanente. Se eu tirasse agora, ainda sentiria a sensação persistente na minha pele, como uma marca.

Scarlet Kensington. Eu reviro meu nome de casada em minha mente, tentando me acostumar a ele da mesma forma que terei que me ajustar a usar uma lembrança brilhante de Crew em minha mão.

Pela primeira vez, não tenho ideia do que mais dizer. *Obrigada?* Este anel custou muito, sem dúvida. Mas ele não comprou porque quis ou porque eu quis que ele comprasse. Não distribuo agradecimentos e desculpas tão livremente quanto a maioria das pessoas.

— O jantar será servido em breve.

Concordo com a cabeça, absorvendo a dor da rejeição. Não há razão para se sentir menosprezada. Ele está se comportando exatamente como eu esperava o tempo todo: frio e distante. Como eu *queria* que ele agisse. Se ele não tivesse concordado em mudar nosso acordo pré-nupcial para que eu mantivesse o controle total da minha revista e não tivesse me alimentado com biscoitos com cobertura de chocolate, eu não estaria lutando contra o desejo bizarro de perguntar a ele o que há de errado agora.

Do ponto de vista de Crew, sou um prêmio.

Propriedade.

Um peão.

Não uma parceira.

Provavelmente nem mesmo uma pessoa. Meu valor para ele pode ser resumido em meu patrimônio líquido e em como ficarei em seu braço e nos filhos que teremos juntos que herdarão o trabalho árduo de seus ancestrais.

Eu me perguntei se algum dia conheceria um cara que me faria desejar mais. Isso pode me fazer ressentir como os casamentos que duram são aqueles



construídos com base na compreensão, acordos e contingências. Não amor, luxúria e paixão.

Casamentos com propósito preservam impérios.

Casamentos alimentados pelo desejo são atormentados por ciúmes e ultimatoss e sussurros no casamento de que a noiva deve estar grávida.

Eu nunca me perguntei se esse cara poderia ser *ele*. Até agora.

Crew dá um passo para a esquerda ao mesmo tempo em que me movo para a direita. Em vez de nos afastarmos, como ambos tentamos, estamos mais próximos.

Perto o suficiente, ele poderia estender a mão e me tocar.

Perto o suficiente, ele *faz*.

De repente, a biblioteca cavernosa não parece tão grande, afinal. Estamos ocupando a menor porcentagem de espaço que duas pessoas poderiam. O espaço entre nós diminuiu ainda mais. Sete centímetros, talvez oito.

Observo a mão de Crew erguer-se, sinto o tecido rígido de seu terno roçar em meu braço nu. Seu polegar traça toda a extensão da minha mandíbula, deixando um rastro abrasador na minha pele que perdura como a lambida de uma chama. Sua outra palma sobe para pressionar minha cintura, me ancorando neste local ao lado da lareira.

Não há fogo queimando na lareira agora, apenas pedras limpas e cinzentas. Isso é o que eu pensei que Crew e eu seríamos: uma lareira vazia. Um local onde emoções mais suaves e calorosas do que dever e obrigação *poderiam* ser construídas, mas *não* seriam.

Potencial vazio.

— Scarlett. — Sua voz desliza sobre mim como mel quente, seguida por um sussurro de uísque. Ninguém nunca disse meu nome assim antes.

Como uma oração e uma maldição.



Um segredo e um pecado.

Uma esperança e um medo.

Encontro seu olhar e descubro que a máscara do estoicismo caiu. Quando penso em paixão, imagino cores brilhantes e flagrantes. Laranjas e vermelhos. Fogo e calor, corações e sangue.

A partir deste momento, vou imaginar azul claro. O céu em um dia ensolarado sem sinal de nuvens. O oceano em um dia calmo com o menor indício de ondas. É assim que os olhos de Crew aparecem. Tão, *tão* azul. Sem fim. Sem fundo. *Consumidores*. Por baixo da sua cor calma esconde-se o mesmo potencial de calamidade do céu e do mar.

Se eu deixar, ele vai causar estragos no meu mundo.

Minha cabeça.

Meu coração.

Estou tentada a ceder. *Muito* tentada. Antecipação e excitação são tangíveis no ar. Eu quero saber como ele beija. Como é o seu gosto. Até que ponto ele iria levar isso - eu e ele em uma biblioteca com nossas famílias esperando lá embaixo.

Mas eu me mantenho firme. — Não.

Seu olhar pisca. Ondas quebram. Nuvens se formam. Ele não gosta que lhe digam o que fazer. Que pena, é melhor ele se acostumar com isso. — Você foi comprada e paga, baby.

Idiota misógino. — Com o dinheiro que você não ganhou, assim como você não me ganhou. Não aja como se eu tivesse escolha e você não. Podemos estar juntos nisso, mas não sou sua, Crew. Eu *nunca* serei.

Sua mão aperta bem acima do meu quadril, os dedos se curvando possessivamente e pressionando minha pele. Isso me faz querer me afastar... e pressionar mais perto. — Nós vamos nos casar, Scarlett. É um negócio feito.

— Veremos. — Meu tom é altivo, quase entediado.



Eu tenho tanto poder aqui quanto ele, talvez mais. O acordo pré-nupcial só terá efeito se nos divorciarmos. Assim que estivermos casados, nossos bens substanciais serão combinados. Ele será mais rico que seu próprio pai. Estou ganhando muito com este acordo, mas ele está ganhando mais. Ninguém vai olhar para mim e pensar em quanta riqueza estou acumulando. Eles vão olhar para o anel no meu dedo e sussurrar meu novo sobrenome com inveja - não com respeito. Aos olhos deles, sou uma cláusula em uma fusão. Um bônus, não um igual. É assim que nosso mundo funciona, e nunca vou mudar a opinião de ninguém.

Exceto o dele.

Eu tenho poder aqui e me recuso a ceder. Se ele quer me beijar, quer sexo comigo, quer *qualquer coisa* de mim, ele vai ter que trabalhar para isso.

Eu o observo perceber isso. Lutar contra isso. Aborrecimento, então a aceitação se instala em seu rosto. Ele é orgulhoso demais para implorar.

— Tenho certeza que você não terá nenhum problema em encontrar uma participante *disposta* se você estiver tão desesperado, — eu provoco.

O perigo dança em seus olhos azuis. Eu observo sua testa suavizar e sua mandíbula apertar. — Cuidado, *querida*. Isso soou muito como um elogio.

Eu cerro os dentes. Ele tem razão; era um. Por mais que eu adoraria afirmar que ele não tem apelação, ele tem. Negar isso só vai parecer pior.

Crew se aproxima ainda mais. Eu tenho que inclinar minha cabeça para trás para manter seu olhar, o que eu sei que foi um movimento proposital de sua parte. Meu coração bate em um staccato constante que parece uma presença viva entre nós.

Estou chateada com ele. Também estou encantada. Excitada.

O empurrão e puxão entre nós é eletrizante.

Viciante.



Sua mão roça minha clavícula, então cai para o lado. Ele não está me tocando *em lugar nenhum*, mas parece que está me tocando *em todos os lugares*. — Você me quer, Scarlett. Você simplesmente não vai admitir isso. Vou encontrar alguém *disposta*. Foder ela. E quando você estiver *disposta*? Quando você me quiser? Quando você estiver molhada para mim, assim como você está agora? — O som suave e hipnótico de suas palavras baixas enfatiza cada sílaba.

Minha expressão permanece indiferente. Por dentro, estou me agarrando a cada palavra como se fosse um penhasco do qual cairia de outra forma.

Crew balança a cabeça, um sorriso zombeteiro e áspero se espalhando por seu belo rosto. — Baby, você vai ter que me *implorar* por isso.

— Eu não vou. — Minha voz está confiante. Meu corpo é muito menos.

Crew ri, sombrio, sinistro e sedutor. — Quer apostar? — Sua respiração patina em minha bochecha.

— Eu nunca vou.

— Para sempre é muito tempo, Scarlett. — Ele tira a mão da minha cintura e sai da biblioteca, como se não tivesse feito nada além de me dar um anel.



O jantar é nada assombroso.

Provavelmente teria sido indiferente, mas é especialmente monótono na sequência da cena na biblioteca. Estou acostumada com os homens recuando de mim. Sou ousada e obstinada e, na opinião da maioria das pessoas, não valho a pena.



Achei que atirar em Crew não seria diferente. Ele passaria para uma socialite ou modelo, e seria isso. Eu não esperava um *ultimato*. Consequências. E não importaria, se não fosse pelo fato de que ele estava certo. Não devo nada a ele, mas quero beijá-lo.

A possibilidade de isso não acontecer - não até eu *implorar*, o que não vou - não é agradável.

Estou sentada bem em frente a Oliver, que passou os últimos vinte minutos correndo um dedo pela borda de seu copo de conhaque, tentando muito impressionar meu pai. Ele mencionou seu diploma de direito nada menos que vinte vezes e percorreu uma série de tópicos obviamente preparados que variaram de relações internacionais com a China ao mercado de ações.

Entendo por que Arthur envia Oliver como um pônei de exibição de golfe para todos os investidores em potencial. Meu pai está definitivamente intrigado com seu ato de filho perfeito, enquanto Oliver elogia os muitos sucessos da Kensington Consolidated.

A Kensington Consolidated nunca foi uma concorrente direta da empresa de minha família, a Ellsworth Enterprises, mas negócios são negócios. E Hanson Ellsworth *nunca* recusa uma oportunidade de falar de negócios. Sem mencionar que meu pai tem uma nova participação nos ativos substanciais dos Kensington: eu.

Estou entediada, beliscando o filé mignon enquanto Oliver e meu pai conversam educadamente. Minha mãe e Candace estão discutindo o casamento, que é um assunto igualmente desagradável.

E meu noivo está flertando com uma das garçonetes. Eu entro na discussão do mercado de ações simplesmente para deixar claro que isso não me incomoda. Crew não podia nem esperar até o final do jantar para encontrar alguém *disposta*.

Achei que Crew seria fácil de ignorar — de controlar. Eu também sabia que teríamos um relacionamento físico. Novidade, a princípio. Para crianças, mais tarde. É uma perspectiva que se tornou cada vez mais desejável - e humilhante.



Eu não vou implorar a ele. Eu me recuso. Prefiro engravidar com um turkey baster⁵.

Durante todo o jantar, dou uma espiada na nova adição à minha mão esquerda. Arthur Kensington lançou um longo olhar para o anel de diamante quando eu reapareci mais cedo. Um olhar misturado com tristeza, saudade e sentimentalismo.

Crew me deu o anel de sua mãe.

Não sei por que a possibilidade não me ocorreu até ver a expressão de Arthur, mas não ocorreu. Elizabeth Kensington faleceu quando Crew tinha cinco anos. Eu me pergunto como os três homens que ela deixou para trás poderiam parecer diferentes hoje se ela não tivesse morrido tão jovem. Arthur seria tão robótico? Oliver tão desesperado? Crew tão insensível?

— Eu *adoraria* um pouco mais de vinho. — Interrompo a festa do amor do outro lado da mesa.

A garçonete se assusta, finalmente lembrando que há outras pessoas na sala. Ela pega minha taça e sai correndo.

O olhar perturbador de Crew repousa sobre mim durante os dois minutos que leva para ela recarregá-lo e retornar. Eu não desvio o olhar. Nosso contato visual parece uma partida de xadrez, sem peças para jogar e sem vitória óbvia.

Não sei o que ele quer de mim. Achei que o simples ato de me casar com ele seria onde tudo começava e terminava. Até termos filhos, nada mais precisa mudar. Ele vai trabalhar. Eu vou trabalhar. Nossas vidas se parecerão com um diagrama de Venn, com algumas sobreposições, mas não muito.

Aquele momento na biblioteca não parecia uma separação perfeita. Parecia um inferno furioso que iria incinerar linhas, não apenas borrá-las. Eu apaguei-o... temporariamente. As brasas piscam para mim do outro lado da mesa.

⁵ Seringa baster. É um termo de gíria para inseminação pessoal ou doméstica. O nome vem da ideia de que a seringa se assemelha a um baster de peru.



Assim que a sobremesa é retirada, acabamos na entrada elevada, nos despedindo. Meu pai está de mau humor. Como Crew disse, ele e eu somos um negócio fechado. Hanson Ellsworth não gasta tempo perseguindo isso. Esta noite era uma cortesia, um convite que teria sido muito rude recusar.

Eu recebo despedidas de Arthur e Oliver e um abraço de Candace. Eu me pergunto se ela pode dizer que estou tão tensa que poderia me partir em duas. Está ficando cada vez mais difícil permanecer indiferente sobre minhas próximas núpcias. Durante anos, disse a mim mesma que nada mais é do que um contrato. Um negócio. Uma mistura de ativos.

Com Oliver – com qualquer outra pessoa – seria.

Com o Crew, é diferente.

Meu coração martela quando ele se aproxima de mim. Para quando seu polegar pega e esfrega contra o diamante que está na minha mão esquerda. — Fica bem em você, *querida*, — ele sussurra, antes de seus lábios roçarem minha bochecha. O tom zombeteiro das palavras destrói qualquer intenção genuína.

Há um enorme retrato de família pendurado no centro da escada de mármore, logo acima da divisão nos degraus. É da família Kensington original: Arthur, Elizabeth, Oliver e Crew. Meus olhos pousam na mão esquerda de Elizabeth, descansando no ombro de um Crew muito mais jovem. O diamante na mão dela é uma réplica exata do diamante na minha.

— Obrigada, — eu consigo.

Os olhos de Crew seguem meu olhar e se voltam para o retrato também, sua mandíbula apertada com a compreensão.

Ele se arrepende de ter me dado?

Ele está preocupado que eu pense que isso significa algo que não significa?

Ele estava simplesmente com preguiça de comprar um novo para mim?

Em vez de pedir respostas para qualquer uma dessas perguntas, sigo meus pais para fora do saguão de mármore e para o ar fresco da primavera.

Minha mãe está falando comigo enquanto caminhamos em direção à fonte onde nossos carros estão estacionados. Concorro com o que quer que ela esteja dizendo. Algo sobre uma prova de vestido? Vou receber algumas dezenas de textos me lembrando do que quer que seja, sem dúvida.

Achei que me interessaria mais pelo meu casamento quando chegasse a hora. Salvo algum evento catastrófico, é o único que terei. Eu costumava pensar que qualquer apatia em relação ao evento resultaria em uma falta de significado. Que a indiferença que eu sentia pelo noivo iria se espalhar e colorir todo o resto. Em vez disso, tenho pavor do contrário. Nervosa que me importo com o vestido branco que uso ou quantas camadas o bolo tem ou quais flores estão no meu buquê pode revelar que me importo com *ele*.

Meus pais partem primeiro, a impaciência onipresente de meu pai é um desejo apressado. Fico na entrada da garagem por mais alguns minutos, olhando para a fachada de pedra da mansão Kensington. Rígida, dura e ilegível – assim como seus habitantes. Assim como o mundo em que cresci, o mundo em que estou presa.

Eu tenho poder de decisão aqui, mas não o suficiente. Não o suficiente para impedir que isso aconteça. Estou esperando a onda de rebelião em meu estômago. Sou teimosa e é uma característica que encoraja ao invés de limitar. Mas a rebelião não abafa a pontada de alívio.

Não quero que Crew se case com outra pessoa. Eu não quero me casar com outra pessoa. Então, nunca saberei qual de nós vai quebrar primeiro.

Nós vamos nos casar. É um negócio feito.

Suas palavras ecoam na minha cabeça, mesmo quando ele não está à vista. Com um suspiro, entro no carro e instruo meu motorista a me levar de volta ao escritório.

Passo a viagem inteira olhando para o anel na minha mão. Repetindo as palavras que foram ditas - e as palavras que não foram - depois de colocá-lo pela



primeira vez. Nunca serei capaz de me livrar daquele momento. Não enquanto eu estiver usando este anel.

Para sempre é muito tempo.

Não me diga.



CAPÍTULO QUATRO

Crew

As caixas de papelão que se enfileiraram no corredor da frente na última semana estão empilhadas bem na frente do elevador quando as portas da minha cobertura se abrem.

Que diabos?

Empurro duas pilhas para o lado, me perguntando se a mudança confundiu as datas. O pessoal do prédio teria me avisado se eles aparecessem mais cedo. A única maneira de subir aqui é pela recepção ou com o código que poucas pessoas têm.

O mistério é resolvido quando Asher aparece, vestindo shorts de basquete e um boné com a inscrição *Best Man*.

— O que você está fazendo aqui? — Eu resmungo, largando minha maleta em cima de uma caixa e tirando minha jaqueta. — E que porra você está vestindo?

Ele sorri. — Eu disse a você que estava lhe dando uma última festa! Adeus ao celibato e todo aquele jazz.

— E eu disse a *você* que continuaremos nos embebedando e pegando mulheres *depois* que eu me casar, então não há sentido em fazer nada.

— Bem, eu não ouvi. A pizza estará aqui em breve. Assim como Oliver e Jeremy.



Posso sentir uma dor de cabeça se formando quando entro na cozinha. — Você convidou *Oliver*?

— Sim.

— E ele disse que sim? — Abro a geladeira, debatendo o que comer. Enquanto decido, pego uma cerveja.

— Eu não beberia isso, — diz Asher.

Eu paro. — Por quê?

— Porque fui informado de forma confiável que é uma má ideia fazer a atividade da qual participaremos hoje à noite, bêbado.

— Que diabos de despedida de solteiro é passada sóbria?

— Nós saímos e ficamos bêbados o tempo todo, como você disse. Eu fui criativo.

Com um suspiro, coloco a cerveja de volta na geladeira. — Eu vou trocar de roupa. Não mova mais caixas por aí.

— Coloque algo que você usaria para se exercitar! — Asher me fala.

Eu resmungo uma resposta enquanto ando pelo corredor em direção ao meu quarto. Caixas se empilham neste lugar também. Moro aqui há menos de um ano, desde que me formei na faculdade de administração em Yale e voltei para a cidade definitivamente. É estranho vê-lo tão vazio. A maioria dos meus pertences está sendo enviada para a casa de Scarlett, já que ela insistiu em permanecer em seu lugar depois do nosso casamento. Fui informado - por meio de seu advogado contando ao meu, nosso principal meio de comunicação - que eu poderia ficar em minha própria cobertura após nosso casamento. Não tenho nenhum desejo ardente de coabitar com uma mulher. O único desejo que supera isso é o fato de que não compartilho da aparente vontade de Scarlett de deixar nossas vidas completamente inalteradas, uma vez que compartilharemos o mesmo sobrenome.



Houve um tempo em que meu eu mais jovem temia o casamento como uma perspectiva envolvendo uma esposa pegajosa e sem liberdade. Risível pra caralho, em retrospectiva. Scarlett parece odiar falar comigo.

Tiro o terno que usei o dia todo e coloco uma camiseta de algodão e uma calça de corrida. Nova York está excepcionalmente fria em junho. Candace até me ligou na segunda-feira para perguntar se Scarlett estava reconsiderando seu vestido tomara que caia. Deixei um longo silêncio responder por mim.

No pouco tempo que conheci a segunda esposa de meu pai, cheguei à conclusão de que ela vive em um mundo de fantasia. Aquele em que meu pai a vê como um conforto, não uma conveniência. Um onde Oliver e eu olhamos para ela com luxúria. Um em que penso em qual vestido Scarlett pode usar no dia do nosso casamento e como ela estará quente ou fria.

Esse último não é muito difícil, no entanto.

Cheguei a pesquisar fotos de *vestidos de noiva tomara que caia*, só para saber o que esperar. Eu nunca vi Scarlett parecer nada menos que devastadora. Tenho muita apreensão em vê-la no dia do nosso casamento, com a qual tenho certeza que a maioria dos noivos não se preocupa.

As linhas entre nós ficaram borradas. Os limites foram aguçados. Mal consigo pensar direito quando estou perto dela. Espero que seja um problema que desapareça magicamente em breve.

Quando volto à cozinha, Jeremy e Oliver já chegaram. Jeremy Brennan me conhece há quase tanto tempo quanto Asher. Ele não é um nova-iorquino nativo; sua família é de Boston. Nós fomos para o mesmo internato em New Hampshire, então ambos acabamos em Harvard. Ele permaneceu em Boston depois que Asher e eu partimos para Yale, onde nos formamos na faculdade de Administração há algumas semanas.

Jeremy sorri assim que me vê. — Aqui está o noivo!



Reviro os olhos enquanto lhe dou um abraço e um tapa nas costas. — Já passou no exame, Brennan?

— Sabia que deveria ter ficado em Boston. — O forte sotaque de sua cidade natal satura cada palavra, afundando as sílabas no sotaque preguiçoso. — Coisas que faço por você, Kensington. Especialmente porque não ganhei nem um charuto de você por me formar na faculdade de Administração que vomita presidentes.

Isso, eu me sinto mal. Eu estava planejando voltar a Harvard para a formatura de Jeremy na faculdade de Administração, não apenas enviar um presente. Antes de meu casamento se tornar iminente. — Eu vou compensar você.

Jeremy balança a cabeça. — Eu estou sacaneando com você, cara. Eu sei que o trabalho foi você. Todos no meu ano queriam o cargo na Kensington Consolidated. Te devo uma.

— Tudo o que fiz foi mencionar o seu nome, — digo a ele. É verdade. Nós dois sabemos que é tudo o que é preciso quando seu sobrenome está estampado no prédio.

— Todo o presente que você precisa será assistir Crew tentar administrar sua noiva no casamento, — Asher diz a Jeremy, abrindo uma das caixas de pizza que apareceu no balcão de granito da ilha da minha cozinha. — Hilário, pra caralho, — ele acrescenta em torno de uma grande mordida de calabresa e queijo.

Cerro os dentes e reconsidero abrir uma cerveja; atividades misteriosas que se danem. Asher insistiu em me acompanhar até a Catedral de St. Patrick para o único evento relacionado ao casamento do qual nem Scarlett nem eu pudemos escapar: o encontro com o padre. Nenhum de nós quer uma festa de casamento. Era o pedido de Scarlett, e eu estava feliz em aceitá-lo. Eu gostaria de ter pedido a Asher para ser meu padrinho - o que eu acho que ele percebeu, devido ao seu boné - e teria sido obrigado a pedir a Oliver em vez disso.

Como a falta de damas de honra e padrinhos limita consideravelmente o número de pessoas envolvidas nas próprias núpcias, a reunião envolveu também



a revisão da logística da cerimônia. Evidentemente, Hanson Ellsworth decidiu que não precisava de nenhuma orientação para conduzir Scarlett até o altar, então acabamos ficando apenas nós dois sentados e de pé em silêncio total. Estou surpreso que o padre não tenha sugerido aconselhamento de casais.

Asher não testemunhou nada do constrangimento dentro da catedral. Ele está se referindo ao fato de que Roman, meu motorista, parou do lado de fora da catedral ao mesmo tempo que o carro de Scarlett. O que significa que ele estava sentado na primeira fila do encontro tenso que marcou a primeira vez que nos vimos desde o jantar na propriedade da minha família várias semanas atrás.

Uma noite destinada a construir pontes.

Entre mim e Scarlett, elas queimaram.

— Você se lembra de Scarlett, não é? — Asher pergunta a Jeremy.

Jeremy sorri. — Ela é difícil de esquecer. Tive uma aula com ela no primeiro ano. Contabilidade Gerencial. — Ele sorri. — Ela deu ao professor uma corrida pelo seu dinheiro. A única razão pela qual entendi a análise de fluxo de caixa.

— Você falou com ela? — Eu pergunto, surpreso. Durante nossos anos de faculdade, fiquei grato por meu caminho nunca ter cruzado com o de Scarlett. Feliz em brincar com o que - e quem - eu quisesse, sem nenhum lembrete das responsabilidades que esperavam por mim após a formatura. Nunca considerei que meus amigos pudessem ter falado com ela. Fiz mais do que conversar com ela.

Jeremy dá de ombros enquanto pega sua própria fatia de pizza. — Algumas vezes. Quero dizer, não havia um cara naquela classe que não estivesse tentando aproveitar isso.

Minha mandíbula aperta com algo que parece muito com ciúme.

— Eu mencionei Crew uma vez, tentando impressioná-la, — ele continua, depois ri. — Teve o efeito contrário. Levei até o segundo ano para descobrir o



porquê. — Ele olha para mim. — Ainda não entendi toda essa coisa de casamento arranjado. Deixe isso para a família real.

— Crew não está tão chateado com isso, — responde Asher. — Sem levantar um dedo, ele está se casando com a mulher mais gostosa que eu já vi.

Eu olho na direção de Oliver. Ele permaneceu quase quieto enquanto mastigava a pizza. Estou surpreso que ele concordou em vir para isso. Não estou surpreso que ele esteja lendo em seu telefone. Algo relacionado ao trabalho, sem dúvida.

Terminamos de comer e saímos. Asher se mantém firme em sua recusa em compartilhar quaisquer detalhes dos planos da noite. Quando as portas do elevador se abrem para o saguão do meu prédio, está apenas começando a escurecer lá fora. Asher e eu seguimos Jeremy e Oliver, que ainda está ao telefone, em direção às portas que se abrem para a rua.

No meio do caminho, noto uma mulher parada na recepção. Ela está de costas para mim, mas ela está vestindo jeans, uma blusa branca e um par de saltos rosa. Eu arrasto meus olhos para cima do respingo de cor, traçando suas curvas até chegar à elaborada trança em que seu cabelo castanho está puxado para trás. Cabelo da mesma cor que...

— *Scarlett?*

Os ombros da mulher se erguem e ficam tensos. Abaixa, como se ela estivesse soltando um longo suspiro. Ela não veio aqui *para* me ver, isso é óbvio.

— Deixa pra lá, — eu a ouço dizer antes de se virar.

No que eu acho que é sua ideia de traje casual, ela ainda me surpreende. Nada nela é o que eu achava que era meu tipo. Não o complexo de superioridade ou as respostas mal-humoradas. Seus lábios vermelhos estão torcidos no que poderia ser melhor descrito como um sorriso de escárnio enquanto ela me estuda.

— Eu estava esperando não te ver.

A franqueza é uma característica que eu costumava pensar que *apreciava*.



Asher faz um péssimo trabalho em abafar a risada.

— Isso explica por que você está no meu prédio, — eu retruco.

Scarlett suspira. — Já que você está aqui... eu preciso falar com você. — Seu olhar para Asher é aguçado. — Sozinho.

— Eu posso captar uma indireta, — diz Asher. — Vejo você lá fora, Crew.

Meus olhos permanecem em Scarlett enquanto Asher desaparece para se juntar a Oliver e Jeremy na calçada. Scarlett estende o envelope que estava tentando entregar na recepção. — Aqui. Guarde-o em algum lugar seguro.

Abro e olho para dentro. Há um cartão-chave de plástico, como em um hotel, e um pedaço de papel com uma série de números escritos nele. — Você me deu um presente de casamento?

— Você vai precisar do código para chamar o elevador e do cartão para entrar na cobertura.

— Se você quer foder antes de nos casarmos...

Scarlett me interrompe com uma risada, como se a ideia de fazermos sexo fosse ridícula. — Não pra isso. Não estarei em casa no sábado à noite e, como você insistiu tanto em morarmos juntos, eu...

Eu a interrompi. — O que você quer dizer com você não estará lá no sábado à noite?

— Vou voar para Paris assim que a recepção terminar, — responde Scarlett. — Para uma coisa de trabalho.

— Não, você não vai. — A disputa é automática. É nossa *noite de núpcias* e ela está planejando voar para a França? Eu provavelmente não deveria estar surpreso, mas estou chocado.

— Sim, eu *vou*. Jacques Deux tem uma lista de espera há anos. Cobrei dez favores para conseguir esta reunião com ele.

— É a nossa noite de núpcias. As pessoas vão falar.



— Eu não ligo. Você normalmente limpa *sua* agenda para a noite após o fechamento de uma fusão?

Eu inspiro em vez de dizer algo que vou me arrepender. — Sobre o que é a sua reunião?

Com base na maneira como Scarlett suspira - como se a pergunta fosse um grande inconveniente - ela esperava que eu não a perguntasse. — Por quê? — Ela desafia.

Eu não digo nada, apenas a encaro.

Ela suspira novamente. — Estou começando uma linha de roupas. Jacques Deux trabalhou com todos os designers proeminentes na última década. Sua contribuição, suas ideias farão uma grande diferença no sucesso da marca.

— É por isso que você mudou o pré-nupcial, — eu percebo.

O potencial de ganhos da *Haute* não é nada comparado a uma marca de roupas. Especialmente um criado por Scarlett em breve Kensington. O interesse do público por nós dois disparou desde que nosso noivado foi anunciado. Somos um conto de fadas, tirando as meias-irmãs feias ou os começos tristes.

— Se eu não tivesse, isso poderia ser uma conversa. Mas eu *fiz*, e você *assinou*, então não é. Se eu precisar ir a Paris para uma reunião, irei a Paris.

— É apenas com o momento que eu tenho um problema, — eu digo a ela, baixinho. Eu não tinha expectativas para nossa noite de núpcias, mas definitivamente tinha esperanças. Fantasias que exigiam que ela estivesse na cidade de Nova York, não na capital da França.

Sua testa enrugava por um minuto antes de suavizar. — Não posso mudar a data, Crew.

— Certo. — Eu nem sei por que estou me incomodando em discutir.

— Tudo bem, — ela ecoa. Olha para longe, olha pra mim e suspira. — Eu anotei o número do meu celular lá também. Caso você tenha dúvidas sobre o prédio.

Eu poderia mentir, mas não minto. — Eu tenho o seu número, Scarlett.



Ela levanta uma sobrancelha. — Eu não dei a você.

— Eu sei. Eu consegui um tempo atrás. Pensei em entrar em contato com você algumas vezes. Pensei que poderia... — Eu balanço minha cabeça. — Não sei. Não importa. Vá para onde quiser, Scarlett.

— Eu vou.

Ela está conseguindo o que quer, mas ainda parece chateada. Ao invés de empurrar, eu aceno em direção à porta. — Isso é tudo?

Seu queixo se ergue. — Sim. Isso é *tudo*. — Ela gira e segue em direção às portas de vidro que dão para a rua.

— Ótimo, — murmuro sarcasticamente enquanto sigo. Com base na forma como seus ombros enrijecem, ela me ouviu.

Asher, Jeremy e Oliver estão esperando na calçada.

— Vai embora tão cedo, Scarlett? — Asher brinca.

— Não costumo ficar perambulando por prédios de apartamentos, — ela responde. — Para onde vocês estão indo, cavalheiros?

— Despedida de solteiro de Crew, — responde Asher. Ele gira seu boné de beisebol de *padrinho* para que ela possa ver a frente. — Eu sei que vocês, pombinhos, decidiram limitar as festas, mas não resisti.

— Fofo, — comenta Scarlett.

Eu *quase* sorrio.

— Você deveria vir, — sugere Asher.

Scarlett limpa a garganta. — O quê?

— Crew é muito mais divertido de estar por perto quando você está aqui.

Eu atiro a Asher um olhar penetrante por causa desse comentário. Esta não é uma socialite de olhos arregalados que ele está provocando. Em dois dias, a mulher ao meu lado será minha esposa. Há uma linha, e ele está cruzando.

— Vamos, Asher.

Ele dá de ombros. — Claro. Isso será um desafio para nós de qualquer maneira. Ainda mais para uma mulher.

Eu fecho meus olhos e mentalmente xingo Asher de todos os nomes que posso pensar. Meu padrinho acabou de garantir que minha noiva estará na minha despedida de solteiro.



O ginásio de escalada está lotada quando chegamos. Estou surpreso; o número de pessoas aqui demonstra um interesse maior pela atividade do que eu esperava.

Isso *não* é exatamente como eu pensei que minha despedida de solteiro seria: escalar falésias falsas com minha noiva a tiracolo.

Scarlett vai até a lojinha anexo ao ginásio, provavelmente para trocar os saltos agulha de 15 centímetros que está usando por sapatos com fundo plano. Ela não diz nada para mim antes de sair, mantendo intacto o vazio de silêncio que pairou entre nós. Estendeu todo o caminho até aqui, interrompido por conversas educadas, principalmente entre ela e Jeremy. Acho que ela está mentindo sobre se lembrar dele da aula que eles supostamente compartilharam e espero que isso signifique que um dos meus amigos mais próximos não sabe mais sobre minha noiva do que eu.

— Eu não posso acreditar em você, — eu digo a Asher, enquanto ele puxa um par de sapatos aparentemente de alpinismo que tenho certeza que ele comprou apenas para esta ocasião. — Eu disse a você que não queria fazer nada. Então você planeja *isso* e *a convida*?



Asher sorri enquanto tira os tênis e calça os sapatos que parecem meias de borracha. — Primeiro, isso vai ser divertido. Eu vim com Charles Goldsmith no mês passado e foi incrível. Dois, *de nada*. Sua noiva corada mal vai olhar para você, e isso obviamente está te incomodando pra caralho. Você *gosta* dela.

Eu zombo. — Quantos anos você tem, dez? Eu não *gosto* dela; estou *preso* a ela. Meu pai me deserdaria permanentemente se esse casamento não acontecesse. Ou não durar. Não tem nada a ver com Scarlett. Embora... — Eu olho para a exibição de tênis de escalada visível através da parede de vidro que separa a loja do próprio ginásio, onde Scarlett está conversando com um vendedor. — Não parece que iria *matá*-la agir como se fosse menos inconveniente.

— O que você esperava? Você disse por anos que isso é apenas um negócio.

— Isso é. E ela está tornando isso mais difícil do que deveria ser, agindo como se isso fosse pessoal, não profissional. — Embora eu tenha começado, suponho. Eu nunca quis beijar ninguém tanto quanto naquela biblioteca.

— Talvez ela esteja preocupada que seja.

Eu contemplo isso por alguns segundos. Em seguida, descarto a possibilidade. — Acho que *resignada* seria um adjetivo melhor. Ela quer viver separada, pelo amor de Deus.

— Mas você não quer. Tive que empurrar vinte caixas para o lado para entrar no seu apartamento.

— Não por escolha. Dela ou *minha*. — Enfatizo a palavra final, porque Asher parece pensar que estou empolgado com essa farsa de casamento. A única parte que eu esperava parece estar em espera permanente. Após nosso encontro na biblioteca, tive minhas dúvidas sobre uma noite de núpcias tradicional. Após a viagem surpresa a Paris, ela simplesmente me suspendeu, não tenho esperanças.

— Você concordou em se mudar para a casa dela.

— Era isso ou outra rodada com os advogados. Se ela quer tanto ficar em sua cobertura, eu realmente não me importo. Provavelmente é tão boa quanto.



— É *melhor*, na verdade. — A voz de Scarlett soa atrás de mim. — Há uma entrada privativa para a cobertura e eu tenho meu próprio porteiro. Passei cinco minutos esperando para falar com um dos seus antes de você aparecer como uma espécie de Crew-dentro-de-uma-caixa.

Estou feliz por estar de costas para ela. Fica mais fácil esconder meu sorriso com sua frase inventada. Quando eu me viro, é para descobrir que Scarlett fez sua roupa o mais adequada possível para escalar. Seu longo cabelo está preso em um rabo de cavalo, expondo a elegante coluna de seu pescoço e a cavidade de sua garganta. Os saltos rosa sumiram, substituídos por um estilo semelhante ao que Asher está usando, e as mangas de sua blusa branca foram arregaçadas.

— Cinco minutos inteiros? — Eu falo lentamente. — Que noiva dedicada você se tornou, querida.

A devoção recém-descoberta é expressa com um revirar de olhos.

— Ah, aí está o Dave! — Asher exclama, parecendo mais animado do que eu já o ouvi soar sobre qualquer coisa que não envolvesse mulheres, bebidas ou carros. Aparentemente, ele estava falando sério quando disse que já veio aqui antes.

Dave se aproxima de nós, igualando o entusiasmo de Asher. Se eu cruzasse com Dave na rua, não ficaria nem um pouco surpreso ao saber que ele trabalha como instrutor de escalada. Seus dreads estão puxados para trás por uma bandana roxa e ele está usando um sorriso descontraído que pareceria totalmente deslocado em uma sala de reuniões. — Ei cara! — Dave cumprimenta. — Já voltou?

— Sim. Trouxe alguns amigos também. Estamos comemorando o casamento desse cara. — Asher me dá um tapinha nas costas, e eu forço um sorriso que tenho certeza que soa mais como uma careta.

— Sem chance. — Dave parece que a ideia de fazer uma despedida de solteiro aqui nunca lhe ocorreu, e eu gostaria que Asher pudesse dizer o mesmo. — Parabéns, cara, — ele me diz.



— Obrigado, Dave. — Poucas pessoas me *parabenizaram* pelo meu casamento. Reconhecendo-o. Acenam conscientemente. Dizem-me *bom trabalho* ou *bem feito*. Cada um deles sabe por que estou me casando com Scarlett. Mas não sei como dizer a Dave que sou um multibilionário que está se casando por dinheiro, então faço o possível para parecer genuinamente entusiasmado com a perspectiva. Tornado mais fácil e mais difícil pela presença da minha noiva a poucos metros de distância.

— Vou pegar alguns equipamentos para vocês, — Dave diz. — Há... quatro de vocês?

— Cinco, — Asher corrige, apontando para a recepção onde Oliver está parado, falando ao telefone. Ele atendeu uma ligação assim que chegamos e não se mexeu desde então.

— Tudo bem. Normalmente começamos em pares. — Dave olha ao redor, então olha para mim. — Que tal você esperar pelo retardatário? — Ele sorri para Scarlett. — Podemos trabalhar juntos.

Não espero para ver se é um arranjo que Scarlett vai protestar. — Não. Ela e eu trabalharemos juntos.

Dave levanta as mãos em um gesto *tudo bem*. — Me desculpe, cara. Eu entendo a coisa de irmão superprotetor. Eu sou do mesmo jeito com a minha irmã.

Asher bufa uma risada. Jeremy começa a tossir. Se eu olhar para Scarlett, acho que ela está com a mesma expressão de horror que eu.

Dave olha entre mim e Scarlett, seus dreads balançando a cada movimento confuso. — Oh. Vocês dois não são irmãos?

— Não, — eu resmungo. — Ela é minha noiva.

— Eu apenas assumi... — ele continua. — Nunca ouvi falar de uma noiva participando de uma despedida de solteiro antes.

— Gostamos de fazer coisas juntos. — Como consigo dizer essa frase com a cara séria, não faço ideia. Estou igualmente impressionado por ninguém rir.

Mas Dave acena com a cabeça, parecendo completamente sério. — Entendo. Meus pais são da mesma forma. Cada um deles consegue uma atividade para satisfazer o outro, já que odeiam fazer as coisas separadamente. Minha mãe odeia futebol e não perde um jogo do Giants há vinte anos. Meu pai não saberia desenhar um boneco palito, mas vai a uma aula de pintura a óleo com ela toda semana. — Dave faz uma pausa e sorri. — Aposto que vocês serão tão felizes quanto. De quem é essa atividade? — Seus olhos saltam entre nós novamente.

— Uh... — Demoro para falar depois disso. Eu nunca testemunhei esse tipo de relacionamento pessoalmente. Eu sei que meu pai amava minha mãe. Ela pode ter sido a única pessoa que ele amou. Quando se trata de mim e Oliver, ele distribui elogios ocasionais, não afeto. Por mais que ele expressasse qualquer sentimentalismo em relação à minha mãe, eu era muito jovem para me lembrar de nada disso.

—Crew. — Scarlett limpa a garganta. — Isso foi ideia do Crew.

— Excelente escolha, cara. — Dave sorri para mim antes de voltar sua atenção para Scarlett. — E o que você vai escolher?

— Uh ... — ela para. Pela primeira vez, vejo Scarlett parecer insegura. Em vez de me deleitar com isso, luto para criar algum hobby aleatório que possa deixar escapar. *Golfe?*

— Pode ser qualquer coisa, — insiste Dave. — Alguma coisa que você sempre quis experimentar?

— Estamos fazendo isso ou não? — Oliver aparece com o telefone na mão. — Se não, estou voltando para o escritório.

— Você pode pensar um pouco mais, — Dave diz a Scarlett, então se vira para o resto de nós. — Vou encontrar todos vocês perto da parede ali. — Ele aponta vagamente para a direita antes de ir para a esquerda. Estamos cercados por nada



além de paredes. Não apenas as quatro típicas, mas muitas outras cobertas com pedras coloridas e falsas, feitas como apoios manuais.

— Achamos que ele está qualificado para ensinar as pessoas a escalar penhascos? — Questiona Jeremy.

— Dave é ótimo, — responde Asher. — Super tranquilo.

— É exatamente com isso que estou preocupado, — responde Jeremy. — *Super tranquilo* não é a primeira qualificação que eu consideraria em um instrutor.

Eu ignoro suas brigas e pergunto a Oliver: — Sobre o que era a ligação?

Meu irmão faz uma careta. — Powers quer voltar à mesa sem a divisão de marketing.

— Ele está desistindo?

Oliver assente. — Ele resistiu por mais tempo do que eu esperava.

— Eu também, — eu concordo.

Dave reaparece com cordas e arreios para um breve tutorial sobre o que devemos fazer para sair do chão. Apesar das dúvidas de Jeremy, Dave parece experiente. Estou mais preocupado com a mulher ao meu lado do que com a personalidade descontraída de Dave. Na verdade, sua tranquilidade é uma adição bem-vinda ao grupo. Scarlett parece estar ficando mais tensa a cada segundo.

Assim que a demonstração termina, somos mandados para um canto do ginásio. Asher imediatamente começa a escalar enquanto Jeremy o observa. Oliver está mais abaixo, conversando com Dave. Provavelmente tentando escapar disso.

Scarlett prende seu arnês e olha para a face da rocha que se estende a quinze metros de altura. Eu a encaro. Ela me olha de repente, me pegando estudando seu perfil.

—Então? — Eu pergunto.

—Então, *o quê?*



— *Então*, você vai escalar a maldita coisa ou não? — Eu falo lentamente.

— Dê-me um minuto, — ela estala.

— Para quê? A parede está *bem na sua frente*. Basta pegar uma alça e começar. É fácil.

— Eu nunca disse que era difícil!

— Então por que você não está escalando?

— Estou... me preparando.

Eu zombo. — Preparando-se para quê?

— Preparando-me para colocar minha vida em suas mãos menos capazes. Não estou exatamente transbordando de confiança em sua capacidade de me pegar.

— Você está usando um arnês preso a uma corda acima de um tapete de espuma. *Claro* que não vou te pegar. Não seja ridícula.

— Com um charme como esse, é chocante que alguém diga não a você, — ela retruca. Suas palavras são afiadas e sua postura é de confronto. Mas há algo pairando por trás do aborrecimento, óbvio na maneira como ela não olha para mim e está mexendo na alça do arnês.

— Diga-me o que está realmente errado, — eu exijo.

— Eu te disse, eu estou...

— *Scarlett*.

Seus dentes afundam no vermelho brilhante de seu lábio inferior. Evitei olhar para a boca dela. A última vez que prestei muita atenção, quase a beijei. Estou prestes a dizer o nome dela novamente quando ela responde. — Estou apreensiva por estar muito longe do chão.

O significado afunda lentamente. — Você tem medo de altura, — eu percebo, então rio. — Você está brincando comigo?

— *Não* foi isso que eu disse, — responde Scarlett com veemência. — Eu acabei de...



— Seis para um lado, meia dúzia para o outro, — respondo. — *Diga* como quiser, é isso que você quis dizer.

Ela considera isso. — Certo. Alturas não são minhas favoritas.

Eu ri de novo. — Inacreditável. Você é realmente *tão* teimosa? Você veio a um ginásio de escalada e tem medo de altura?

— Primeiro, você também não é o Sr. Calmo. Dois, eu não sabia que estávamos indo para um ginásio de escalada. Seu amigo misógino não especificou quando me convidou.

— Asher está longe de ser um misógino. Ele ama as mulheres.

Scarlett revira os olhos. — Amar as mulheres e respeitar as mulheres são duas coisas diferentes.

Sinto uma vontade repentina de defender Asher, apesar do fato de que ele é a razão de eu estar aqui discutindo com ela. — Ele respeita as mulheres também.

— Você respeita?

Eu endureço o olho. — Que porra de pergunta é essa? Você vai se casar comigo e acha que não respeito as mulheres?

— Eu não disse que você não, eu perguntei se você respeita.

— Você tem um jeito criativo de falar tudo, hein?

Seu queixo se ergue enquanto ela olha de volta para mim. — Você quer saber por que vim aqui, Crew? Para provar a mim mesma. Porque eu *sempre* tenho que me provar. Quando você aparece na Kensington Consolidated, as pessoas não assumem que você está lá para almoçar com seu pai. Eles não acham que sabem mais do que você sobre a empresa que é o legado de sua família. Eles não se perguntam com quem você vai se casar porque presumem que essa pessoa terá uma palavra a dizer sobre seus trabalhos um dia. Podemos ser semelhantes em alguns aspectos, mas *não* somos iguais.

Ela solta o cinto e sai do arnês. Fiquei chateado por ela ter vindo. Agora estou irritado porque ela parece estar indo embora. — O que você está fazendo?



— Tudo bem por aqui? — Dave aparece, seu rosto calmo mostrando apenas um leve indício de preocupação. Em seu mundo, as coisas provavelmente vão de acordo com o planejado. Ele provavelmente nem *tem* um plano.

— Tudo bem. — Scarlett dá a ele um sorriso pequeno e tenso que qualquer pessoa com olhos pode ver que é falso. — Infelizmente, eu tenho que ir. — Ela nem inventa uma desculpa. — Obrigada por sua ajuda, Dave.

— Scarlett... — eu começo.

Ela se afasta sem dizer uma palavra, o rabo de cavalo moreno balançando. Zombando de mim a cada passo. Scarlett apenas faz uma pausa para voltar a calçar os saltos. Então ela se foi, cortando a rua movimentada e fora de vista.

Estou começando a me perguntar se algum dia a verei partir sem uma mistura de raiva e arrependimento.

Pelo bem da minha sanidade, espero que sim.



CAPÍTULO CINCO

Scarlett

Minha mãe começa a chorar quando me vê parada com meu vestido de noiva. Eu não estou esperando suas lágrimas. Depois de quase trinta anos de casamento com o vazio sem emoção conhecido como meu pai, não pensei que haveria muito sentimentalismo em exibição hoje. Apenas aprecio pelo planejamento apressado necessário para realizar o que todas as publicações de notícias chamam de casamento do século.

Nas últimas seis semanas, desde que meu noivado com Crew foi anunciado, todos os detalhes do meu casamento foram considerados. Cada problema possível contabilizado. Cada *minuto* contabilizado.

Este é um não planejado. Sophie e Nadia entraram sorrateiramente no quarto ao lado do transepto⁶, onde passei a manhã me preparando para dizer olá. Sophie foi quem me implorou para mostrar a elas meu vestido. Usei apenas uma vez desde que aprovei o design, para o ajuste para confirmar que minhas medidas não mudaram.

Eu observo todas as três reações - os olhos arregalados de Sophie, o suspiro de Nadia, as lágrimas de minha mãe - antes de me virar para olhar meu reflexo.

⁶ Parte transversal de uma igreja que se estende para fora da nave central, formando com esta uma cruz.



Eu amo este vestido. Amo mais do que deveria. Amei mais do que qualquer outra peça de roupa que já usei.

É sem alças. A linha da minha clavícula e a curva do meu ombro estão expostas acima do espartilho intrincadamente detalhado. Sedutor sem ser escandaloso. A renda costurada à mão leva a camadas de tule macio como nuvens e uma cauda arrebatadora que se arrasta vários metros atrás de mim. Eu nunca me senti mais bonita do que eu usando este vestido. É um vestido feito para uma noiva que está animada com seu casamento. Que não tem dúvidas - sobre nada, muito menos sobre a escolha do noivo.

Infelizmente, para não mencionar surpreendente, eu preencho os dois critérios.

Parando na porta, observo minha mãe esfregar as bochechas antes de falar. Achei que tinha mais vinte minutos antes que ela voltasse depois de repassar todos os detalhes com o planejador do casamento - de novo. — Scarlett! Por que você já está usando seu vestido? Seu cabelo ainda precisa ser feito.

Nadia e Sophie se assustam com o som de seu tom agudo. Eu conheço bem, no entanto. É muito mais fácil mascarar emoções sob dureza do que felicidade.

— Eu sei. Eu vou me trocar de volta. — Eu sorrio para Sophie e Nadia. — Vejo vocês depois, ok? — Elas pegam a dispensa ofertada, saindo da sala imediatamente. Resta-me me trocar e enfrentar a minha mãe. Penduro meu vestido de noiva de volta na capa protetora e coloco o roupão de seda que estava usando antes, sobre a lingerie branca que meu marido não vai ver.

— Vocês estão prontos? — Minha mãe pergunta. Para mais do que o cabeleireiro, presumo.

Eu inspiro, então faço o pedido que tenho debatido desde que acordei esta manhã. Eu esperava que parecesse um dia comum. Nada disso foi assim. Não tomar banho ou tomar café da manhã ou ir até a catedral onde me tornarei Scarlett Kensington. — Crew está aqui?



Minha mãe me estuda, a curiosidade ardendo nas íris castanhas que herdei.
— Claro. — Ela parece ofendida com a mera possibilidade de que ele não esteja.
Qualquer solução hoje seria mais do que algo pequeno contra mim.

— Você pode... chama-lo?

Minha mãe suspira. — Scarlett, se você está tendo dúvidas...

— Eu *não estou*. Eu só quero falar com ele.

— Eu não acho que...

Eu a interrompo novamente. — *Mãe*. Por favor.

Talvez seja o por favor que a convence. Não tenho certeza da última vez que essa palavra foi dita entre nós. Da minha boca, pelo menos.

— Tudo bem. Eu vou perguntar. — Ela desaparece na vastidão da catedral que está cheia de pessoas se preparando para o casamento ou convidados chegando mais cedo para conseguir bons lugares.

Estou sozinha aqui.

A estrela do show e a pária.

Eu estou nervosa. Achei que não estaria, e é o sinal final de que não se trata de um negócio. Uma fusão como qualquer outra. Talvez seja para Arthur Kensington. Para o meu pai. Para o resto da elite de Manhattan, que há anos fofoca sobre a possibilidade deste dia. Para Crew. Mas para mim é diferente. Dizer a mim mesma que não é, não vai mudar esse fato.

Este é o meu *noivado*, o meu *casamento*.

É pessoal.

Quando a porta se abre novamente alguns minutos depois, sei que não é minha mãe. Eu posso apenas dizer.

Ele veio.

— Você não está usando seu vestido.



Eu me viro para encará-lo. — Você não deveria me ver em meu vestido até que eu esteja no altar.

— Não pensei que você fosse do tipo supersticiosa. Ou particularmente sentimental. — Crew diz as palavras casualmente, antes de enfiar as mãos nos bolsos. Ele parece relaxado. Completamente à vontade sobre o que está para acontecer entre nós, e isso afrouxa um pouco o nó apertado no meu peito.

— Eu não quero que nosso primeiro beijo seja lá fora. — Eu deixo escapar a declaração, que é realmente mais um pedido.

Algo sobre hoje - o vestido, o devaneio e a data em si - me levou à percepção muito real de que hoje é meu casamento. Com toda a probabilidade, nunca terei outro. Estarei casada com este homem para o resto da minha vida. E eu nunca nem o *beije*.

Isso deveria me incomodar? Provavelmente não.

Mas incomoda.

Algo semelhante a diversão se instala em seu rosto. — É isso mesmo?

É tentador recuar, mas não recuo. — Sim. — Eu o estudo, tentando ler o que ele está pensando. Sentindo. Eu fico sem saber. Ele é tão efusivo quanto uma página em branco. — Você estava basicamente implorando para me beijar algumas semanas atrás, — eu o lembro do nosso momento na biblioteca.

O fantasma de um sorriso pisca em seu rosto, como se essa memória fosse afetuosa e não frustrante. — Eu lembro.

— *Então?* — Estou ficando impaciente. Incomodada. *Por que nada entre nós pode ser direto?*

— Você?

— Eu *o quê?* — Estou me arrependendo rapidamente de toda essa ideia. Ele tem razão; não é como eu. Talvez este casamento não dure, e nunca importará de qualquer maneira.

— *Se lembra.*



Minha coluna se endireita como se tivesse sido injetada com chumbo quando a implicação atinge. — Você não pode estar falando sério.

Crew inclina a cabeça para a esquerda, mostrando a linha acentuada de sua mandíbula. Ele aperta quando sua expressão se torna ousada. — Me *implore*, e eu vou te beijar, Scarlett.

— Você é... — Procuro o insulto certo e não consigo. — Eu não posso acreditar em você.

— Eu avisei, baby.

— Você só está chateado por eu ter ferido seu orgulho.

Crew não responde, mas um músculo pulsa em sua mandíbula.

— Implorar não está acontecendo. Não estou tão desesperada. Vejo você no altar, *baby*. — O apelido não contém sentimentalismo, apenas zombaria.

Ele não se mexe. Há um silêncio *longo* e pesado. Sobrecarregado por segundas suposições, avaliações e arrependimentos. — Me peça.

— Pedir *o quê* ?

— Peça para eu *te beijar*, Scarlett. Não é sobre isso que esta conversa é?

Honestamente, eu perdi a noção. Tornou-se um empurrão e puxão - uma batalha de vontades. Cada um de nós sentindo o que estamos dispostos a desistir. O que não concordamos em conceder. — Também não *peço* coisas. Eu as tomo.

— Eu também.

Nós nos encaramos, em um impasse. Eu quero beijá-lo. Muito. Nunca quis tanto apagar a distância entre meus lábios e os de outra pessoa. Ele quer me beijar. Da mesma forma, se sua postura tensa for uma indicação.

O orgulho me mantém no lugar. Ele também não se mexe.

— Preciso terminar de me arrumar. — Eu digo isso suavemente. Um fato, nem um pé fora da porta. Eu não estou recuando. Eu não estou dando a ele uma desculpa.



Crew solta um suspiro exasperado, como se algum grande inconveniente estivesse ocorrendo. Estou esperando que ele se vire e saia. Em vez disso, ele se aproxima de mim com a convicção de um rei conquistador, diminuindo os poucos metros que nos separam com alguns passos largos. Ele segura meu rosto, seus dedos acariciando minhas bochechas, enquanto ele inclina minha cabeça para trás e força meu olhar a encontrar o dele. — Me diga, — ele exige.

Eu o questiono com meus olhos, tentada a balançar em seu toque. Estou perdendo terreno e culpo sua proximidade por invadir. É difícil pensar — respirar — quando ele está me tocando.

— *Me diga para te beijar*, Scarlett. — Seu polegar traça meu lábio inferior.

Arrepios sobem na minha pele. Arrepios correm pela minha espinha.

Ele está se comprometendo. Cedendo. Ele solicita uma corrida inebriante de poder. Eu não me rendi - *ele* se rendeu. Com qualquer outra pessoa, eu perceberia isso como fraqueza. Mas isso não me faz pensar menos de Crew — me faz desejá-lo mais.

— Me beija.

O *a* ainda está pairando no ar entre nós quando ele obedece. Seus lábios colidem contra os meus, exigentes, urgentes e dominantes. As mãos segurando meu rosto são gentis. Sua boca é tudo menos isso. O calor úmido de sua língua invade minha boca, forçando um gemido a sair.

Crew Kensington tem gosto de uísque e menta. Pecado e sedução. Prazer e poder. E foi exatamente por isso que eu disse *não* a ele na biblioteca - eu sabia que seríamos tão inflamáveis. Eu sabia que se eu deixasse, ele me queimaria. Consumiria.

Eu posso respeitá-lo.

Posso explorar minha atração por ele.

Eu simplesmente não posso me importar com ele.

O sucesso não é construído com boas intenções e consideração pelos outros.



Seus lábios deixam os meus. Cedo demais. Quero beijá-lo até ficar sem oxigênio. Eu quero saborear a maneira como ele me faz esquecer que isso é falso.

Quando abro os olhos, ele está olhando diretamente para mim. Não faço ideia do que dizer, como conciliar quem éramos antes e quem somos depois desse beijo. Uma distinção que não pensei que teria que fazer antes de dizer *sim*. Era quando o antes e o depois *deveriam* começar. Estou percebendo, enquanto meus lábios formigam e meu pulso acelera, que pode ter começado há muito tempo.

Eu limpo minha garganta. — Você deveria ir.

Se está incomodado com a dispensa imediata, não demonstra. Crew acena com a cabeça uma vez, enérgico e profissional. Suas mãos se afastam do meu rosto, e imediatamente sinto falta de seu calor. Sua presunção possessiva. — Vejo você lá fora.

Eu o vejo virar e ir embora, em guerra comigo mesma. Ele cedeu um centímetro. Eu posso fazer o mesmo. Casamento é sobre ceder, certo?

— Crew. — Ele faz uma pausa quando eu falo, mas não se vira. Meus olhos passam por seus ombros largos, esticando o paletó apertado. Ao contrário de mim, ele já está vestindo seu traje de casamento. Estou feliz por ele não se virar. Fica mais fácil dizer. — Obrigada.

Ele não olha para trás. A porta se fecha atrás dele alguns segundos depois, me deixando sozinha. Cercada por caixas de sapatos e latas de spray de cabelo e os produtos pintados no meu rosto, esperando o cabeleireiro aparecer para eu colocar meu vestido e caminhar até o altar.



CAPÍTULO SEIS

Crew

Eu a ouço antes de vê-la. Sons sutis me alertam sobre a aproximação de Scarlett. Há o deslizamento de cetim e seda e tudo o mais que os vestidos de noiva são construídos no chão de mármore. Os sussurros da multidão. O aumento da música antes de atingir o crescendo que deveria significar sua chegada ao altar.

De acordo com a única vez que praticamos isso, não devo me virar até Scarlett chegar ao último banco. Estou feliz em obedecer. Eu não saberia *como* olhar. Estoico é minha configuração padrão. Não é assim que um noivo deve parecer, vendo sua noiva caminhar até o altar. Deveríamos estar vendendo uma história de amor para todos os presentes hoje. As ações das empresas de nossas famílias dispararam desde que nosso noivado foi anunciado, algumas semanas atrás. Scarlett e eu somos os rostos do futuro. Quanto mais fortes parecermos, melhor.

Os negócios desmoronam.

Parceiros de negócios se separam.

Os casamentos são feitos de coisas mais difíceis, pelo menos em nosso mundo. O divórcio é raro quando a fidelidade não é esperada e cada parte acabará ficando mais pobre por isso.

Minha deixa para virar aparece. Eu olho para a esquerda. Sem perceber, comecei a prender a respiração.

Eu não expiro, mesmo quando meus pulmões começam a queimar.



Eu não me mexo, embora eu deva dar um passo em direção a ela.

Eu apenas fico olhando.

A primeira vez que vi Scarlett Ellsworth, eu tinha quinze anos. Ela também. Nós dois éramos crianças brincando de adultos. Eu estava usando um terno personalizado que ficaria grande em algumas semanas. Scarlett estava usando um vestido longo, salto alto e maquiagem. Eu estava bêbado - com o uísque do pai de Thomas Archibald. Invadir os escritórios e roubar bebidas caras era um passatempo comum nas festas do Upper East Side.

Eu pensei que ela era bonita então.

Achei que ela estava deslumbrante todas as vezes que a vi nos dez anos que se passaram desde então. Scarlett possui um equilíbrio clássico e atemporal que proporcional a mesma presença da realeza real.

Mas hoje? Ela é devastadoramente, dolorosamente bonita. O tipo intocável de realeza. Uma rainha do gelo. Um anjo da neve. Uma deusa da lua. Ela caminha em minha direção no braço de seu pai cercada por uma cascata de organza branca, seu cabelo castanho enrolado em um penteado elaborado e seus lábios pintados em seu tom carmesim característico.

Hanson Ellsworth não a acompanha até mim. Ele para no último banco e Scarlett dá os últimos passos em minha direção sozinha. Quando ela me alcança, demonstro que estou olhando mais fixamente. Continuando não me movendo. Não é costume os noivos fazerem uma pausa antes de se aproximarem do padre, e o farfalhar da plateia enfatiza isso.

— Oi.

— Oi. — Eu limpo minha garganta. — Pronta?

— Pronta. — Não há sinal de hesitação em seu rosto.

Me apoio na confiança dela como uma muleta. — Você parece... — Folheio os adjetivos que são insuficientes. O melhor que consigo dizer é — impressionante, — mas não diz tudo o que estou tentando dizer.

Scarlett desvia o olhar depois que eu a cumprimento, no altar onde estamos prestes a nos casar. — Obrigada.

Começamos a subir a curta fileira de degraus que levam ao padre que espera, lado a lado. O padre inicia um discurso sobre a santidade do casamento. Não presto muita atenção a nenhuma das leituras que se seguem. Estou mais focado em não olhar para Scarlett. Estamos em exibição aqui em cima e não estou mais preocupado em parecer muito indiferente à presença dela. Estou preocupado com exatamente o oposto - entregar demais.

Quando chega a hora dos votos, não tenho escolha a não ser olhar para ela. Scarlett entrega seu buquê e ficamos olhando um para o outro enquanto os anéis são abençoados.

Eu vou primeiro. Quando nos encontramos com o padre Callahan, ele perguntou se escreveríamos nossos próprios votos. Scarlett e eu conversamos um com o outro em nossa pressa para que ele soubesse que ficaríamos com os tradicionais. Eu não estava preocupado em dizê-los. Mas de repente essas palavras — aquelas que milhões de pessoas já disseram milhões de vezes antes durante milhões de casamentos — soam íntimas demais quando olho para ela.

— Eu, Crew Anthony Kensington, tomo você, Scarlett Cordelia Ellsworth, para ser minha esposa, para ter e manter deste dia em diante, para melhor, para pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar e respeitar, até que a morte nos separe. — Deslizo a aliança de diamantes em seu dedo anelar. — Eu dou este anel como um símbolo do meu amor.

O padre olha para Scarlett com expectativa. Ela não precisa de nenhuma orientação. Sua voz é clara e inabalável, ecoando nas janelas de vidro, no piso de mármore e na madeira escura.

— Eu, Scarlett Cordelia Ellsworth, tomo você, Crew Anthony Kensington, para ser meu marido, para ter e manter deste dia em diante, para melhor, para pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar e respeitar, até que a morte nos separe. — Ela coloca a aliança de platina no meu terceiro dedo. Está



longe de ser pesada, mas impossível de ignorar. Uma lembrança dela que eu sempre verei - quer eu queira ou não. — Eu dou este anel como um símbolo do meu amor.

Se eu não a estivesse observando tão de perto, eu perderia o lampejo de apreensão ao passar por seu rosto perfeitamente pintado. Scarlett sabe o que acontece a seguir, assim como eu. Eu me pergunto se ela está mais ou menos apreensiva sobre este beijo seguindo seu pedido anterior.

— Você pode beijar a noiva.

Observo Scarlett sufocar a vontade de revirar os olhos. Ela obviamente não gostou do padre “permitir” que eu a beijasse. Mas estou perto o suficiente para ver sua respiração falhar e seus olhos se arregalarem. Ela *quer* me beijar; ela simplesmente não quer admitir isso.

Eu dou um passo para frente lentamente. Deliberadamente.

Ações sobre as quais geralmente não penso duas vezes, estou questionando. O pequeno espaço entre nós se reduz a nada, até que o tecido rígido do meu smoking é pressionado contra o tecido branco do vestido dela. Este é o mais próximo que *já* estivemos, exceto por aquele breve momento de há pouco.

Eu estava irritado então. Com ela por perguntar. Comigo por ceder. As mulheres me perseguem, não o contrário. E, ironicamente, a única mulher cuja atenção deveria ser garantida é a única pessoa cuja falta dela me incomoda. Admiro-a por me tratar com uma insensibilidade que eu não esperava, por não se deixar levar pela pompa e circunstância do que, no final das contas, não passa de um acordo comercial. No entanto, isso me colocou na estranha situação de ter que perseguir o que eu quero dela.

Minhas expectativas para este casamento nunca incluíram uma esposa que não quer nada comigo. Seria conveniente - se não fosse pelo fato de achar Scarlett cativante e intrigante. Eu quero a atenção dela.



Não tenho ideia de quando vou beijá-la novamente depois disso, então pretendo saborear cada segundo. A maior parte do dia — os convites folheados a ouro, os mais de mil participantes e as flores cobrindo a ponta de cada banco — parecia desnecessário. Mas isso parece *muito* necessário.

A renda fina de seu véu faz cócegas em minhas palmas quando o levanto. Eu seguro seu rosto como se fosse uma bolha que pudesse estourar. Como se fosse o bem mais precioso que possuo. Seu pulso bate rapidamente, logo abaixo do queixo. Seus olhos ficam aquecidos, traindo como seu corpo não se moveu. Hesito por mais alguns segundos, deixando a expectativa chegar ao limite.

Ela pode querer - tentar - esquecer este dia. Este momento.

Ela não vai conseguir.

Nossos lábios colidem. Eu posso provar sua surpresa, seguida de alívio pela tortura ter terminado. Ainda não terminei. Deslizo minhas mãos para descansar em sua cintura enquanto provoco minha língua ao longo da costura de seus lábios. Engulo o leve suspiro que permite a entrada que estou procurando. Então ela começa a me beijar de volta e eu esqueço tudo o que estava tentando realizar.

Nosso beijo é fogos de artifício, calor e paixão. Combustível. Explosivo. Elétrico. Mais do que uma fusão a frio de ativos. É uma luta para lembrar onde estamos. Por que não é uma opção dobrá-la sobre a superfície disponível mais próxima.

O gelo pode ser lascado. Mas fogo? Só os tolos brincam com o fogo. O fogo destrói tudo em seu caminho.

Há uma fração de segundo, logo depois que me afasto e termino o beijo, em que isso parece *real*. Quando estou olhando para ela e ela está olhando para mim e isso é tudo o que importa. Permanece entre nós... e então se foi.

— Apresento a vocês, pela primeira vez, o Sr. e a Sra. Crew Kensington!

Eu inclino minha cabeça. Scarlett me dá um aceno quase imperceptível. E nos viramos, encarando a multidão que está batendo palmas e torcendo e de pé.

Estamos casados. A mulher que está ao meu lado é minha esposa. Tive quase uma década para me acostumar com a ideia. Não foi tempo o suficiente, claro, porque as palavras soam estranhas na minha cabeça. Talvez o casamento seja uma daquelas coisas para as quais não se pode estar preparado.

Talvez seja porque eu me *importo* - com ela, com o significado dos votos que acabamos de trocar - e não pensei que me importaria.

Pego a mão pendurada frouxamente ao lado dela e começamos nossa descida. Passando por meu pai, Candace e Oliver. Passando pelos pais de Scarlett. Além dos políticos, celebridades e magnatas dos negócios. Pessoas que pensam estar testemunhando um conto de fadas e pessoas que sabem que um monopólio acabou de ser garantido.

O corredor é longo. Mantenho um sorriso colado no rosto durante os poucos minutos que leva para atravessar do ápice da catedral até seu átrio. Assim que passamos pelo último banco, deixei cair a expressão falsa. Há um pequeno exército esperando por nós do lado de fora. Scarlett é levada por duas mulheres imediatamente, e eu sou deixado para acenar para a organizadora do casamento enquanto ela fala.

É provavelmente uma representação precisa de como será o resto de nossas vidas juntos.



A recepção é pior do que eu imaginava. Normalmente, sou seletivo sobre com quem me socializo. Esta noite, não tenho escolha. Cada pessoa aqui quer um momento comigo. Uma chance de oferecer parabéns e ganhar favores.



Scarlett também está cercada. A primeira vez que tenho a chance de falar com ela é várias horas depois de deixarmos o altar, durante nossa primeira dança. Ela está olhando para mim, mas ela não está *realmente* olhando. Eu sei que é proposital. Tive um vislumbre de vulnerabilidade mais cedo. Agora ela está reforçando suas paredes. Fechando as escotilhas emocionais.

Eu não deveria me importar.

Não deveria me fazer querer empurrar.

— Talvez devêssemos ter praticado isso também, — sugiro, enquanto ela se move rígida e relutante em meus braços. Por um segundo, vislumbro um sorriso.
— Acho que devemos estabelecer algumas regras básicas.

— Para? — Ela pergunta, desviando o olhar. Para os espectadores admirados que nos cercam. Algumas câmeras piscam.

— Nós.

Scarlett não está mais fingindo prestar atenção na multidão. Seus olhos voam para os meus. — Você quer discutir isso *agora*?

— Você ainda está saindo esta noite, certo? Achei que seria melhor acertar alguns detalhes antes disso. Além disso, você me evita desde que ficamos noivos.

— Eu evitei você antes disso também.

— Bem, acaba agora, *esposa*.

Sinto suas costas tensas através do tecido fino de seu vestido de noiva. — E você pensou que nossa primeira dança seria o local mais apropriado?

— Achei que havia uma chance maior de você não se afastar durante a conversa, sim.

— Eu não sou covarde, — afirma Scarlett.

— Eu nunca te chamei de tal.



Seu queixo se ergue em uma inclinação desafiadora. — Não há nada para discutir, Crew. Eu disse que me casaria com você e simplesmente casei. Essa é o fim de *nós*.

— O começo de nós.

— O *fim*, — ela reitera.

— Suponho que você queira quartos separados?

Ela segura meu olhar. — Tenho um cozinheiro e uma empregada. Um deles mostrará seu quarto quando você chegar à minha casa esta noite.

— Sexo?

— Seja discreto.

— Com *você*, Scarlett.

Sua garganta balança enquanto ela engole. — Ainda não sei. Talvez, às vezes.

Talvez, às vezes? Eu balanço minha cabeça. — Você não quer nada de mim.

Não é uma pergunta. Ela responde de qualquer maneira. — Eu não quero nada de você.

— Ok.

— Ok, — ela ecoa. — Não precisamos fingir.

— Não estou fingindo.

Essas três palavras permanecem entre nós.

O resto da nossa dança é silenciosa. Quando termina, nós dois passamos para nossas outras obrigações. Scarlett começa a dançar com o pai, enquanto eu giro Candace.

Faz anos desde que desejei que minha mãe estivesse viva de forma tão visceral. Mas este dia? Este momento? É um que eu gostaria que ela estivesse aqui. Pelo pouco que me lembro e ouvi sobre Elizabeth Kensington, ela era doce e calma. Ela suavizou as arestas de meu pai, que só foram se aguçando com o tempo. Hoje teria sido romântico, aos olhos dela. Em vez da tagarelice



interminável de Candace sobre o jantar, o bolo e as flores, imagino que ela me perguntaria se eu me sinto diferente, como um homem casado. Me dar uma lição sobre como tratar Scarlett. Talvez ela tivesse convencido meu pai a desistir do acordo, para começar. Eu nunca saberei.

Depois que a música termina, chamo Josephine Ellsworth. Percebo o olhar surpreso de Scarlett enquanto caminhamos para a pista de dança, como se a ideia de eu dançar com a mãe dela nunca tivesse ocorrido a ela.

— Você se superou, Sra. Ellsworth, — eu elogio enquanto giramos. — Tudo foi perfeito.

Ao contrário de sua filha, Josephine é modesta e recatada. Rosa tinge suas bochechas antes de ela desviar o olhar para o mar de mesas elaboradamente decoradas que nos cercam. — Me chame de Josephine. E foi um prazer, de verdade. Fico feliz que *você* tenha apreciado.

Dou um meio sorriso com a ênfase, sem ilusões sobre a quem Josephine está se referindo. Eu também corrijo minha suposição anterior. Ela tem mais fogo do que deixa transparecer. — Deduzi que Scarlett não é do tipo que aceita decisões que não tomou.

— Scarlett também não faz nada que não queira.

Eu sinto minha testa enrugando com confusão.

Josephine sorri, e há um tom quase ousado nisso. — Não deixe minha filha convencê-lo de que ela não teve escolha neste assunto.

— Claro que ela tinha *uma* escolha. Scarlett teria sido estúpida em não aceitar isso, no entanto. E ela não é.

— Ela não é, — concorda Josephine. — Mas ela é esperta o suficiente para conhecer suas opções. Ela não precisa de você para nada, Crew.

Eu abafo o sorriso que quer aparecer em resposta a sua expressão séria. Isso é notavelmente semelhante à conversa que acabei de ter com a própria Scarlett. — Ela pode não precisar de nada de mim, mas está recebendo muito.



— Sim, ela está.

Eu espero, mas é tudo o que ela diz até a música terminar um minuto depois.
— Obrigada pela dança, Crew. Scarlett escolheu bem. E ela *escolheu*. Não importa como ela age. A indiferença é um meio de sobrevivência neste mundo. Imagino que você saiba disso tão bem quanto qualquer um.

Com essas palavras de despedida, ela desaparece na multidão. Dirijo-me ao bar, desejando um momento de solidão e uma bebida forte. Hoje parece interminável. Cada minuto meticulosamente planejado desde o momento em que acordei.

Peço um uísque ao barman e encosto-me ao balcão que serve de bar improvisado. Eu fico no lugar quando ele me entrega, tomando um gole do líquido âmbar e examinando meus arredores.

— Excelente evento, Sr. Kensington.

Olho para a esquerda e quase engasgo. A bebida escorre pelo meu esôfago com uma pontada pungente, em vez da queimação agradável de sempre. — Sr. Raymond. Que bom vê-lo, senhor.

— Você pode me chamar de Royce, — ele responde, adotando uma pose semelhante à minha enquanto pede uma bebida. Escondo minha surpresa. Royce Raymond é um magnata da mídia, cuja produtora constantemente produz grandes sucessos. Não há um ator em Hollywood que não queira trabalhar com ele. Ele é famoso por suas mãos na abordagem de tudo. Supostamente, nem mesmo um agente de publicidade é contratado em um de seus estúdios sem que ele aprove. Ele também é conhecido por suas tendências anti-sociais, que incluem desdenhar muitos dos cobiçados convites que recebe. Estou chocado que ele esteja aqui.

— Estou feliz que você pôde vir. Royce.

O homem mais velho faz um som ininteligível.



— Você estará em Nova York por muito tempo? — A última vez que soube, sua residência principal era em Los Angeles.

— Tempo suficiente.

— Tempo suficiente para quê?

— Você vai assumir o lugar de seu pai em breve?

— Essa é a suposição geral. Você teria que perguntar a ele sobre os detalhes.

— Nunca gostei muito de Arthur. Muito sedento de poder para o meu gosto. Embora... suponho que seja você quem acabou de se casar com bilhões.

Eu mantenho seu olhar enquanto ele me estuda. — O dinheiro não é a única razão pela qual me casei com Scarlett. — Espero que as palavras soem falsas. Soar com insinceridade. Elas não soam.

— Uma declaração ousada para um homem que acabou de herdar um império.

— Não me confunda com meu pai.

— Se fosse esse o caso, não estaríamos tendo essa conversa, Crew.

— Que conversa seria essa?

Royce sorri. — Você sabe que não tenho filhos.

— Eu sei.

— Eu estou... considerando a ideia de passar a tocha. Isso lhe interessaria?

— Uma parceria?

Ele balança a cabeça. — Propriedade total. Já se passaram cinquenta anos. Nada dura para sempre. Quando eu encontrar a pessoa certa, será hora de seguir em frente.

— Suponho que você saiba que não tenho experiência na indústria cinematográfica?

Ele ri. — Estou procurando alguém com bom senso comercial e uma bússola moral. Este último é difícil de encontrar neste mundo.



— Obrigado?

Outra risada. — Não estou procurando uma figura de proa para coletar uma porcentagem pesada. Isso, eu poderia encontrar facilmente. Nunca aceitei nenhuma das ofertas de seu pai porque vi o que acontece com as empresas sob o guarda-chuva da Kensington Consolidated. Eu sei como os negócios funcionam. Mas não é assim que meu negócio funciona — como ele funcionará.

— Você gostaria que eu escolhesse, — eu percebo.

— Arthur tem... o quê? Cinquenta e quatro? Cinquenta e seis? Eu não esperaria que ele entregasse o maior escritório tão cedo, filho ou não.

— Estou feliz na minha posição atual.

— Tenho certeza que você está. Mas herdar é diferente de merecer. Construí tudo o que tenho, igual ao seu bisavô.

— Porque você tinha que fazer, para ter sucesso. A Kensington Consolidated é o meu legado. Nenhuma pessoa em sã consciência daria as costas a um próspero direito de primogenitura para começar por conta própria.

— Não tenho certeza se sua nova esposa apreciaria essa caracterização.

Abro a boca, depois a fecho. — Isso é diferente, — eu finalmente consigo dizer.

— É mesmo? — desafia Royce. — Acho difícil acreditar que não havia um lugar na Ellsworth Enterprises para a filha única de Hanson.

— Acredito que Scarlett tinha interesses divergentes. Ellsworth não possui nenhuma revista.

— Eles oferecem oportunidades limitadas de outras maneiras também.

— Talvez, — eu reconheço.

Royce pega o copo que o barman entregou sem que eu perceba. — Pense bem. E parabéns. Espero grandes coisas de você e da nova Sra. Kensington.





O fim da recepção passa mais rapidamente. Os convidados importantes e mais velhos começam a sair. Resta-me beber e conversar com pessoas que considero amigas.

A planejadora do casamento, uma mulher baixinha chamada Sienna, é quem me diz que é hora de fazer nossa grande saída.

— Onde está Scarlett?

— Se trocando. Ela o encontrará no saguão.

Quando chego ao saguão, Scarlett já está esperando. Ela está usando outro vestido branco. Este tem alças e nenhuma cauda. O material sedoso se apega às suas curvas, cobrindo-a da cabeça aos pés em uma cachoeira de marfim.

Tudo o que recebo é um olhar superficial. — Bom. Você está aqui. Vamos.

Eu agarro a mão dela antes que ela possa dar um passo. Ela não pergunta o que estou fazendo. Não se move quando eu libero meu aperto e passo meus dedos por seu braço. Seu cabelo ainda está puxado para trás em um coque chique, expondo seus ombros e pescoço. Traço toda a pele exposta, saboreando os arrepios que surgem em sua pele.

Eu dou mais um passo para mais perto, pressionando meu corpo contra o lado dela.

Ela inala profundamente. No espaço amplo e vazio, é tudo o que posso ouvir. A música e as conversas vindas do salão soam distantes e abafadas.

Nenhum de nós diz uma palavra. Esta é uma trégua silenciosa.

Minha mão cai.

Sua vez.



Scarlett se vira, então nossos corpos estão alinhados. Seus olhos examinam meu rosto. Não faço ideia do que ela está procurando.

Não sei se ela encontra ou não. Mas ela me beija, que é o que *eu* estava procurando.

Seu gosto atinge meu sistema como uma droga. Algo sobre Scarlett - sua irritabilidade, sua beleza, o fato de ela ser minha esposa - aguça as sensações. Não consigo me lembrar da última vez que beijei outra pessoa, esperando que não fosse mais longe. Essa é a *única* maneira que eu beijei Scarlett. Presto atenção em coisas que normalmente não prestaria, sem me distrair com roupas voadoras ou encontrar a superfície dura mais próxima.

Ela cheira a lilás e tem gosto de champanhe. Suas curvas quentes esmagam contra mim enquanto ela aprofunda o beijo. Deslizo minhas mãos por suas costas e as coloco em seus quadris, puxando-a para mais perto, embora não haja para onde ir. Já estamos tão apertados quanto duas pessoas podem estar.

Se a bainha não estivesse fora de alcance, eu levantaria o vestido e deslizaria a mão entre suas coxas. Em vez disso, viajo de volta para o norte, segurando seu seio esquerdo e confirmando que ela não está usando sutiã. Ela geme meu nome e o som ricocheteia dentro de mim.

Isso deveria ser uma provocação - uma prévia do que ela está perdendo esta noite ao escolher voar através do Atlântico. Transformou-se em tortura. Ela está afetada, mas eu também estou. Duro como uma rocha e desesperado.

Scarlett se afasta primeiro. Eu a deixei se afastar, observando enquanto ela endireitava o vestido e alisava o tecido. Eu a quero... muito. Nunca fui tão afetado por uma mulher antes. Se ela não fosse uma ex-Ellsworth transformada em Kensington, não fosse minha *esposa*, eu diria a ela exatamente o quanto. Descreveria exatamente o que eu quero fazer com ela.

Inferno, eu estou tentado a fazer isso de qualquer maneira. Mas então ela sorri - triunfante, *conscientemente*. E eu me lembro de quão longe do meu alcance estou com ela.



— Você não quer *nada* de mim, Scarlett? — Eu coloco isso como uma pergunta, mas é uma provocação.

— Nada, — ela reitera. Sua voz é tão resoluta quanto na pista de dança, mas dessa vez não há um tom vazio. Há uma cadência provocante que chama a minha falta de indiferença, mas também me diz que há pelo menos uma coisa que ela quer de mim.

Antes que qualquer um de nós possa dizer qualquer outra coisa, Sienna aparece e nos conduz em direção à frente do hotel. Ela está falando a mil por hora, transmitindo detalhes que não me interessam. Acho que a essência é a caminhada que estamos prestes a fazer até uma limusine que nos espera.

Uma mão menor desliza para a minha logo antes de chegarmos às portas. Não tenho ideia de quando foi a última vez que dei as mãos a alguém. Isso não deveria contar. Somos o evento principal de um espetáculo elaborado, e esta é apenas uma parte da coreografia. Mas por alguns segundos, a pressão quente de sua palma é tudo em que consigo me concentrar.

As portas se abrem para uma exibição deslumbrante de luz e som. Um tapete literal - branco, não vermelho - foi enrolado da entrada do hotel até o nosso carro que nos esperava. Pequenas árvores em vasos amarradas com luzes cintilantes separam o caminho dos convidados que jogam pétalas de flores.

Eu forço um largo sorriso no meu rosto. Uma olhada em Scarlett mostra que ela está radiante da mesma forma brilhante e falsa.

Nossas famílias estão esperando na limusine. As câmeras piscam enquanto aperto a mão do meu pai e abraço Candace. Observo enquanto Scarlett abraça a mãe e ganha um beijo na bochecha do pai. Como um marido obediente, eu a ajudo a entrar no banco de trás antes de entrar no carro.

— Vestido novo só para o passeio de carro? — Eu pergunto quando a limusine começa a se mover.



— Você esperava que eu voasse seis horas com uma cauda de um metro e meio?

— Na verdade, eu não pensei nas *roupas* que você está vestindo.

Ela levanta uma sobrancelha.

Eu levanto uma de volta. — Você tem alguma coisa por baixo?

Há um vislumbre de diversão antes que sua expressão fique em branco. — Algo que você veria - se nos casássemos de verdade.

Eu entendo o que ela quer dizer, que não somos a história de amor tradicional. Não nos conhecemos em Harvard, por causa de um professor severo em um grupo de estudos. Nós não namoramos por anos. Não a pedi em casamento em um telhado coberto de flores e abri uma garrafa de prosecco. Mas... — Nós *somos* casados de verdade, Scarlett.

Ela inclina a cabeça para olhar pela janela em vez de responder.

Quinze minutos depois, estamos parando no terminal privado do JFK⁷.

— Tchau. — Isso é tudo o que ela diz antes de sair.

Observo por trás do vidro fumê enquanto ela fala com o motorista por um minuto antes de um atendente vir buscar suas malas. Ela tem três delas, o que me faz perceber que nunca perguntei por quanto tempo ela ficaria fora.

O motorista volta para o carro. Scarlett segue para dentro do aeroporto. E a limusine volta para o tráfego intenso.

Quando ele para pela segunda vez, do lado de fora de um prédio na Park Avenue, fico confuso. Então, percebo onde estou. Saio para o ar úmido e entro no saguão de Scarlett. É caro e minimalista. O espaço é principalmente preto com detalhes em dourado. Há uma mesa atrás da qual está um homem de cabelos grisalhos. Ele me dá um aceno respeitoso quando eu passo.

⁷ Aeroporto John F. Kebedy

Uso o cartão de plástico que Scarlett me deu para chamar o elevador e digito o código que memorizei.

Ela estava certa. A casa dela é melhor que a minha.

Saio do elevador. A parede oposta é principalmente de vidro, mostrando o terraço que se estende por toda a extensão do edifício, com vista para o Central Park e o Reservoir.

A planta baixa é quase toda aberta, a vista espetacular é ininterrupta. Há uma formação organizada de sofás brancos e um reluzente Steinway preto em um canto. Entro mais, descobrindo a sala de jantar formal, uma sala de estar, a biblioteca, um escritório e depois a cozinha.

Terminado o passeio pelo andar de baixo, subo as escadas, espiando cada cômodo à medida que vou. São oito quartos, um deles o de Scarlett. Minhas malas e caixas foram empilhadas no canto do quarto mais distante do dela.

Eu me pergunto de quem foi essa ideia.

A maioria dos meus pertences, as decorações e os móveis, foram guardados ou deixados na minha antiga casa. A maior parte do que eu trouxe foram roupas. Em vez de desempacotar ou separar qualquer coisa, deito-me na colcha branca e olho para o horizonte cintilante de Manhattan. Eu poderia ligar para alguém. Uma mulher. Asher ou Jeremy. Ir a um clube ou a um bar.

Eu estou muito cansado. Esgotado demais.

Parece que vou passar minha noite de núpcias... sozinho.



CAPÍTULO SETE

Scarlett

O ar quente de verão é tingido com um toque de fumaça quando saímos do restaurante. Uma leve brisa balança a bainha do meu vestido e joga meu cabelo para trás.

Jacques faz uma pausa para beijar minhas bochechas. — *Magnifique*⁸, Scarlett, — ele declara. Bem alto, o grupo que saiu à nossa frente se vira para olhar. — Esta linha será *magnifique*. Um triunfo. — Ele me puxa para um abraço. — Você precisar de alguma coisa - qualquer coisa, você me avisa, *oui*⁹ ?

— *Oui*. — Retribuo o caloroso abraço. — *Merci beaucoup*¹⁰.

Jacques sai depois de mais algumas frases em francês. Meu francês é suficiente para sobreviver, mas estou longe de ser fluente. Jacques e eu aprendemos a nos comunicar por meio de uma mistura sem sentido das duas línguas enquanto trabalhávamos em minha nova marca.

Eu fico do lado de fora do bistrô onde acabamos de jantar por alguns minutos, debatendo se devo chamar um carro ou caminhar os poucos quarteirões até o hotel onde estou hospedada nas últimas duas semanas.

⁸ Magnífica

⁹ Sim

¹⁰ Muito obrigada



— Quer um cigarro? — A pergunta vem da minha esquerda, com um forte sotaque francês. Eu olho para ver um homem de cabelos loiros encostado na parede de tijolos do prédio. Ele está vestindo uma jaqueta de couro e segurando um cigarro aceso. Eu ando até ele, escolhendo meus passos cuidadosamente nos paralelepípedos.

— Não sou uma grande fumante. — Eu abomino isso, na verdade. É um hábito grosseiro e sujo que associo aos imprudentes e ao desrespeito pela higiene pessoal.

Emoldurado pelo brilho suave dos postes de luz e pelo brilho distante da Torre Eiffel, de repente parece mais sexy do que repulsivo. Assim como o sorriso preguiçoso sendo lançado em minha direção, emparelhado com um nariz ligeiramente torto e uma mandíbula coberta com uma leve camada de barba por fazer. — Estou trabalhando para parar, — ele me diz.

— Parece que está indo bem. — Olho incisivamente para a fumaça cinza subindo da ponta laranja e se dissipando na noite escura.

Ele larga o cigarro e o apaga com uma bota pesada. — Eu sou o Andre.

— Scarlett.

— Um nome bonito para uma mulher bonita.

— *Merci*¹¹.

Seus olhos se iluminam. — *Parlez-vous français*¹² ?

— *Je parle un peu français*¹³, — eu admito.

Andre ri. — Sua pronúncia é muito boa.

— Obrigada, — eu respondo. — Estou aqui há algumas semanas. Melhorou.

— Você vai ficar muito mais tempo?

¹¹ Obrigada

¹² Você fala francês?

¹³ Eu falo um pouco de francês

— Não. Eu estou indo embora amanhã.

— Indo para onde?

— Casa. Nova Iorque.

— O grande fruto,¹⁴ — declara.

Eu ri. — Maçã. Sim.

— Você gostaria de uma última noite memorável? — A insinuação é óbvia. Na maneira como seu corpo está inclinado em direção ao meu. O sorriso dançando em seus lábios.

Eu hesito. Quando me aproximei dele, foi exatamente para onde pensei que isso levaria. Nós dois sabemos disso. Agora está na mesa e estou indecisa. Os anéis que decoram minha mão esquerda de repente parecem mais pesados. Eu não esperava que ser casada fosse diferente. Assinei um contrato que incluía uma cerimônia religiosa.

Minha lealdade à Crew pode ter condições. Eu estive fora por duas semanas. Ele provavelmente teve uma porta giratória de mulheres entrando na minha cobertura. Enquanto crescia, vi minha mãe se despedir de meu pai em viagens de negócios com um *boa viagem*, sabendo muito bem que ele não viajaria sozinho.

Prometi a mim mesma que seria diferente - não seria a tola que se apaixonou pelo conto de fadas. Mas eu me afasto de Andre de qualquer maneira. — Tudo o que eu estava procurando era um cigarro.

A mão de Andre se esgueira em sua jaqueta e sai com um maço deles. Ele me entrega um. — Uma fumante, afinal?

Eu dou de ombros. — Todos nós fazemos coisas que sabemos que são ruins para nós, certo?

¹⁴ Nova Iorque é conhecida mundialmente como a “Big apple” ou “Grande maçã” no português.



Ele segura um isqueiro e acende uma chama para a vida. Estendo a ponta do cigarro para fora, deixando o fogo lambe o papel até ele pegar fogo. — Seu marido?

Eu sigo seu olhar para o enorme diamante descansando em meu dedo anelar. Eu poderia ter tirado assim que meu avião saiu da pista em Nova York. Em vez disso, usei os símbolos do meu casamento todos os dias em que estive aqui. Já me adaptei ao peso e ao brilho. Se algum dia eu tirá-los, vai parecer estranho. Minha mão vai se sentir nua. — Não.

— Perdão. Eu assumi...

— Errado, — eu termino, dando uma única tragada no cigarro antes de largá-lo e apagá-lo. A rua está cheia deles. — Eu devo ir.

Andre não diz nada enquanto eu me afasto, o casaco balançando em torno de minhas panturrilhas. Estou chateada comigo mesma. Um caso com um francês parece perfeito. Faz semanas desde que fiz sexo. Posso rastreá-lo até uma noite, até. Depois que Crew afugentou Evan, não lancei minha rede novamente. Recusei os dois homens que se aproximaram de mim mais tarde naquela noite. Eu sabia que teria com eles o mesmo problema que teria com Andre.

Eu fingiria que era Crew me beijando. Me tocando. Eu me *recuso* a fazer isso. Seria uma concessão da pior espécie. Eu prefiro ser celibatária do que deixar um homem me foder enquanto finge ser outra pessoa.

Isso deixaria Crew vencer da pior maneira.

Ele só tem tanta influência sobre mim quanto eu permito que ele tenha.

A rua está cheia de conversas e risadas. Não paro em nenhum dos bares barulhentos por onde passo, todos cheios de Andres com sotaques excitantes e sugestões suaves. O único lugar em que paro é uma loja de vinhos no mesmo quarteirão do meu hotel. Pego uma garrafa de Bordeaux e a carrego como um recém-nascido até o saguão e subo as escadas até o terceiro andar.



Meu quarto é espaçoso e, no entanto, vou para a pequena varanda que se projeta na lateral do hotel e tem vista para o Sena. É grande o suficiente para uma cadeira aqui. Eu tiro meus saltos, tiro meu casaco e uso o saca-rolhas fornecido na sala para abrir a garrafa. Descanso os dedos dos pés no corrimão de ferro forjado e fico olhando as luzes da cidade, de vez em quando tomando goles do vinho azedo.

Eu poderia estar na cama de Andre agora, com palavras doces sussurradas em meu ouvido em francês e mãos quentes correndo pela minha pele. Em vez disso, estou rapidamente tomando a garrafa equivalente à minha terceira taça de vinho. Vou me sentir uma merda pela manhã.

Meu voo sai amanhã cedo, então estarei de volta a Manhattan ao meio-dia. Provavelmente terei que enfrentá-lo antes do brunch com Sophie e Nadia na manhã seguinte.

Tem sido silêncio completo e total de Crew desde que saí depois do casamento. Sem perguntar se eu aterrissei em segurança. Não me perguntou quando voltarei para casa. Nada mesmo.

Exatamente o que eu queria, o que eu achava que queria.

Em vez disso, penso nele dizendo que *não estou fingindo*. Lembrando da sensação de seus lábios contra os meus. Castigo-me por fazer as duas coisas.

Crew é um penhasco. Perigoso. Desafiante. Um passo errado pode ser catastrófico.

Você é mais forte que isso, Scarlett.

Eu não sou, no entanto. Não quando estou sozinha sem chance de enfrentar as consequências. Isso é confirmado quando tiro meu telefone do bolso e entro no aplicativo de segurança da minha cobertura. Já passa da uma da manhã aqui. Crew está pontualmente em casa às sete da noite. Mais cedo do que eu costumava voltar. Eu me pergunto se a agenda dele vai mudar quando eu voltar para Nova



York. Se ele vai evitar ficar em nossa casa compartilhada, da mesma forma que eu.

Eu mudo pelas câmeras até encontrá-lo. Ele está na cozinha, conversando com Phillipe. Tem som, mas não ligo. Bebo vinho da garrafa e observo meu marido - ainda estranho de se pensar, quanto mais dizer - conversar com Phillipe enquanto come um prato de macarrão. Seu paletó está tirado, mas a gravata ainda está, pendurada ligeiramente torta enquanto ele gira o macarrão no garfo e sorri.

Ele está em casa e sozinho.

Adormeço olhando para ele.



Eu senti falta de Manhattan.

Não percebi o quanto até pisar na pista do lado de fora da ala privada do JFK. A visão do horizonte é um alívio inesperado, como tratar uma ferida que você acabou de perceber que foi infligida. Meus pulmões se enchem com o cheiro de escapamento e cimento molhado. A comoção me acorda mais do que o expresso que bebi no avião.

Um carro está esperando. Entro e instruo o motorista a me levar ao meu escritório. Leah, minha assistente, e Andrea, chefe da minha seção editorial, sabem o verdadeiro motivo pelo qual passei as últimas duas semanas em Paris. O restante dos funcionários da *Haute* sabe que foi uma viagem de trabalho, mas não como parte de um novo empreendimento.



Vou precisar delegar a maior parte de minhas responsabilidades na *Haute* ou na *Rouge* — o nome que decidi dar à minha linha de roupas, — mas ainda não decidi como lidar com nenhuma delas. Gerenciar ambos pode ser possível quando eu tiver mais uma equipe de design para a marca de roupas. Fico feliz em passar o mínimo de tempo possível na minha cobertura. Fazer malabarismos com dois papéis exigentes é uma certa maneira de conseguir isso.

Minha chegada ao escritório causa um rebuliço. Passo pelos cubículos e desço para o meu escritório de canto, meio ouvindo Leah enquanto ela trota ao meu lado, despejando tudo o que devo resolver hoje.

Eu me sinto uma merda. Troquei um vestido de verão amassado no avião por um vestido justo que estou usando agora. O tecido rígido parece constritivo. Minha cabeça está latejando e meus membros estão pesados. Três horas de sono e quase uma garrafa de vinho podem não ter me preparado para o sucesso hoje.

Culpa de Crew.

Duas semanas longe dele deveriam me acalmar. Lembrar-me de quão pouco minha vida mudou e que minhas prioridades não mudaram. Scarlett Kensington pode ser a mesma pessoa que Scarlett Ellsworth foi.

Cinco mil oitocentos e vinte e nove quilômetros parecia muito. Parecia muita distância.

Elas não eram.

Eu pensei sobre ele. Enquanto eu estava participando de sessões de fotos. Quando eu estava escolhendo tecidos. Como Jacques estava me mostrando esboços. Ontem à noite, quando fui para casa sozinha.

Leah continua falando. Em vez de admitir que não tenho prestado muita atenção, digo a ela que preciso dar um telefonema. Ela sai correndo do meu escritório, fechando a porta atrás dela e me deixando em silêncio. Afundo na cadeira da escrivaninha e me inclino para frente para massagear minhas têmporas. Pela primeira vez desde que assumi *Haute*, não quero estar aqui.



Eu quero ir para casa. Não por obrigação de esposa ou porque sentia falta de dormir na minha própria cama. Eu quero ver ele acima de tudo. A expectativa é pior do que qualquer coisa que ele possa dizer ou fazer. Alguns meses atrás, eu esperava que ele agisse totalmente indiferente à minha partida e retorno.

Agora não sei o que esperar. É irritante e estressante.

Sacudo um Tylenol do recipiente que guardo na gaveta de cima da escrivaninha e o engulo. Mesmo que eu fosse para casa agora, Crew não estaria lá. Ele está voltando para a cobertura de forma confiável às sete, embora isso possa mudar, agora que estou de volta. Sei que Leah deu à secretária dele meu itinerário de viagem. Se ele quisesse, poderia saber no segundo em que as rodas do meu jato atingiram a pista. Mas isso sugere um nível de interesse em meu paradeiro que não acho que ele tenha. Seu comportamento antes e durante nosso casamento provavelmente foi uma novidade.

Crew pode ter experiência com mulheres. Ele não tem experiência com uma esposa.

Esse título vem com peso, mesmo em um arranjo como o nosso. E sei que estou complicando as coisas ao não fazer sexo. Se eu já tivesse dormido com ele, teria sido isso. Ao esperar, dou-lhe sentido. Importância. Talvez até significado. Minhas intenções de esperar eram conseguir o oposto.

Se eu tivesse ficado para a nossa noite de núpcias, eu teria o som dele prometendo me honrar, cuidar e me amar correndo pela minha cabeça enquanto ele estava dentro de mim. Precisei de tempo para estabelecer distância emocional antes de permitir que a distância física desaparecesse.

Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma na época. Não tenho mais certeza de que fará alguma diferença.

Olho para o horizonte de Nova York até minha cabeça parar de latejar. Então eu me levanto e entro em uma infinidade de reuniões. Tudo o que tenho para aprovar - que é tudo - se acumulou durante minha ausência. Formato de fotos e modelos e fotógrafos e produtos e amostras e artigos.



Quando termino o lote final de aprovações, peço a Leah que peça o almoço para mim no café da rua e volto para o meu escritório. Uma figura familiar está esperando no sofá na área de estar do lado de fora da porta.

Eu suspiro, minha dor de cabeça voltando com força total. — Oi, mãe, — eu cumprimento quando a alcanço.

— Scarlett. — Suas íris marrom-esverdeadas deslizam sobre minha aparência com um olhar perspicaz.

Eu me vesti em um avião, mas ela não encontrará nada para criticar. — O que você está fazendo aqui?

Ela só me visitou em *Haute* uma vez antes. Meu pai teve um pequeno ataque depois que comprei a revista sem a permissão dele - para não mencionar o dinheiro - e minha mãe é hábil em autopreservação. Não a culpo por ceder a meu pai; Hanson Ellsworth é um adversário formidável. Prometi a mim mesma há muito tempo que nunca cederia ao meu futuro marido da mesma forma que minha mãe sempre cedeu quando se tratava de meu pai.

— Eu queria ver como a vida de casado está tratando você.

— Está bem. — Uma pergunta que seria mais fácil de responder se eu realmente tivesse visto ou falado com Crew desde o nosso casamento.

— Hmmm. — Algo na voz da minha mãe me faz pensar que ela já deve saber disso.

Não contei a ela nem a meu pai sobre minha viagem a Paris, mas não duvidava que ela descobrisse. No que diz respeito ao meu pai, sou problema e responsabilidade de Crew agora. Mas minha mãe é a líder do circuito de fofocas de Nova York. Nada acontece nesta ilha sem que ela saiba.

Eu quebro o silêncio pontiagudo. — Tem mais alguma coisa, mãe? Tenho muito trabalho a fazer.

— Não, mais nada. Vamos almoçar na próxima semana. Vou pedir à sua secretária que prepare algo.



— Certo. — Concorde, sabendo que discutir será inútil.

Minha mãe faz uma pausa. — Você escolheu bem, Scarlett.

Eu suspiro. — Escolhi bem o quê?

—Crew.

O som de seu nome me atinge inesperadamente. Digo a mim mesma que é porque não esperava que essa fosse a resposta dela. — Nós duas sabemos que ele não foi uma escolha, mãe.

— Nós duas sabemos que você nunca fez uma coisa que não queria, Scarlett.
— Ela ergue as duas sobrancelhas perfeitamente cuidadas, como se me desafiasse a discordar dela. Digo a mim mesma que não, porque não importa o que ela pensa.

— Tenho muito trabalho a fazer...

— Tudo bem, tudo bem, eu vou indo. Só... ele é a sua chance, Scarlett.

Digo a mim mesma para não responder. Pela terceira vez, meu cérebro não escuta. — Minha chance de *quê*? Já tenho tudo o que preciso.

— Sua chance de *felicidade*, querida.

Eu zombo disso, então olho para a mesa de Leah. Ela está se esforçando muito para agir como se não estivesse ouvindo esta conversa. — Crew Kensington? Ele é... ele é um meio para um fim. Nada mais. Tratar isso como uma relação de negócios me *deixará* feliz.

Minha mãe franze os lábios, mas ela não discute. Estou acostumada com suas pequenas explosões de preocupação maternal enterradas entre críticas e instruções estritas. — Você estará nos Hamptons para o dia quatro no próximo fim de semana, certo?

Merda. Como será isso já no próximo fim de semana? Meus pais dão uma grande festa em sua casa nos Hamptons no dia 4 de julho de cada ano. Tenho temido isso mais do que o normal desde que soube que já estaria casada com



Crew no início de julho. Espera-se que ajamos como o casal unido e amoroso que não somos por alguns dias.

— Sim. Eu estarei lá.

— E Crew?

Eu desvio o olhar. — Eu suponho que sim. — Isso soa melhor do que *vou pedir para minha secretária perguntar à secretária dele*.

O pequeno movimento de sua cabeça deixa claro que não é a resposta que minha mãe estava procurando, mas ela não comenta mais antes de se virar e sair.

Em vez de ir para o meu escritório depois que ela desaparece, ando em direção à cozinha no canto. Pego uma água com gás na geladeira e a levo para o meu escritório, pressionando a garrafa de vidro fria contra a testa assim que saio de vista do resto do andar. Eu me sento na minha mesa e giro, então estou olhando para o horizonte. Minha visão fica borrada quando meu foco desaparece, transformando os ângulos agudos em uma confusão.

A casa parece diferente agora.



Três horas depois, saio do meu escritório. Leah ergue os olhos assim que a porta se abre, pronta para um pedido ou pergunta. Em vez disso, digo a ela: — Estou saindo por hoje.

Se ela está tentando mascarar seu choque, está fazendo um péssimo trabalho. Seu café quase vira e notas adesivas voam enquanto ela se esforça para compreender minha declaração. — Você é... quero dizer, você... está... está... —



Leah olha para o relógio em seu computador, como se eu não soubesse que ainda não são nem cinco da tarde.

— Eu tenho alguns negócios pessoais para cuidar. Eu estive fora por um tempo.

— Eu... claro, é claro.

Apesar de estar me sentindo pior em vez de melhor, consigo sorrir. — Eu tenho uma vida fora deste escritório, Leah.

Isso a deixa mais em pânico. — Claro que você tem. Eu não quis dizer... eu... Por favor, não me demita.

Eu rio, então estremeço quando minha cabeça dá um latejar particularmente doloroso. — Eu estarei de volta bem cedo amanhã.

Leah assente. — Antes de você ir...

Eu paro. — Sim?

— Sua, uh, a secretária do seu marido ligou mais cedo. Enquanto você estava na reunião com Lilyanne Morris.

— E?

— Ela ligou sobre o baile de gala Rutherford para o hospital infantil na sexta-feira. O Sr. Kensington está solicitando que você vá com ele.

— Certo.

Leah parece aliviada com a minha resposta. — Ok. Vou avisar Celeste.

— Não há necessidade. Eu cuido disso. — Terei que falar com Crew eventualmente. Também pode incluir uma conversa sobre como lidaremos com nosso calendário social conjunto.

Leah obviamente quer me perguntar o que quero dizer com isso, mas não o faz. Quero que meus funcionários se sintam à vontade para se aproximar de mim, mas não procuro nem me entrego a especulações sobre minha vida pessoal. Essa política tem sido mais difícil de aplicar ultimamente, por razões óbvias. Deixei



que a cobertura da mídia informasse meus funcionários sobre meu noivado e casamento apressados.

Dizer algo a alguém convida a uma opinião sobre isso.

Eu me despeço de Leah e sigo para os elevadores, mandando uma mensagem de texto para o motorista avisando que estou saindo. Vinte minutos depois, saio do carro e entro no meu prédio para pegar outro elevador até o último andar.

Quando as portas se abrem, a exaustão me atinge tão rápido que me sinto tonta. Esta cobertura sempre foi um espaço seguro para mim, um lugar onde posso ser Scarlett. Não equilibrada ou preparada ou profissional ou qualquer coisa que alguém espera de mim. Eu me ressinto de Crew por tirar esse santuário de mim.

Perto dele, sinto a compulsão de ser perfeita, mais do que jamais senti com qualquer outra pessoa. Eu me importo com o que ele pensa de mim. Não posso dizer isso genuinamente sobre mais ninguém, nem mesmo sobre meus pais. É um problema - um problema no qual não tenho energia para pensar agora. Especialmente porque ele não parece estar aqui. Não há nada indicando que ele esteve aqui alguma vez.

Não sei por que esperava que minha casa parecesse diferente - mas eu esperava. Achei que haveria alguma evidência óbvia de que um homem vive aqui agora. Talvez cuecas no chão ou uma gravata pendurada no sofá ou uma embalagem de preservativos na mesinha de centro. Não há nada. Nem mesmo uma mancha de água na mesa de centro de teca que escolhi. A arrumação é realmente tudo o que absorvo antes de cair de cara no sofá branco. É desconfortável ter meu rosto esmagado contra as almofadas. A equipe de construção martelando meu crânio também não é tão relaxante. Estou muito desconfortável para adormecer e muito confortável para subir as escadas.

Devo ter adormecido, porém, porque quando meus olhos se abrem, não estou mais sozinha. A princípio, acho que a figura sombria deve ser Phillippe ou Martha. Então, percebo que é muito largo e alto para ser meu chef ou minha empregada.



Reconheço como meu coração traidor começa a bater mais rápido sem nenhum motivo. Estou deitada - nenhum esforço à vista.

— Viagem difícil? — Crew pergunta. O timbre baixo e áspero de sua voz toma conta de mim, resolvendo temporariamente a dor de cabeça. A adrenalina apaga a exaustão. Esqueci como o rosto dele é estupidamente simétrico.

Eu gemo em resposta. Minha cabeça ainda dói. Minha garganta está seca e meus músculos parecem rígidos. — Eu me sinto uma merda.

— Eu percebi. — Há uma nota seca em sua voz que me faz pensar que devo parecer tão terrível quanto me sinto. Eu não deveria me importar. Eu me importo. Crew Kensington é a última pessoa que eu quero exibir qualquer tipo de fraqueza na frente.

Ele se aproxima de mim hesitante, como se eu fosse um animal raivoso prestes a atacar. Se eu pudesse mover minha cabeça, eu o faria. Eu me levantaria e iria para longe, muito longe. Em algum lugar onde não posso sentir seu cheiro, senti-lo e vê-lo. Fecho os olhos, como se desligar esse sentido fosse ajudar. — Só preciso de um minuto antes de subir. Vá... faça o que for. Tome uma bebida na biblioteca como de costume.

— Como você sabe qual é o meu costume?

Bosta. Merda. Foda-se. Mantenho meus olhos fechados e espero que meu rosto não diga *olhei as imagens de segurança em vez de assistir Netflix enquanto estava em Paris.* — Você é apenas previsível, eu acho.

Crew cantarola. É um som irritante que não dá nenhuma indicação se ele acredita ou não em mim. Considero abrir os olhos e decido que prefiro não saber o que ele está pensando. Uma palma quente pressiona minha testa. Eu estremeço. O contato físico é inesperado. Assim como a maneira gentil como sua mão afasta meu cabelo do meu rosto. Minha pele se arrepia, reagindo ao seu toque mesmo depois que ele desaparece.

— Há quanto tempo você está assim?



— Não sei. Estou de ressaca ou cansada ou com jetlag ou os três. O sofá estava mais perto do que a minha cama. Não saio do escritório antes das cinco... nunca.

A última frase não é necessária. Sinto uma estranha compulsão para justificar o fato de estar esparramada nas almofadas como uma estrela-do-mar enquanto ainda está claro. Para provar que não sento e recebo um contracheque. Mais uma vez, eu não deveria me importar. Mas eu *me importo*. Eu me importo que meu rímel esteja borrado e meu cabelo emaranhado, e minha ética de trabalho pareça questionável.

Crew não responde. Então, de repente, não estou deitada na horizontal no sofá. Não tenho peso — pelo menos é assim que me sinto no começo. Alguns segundos depois, estou balançando. Eu me concentro na pressão sólida de seu peito e braços. Minha cabeça não aprecia o movimento. O resto do meu corpo abraça a sensação de Crew me carregando. Mas eu protesto de qualquer maneira.

— Que diabos está fazendo?

— Quão fora de si você está? Eu pensei que era óbvio.

Não estou mais por fora *de jeito nenhum*. Quem me dera estar. Cada sensação que estou experimentando agora é aquela em que estou totalmente presente. Pior, poderei me lembrar disso mais tarde. A maneira como ele cheira bem e parece ainda melhor. A pressão de uma faixa de metal contra a pele da minha coxa que simboliza que ele me pertence de uma forma que muitas pessoas considerariam permanente.

Eu limpo minha garganta. — Isso é meio gentil da sua parte, mas eu estou *bem*. — Eu coloco tanta convicção na última palavra quanto posso reunir.

— Acho que aquele sofá discordaria.

Crew começa a subir as escadas. Eu paro de discutir. Se ele vai ser teimoso sobre isso, é melhor fingir que isso não é grande coisa. Como se eu deixasse os homens me carregarem no estilo noiva o tempo todo.



Ele vira à direita assim que chegamos ao topo da escada e vai direto para o meu quarto. — Você explorou? — A pergunta sai seca. Há sete quartos de hóspedes, menos aquele que ele reivindicou como seu. Este não foi apenas um palpite de sorte.

— O que é seu é meu, baby.

— Não me chame assim, — murmuro. O calor de seu corpo está penetrando no meu, e isso está me deixando com sono. Muito sonolenta. Não durmo bem há semanas. Antes de partir para Paris, eu estava nervosa com o casamento. Em Paris, trabalhei até tarde e fui acordada cedo pelo mercado embaixo da minha varanda. Sou o tipo de cansada que confunde a realidade. Eu não ficaria chocada se acordasse no sofá em uma hora e descobrisse que isso foi um sonho.

Em vez de me largar na cama, Crew me carrega para o banheiro anexo e me coloca no mármore ao redor da banheira. — O que você está fazendo? — Eu questiono.

Ele não responde. Seja com uma explicação ou me dizendo que estou perguntando o óbvio novamente. É óbvio quando ele abre a torneira e despeja uma variedade de sais e sabonetes dos recipientes de vidro colocados ao longo do parapeito da janela. O vapor começa a subir da água, girando com os aromas perfumados de rosa e eucalipto e formando bolhas constantemente.

Uma vez que a banheira está cheia, Crew fecha a água e me puxa para ficar de pé. Estou com medo de cair no sono no meio do banho. Estou muito mais preocupada que esse gesto doce possa me fazer dizer ou fazer algo muito estúpido.

Os olhos de Crew seguram os meus como reféns enquanto ele chega atrás de mim e puxa o zíper do meu vestido. Sinto as costas se abrirem e deslizarem para baixo. Ele puxa o tecido sobre meus ombros. Com um leve *ruído*, a seda cai no chão, deixando-me de pé, de sutiã e calcinha. Ele não baixa o olhar. O azul me queima, me enraíza no lugar.



Seu toque é clínico e imparcial. Nenhuma das mãos demora enquanto ele desabotoa meu sutiã e abaixa minha calcinha. Em segundos, estou nua diante dele.

— Você precisa que eu pegue alguma coisa? — Ele mantém contato visual, sem olhar para baixo.

— Eu... — Eu limpo minha garganta e balanço minha cabeça. — Estou bem.

A excitação é um estimulante melhor do que a cafeína. Não estou mais preocupada em adormecer e me afogar acidentalmente. Estou de pé na frente dele, totalmente nua, enquanto ele está completamente vestido. Depois que ele me preparou um *banho*. E Crew está agindo como se tudo isso fosse uma ocorrência normal.

— Estarei tomando uma bebida na biblioteca se precisar de mim. — Não há como perder a provocação em seu tom. Espero que seja porque o chamei de previsível e não porque ele suspeite que passei noites em Paris espionando-o.

— Ok. — A palavra voa rápido.

Ele precisa sair daqui. Antes que eu descubra o quão sério ele estava sobre implorar. Antes que eu implore.

Crew desaparece, fechando a porta do banheiro atrás de si. Entro na banheira, deixando a água quente envolver meu corpo centímetro a centímetro até me acostumar com a temperatura. Parece o céu. O vapor limpa minha cabeça e o calor afugenta o longo dia de viagem seguido de trabalho.

Sento-me na banheira até a água começar a esfriar. Uma vez que está morna, eu saio e coloco um roupão de seda, sem me preocupar em secar meu cabelo ou escová-lo. Quando volto para o meu quarto, há um copo de água na mesa ao lado da cama. Junto com um frasco de Tylenol. Eu paro no lugar por alguns segundos, emoções inesperadas ameaçando me dominar.

Depois de tomar dois comprimidos, escorrego entre os lençóis frios e adormeço imediatamente.



CAPÍTULO OITO

Crew

Seus olhos se arregalam quando ela me vê. Quase nada, mas estou observando-a de perto o suficiente para ver a mudança sutil em seu rosto. Além de seus olhos, a expressão de Scarlett permanece otimista. Duas mulheres a seguem. Uma está digitando freneticamente em seu telefone, provavelmente fazendo anotações. A outra está equilibrando uma pilha alta de fichários.

Os passos de Scarlett não vacilam enquanto ela caminha direto para mim. Conforme elas se aproximam, posso ouvir o que ela está dizendo. — Hopkins deve ser reservado para quinta-feira. Diga a ele que quero dois locais, de preferência três. Já tratei das modelos e todas as amostras da Chanel devem chegar na segunda-feira. Diga a Jeanette Richardson que preciso do artigo dela sobre a fundação da vida selvagem na semana que vem ou ela ficará de fora até o próximo ano. Mesmo com a matéria sobre viagens. Vou precisar das versões finais até quarta-feira.

Ela para ao meu lado. — Crew.

— Scarlett.

— Pronto?

— Você não vai me apresentar?

Scarlett me lança um olhar irritado antes de se voltar para as duas mulheres.

— Crew, esta é Leah, minha assistente principal.



Uma mulher pequena com cabelos loiros e óculos escuros me dá um pequeno sorriso.

— E Andrea, minha chefe de conteúdo editorial.

— Prazer em conhecer vocês duas. — Eu sorrio.

Andrea me dá um olhar indiferente, enquanto Leah desvia o olhar. Trabalhar com Scarlett claramente as influenciou.

— Estarei no escritório amanhã, se vocês precisarem me encontrar, — diz Scarlett. Seu tom é rápido. Ambas as mulheres se apegam a cada palavra. — Você trouxe os esboços de Lorenzo? — Ela pergunta a Andrea.

Sem dizer nada, Andrea entrega um dos fichários. Scarlett abre e folheia algumas páginas. — Perfeito. Boa noite.

— Boa noite, — ambas dizem em coro, me ignorando. Seja qual for a impressão que Scarlett deu a elas de mim, não foi elogiosa. E elas são leais a ela, o tipo de lealdade que não pode ser comprada, apenas conquistada. Isso me faz admirá-la ainda mais e, para começar, isso não faltava. Ela comprou esta revista em dificuldades e a transformou em um empreendimento próspero. Estou impressionado. Orgulhoso - apesar do fato de não ter crédito para reivindicar. Minha única contribuição é que Scarlett parece determinada a passar o mínimo de tempo possível em minha companhia. Se ela está realmente gastando a maior parte do tempo que não está na cobertura trabalhando, ela está trabalhando noventa horas por semana.

Eu me movo, endireitando-me do lado da limusine em que estou encostado, e abro a porta. Andrea e Leah desaparecem de volta para dentro do prédio que abriga os escritórios da *Haute*, deixando-nos na rua movimentada.

— Que cavalheiro.

— Você pensaria diferente se confiasse em si mesma para ficar sozinha comigo.



Os olhos de Scarlett brilham quando ela desliza para o assento de couro, arrumando a organza azul para cobrir o pedaço de sua panturrilha que acabei de ver. O vestido que ela está usando é ombro a ombro com um decote coração que mergulha entre as curvas de seus seios. Ficar de pé enquanto ela se senta oferece uma visão infernal.

— Não tem nada a ver com confiança.

Eu murmuro antes de fechar a porta do carro e contornar a parte traseira do carro para subir no outro lado. Assim que minha porta se fecha, a limusine entra no trânsito.

— Teve um bom dia?

Ela já começou a folhear uma das pastas que Andrea deixou para ela. — Sim. Bom.

Teimosamente - estupidamente - eu a pressiono. — O que você fez?

— Mais do que buscar o café do papai.

Scarlett está tentando me irritar. Desde a noite em que voltou de Paris — quando a carreguei escada acima e demonstrei um incrível autocontrole ao não dar uma olhada em sua nudez, — ela tem sido irritadiça e combativa em todas as oportunidades que teve. Tenho a sensação de que se eu chegasse em casa e a encontrasse de salto alto e de pé, não encolhida no sofá, a animosidade poderia diminuir um pouco. Ela definitivamente não é indiferente a mim. Não tenho certeza se isso é uma melhoria.

Levantei-me para tomar um copo d'água às três da manhã, duas noites atrás. Scarlett estava de pé na cozinha em seu traje padrão de vestido e salto alto, fazendo uma xícara de chá. Não a vejo de jeans desde minha despedida de solteiro, muito menos de moletom ou pijama.

Ela já voltou para suas pastas, mas me sinto obrigado a responder. — Eu sou o vice-presidente de...



— Eu não me importo, Crew. Faça o que quiser no trabalho. Faça o que quiser quando não estiver no trabalho. Só não me diga quando posso ou *não posso* trabalhar.

— Eu não disse que você não podia trabalhar. Perguntei sobre o trabalho, Scarlett. — Eu deixei alguma ira vazar em minha voz. Eu ser legal a assustou. Eu posso ser grosso em vez disso. — Mas vamos apenas sentar em um silêncio constrangedor, como temos feito todos os dias desde que você voltou.

— Ótimo. Vamos. — Ela vira uma página tão agressivamente que o canto rasga.

Eu bufo e olho para fora.

A gala desta noite está sendo realizada no terraço da cobertura do Carnegie Hall. Nossa chegada atrai mais atenção do que eu esperava. Este é nosso primeiro passeio oficial como casal - muito menos como um casado. Nem os pais de Scarlett nem os meus comparecerão esta noite, o que nos torna os únicos representantes das duas famílias mais ricas de Nova York. Atenção é algo a que estou acostumado. Mas o escrutínio parece diferente com Scarlett ao meu lado. Luto contra os impulsos contrários de protegê-la e me afastar.

Scarlett toma a decisão por mim. Assim que entramos, ela pega uma taça de champanhe de um garçom que passa e se dirige a um grande grupo de mulheres sorridentes. Elas a aceitam no círculo com facilidade, algumas olhando para mim.

Não deveria me surpreender. É assim que agimos em todos os outros eventos em que ambos participamos no passado. Duvido que Scarlett considere qualquer uma das mulheres com quem ela está conversando agora como amiga, mas você não saberia disso pelo jeito que ela está rindo e acenando com a cabeça para algo que uma delas está dizendo.

Peço um bourbon e começo a circular, começando pelos Rutherfords, que serão os anfitriões esta noite. Donald Rutherford é o presidente do conselho do New York General Hospital. Sua esposa, Jennifer, é uma herdeira envolvida com meia dúzia de instituições de caridade pela cidade. Eu os elogio pela noite e



entrego a Jennifer um cheque para a arrecadação de fundos antes de seguir em frente e ser sugado para uma conversa sobre os próximos eventos nos Hamptons.

Meus verões são passados em Manhattan. Se preciso de uma fuga, viajo para o norte do estado ou para a Europa. Nossa casa nos Hamptons é a única das muitas propriedades de minha família que contém lembranças nítidas de minha mãe. Passo o mínimo de tempo possível lá. Estar lá com Candace e o estado atual do meu relacionamento com meu pai e meu irmão seria como derramar água enquanto escreve. Quero preservar minhas memórias, não arruiná-las.

Quando Daniel Waldorf menciona a festa de 4 de julho dos Ellsworth no próximo fim de semana, percebo que talvez não tenha muita escolha. Scarlett não tocou no assunto comigo, mas não há como os pais dela não esperarem que ela – não esperem que *nós* – compareçamos.

Daniel está descrevendo seu novo veleiro para mim quando Hannah Garner se aproxima de nós. — Prazer em ver você, Crew.

Daniel sorri e foge, deixando-me sozinho com Hannah.

Ela não poupou um olhar para Daniel, avaliando-me com olhos azuis claros. Hannah é provavelmente o mais perto que cheguei de entrar voluntariamente em um relacionamento sério. Sua família é rica e bem relacionada - seu pai fundou uma agência de esportes que representa toda uma série de atletas que se tornarão futuros membros do Hall da Fama. Ele também é dono do Los Angeles Titans. No outono passado, Hannah e eu assistimos a um jogo juntos. Ela me fez uma garganta profunda no intervalo. Nosso envolvimento sempre foi assim, continuando quando era conveniente e inexistente quando não era.

— Olá, Crew. — Seu longo cabelo loiro está encaracolado esta noite. Uma peça mergulha entre o vale de seus seios, chamando minha atenção para seu decote. Ela sorri, rastreando meu olhar.

— Hannah, — eu respondo. — Eu não sabia que você estava na cidade.



— Convenci meu pai a me deixar cuidar de alguns negócios. Há um cara no Mets que ele quer contratar. — Ela faz uma pausa. — Eu teria ligado... mas você se *casou*.

Não há como confundir a mordida na palavra, mas não devo uma explicação a ela. — Você estava no casamento? — Acho que os Garners foram convidados.

Toda a sua expressão aperta. — Não consegui ir.

— Isso é uma pena.

— Você nunca disse uma palavra.

Bebo um pouco de bourbon. — Teria importado, Hannah?

— Scarlett Ellsworth? *Sério*, Crew?

— Kensington, — eu corrijo. A testa de Hannah franze. — O nome dela é Scarlett *Kensington* agora.

Com isso, ela zomba. — Mudar o sobrenome dela não muda o fato de ela ser arrogante e autoritária, com a capacidade emocional de um iceberg. Você poderia ter feito melhor.

A onda de raiva me pega de surpresa. Deixando de lado nossas aventuras sexuais, considero Hannah uma amiga. Andei aqui ao lado de evidências de que Scarlett é fria e fechada. Mas iceberg ou não, ela ainda é minha esposa. Aumento o aperto no copo, permitindo que muita ira se infiltre em minha voz. — Insulte minha esposa novamente, e esta será nossa última conversa, Hannah.

— Vamos, Crew. Ninguém espera que você seja *fiel* a ela. Você se casou com ela pelo dinheiro dela.

Os convidados começam a entrar na sala de banquetes onde o jantar será servido. — Me tente, — digo a ela, em seguida, começo a me afastar.

Sua mão agarra a minha antes que eu dê mais do que alguns passos. — Estou aqui até quarta-feira. Ficarei na minha suíte de sempre no The Carlyle.

Eu tiro a mão dela e continuo andando.



Scarlett já está sentada em nossa mesa designada quando entro no grande salão. Não digo nada enquanto me sento na cadeira ao lado dela. Conversas educadas ecoam ao nosso redor.

Seu dedo traça a borda de uma taça de champanhe, preenchendo parte do silêncio com um zumbido sutil. Ela suspira, então engole o conteúdo com um gole final.

— Com sede?

— Entediada.

— Estou achando a noite muito divertida, — respondo, só para provocá-la.

— Tenho certeza que você está, — ela murmura, desviando o olhar para o palco.

Ela deve ter notado que eu estava conversando com Hannah. Com qualquer outra mulher, eu pensaria que ela estava com ciúmes. Já que é Scarlett, acho que ela está irritada, estou me divertindo.

Jennifer Rutherford - a anfitriã desta noite - aparece no palco. Todos ainda de pé correm para seus lugares enquanto a multidão se acalma. Eu paro quando ela começa a falar, agradecendo a todos por terem vindo esta noite e compartilhando os planos para as reformas que estão arrecadando para esta noite. Não é até que ouço meu nome mencionado que volto à conversa.

— ... e Crew Kensington, cujas generosas contribuições garantiram que já atingíssemos a meta desta noite.

Contribuições? Eu olho para Scarlett enquanto aplausos altos soam ao nosso redor. — Você preencheu um cheque? — Eu pergunto, baixinho o suficiente para que ninguém mais na nossa mesa possa ouvir.

— É uma *arrecadação de fundos*, — ela sussurra de volta no tom *de você é um idiota* com o qual estou me familiarizando bastante. — Claro que doe.

— Você poderia ter me contado. Parece estranho para nós fazer duas doações separadas.



— Eu não estava com vontade de passar cotovelando a loira.

Eu quero zombar disso, mas eu mantenho um sorriso colado no meu rosto em vez disso. Permanece no lugar pelo resto do discurso de Jennifer e durante o jantar. Estou sentado ao lado de Howard Burton, um gerente de fundos de hedge¹⁵ alguns anos mais novo que meu pai. Ele tagarela sobre as tendências do mercado enquanto enfio risoto de limão e pato grelhado na boca.

Assim que o jantar termina, os assentos são reorganizados. Howard e sua esposa gravitam em direção ao leilão fechado montado na sala ao lado. Scarlett está conversando com Katherine Billings, que está sentada do outro lado. Estou prestes a pegar outra bebida quando Asher ocupa o lugar vazio de Howard.

Eu levanto as duas sobrancelhas para ele. — Eu pensei que você não viria esta noite.

Ele relaxa em seu assento. — Eh, mudei de ideia.

— Seu pai?

— Sim. — Asher revira os olhos. Seu pai adora o status de ser convidado para eventos como este, mas raramente tem a intenção de realmente comparecer. É a mesma razão pela qual Asher acabou trabalhando na Kensington Consolidated - seu pai dirigiu uma empresa próspera a falência, graças à negligência absoluta. E ele sempre espera que Asher dê um passo à frente e o salve.

— Deixe que ele cuide de suas próprias confusões, cara.

— Sim. Talvez, — responde Asher. Nós dois sabemos que ele não vai. — Hannah está aqui.

Eu endureço na tentativa de mudar de assunto e avaliar minha reação. — Sim, eu sei.

— Ela está puta?

¹⁵ Empresa de gestão de ativos e de criação de estratégia de investimentos com o dinheiro dos seus cotistas.

Eu dou de ombros. — Ela não está entusiasmada. — Eu olho para Scarlett para confirmar que ela ainda está falando com Katherine. Ela não está. Katherine se foi e Scarlett está rolando em seu telefone. Sua expressão está vazia, não me dando nenhuma indicação se ela está ouvindo ou absorvendo nossa conversa.

Asher faz um zumbido irritante em resposta.

Scarlett se levanta. — Com licença.

Eu a observo ir embora, então olho para Asher. — Muito obrigado por isso.

Ele parece confuso. — Desde quando você se importa com o que uma mulher pensa?

— Desde que me casei com uma, — respondo. — Estou preso com ela por mais de uma noite.

— Você disse que mal a vê. Que vocês estão levando vidas separadas.

— Ambas verdadeiras.

— Então? Pare de se esforçar. Convidei-a para o ginásio de escalada e ela saiu depois de quinze minutos. Não parece que ela vai se importar com Hannah ou não.

— Ela não vai. — Isso é tudo que eu digo. Eu não explico que eu inexplicavelmente *quero* que ela se importe. Esse ciúme - uma emoção que sempre detestei nas mulheres - me emocionaria vindo de Scarlett.

— Então qual é o problema?

— Apenas... não mencione outras mulheres perto dela, ok?

Ele me estuda por um minuto antes de concordar. — Certo.

Sinto que seus olhos permanecem em mim enquanto faço questão de olhar ao redor. Um quarteto de músicos se instalou no canto e começou a tocar, proporcionando uma trilha sonora suave para a noite. Alguns casais gravitam em direção à pista de dança e começam a girar.

— Como está o sexo?



Não digo nada.

Asher zomba. — Vamos, Kensington. Você não é do tipo tímido.

— É diferente, e você sabe disso.

— Diferente porque você não sabe? — ele provoca.

Eu esfrego meu dedo contra a borda do meu copo.

Asher ri. — Puta merda. Você não fez.

— Não aconteceu, — murmuro.

— Como diabos fazer sexo com sua esposa não aconteceu?

Eu levanto-me. — Estou indo pegar uma bebida.

Mas, em vez de ir para o bar, de alguma forma acabo me aproximando de Scarlett. Eu interrompo o grupo com quem ela está conversando com um sorriso educado.

— Gostaria de dançar, *boneca*?

— Claro, *doçura*.

Assim que estamos fora do alcance da voz, ela murmura: — Boneca? Esse é o seu pior até agora.

— Engraçado. Acho que *doçura* pode ser meu novo favorito.

Scarlett desvia o olhar, mas não antes de eu pegar o fantasma de um sorriso. Ela nunca tenta esconder nenhuma emoção negativa, eu notei. Quando ela está com raiva ou chateada, tudo fica à mostra. São os poucos momentos agradáveis que compartilhamos que ela mascara suas reações.

Assim que chegamos à pista de dança, testo a teoria. Há cerca de uma dúzia de outros casais dançando, a maioria deles de meia-idade ou mais velhos. Todos valsando com uma distância respeitável entre eles.

Eu giro Scarlett para que nossos peitos se toquem. Sua expressão não muda quando começamos a dançar, nem quando aperto minha mão e sua cintura com mais força. Meu polegar deixa a palma da mão e desce até seu pulso. A única joia



que ela está usando esta noite é um par de brincos de diamante e os anéis que eu dei a ela, deixando a pele lisa abaixo de sua palma nua. Eu coloco meu polegar em cima de seu ponto de pulso, sentindo-o bater em um ritmo rápido.

Eu sorrio, sentindo seu coração disparar. Ela pode não *querer* me querer, mas ela quer. Conheço bem a sensação.

Ela não se afasta, mas também não encontra meu olhar. Este é o mais próximo que estivemos desde que a carreguei para cima depois de encontrá-la no sofá. Scarlett não é a única agindo sem ser afetada. Eu quero arrastar seus lábios nos meus. Eu quero que ela fique nua e possa olhar. Quero falar com ela sem precisar extrair nenhuma sílaba que não seja cortante.

Em vez disso, apenas a giro pela pista de dança. O silêncio costuma ser neutro. Entre nós, ela brilha. Tem forma e substância. O silêncio é pesado por todas as coisas que não estamos dizendo e todas as emoções que não estamos expressando.

A música termina e faz a transição para uma nova. Depois de alguns minutos, ela engole e olha diretamente para mim. — Eu começo o dia cedo amanhã.

Depois de nossa conversa no carro mais cedo, sei que sugerir que ela tire folga no sábado é uma má ideia. — Eu também. — *Eu não.*

— Eu quero pegar o carro para voltar, Crew.

— Certo. — Eu paro de dançar. — Vamos.

Surpresa pisca em seu rosto. — Você está voltando para casa hoje à noite?

— Eu te disse o contrário?

Rosa aquece suas bochechas. — Eu presumi que você fez planos.

— Você sabe o que dizem sobre as pessoas que fazem suposições.

— Não, eu não sei, — ela desafia. — O que elas dizem?

— Você quer que eu te chame de idiota?



— Já fui chamada de coisa pior, — ela responde, então começa a caminhar em direção à saída.

Eu a alcanço no armário de casacos. — Estou ficando cansado disso, Scarlett. Toda conversa que temos precisa se tornar combativa? Você quer partir? Vamos embora. Não estou lutando contra você.

— Você está fazendo uma cena.

Eu agarro seu braço para mantê-la no lugar. — Você está brava por eu estar voltando para casa? Eu não pensei que você se importaria de qualquer maneira.

— Eu *não me importo*.

— Então por que você está sendo tão difícil? — Eu assobio.

— Difícil? — Ela ecoa. — Não sou eu que...

— Vocês dois estão na fila para o manobrista? — *Foda-se*. Eu conheço essa voz. Eu me viro para ver Hannah apontando um doce sorriso para mim. Não há autenticidade na expressão. — Oh. Crew. — Ela solta uma risada pequena e falsa. — Eu não sabia que era você.

Eu levanto uma sobrancelha, silenciosamente chamando-a atenção nessa besteira. — Não estamos na fila para o manobrista. Nosso motorista está a caminho.

— Oh. Tudo bem então.

Ainda assim, ela não se move. Eu pressiono meus lábios, irritado. — Hannah, esta é minha esposa, Scarlett. Scarlett, esta é Hannah Garner. — Esta é a primeira vez que apresento Scarlett como minha esposa. É bizarro dizer, e igualmente estranho perceber que gosto do jeito que soa.

— Nós já nos conhecemos antes, — diz Hannah. — Adorável ver você de novo, Scarlett.

Scarlett a encara. — Onde?

— Com licença?

— Você disse que já nos encontramos antes. Onde?

Hannah parece frustrada, mas se recupera rapidamente. — Oh. Hum, deve ter sido em algum evento aqui? Crew adora visitar LA, mas não parece ser o seu tipo de lugar.

— Nova York também não é para todo mundo, — responde Scarlett.

— Prefiro visitar no verão. Eu odeio o frio.

— Eu posso ver o porquê. — Os olhos de Scarlett voam sobre a bainha curta e o decote baixo do vestido de Hannah.

Hannah endurece. — Para uma cidade tão movimentada, também pode parecer solitária. — Ela olha para mim, deliberadamente.

Estou dividido entre fazer algo e não dizer nada. É óbvio o que Hannah está fazendo e por quê. Ela está com ciúmes e magoada por eu ter casado com outra pessoa, apesar do fato de que já faz meses que estávamos no mesmo estado e nunca fomos um casal. O que *não* entendo é o que Scarlett está fazendo - por que ela está se envolvendo em vez de ignorar. A cada passo, ela deixou claro que vê nosso casamento como nada mais do que uma relação comercial. Eu diria que ela trata seus parceiros de negócios com mais carinho do que ela me mostrou. E ainda sim - ela está brigando com Hannah em vez de ir embora. Não é um ato possessivo, mas também não demonstra total indiferença.

— Se você está tão desesperada por alguma companhia, talvez devesse voltar para dentro e encontrar alguma, — sugere Scarlett. — Já que *estamos* saindo.

Eu sufoco um sorriso, não perdendo o jeito que ela enfatiza o *estamos*.

Hannah também não perde. Ela avalia Scarlett, sem se preocupar em esconder sua antipatia. — Eu não sabia que você era capaz de se importar com outra coisa que não fosse negócios, Scarlett.

— Eu não sabia que você sabia alguma coisa sobre mim, — Scarlett dispara de volta. — Especialmente porque você parece muito mais interessada em meu marido.



Hanna sorri. Pequeno, mas chamativo e falso. Ela olha para mim. — Espero vê-lo por aí, Crew. — Seu sorriso se torna genuíno pela primeira vez antes de ela passar por nós e voltar para dentro.

Eu continuo estudando Scarlett.

— O quê? — Ela estala. Acho que o tom dela foi mais caloroso com Hannah.

Eu sorrio. — Nada.

Scarlett balança a cabeça antes de ir em direção ao nosso carro. Roman estacionou em algum momento durante o encontro com Hannah. Ele sai para abrir a porta, mas eu aceno para ele e abro a porta para Scarlett. Ela resmunga um *agradecimento* antes de subir no banco de trás. Eu deslizo pelo lado oposto, então bato na divisória de privacidade para deixar Roman saber que estamos prontos para partir.

Ainda nem chegamos ao final do quarteirão quando ela fala. — Você tem um péssimo gosto para mulheres.

Eu olho. — O que isso diz sobre você?

Ela me ignora. — Eu não a quero na minha cobertura.

Eu mordo de volta o *nossa* com o qual quero corrigi-la. Em vez disso, eu digo a ela a verdade. — Não será um problema.

— Tenho almoços de trabalho no The Carlyle.

Levo um minuto para perceber o que ela está dizendo. Outro para se perguntar como diabos Scarlett sabe que é onde Hannah fica quando está na cidade. — Isso não foi o que eu quis dizer. Ela e eu terminamos.

— Ela sabe disso?

— Sim, — eu respondo. Então, por alguma razão estúpida, isso parece muito com a lealdade que ela não parece querer, elaboro. — Eu disse a ela que se ela insultasse você, eu não falaria com ela novamente.

Scarlett zomba. — Não me faça nenhum favor.



Eu expiro alto. — Agora você está chateada por eu *não estar* transando com ela?

— Não! Eu acabei de...

— *Você está* dormindo com outras pessoas? — Eu finalmente faço a pergunta que está me incomodando há semanas.

— Não tenho certeza, — ela responde.

Eu aperto os dentes. — Não tem certeza *do quê?*

— Não tenho certeza se você chamaria isso de dormir.

Porra. Ela está. — Quem é ele?

— Você não o conhece.

Sim, certo. — Conheço muita gente.

— O nome dele é Kyle. Ele é um cirurgião.

Esse é o tipo dela? Um nerd da ciência com complexo de superioridade? Isso me incomoda mais do que eu esperava. Mais do que deveria. Se ele não faz parte do nosso mundo, talvez ela realmente tenha sentimentos reais pelo cara. — Ele soa como um idiota.

— Ciúmes? — Ela provoca.

— Isso exigiria que eu me importasse com o que você faz.

— Exatamente.

Eu forço uma risada. Soa vazia aos meus ouvidos, mas duvido que ela perceba a diferença. — Isso não é algo com que você precise se preocupar.

— Ótimo.

— Ótimo, — eu ecoo.

Tornou-se previsível: o ciclo de nossas conversas. As brincadeiras, as provocações e o silêncio. A maneira como um de nós é um pouco mais aberto que



o outro. Nunca estamos em sincronia - nunca estamos dispostos a dar sem querer receber.

Pego meu telefone e começo a verificar os e-mails que podem esperar até segunda-feira. Pelo menos meu pai ficará feliz com minha iniciativa. Ele e Oliver ficaram presos em Miami devido a uma tempestade tropical. Eles viajaram para o sul para jogar golfe e se encontrar com um desenvolvedor comercial sobre escritórios para uma nova aquisição. Na ausência prolongada deles, tudo passa por mim. Cheguei em casa às três da manhã ontem à noite, ou esta manhã, tecnicamente.

— Finalizei a marca da minha nova linha de roupas hoje. — O som da voz de Scarlett é tão inesperado que me assusta. Achei que ela estava trabalhando no lado dela do carro. — Chama-se *Rouge*. É para isso que servem esses desenhos. Estou escolhendo uma equipe de design. Também aprovei as provas para a matéria de agosto da *Haute* e escolhi os artigos para a de setembro. Isso foi depois que entrevistei cinco secretárias, porque Leah já está ocupada cuidando da minha agenda na *Haute* e preciso de mais ajuda.

Perguntas se formam. Não sei nada sobre o que ela faz no dia a dia. Por isso perguntei antes. Mas isso foi antes de eu saber o quanto ela vê esse casamento como uma farsa. Antes que eu soubesse, ela fodeu com outro cara com meu anel no dedo.

Raiva e ciúme acumulam-se em meu estômago como alcatrão — escuro e tóxico. — Eu não dou a mínima para o que você faz, Scarlett. *Lembra?* — Eu pronuncio as palavras lentamente como se tivesse algo melhor para fazer do que me preocupar em dizê-las, então continuo percorrendo as centenas de e-mails que se acumularam.

Ela se encolhe. Eu pego o recuo sutil com o canto do meu olho antes que ela se afaste de mim para olhar para as luzes da cidade. Emoções problemáticas endurecem, afundando em mim como uma âncora.

Por que eu me importo?



Por que ela não?

O resto do passeio é silencioso.



CAPÍTULO NOVE

Scarlett

É difícil dizer o que é mais opressivo: o calor de julho ou as cinco mulheres me encarando com a intensidade de um pelotão de fuzilamento. — Você e Crew estão tentando ter filhos?

Engulo as respostas sarcásticas que vêm à mente em resposta à pergunta de Eileen Waldorf.

Eu ainda sou virgem.

Meu marido está muito ocupado com suas amantes.

Talvez em uma ou duas décadas.

Qualquer um desses comentários se espalharia pelo pátio da casa dos meus pais nos Hamptons como um incêndio. Posso ter conquistado relevância e respeito em partes do mundo dos negócios, mas isso aconteceu em detrimento de minha posição entre a maioria das mulheres da sociedade de Nova York. Minhas tentativas de quebrar o molde de casamento e filhos não me fizeram nenhuma amiga.

Eileen é apenas um ano mais velha que eu. Antes de se casar com Daniel Waldorf no verão passado, ela trabalhava em uma agência de relações públicas. Ela teve seu primeiro filho há alguns meses. Não é incomum que as mulheres trabalhem - até se casarem. Eu deveria estar me juntando aos conselhos de instituições de caridade e escolhendo as cores dos berçários agora que sou a Sra. Kensington.



Em vez de responder à pergunta de Eileen com uma réplica afiada, eu rio e jogo meu cabelo. Só porque odeio o jogo não significa que não possa jogá-lo. — Não, ainda não. Estamos curtindo esse tempo juntos, só nós dois.

Visto que nos casamos há um mês. Guardo essa última parte para mim. Eu sei o que é esperado – e o que é considerado uma conversa apropriada – neste tipo de evento. É por isso que evito o máximo que posso. Mas não havia como evitar a festa de Quatro de Julho. Eu participei todos os anos desde que me lembro.

Eileen acena com a cabeça e sorri, aceitando minha resposta idiota sem pestanejar. Tenho a sensação de que vou repetir muito. *Curtindo* é um exagero, mas não é mentira que eu gostaria de esperar para ter filhos. Não é que eu não os queira - eu quero. Mas as crianças vão apagar a distância entre mim e Crew. As coisas entre nós são desconfortáveis e estranhas e não sei como mudar isso. Deveria ser o que eu quero. É exatamente o que eu *queria*.

Eu não percebi que ele estava fazendo um esforço até que ele parou.

— Com licença, senhoras. — Sua voz me faz endurecer. Isso me dá arrepios, apesar do fato de que as temperaturas hoje estão pairando na casa dos vinte e seis. — Vocês se importariam muito se eu roubasse minha esposa corada por um momento? — Crew passa o braço em volta da minha cintura, fazendo o papel de marido amoroso de forma tão convincente que até *eu* acredito nisso por um segundo. Tenho certeza que ele pode sentir o quão tensa estou.

As senhoras que anteriormente estavam me interrogando murmuram variações de *quão doce e feliz recém-casados*. Algumas delas têm quase a idade da minha mãe. E, no entanto, todas estão olhando para Crew com o mesmo olhar apreciativo que ele parece persuadir a cada mulher que o vê. Eu adiciono sua atratividade irritante à longa lista de coisas que me incomodam atualmente.

Assim que estamos fora de vista das mulheres intrometidas, seu braço cai. Não agradeço a ele por me afastar - não diga *nada* a ele. É estranho e



desconfortável tê-lo aqui. Ter que agir como um casal feliz quando estamos muito longe de ser um.

Mal trocamos vinte palavras desde a volta de carro da festa de Rutherford. Estou chateada com ele, comigo mesma. Ele está agindo como o idiota frio e indiferente com quem eu esperava me casar.

E isso me incomoda.

Sinto falta dos vislumbres que tive do cara que acho que muitas pessoas não veem. Eu odeio como ele está agindo como se eu tivesse prometido fidelidade - como eu e outros homens é mais do que apenas um golpe em seu orgulho masculino. Quero dizer a ele que é um padrão duplo ridículo, que ninguém aqui ficaria surpreso ao saber que ele me traiu, mas ficaria escandalizado se eu repetisse o que disse a ele na limusine.

Sobre o que *menti* a ele na limusine.

E essa é a principal razão pela qual não fiz nenhuma tentativa de reparar o dano causado pela volta para casa: a expressão indiferente que Crew usava. Achei que minhas mentiras pelo menos afetariam seu ego. Eu menti e não quero mentir de novo. Eu estava magoada e com raiva, então inventei minha própria “Hannah”. Eu esperava distância. Só não desse tipo pesado e opressivo, onde parece que nós dois podemos nos importar que mal estamos falando.

— Você precisava de algo? — Eu tomo um gole da minha taça, tentando ignorar o ponto nas minhas costas que ainda formigava onde ele me tocou apenas um minuto atrás.

Ele estuda meus movimentos. — Você está bebendo?

Eu levanto ambas as sobrancelhas, então deliberadamente olho para a taça que estou segurando. — Você espera que eu aguentasse isso sóbria?

— De jeito nenhum. Quanto mais bêbada você fica, menos pessoas vão me perguntar se você está grávida. Nós dois sabemos quais são as chances *disso* acontecer. Com um filho meu, pelo menos.



Eu fervero quando Andrew Spencer vira a esquina e se aproxima de onde estamos, apagando qualquer oportunidade de retrucar. — Isso é tudo, querido?

— Por enquanto, querida. — Crew também localizou Andrew. Seu tom tornou-se cordial. — Tenho certeza de que vou encontrar outra desculpa para roubar você mais tarde.

— Mal posso esperar, — eu zombo.

— Crew! Eu pensei que fosse você! — Andrew para bem na nossa frente, bloqueando minha rota de fuga imediata. — Como você tem estado?

— Tudo bem, — Crew responde suavemente. — Você? Como está Olivia?

— Bem, bem. — A voz e a expressão de Andrew são joviais quando ele olha para mim. — Scarlett. Maravilhoso ver você.

Eu sorrio, mas ele já voltou para a Crew. Termino meu champanhe enquanto eles conversam.

— Não te vejo desde o casamento, — Andrew diz, franzindo a testa. — Como está tudo na empresa?

— O de sempre.

— Deve estar mais agitado do que o normal. Você não sai há um mês. Todo mundo tem perguntado sobre você.

Os olhos de Crew movem-se para mim e para longe, tão rápido que quase perco. Encontro um novo interesse na conversa.

— Sim. Eu estive ocupado.

Eu não sabia que Crew e Andrew eram tão amigáveis. Honestamente, nunca prestei muita atenção a ninguém com quem ele se socializa nos eventos em que participamos ao longo dos anos. Falo com todos por obrigação, mesmo com os mais próximos da minha idade. As garotas com quem frequentei o internato sempre fofocam e os caras fazem um ou dois comentários sugestivos entre se gabar de seus investimentos.



— *Ocupado*. Certo. — O olhar de Andrew está de volta em mim. Ele está sorrindo, sem deixar dúvidas sobre como ele recebeu a resposta de Crew.

— Eu deveria saber que ver Crew é o motivo pelo qual você quis vir. — Olivia Spencer caminha até onde nós três estamos.

Eu tinha toda a intenção de dar uma desculpa precipitada e deixar Crew e Andrew falarem sobre o que quisessem. Mas algo, possivelmente a maneira como Olivia está olhando para Crew, me mantém no lugar.

Pelo menos Olivia está sendo sutil em sua avaliação, ao contrário de Hannah Garner. Mas ainda posso ver o interesse na forma como seus olhos se arregalam e seus lábios se curvam timidamente. Antes de nos casarmos, fiz um esforço deliberado para não dar atenção a fofocas sobre Crew quando outras mulheres estavam envolvidas. Estou começando a reconhecer que pode ter sido um erro. Essas mulheres pensam que sabem tudo sobre mim, enquanto eu não tenho ideia da história que elas compartilham com Crew.

— Você tem reclamado que Crew não tem saído, — acrescenta Olivia, quando nenhum de nós diz nada. Eu não perco o olhar que ela me dá enquanto fala. É óbvio que ela me culpa pelo fato de Crew não ter frequentado as boates de Nova York, e fico tentada a dizer a ela que na verdade fiz tudo o que pude para garantir que ele passasse o mínimo de tempo possível perto de mim.

A parte mesquinha de mim que se apegava à noção de que Crew Kensington é um meio para um fim, não alguém que vai significar alguma coisa, é tentada a ir embora. Em vez disso, decido abandonar o ato. Especialmente porque Crew *vai* pensar que é uma atuação.

Eu me aproximo de Crew. Ele está vestindo uma camisa de botão branca com as mangas arregaçadas. Seu braço nu está pressionado contra o meu agora, enviando pequenas ondas de choque pela superfície da minha pele. A sensação eletrizante é quase suficiente para me fazer esquecer o propósito disso.

Pego o copo da mão de Crew e tomo um gole, quase drenando os restos do álcool defumado. Bourbon. Meus lábios pintados deixam um resíduo vermelho



para trás e coloco de volta na mão dele. Não é o mais sutil dos gestos, nem a escolha de usar minha mão esquerda. Diamantes brilham ao sol.

— Estou surpresa que você ainda esteja frequentando as boates, Olivia. Você não acha que devemos deixar isso para os adolescentes?

Sinto os olhos de Crew em mim.

— Ah, eu acho. Além da ocasional noite das garotas. Tenho certeza que você pode apreciar isso, Scarlett. Você é tão... independente. — A voz de Olivia contém tanto açúcar quanto a minha enquanto ela se afasta meio passo de Crew.

— Sim eu sou.

— Bom, é ótimo ver você. Este se tornou o único evento em que sei que verei você.

— O trabalho tem sido intenso.

Os lábios de Olivia franzem com a menção de *Haute*. — Você fez milagres com aquela pequena revista. Eu mal tinha ouvido falar dela e, de repente, vejo pessoas mencionando ela em todos os lugares.

— Prefiro pensar nisso como investimento inteligente e marketing eficaz do que milagre, — respondo. — E seu pai não deu um lance na minha “pequena” revista?

Eu sei que ele deu. Eu superei Joseph Adams em dez milhões e já recuperei dez vezes.

— Eu acredito que ele considerou isso, — Olivia responde. — Ele decidiu que a impressão é um mercado em extinção.

— Pena. Nossas declarações de ganhos contam uma história diferente, — eu respondo, saboreando a maneira como seus lábios se contraem.

— Exatamente o que você precisa. Mais dinheiro, — retruca Olivia, um pouco de sua doçura se dissolvendo.

— Exatamente o que penso, — eu respondo.

Um silêncio constrangedor cai. — Vou deixar vocês dois se atualizarem, — acrescento. Mas antes de ir embora, viro a cabeça e sussurro no ouvido de Crew. — Eu não estou ficando bêbada esta noite. Afinal, estamos dividindo a cama.

Eu não espero por sua reação à implicação. Eu sorrio para os Spencers e então sigo em direção à piscina.



Quando chegamos à areia, eu tiro meus saltos. A sensação dos grãos ásperos entre os dedos dos pés alivia as ansiedades que carreguei a noite toda. Rachel e Penelope, duas mulheres com quem estudei no internato, estão rindo e tropeçando quando nos aproximamos da fogueira acesa na praia. Uma garrafa de Dom Perignon balança entre os dedos de Rachel enquanto ela fala a um milhão de quilômetros por hora, ocasionalmente quase caindo de cara no chão.

A fogueira é uma tradição anual do Quatro de Julho da qual nunca participei, algo que Penelope mencionou três vezes nos dez minutos que leva para caminhar pelo calçadão da casa dos meus pais até aqui no escuro. É exatamente o que eu imaginei que fosse. Conversa fiada forçada com meus colegas sociais é uma coisa. A devassidão bêbada é outra. Já vi muitos sorrisos falsos seguidos de elogios indiretos.

Como uma Ellsworth, sempre tive um padrão mais elevado. Eu sei isso. Assim como todos os outros. Pessoas em pedestais parecem perfeitas. Até que elas caiam.

Eu não sou mais uma Ellsworth, no entanto. Eu sou uma Kensington. Intocável. Crew não é apenas rico e conectado, pessoas *gostam* dele.



Chegamos ao grupo frouxamente reunido em torno das chamas bruxuleantes. Eu olho para rostos familiares, fazendo um inventário rápido de todos aqui - basicamente todos que estavam na festa dos meus pais com menos de trinta anos. Eu pego o olhar de Crew através do fogo. Ele está parado com um grupo de caras, parecendo mais relaxado do que eu já vi. Não há gravata ou terno à vista. Apenas um calção de banho azul-marinho e uma camisa de botão branca que está quase toda desabotoada. Seu cabelo está bagunçado. Pelo vento... ou por outra coisa. Ele faria isso? Na festa dos meus pais comigo presente? Não sei. Não o vejo desde nossa interação com os Spencers. Se ele quisesse, ele poderia facilmente ter escapado por um tempo.

Rachel abre o champanhe com um guincho, chamando minha atenção de volta para ela e Penelope. Borrifos de espuma branca atingem a areia enquanto ela direciona o fluxo de líquido dourado para as taças de cristal que Penelope carrega. Aceito o oferecido com um agradecimento. Bolhas fazem cócegas na minha garganta enquanto bebo metade de um só gole.

Aqui embaixo, no escuro, me sinto diferente. Eu não me sinto em exibição. A compulsão de parecer perfeita e saber exatamente o que dizer se foi. Um calor familiar escorre por minhas veias enquanto esvazio minha taça, aliviando e relaxando meus movimentos.

Estou confortável o suficiente para falar sobre o comentário de Rachel e Penelope. Logo, elas estão apostando em quem tem maior probabilidade de nadar pelado. Eu rio enquanto eles contam episódios dos anos anteriores enquanto decidem quem provavelmente repetirá.

— E Crew? — Eu pergunto, quando ele é o único cara que elas não mencionaram.

Rachel e Penelope trocam um olhar. — Crew nunca vem para os Hamptons no verão, — Rachel me diz.

— Oh.



— As pessoas apostaram hoje, sabe. — Ela ri da minha expressão de surpresa.
— Não se preocupe, apostei que ele estaria aqui. Só os idiotas não o fizeram. Elas são as mesmas pessoas que te chamam de vadia arrogante - elas deveriam saber melhor.

Penelope sibila, — Rachel!

Eu não reajo. Eu sei que é assim que as pessoas me veem. É diferente ouvir isso falado em termos tão contundentes.

Rachel dá de ombros. — O quê? É difícil não odiar alguém que consegue tudo o que quer.

Minhas paredes sobem. — Vou procurar um banheiro.

A casa mais próxima é a dos Kingsley – tecnicamente estamos na praia particular deles, – mas na verdade não tenho nenhuma intenção de ir ao banheiro. Vou ficar o tempo suficiente para deixar claro que ninguém me expulsou e depois voltar para a casa dos meus pais.

Meu plano o tempo todo era ir para a cama cedo esta noite. Pela primeira vez, vou dividir a cama com meu marido. Idealmente, estarei dormindo profundamente quando ele for para a cama.

Eu paro perto do fogo. Agora que o sol se foi, o calor das chamas contraria a brisa fresca do mar.

— Ficou com frio, hein?

Eu não me viro imediatamente. Um segundo parece necessário. Quando olho para trás, ele está mais perto do que eu esperava. — Tem certeza que nunca quis ser meteorologista? Você parece ter um estranho fascínio pelo clima.

— Tenho certeza.

— Ninguém mais acha estranho o seu fascínio?

Crew meio que ri, mas rapidamente se transforma em um suspiro. — Não sei mais o que dizer para você, Scarlett.



Desvio o olhar, como sempre faço quando gravitamos em direção a algo significativo. — Você não precisa me checar. Vai se divertir.

Ele está tão perto que posso sentir seu suspiro. Seu peito se expande e sua respiração passa pelo meu cabelo enquanto ele exala. Aguardo sua retirada — que seu corpo se afaste. Em vez disso, ele coloca as mãos na minha cintura e me gira. Tão rápido que não tenho tempo para reagir ou protestar.

Estamos ainda mais perto agora. Meros centímetros separam nossos rostos enquanto suas mãos afrouxam seu aperto em meus quadris. — Eu não faço coisas que não quero fazer, Scarlett. Se eu não quiser checar você, não vou. Se eu não quiser ficar com você, não vou.

— Ok. — Eu digo a palavra suavemente. Muito alto, e pode quebrar este momento do jeito que as palavras fizeram antes.

— Ok. — Seu eco é igualmente silencioso.

O primeiro fogo de artifício me assusta. Ela explode em uma espetacular exibição de som e cor, iluminando a costa e o mar e todos os arredores antes escondidos pela noite. A madeira queimada e o luar eram fracos em comparação. Os acordes distantes da música da casa e o bater ritmado das ondas na areia parecem abafados.

Outra explosão ilumina o céu, enviando arcos rosa voando que chamam e voltam para baixo. Seguido por outro e outro e outro. Risos e gritos são ouvidos por perto, mas não presto atenção. Estou consumida pela visão da exibição deslumbrante que continua substituindo a fumaça persistente. Eu me viro para encarar os fogos de artifício, mas não me afasto de seu aperto. Eu me inclino contra ele, literalmente, descansando minhas costas contra sua frente. Os braços de Crew permanecem soltos em volta da minha cintura. Quente, seguro e forte.

Este momento parece mágico, e sei que não são os fogos de artifício que estou assistindo ou o champanhe fluindo em minha corrente sanguínea.

Eu me *resignei* a casar com Crew. Ele era a melhor das opções decentes.



Não era para ser assim. Nosso relacionamento deveria ser baseado em entendimentos mútuos e documentos legais herméticos. Não em confiança e luxúria e todas as outras coisas apertando meu peito agora. Sentimentos emocionantes e aterrorizantes. Eu não posso deixá-lo, nunca poderei ir embora. Quando ele se cansar de ser o marido amoroso e da vida doméstica, serei eu quem ficará esperando em casa.

Isso só vai doer se eu deixar.

Digo a mim mesma que não vou, mesmo quando relaxo meu corpo contra o dele e ignoro os olhares invejosos direcionados para mim. Crew pode ter se casado comigo pelo meu dinheiro e meu nome, mas ele *escolheu* se casar comigo. Ele não faz coisas que não quer, como acabou de dizer.

— Quem você acha que inventou isso?

Eu inclino minha cabeça para trás para que eu possa ver seu perfil. — Inventou o quê?

— Os fogos de artifício para o Quatro. Que guerra sangrenta diz *vamos acender o céu*?

— Eles são comemorativos, — eu respondo. — Minha mãe queria fogos de artifício para nossa recepção.

— Sério? — Sua mão desliza ao redor da curva do meu quadril. É um movimento inocente, uma mudança de posição. No entanto, deixa minha pele em chamas. Faz meses desde que fiz sexo. Eu culpo isso pela consciência se acumulando no meu estômago.

Vamos dividir um quarto esta noite. Uma cama. Até agora, eu não achava que havia uma chance de que algo pudesse acontecer. Meu comentário anterior foi uma provocação, um lembrete do que não fizemos antes. Agora, estou consumida pela possibilidade de que algo *possa* acontecer. Que eu possa querer.

— Sério, — eu confirmo.

— Por que não tivemos fogos de artifício em nossa recepção então?



— Eu disse a ela que não.

— Você não estava comemorando. — Não é uma pergunta, mas uma afirmação.

— Eles são ruins para o meio ambiente.

Ele ri contra o meu cabelo, e eu sinto as vibrações em todos os lugares. — Assim como voar em um avião particular.

— Ninguém é perfeito.

Ele ainda está rindo. Há uma estranha sensação pegajosa em meu peito, como se algo estivesse derretendo dentro de mim.

Explosões rápidas de cor apimentam os céus, sinalizando o início do final. Nós dois ficamos em silêncio até o final, parados enquanto os flashes finais desaparecem.

Quando a exibição termina, a magia desaparece com ela. Eu me sinto estranha, parada aqui com ele me segurando, não confortável do jeito que eu estava momentos atrás. Eu limpo minha garganta. — Eu deveria voltar para cima.

Crew não se move ou reage por alguns segundos. Quando suas mãos caem, sinto desapontamento, não alívio. — Vou acompanhá-la de volta.

Ele está esperando um *você não precisa fazer isso*. Eu mordo de volta e me viro, então estou de frente para ele. — Ok.

Não há triunfo em seu rosto, apenas entusiasmo. — Deixe-me pegar meus sapatos no mirante.

— Você se trocou, — eu afirmo. Como uma idiota que deixa escapar o óbvio.

— Sim. Alguns dos caras queriam nadar mais cedo.

— Só os caras? — O esclarecimento sai antes que eu possa pará-lo.

— Só os caras, — ele confirma.

Eu consigo um pequeno aceno brusco. *Desta vez*, há alívio.

— Volto logo.



Eu o observo girar e ir embora, admirando como seus ombros se movem enquanto ele caminha. A maneira como seu calção de banho abraça suas coxas e bumbum.

É só uma noite. As pessoas têm casos de uma noite o tempo todo. Eu tive casos de uma noite. Não precisa significar nada. Tenho outra viagem a Paris na próxima semana. Isso forçará alguma distância entre nós. Eu posso fazer isso. Eu *não posso* me importar.

A comoção me distrai da conversa interna. Aperto os olhos na direção do gazebo dos Kingsleys, tentando distinguir as duas figuras paradas perto dele. Uma delas dá um soco e a forma na extremidade receptora cai como uma pedra caindo de pára-quedas.

Eu reajo sem pensar, correndo naquela direção junto com todos os outros nas proximidades. A classe alta prefere golpear pelas costas a brigar. Se você tem um problema com alguém, diga na cara dessa pessoa em um tom doce. Você não reorganiza isso.

E a última coisa que espero quando chego ao amontoado que se formou em torno da luta é que Crew esteja de pé, com os nós dos dedos vermelhos e uma expressão assassina. Eu corro para frente, meu caminho livre assim que todos percebem quem eu sou. As pessoas estão lutando para sair do meu caminho.

— Que porra você está fazendo? — Eu grito assim que o alcanço, olhando entre o rosto furioso de Crew e Camden Crane, que está sentado na areia exibindo um lábio partido.

O sangue escorre da boca de Camden quando ele começa a rir. — Eu teria dito isso na sua cara, Kensington. Ela deve ter um...

Crew avança e o atinge novamente. Camden terá um olho roxo amanhã para combinar com sua boca inchada. Eu tomo a decisão estúpida de não ir embora e ignorar o que quer que esteja acontecendo. Qualquer outra pessoa, eu faria. Em vez disso, empurro o peito de Crew, sentindo a adrenalina e a animosidade irradiando dele. Ele está respirando pesadamente.



— *Crew*. O que está acontecendo? O que você está fazendo?

Ele não responde a nenhuma das perguntas. Apenas continua olhando para o cara no chão. Eu olho em volta para os espectadores reunidos, tentando ler a situação. Obviamente Camden disse algo que irritou Crew. O suficiente para convencer Crew a desfigurar seu rosto.

Penelope e Rachel estão com as mãos na boca, parecendo chocadas. Mas é nos homens que me demoro. Todos parecem amedrontados — nervosos. Até mesmo Andrew Spencer, que eu achava que considerava Crew um amigo. Nenhum deles faz contato visual comigo.

Camden ri novamente. Ele limpa o lábio inferior, espalhando sangue pelo queixo. — Não pensei que você fosse do tipo que suja as mãos.

— Achei que *você* fosse do tipo que sabia quando calar a boca, — rebate Crew.

— Eu só tive a coragem de dizer o que todo mundo aqui estava pensando.

— Isso é verdade? — O olhar de Crew se ergue, percorrendo os espectadores reunidos. Cabeças balançam em todos os lugares. Um sorriso cruel torce os lábios de Crew enquanto ele olha para Camden. — Tente novamente, Crane. *Por favor*. Eu adoraria torná-lo completamente irrelevante, não apenas principalmente - do jeito que você está agora.

Uma vez que o tiro de despedida deixou sua marca, Crew se vira e caminha na direção do caminho que leva de volta à casa de meus pais. Depois de um minuto de hesitação, eu sigo.

Minha mente está girando em círculos. Com base nos sussurros e olhares de lado, tive algum envolvimento não intencional no que acabou de acontecer. Não me lembro da última vez que falei com Camden Crane. Não tenho ideia do que ele poderia ter dito para detonar Crew. Eu não tinha ideia de que Crew *poderia* se irritar com algo sobre mim. Ele estava me protegendo, me defendendo. E não tenho a menor ideia de como processar isso.



A caminhada de volta é escura. Meus olhos se ajustaram aos brilhantes fogos de artifício e ao brilho da fogueira. A fraca luz da lua mal é suficiente para escolher meu caminho ao longo do calçadão que serpenteia entre os talos de grama da praia. O ar salgado sopra fios de cabelo em meu rosto. Respiro fundo, tentando me centrar.

Achei que as coisas entre mim e Crew se resolveriam naturalmente. Que encontraríamos alguma rotina que nos permitisse colher os benefícios desse arranjo sem comprometer nossos objetivos individuais. Mas cada vez mais, parece que as coisas entre nós estão sendo decididas permanentemente. A desconexão entre nós parece estar endurecendo. As decisões que estamos tomando parecem importantes - como se definissem como será o resto do nosso relacionamento, não importa quanto tempo dure.

Quando chego à beira do pátio, hesito. Eu deveria entrar e voltar para a festa. Fazer o papel de anfitriã perfeita e dar à Crew uma chance de se refrescar. Entro, mas em vez de seguir o som de conversas e risadas, deslizo pela escada dos fundos que leva ao segundo andar.

A porta do meu quarto habitual está entreaberta, embora eu tenha certeza de que a fechei antes de descer mais cedo. Eu abro para revelar que o quarto está vazio e escuro. Mas a luz do banheiro está acesa. Fecho a porta atrás de mim e largo meus saltos com um barulho, anunciando minha chegada.

Silenciosamente, atravesso o tapete de juta até a porta que leva ao banheiro. Crew está parado na pia, lavando as mãos. A água corre rosa.

Eu me inclino contra a porta, debatendo o que dizer. Eu decido: — Você está bem?

— Sim. — Seu tom é tão curto quanto sua resposta.

Eu fico no lugar enquanto ele fecha a torneira e seca as mãos, evitando o corte em uma das juntas. — Você deveria colocar um pouco de água oxigenada nisso.



Ele não responde. Eu me afasto do batente da porta, caminhando até ele. A tensão ainda está irradiando dele enquanto roço em seu braço para que eu possa me inclinar e puxar o frasco marrom para fora do armário. Eu pego algumas bolas de algodão também.

— Sente. — Eu aceno em direção à borda da banheira enquanto encharco o algodão com o líquido. O forte cheiro químico queima meu nariz.

Crew hesita antes de obedecer. Eu o observo com o canto do olho enquanto ele se empoleira no mármore. O banheiro é grande — tão grande quanto o da minha cobertura, — mas parece minúsculo com a presença dele. Eu estudo os pelos dourados em seus braços bronzeados. A maneira como sua camisa fica esticada sobre os ombros. Os olhos azuis que veem mais do que pretendo mostrar.

Satisfeita de que o algodão está encharcado, atravesso o ladrilho e me agacho para poder passar a bola na rachadura entre os nós dos dedos. Por alguns segundos, o único som é a nossa respiração.

Crew fala primeiro. — Sabe, eu já imaginei você nesta posição antes. Nunca fazendo isso, no entanto.

Encontro seu olhar por um minuto. Algumas respostas estão na ponta da minha língua. Um pouco mais sujas do que ele provavelmente pensa que sou capaz. Mas não quero que nossa primeira vez seja assim. Então faço uma pergunta que tenho certeza que vai apagar mais insinuações. — Por que você não gosta dos Hamptons?

— Eu gosto deles o suficiente. — Sua resposta é indiferente. Há emoção por baixo disso, porém, ressaltada na maneira como sua mandíbula aperta e seus olhos escurecem. Assim de perto, não consigo *deixar* de registrar as mudanças sutis.

— Então por que você não vem aqui no verão?

— Quem te disse isso?



Eu continuo enxugando. — Rachel Archibald. Ainda bem que tivemos um noivado curto. Se o número de comentários do tipo *você não é boa o suficiente para ele*, que ouvi hoje é o mesmo *depois* do casamento, quem sabe como teria sido antes.

— Quem disse que você não é boa o suficiente para mim? — Em vez de se vangloriar, sua expressão é mais carrancuda.

— Eu sei o que as pessoas pensam de mim. Consigo tudo o que quero sem trabalhar para isso, aparentemente.

— Você trabalha cem horas por semana, Scarlett. Foda-se quem diz isso.

Não digo o que estou pensando: *provavelmente você já disse*. Estou farta das zombarias.

Ele usa a mão ilesa para erguer meu queixo. — Falo sério. Você é Scarlett Ellsworth. Você não se importa com o que os outros pensam.

— Sou boa em agir como se não importasse. — Mais honesta do que eu pretendia ser.

— Você não tem que fingir perto de mim.

Eu não respondo a princípio. Eu levanto sua mão direita para que eu possa inspecionar o corte em sua mão mais de perto. Seus dedos estão rosados e inchados, mas pelo menos ele não está mais sangrando. — Kensington.

— Huh?

Solto sua mão e jogo as bolas de algodão na lata de lixo antes de me levantar. — Você me chamou de Scarlett Ellsworth. É Scarlett Kensington. — Seu sorriso me faz desejar ter ficado sentada. — Vou voltar lá embaixo.

Ele concorda; eu fujo. Eu coloco meus saltos de volta e saio para o corredor. Eu preciso de espaço. Tempo. Distância.

Crew é confuso. Tudo nele é confuso. O que ele diz. O que ele faz. O que ele não diz. O que ele não faz. E a maneira como me sinto perto dele é a mais confusa de todas.



Entrando neste casamento, eu tinha um objetivo, fazer Crew me ver como uma igual. Eu retive todo o poder que tinha quando concordei em me casar com ele. Eu não considereei nenhuma das outras maneiras que eu poderia querer que Crew me visse. Estou preocupada, apavorada, com as repercussões de admitir que quero que as coisas entre nós sejam reais. Mas continuar no caminho que estamos não é sustentável.

Em vez de descer as escadas, vou para um dos outros quartos de hóspedes no final do corredor. Eu sinto vontade de estar sozinha. Há um sofá no canto onde me enrolo. Perco a noção do tempo enquanto fico ali deitada e repasso o dia de hoje na minha cabeça.

Uma vez que os sons lá embaixo ficam cada vez mais silenciosos, eu me levanto e caminho de volta para o meu quarto. O quarto está escuro e a luz do banheiro está acesa, como antes. Mas há uma grande protuberância no lado esquerdo da cama.

Entro na ponta dos pés no banheiro para escovar os dentes e lavar o rosto.

Quando volto para o quarto, Crew está dormindo. Ou ele está fazendo um trabalho convincente de fingir que está. Ele também não está vestindo uma camisa. Até esta noite, eu raramente tinha visto meu marido em algo que não fosse um terno. Eu me inclino contra o batente da porta e olho para ele. Sua pele é dourada. Não tenho certeza de quando ele tem chance de absorver qualquer vitamina D. Ele parece funcionar quase tanto quanto eu. Seu bronzado se destaca contra os lençóis brancos frouxamente pendurados sobre o abdômen que é impressionantemente definido mesmo quando relaxado. Ele deve malhar. Quando, não faço ideia. Essa constatação me incomoda. Passei as últimas semanas morando com ele e aprendi mais quando estava espionando as imagens de segurança do outro lado do Atlântico.

Conhecer Crew me apavora. O pouco que já sei me intriga. As razões para este casamento deveriam ser a parte real. O dinheiro, as oportunidades, o império que nossos recursos combinados formariam. Eu e ele deveríamos ser falsos.



Em vez disso, o império parece falso.

Me apoiar contra Crew mais cedo pareceu muito real.

O que aconteceu com ela? Aquela garota que não se importava? Houve um tempo muito recente em que não questionava nada. Quando eu não estava tentado sair do trabalho mais cedo. Quando eu não me distraia. Quando olhos azuis não assombravam meus pensamentos.

Um cantinho do meu coração sussurra a resposta. *Ela se casou com Crew Kensington.*

Apago a luz do banheiro e ando na ponta dos pés até chegar na minha mala. Levo alguns minutos para vasculhar meus pertences no escuro, mas finalmente encontro uma camisola de seda.

Deslizar sob lençóis quentes parece estranho. A cama geralmente está fria quando eu subo nela. Aconchego-me o mais perto possível da borda do colchão sem cair. Mesmo que eu não possa vê-lo ou tocá-lo, posso *senti-lo*. Cheirar o shampoo dele. Ouvir sua respiração.

Depois de aceitar que não vou adormecer tão cedo, saio da cama e caminho em direção à porta. O corredor está vazio e silencioso. Desço as escadas e atravesso o ladrilho frio da entrada que leva à sala de estar. As portas francesas revestem a parede oposta com vista para a piscina. Faço uma pausa na estante para pegar a cópia bem gasta de *E o Vento Levou* e, em seguida, digito o código de segurança no teclado ao lado da geladeira. Ele pisca em verde, indicando que o alarme foi desativado.

Não há sinal da festa que aconteceu antes. Cada superfície brilha, imaculada. Pego uma taça de vinho, uma garrafa fechada e um abridor, depois saio. A lua lança um brilho luminoso que cobre tudo.

Sento-me em uma das cadeiras que se alinham na borda da piscina. A rolha estoura na primeira tentativa. Sirvo-me de uma taça generosa e, em seguida,



recosto-me nas almofadas, tomando um gole ocasional enquanto olho para o trecho de praia particular que protege o quintal do oceano.

Então pego o livro e começo a ler.



CAPÍTULO DEZ

Crew

Quando acordo, sou o único na cama. Estico uma das mãos, sentindo o tecido frio onde Scarlett deveria estar. Meus dedos doloridos protestam contra o movimento. Estremeço, tanto pela dor quanto pelas lembranças de como acabei com a mão inchada. Uma olhada no relógio na mesa de cabeceira me diz que são apenas três horas da manhã.

Eu viro de costas, tentando voltar a dormir. Eventualmente, eu desisto. Saio da cama e visto um par de shorts esportivos. Eu não me preocupo com uma camisa antes de sair para o corredor. O quarto de Josephine e Hanson fica na ala oposta da casa. A menos que tenham o hábito de perambular no meio da noite, o que duvido muito, não preciso me preocupar em encontrar meus sogros.

Não demora muito para encontrar Scarlett. As luzes estão acesas na cozinha e a porta que dá para o pátio e a piscina está entreaberta. Assim que saio, vejo-a esparramada em uma das cadeiras, segurando uma taça de vinho em uma das mãos e folheando um livro de bolso com a outra.

— Não conseguiu dormir? — Eu pergunto enquanto me sento no final da poltrona em que ela está deitada.

Ela empurra o livro de lado e toma um gole de vinho antes de responder. — Você ronca.

— Não, eu não ronco.



Scarlett suspira. — Não, não ronca. Mas você estava *lá*.

Eu sei o que ela quer dizer. Ainda não dormimos juntos, no sentido literal ou sexual. A proximidade forçada desta viagem não é indesejável, mas é definitivamente estranha. Eu nunca sei como agir perto dela. Sempre que penso que poderíamos ter feito algum progresso, retrocedemos. Ela nem consegue dormir ao meu lado.

Descanso os cotovelos nos joelhos e olho para a superfície plana da piscina. Os filtros formam pequenas ondulações que refratam o brilho da luz da lua. — É assim que vai ser, Scarlett?

— É assim que *o que* vai ser?

— Nós. É isso que você quer?

— Nós nunca fomos sobre o que *eu* quero.

Eu ri. — Besteira.

Seus olhos brilham. — Com licença?

— Você me ouviu. Se você não quisesse isso, não estaríamos casados. — Eu a encaro, desafiando-a a negar.

Ela desvia o olhar. — Eu esperava que isso fosse diferente.

— Diferente como?

— Não sei. Apenas diferente.

Eu suspiro. Nada é simples ou direto com essa mulher. — Gostaria de saber como é foder com minha esposa, Scarlett.

Ela não vacila com a declaração grosseira. Não reage de jeito nenhum. — Você pode conseguir isso em outro lugar.

— Você está? Ainda? — Eu adiciono essa última palavra apenas para ser um idiota. Para ver sua expressão de raiva. Ela é mais aberta quando está brava.

— Não é da sua conta.

Eu ri. — Mas *era* da minha conta depois do baile de gala de Rutherford?



Ela está em silêncio.

— E sobre filhos?

— Você quer dizer herdeiros? — Ela zomba. — Eu não estou preparada. Entre *Haute* e a nova linha de roupas, mal me lembro de comer. Eu não posso lidar com um bebê agora.

— Ok.

Ela me olha, claramente desconfiada da minha falta de argumentação.

— Você quer que eu me mude? — Eu pergunto.

— O quê? — Scarlett parece genuinamente chocada com a pergunta. — Depois que você insistiu em se mudar com seus dois armários cheios de ternos e encher a geladeira com leite de vaca?

Ela parece mais descontente com o segundo fato do que com o primeiro, e eu quase sorrio. Phillippe já me informou que Scarlett prefere leite não lácteo ao verdadeiro e não gostou da minha falta de substituição aparecendo na geladeira.

— Eu me mudei porque somos casados, Scarlett. Se você quiser fingir que não estamos, tudo bem.

Ela se senta. — Eu *sei* que somos casados. E estou cumprindo minha parte no trato. Não sei o que mais você quer de mim.

— Nada que você esteja disposta a dar, claramente.

— Sexo. Certo. — Ela bufa. — Você é um cara.

— Sim. Eu quero fazer sexo com você. Eu também quero saber por que você me pediu para beijá-la antes do nosso casamento. Por que você luta comigo em tudo. Não sei nada sobre você, Scarlett.

— Você sabe tudo o que importa.

— Ou tudo o que não, — eu contraponho.

Ela suspira. Desvia o olhar. Brinca com as páginas de seu livro. — Você recebeu seu nome em homenagem ao esporte?

Eu pisco. *O quê?* Scarlett me encara. Eu levanto uma sobrancelha. — É isso que você quer saber sobre mim?

Scarlett toma outro gole de sua taça de vinho. — Responda à pergunta.

— Não, é um nome de família. — Eu me mexo para ficar de frente para ela, não para a piscina. — Você recebeu seu nome em homenagem a cor?

A diversão é breve, mas aparece. — Minha mãe era fã de Margaret Mitchell. — Ela vira o livro ao meu lado, revelando a capa desbotada de *E o Vento Levou*.

— Então você recebeu o nome de uma provocadora perdidamente apaixonada por um cara que se casou com a prima dele?

Ela estreita os olhos, mas não antes de eu ver que ela está surpresa por eu ter lido o livro. — Scarlett é forte. Ela é uma sobrevivente. Ela se salva repetidamente, nunca aceitando a derrota ou contando com um salvador.

— Combina com você.

Suas unhas de ponta rosa batem na borda do cristal que ela está segurando. Ela suga o lábio inferior e me imagino fazendo o mesmo. — Eu não quero que você se mude. — Cor sobe em suas bochechas, mas ela mantém o meu olhar.

— Scarlett...

— Vou tentar, ok? Vou tentar.

— Não foi um ultimato, — eu digo suavemente.

— Bom.

Ela abandona seu lugar na cadeira, rastejando para o meu colo e me deixando imóvel. Ela se instala diretamente na minha virilha. Só assim, estou desconfortavelmente duro.

— Obrigada.

— Pelo o quê? — Eu engasgo.

Ela olha para os meus dedos vermelhos e inchados. — Por isso.



— Eu queria dar um soco em Camden por anos. O cara é um idiota, — eu minto. Camden Crane é um idiota. Mas nunca pensei em socá-lo até ouvi-lo especular sobre como Scarlett é na cama.

Posso dizer pela expressão dela que ela sabe a verdade, mas ela não contesta.
— As pessoas vão falar.

— Deixe elas.

— Seu pai não vai ficar chateado? Ele faz negócios com Sebastian Crane.

Chateado? Mais como furioso. — Ao contrário do que *algumas* pessoas pensam, não tomo minhas decisões com base no meu pai.

Em vez de responder, ela me beija. Ela tem gosto de vinho azedo. Azedo e doce. *Inebriante.*

A última vez que nossos lábios se tocaram, estávamos em um saguão com centenas de pessoas do outro lado da parede. Eu estava de smoking e ela de vestido branco. Agora é o meio da noite. Não há mais ninguém por perto. Ela está se esfregando no meu colo, vestindo uma camisola de seda que mal cobre sua bunda.

Calor surge em minhas veias. Faíscas entre nós pegam, queimando com intenção. Com desejo e necessidade e outras emoções consumidoras que lavam o pensamento racional.

Normalmente não presto muita atenção em beijos. É uma cortesia, uma parada a caminho do destino final. Espalhado entre toques desesperados e arrancar roupas. Mas com Scarlett, eu saboreio. Talvez porque tenha passado um mês desde que seus lábios tocaram os meus. Beijá-la parece um presente - um privilégio.

Assim como em tudo, ela me desafia. Seus dentes raspam meu lábio inferior e não consigo conter o gemido que sai. Eu sinto seu sorriso, mesmo que seu rosto esteja muito perto para vê-lo.



Estou perto de gozar só com isso - seu gosto, suas mãos no meu cabelo, a fricção entre nossos corpos. Quando sua mão direita desliza para fora do meu cabelo e desce até minha cintura, amaldiçoo minha falta de planejamento. Estes calções não têm bolsos. Eu agarro seu pulso antes que ela desça o suficiente para que eu não consiga pensar direito. O sangue já está correndo para o sul. Não tem como ela ignorar o quão duro eu estou.

— Eu não tenho nada. — Espero para ver o que ela vai dizer.

Algo passa pelo rosto dela. Parece arrependimento, misturado com alguma incerteza. Então ela dá de ombros e se afasta. — Ok.

OK?

Eu estou chateado. Irritado por ela me beijar assim e depois desligar tão rápido. O sangue está correndo em minhas veias tão rápido quanto meu coração está batendo, e ela está recostada na cadeira, parecendo a mesma de quando vim para cá - completamente inalterada.

Esse empurrão e puxão tornou-se um padrão previsível entre nós. Mas desta vez, eu empurro mais forte.

Eu rastejo sobre ela, esfregando minha ereção contra o interior de sua coxa. Sua respiração acelera, como se ela estivesse lutando para puxar oxigênio suficiente. Scarlett pode controlar suas palavras. Seu corpo é outra história.

Eu a beijo com força, profundamente e marcante. Ela me beija de volta. Eu posso senti-la lutando contra o desejo de se arquear contra mim. Eu paro de beijá-la, me afastando para poder estudar seu rosto por um minuto. Suas bochechas estão coradas e seu cabelo escuro está espalhado em um emaranhado selvagem.

Ver Scarlett em seu vestido de noiva foi um choque. Isso parece outra nova experiência - como se eu a estivesse vendo pela primeira vez. Ela consome cada pensamento, mesmo sem tentar.



Sua pele é tão lisa quanto a seda que ela mal veste. A transição entre os dois é sutil. Seu suspiro suave quando deslizo minha mão para cima e sob a bainha de sua camisola curta é o único som que estou ciente. Eu mantenho meus olhos nela enquanto traço a renda molhada entre suas coxas, observando seus olhos se fecharem e seus lábios se abrirem.

— Olhe para mim, Scarlett, — eu ordeno. O inferno que ela está fingindo que é algum outro cara tocando nela.

Ela luta comigo por um minuto, mantendo os olhos teimosamente fechados. Eu não esperaria nada menos. Mas então ela está olhando para mim. A eletricidade crepita entre nós, consumindo como qualquer coisa que eu já senti.

Scarlett morde o lábio inferior. Ela ainda está lutando, não para reagir, para não fazer barulho.

— Me mostre seus seios.

Seus olhos se arregalam. Não apenas com surpresa, mas com excitação. Ela gosta de ser mandada na cama.

Lentamente, Scarlett estende a mão e puxa as alças finas que seguram sua camisola. O tecido desliza para baixo, revelando cada vez mais sua pele pálida. Meu pau estremece quando seus seios aparecem. Os pontos duros de seus mamilos endurecem sob meu olhar. Sua camisola está enrolado na cintura, cobrindo apenas uma pequena faixa de seu estômago. O resto de seu corpo está nu, colocado diante e abaixo de mim.

Eu fantasiei sobre ver Scarlett nua um número embaraçoso de vezes. Ao contrário da maioria das coisas, a realidade excede a minha imaginação. O corpo dela é perfeito. Mas é o fato de ser o corpo *dela* - de pertencer à mulher que briga comigo em tudo, mas me deixa vê-la assim - que me faz sentir como se nunca tivesse visto uma mulher nua antes.

Eu não me mexo. Eu olho, absorvendo minha sensação de suas curvas femininas e pele cremosa. Outra mulher pode fugir da avaliação. Cobrir-se ou



desviar o olhar. Scarlett não faz nenhum dos dois. Ela segura meu olhar com uma pitada de desafio brilhando em seus olhos, olhando para mim como se eu fosse o vulnerável.

Talvez ela esteja certa. Talvez eu seja.

Ela é perfeita. E de uma forma permanente, ela é minha. — Abra suas pernas para mim, baby.

Não há hesitação desta vez. Nenhum apelido de animal de estimação em um tom irritado. Ansiedade é a emoção predominante em seu rosto enquanto ela abre as coxas o máximo possível, abrindo-se para mim.

Eu deslizo para baixo, arrancando sua calcinha para que ela fique fora do caminho. Sua respiração torna-se rápida e irregular. Eu abaixo minha cabeça e a lambo com uma lambida longa e completa.

Seus quadris sobem e rolam, as pernas abrindo ainda mais. Tentando me persuadir onde ela me quer. Perseguindo o prazer e oferecendo a tentação. Eu gosto dela assim. Debaixo de mim. Focada em mim. Apesar de toda a sua postura sobre propriedades e prêmios, não acho que Scarlett perceba quanto poder ela detém. Acima de todos. Sobre mim.

Ela herdou. Mas ela também construiu. Conquistou. Expandiu. Como uma imperatriz, não uma rainha. Isso é raro em nosso mundo, onde as pessoas escondem a infelicidade sob carros que não dirigem, casas em que não moram e férias de que não gostam.

Ela é uma força, minha esposa, e agora ela está se contorcendo. Implorando silenciosamente por meus dedos e minha língua porque ela é orgulhosa demais para dizer uma palavra.

Eu a provoco lenta e sedutoramente, evitando o ponto que sei que vai deixá-la excitada. A borda dura da cadeira cava em meu joelho e meu pau dolorido pressiona contra a almofada, desesperado por um pouco de atenção. As luzes da piscina lançam sombras sobre o pátio, o *ruído constante* do filtro de água é o



único som além da respiração acelerada de Scarlett. Sua pele tem gosto de sal e pecado enquanto eu a convenço a chegar perto da borda e depois a volto para trás.

Quando — e aposto que é um quando, não um se, com base em como ela está molhada — estivermos em uma posição como esta de novo, vou pagar por essa lenta tortura. Estou certo disso. Mas agora, ela não tem escolha a não ser deitar e aceitar. Eu estou supondo que a maioria dos caras com quem ela esteve estavam com muito tesão e desesperados para dar prazer a ela assim. Para arrastar a antecipação a cada doce segundo.

Ela tenta um novo método na próxima vez que olho para cima, traçando os dedos entre o vale de seus seios e, em seguida, segurando seu seio esquerdo. Seus lábios se inclinam para cima, travessos e sedutores.

Estamos brincando com fogo. Ela está pedindo para ser queimada.

Deslizo um dedo dentro dela, depois dois. Um suspiro ofegante cai de seus lábios, que são de um rosa rosado natural, em vez de seu vermelho característico. Ela se contrai em meus dedos, apertando-os com força. Eu os curvo e ela explode, convulsionando e gemendo. Ofegante e primitivo.

Ela segura meu olhar enquanto goza, e é a coisa mais quente que eu já vi. Suas coxas tremem com tremores secundários quando levanto minha cabeça para encontrar seu olhar. Ela pisca para mim, sonolenta e satisfeita.

Olhamos um para o outro ao som da trilha sonora das ondas batendo na areia, reconciliando o que acabou de acontecer com quem éramos antes. Estou esperando uma dispensa. Para ela ajustar a camisola, pegar o livro e agir como se nada tivesse acontecido. Em vez disso, ela se senta e pega meu short.

Eu pego seu pulso e o seguro. — Estou *bem*. — Meu pau quer se familiarizar com a boca dela. Muito, muito mesmo. Mas se eu deixar ela me chupar, isso vai parecer transacional. Pontuações iguais. Quero que as coisas entre nós pareçam inacabadas. Eu quero que ela se pergunte como *eu* pareço, totalmente nu. Quando *eu* gozo.



Scarlett ri, saindo do meu alcance para deliberadamente passar a mão na minha virilha. — Você está brincando.

— Não parece tão bem, não é? — Eu seguro seu olhar, não deixando nenhuma dúvida sobre o que estou me referindo.

Seus lábios se apertam. — Maduro pra caralho, *Sport*¹⁶.

Eu me inclino para frente para pressionar um beijo final e contundente em sua boca. Ela me beija de volta, então morde meu lábio inferior. Eu rio enquanto me afasto, passando minha língua por ele para verificar se há sangue e saboreio um forte tom metálico. Estendo a mão e coloco sua camisola de volta em seu devido lugar, cobrindo seu corpo nu da lua e das estrelas. — Boa noite. *Red*¹⁷.

Então eu me levanto e volto para dentro, deixando-a com raiva.



Quando acordo, o sol entra pelas janelas e Scarlett está ao meu lado na cama. Adormecida profundamente e enrolada de lado com uma mão dobrada sob a bochecha. Seu cabelo escuro é uma bagunça emaranhada espalhada pelo travesseiro. Seus lábios estão entreabertos e uma alça de sua camisola caiu de seu ombro.

Eu a imagino se contorcendo debaixo de mim ontem à noite.

Estou dolorosamente tentado a puxar a outra alça e retomar as coisas exatamente de onde paramos ontem à noite.

Scarlett gosta de um desafio. Ela pode ter me desejado ontem à noite, mas tenho certeza de que qualquer intimidade teria durado tanto quanto o sexo. Eu a

¹⁶ Crew em inglês significa “equipe”, ela fez um trocadilho chamando ele de esporte (sport).

¹⁷ Scarlett é um tom de vermelho. Ele fez um trocadilho com o nome dela, chamando ela de vermelho (Red).



quero desesperada por mim. Eu quero que ela admita que há mais do que atração entre nós.

Ainda não chegamos lá. Antes da noite passada, eu não tinha certeza se algum dia estaríamos.

Deslizo para fora da cama, tentando ficar o mais quieto possível. Não a ouvi vir para a cama ontem à noite, então deve ter sido tarde. Depois do nosso encontro, fiquei acordado por um tempo, muito agitado para adormecer. Provavelmente deveria ter me masturbado, mas eu não tinha certeza de quanto tempo teria antes que ela me seguisse até aqui.

Scarlett ainda está dormindo quando termino de usar o banheiro e me vestir. Desço as escadas sozinho. Seu pai está sentado na sala de jantar formal. A mesa está espalhada com uma variedade de todos os alimentos para o café da manhã imagináveis.

Hanson Ellsworth fecha o *The New York Times* com uma ruga quando me vê.

— Bom dia, Crew.

— Hanson.

— Dormiu bem?

Eu forço todos os pensamentos do tempo que não passei dormindo da minha cabeça. — Sim, senhor.

— Bom. — Com isso, estou quase dispensado. Hanson volta para o jornal enquanto encho um prato com frutas frescas, panquecas e bacon.

Josephine Ellsworth entra na sala de jantar alguns minutos depois, equilibrando uma xícara de chá e meia toranja. Ela visivelmente se ilumina quando me vê. — Crew! Bom dia.

— Bom dia, Josephine.

A mãe de Scarlett começa a recapitular a festa de ontem enquanto tomo café da manhã, uma que requer pouca intervenção de minha parte. Concorro com a cabeça e resmungo entre as mordidas enquanto ela fala sobre o bufê e as flores.



Hanson ignora completamente sua esposa enquanto ela fala. Percebo que esse é o relacionamento romântico que Scarlett cresceu testemunhando. Mais alguns pedaços de sua irritação começam a fazer sentido.

Ela aparece enquanto eu estou roubando segundos, vestida mais casualmente do que eu já vi, em um par de shorts jeans e uma regata. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo que balança enquanto ela caminha. — Bom dia.

— Bom dia, querida. — Josephine está falando com a filha, mas seus olhos estão em mim. Sem dúvida ela está aproveitando a oportunidade para observar como interagimos uns com o outro.

Hanson apenas resmunga uma resposta, sem se preocupar em erguer os olhos do papel.

Esta mesa poderia acomodar confortavelmente uma dúzia de pessoas, mas Scarlett se senta ao meu lado. Seu cabelo roça no meu braço enquanto ela se inclina e se serve de um copo de suco de laranja.

— Estou feliz que você dormiu, querida. Você tem trabalhado demais, — diz Josephine.

— Mm-hmm, — murmura Scarlett, pegando um croissant e alguns morangos.

— Eu estava pensando que poderíamos fazer algumas compras na cidade hoje. E Marcy Whitman disse que sua filha está de volta à cidade. Ela quer almoçar. Qual é o nome da filha dela? Não conseguia me lembrar da noite passada.

Scarlett revira os olhos. — Lucy. — Ela enfia um morango na boca.

— Certo. Lucy. Estamos saindo logo depois que você se trocar.

Há um suspiro baixinho ao meu lado. — Certo.

— Eu estava pensando que você e Crew poderiam vir no próximo fim de semana também. O clube de campo está tendo um...

— Estarei em Paris no próximo fim de semana, mãe. Preciso aprovar os designs finais da *Rouge*.



É novidade para mim a viagem a Paris e que Scarlett contou aos pais sobre seu novo empreendimento comercial, mas não digo nada.

Pela primeira vez desde que Scarlett desceu, Hanson fala. — Tem certeza que é uma boa ideia, Scarlett?

Sua mão aperta em torno de seu garfo. — Sim.

— A revista pode estar indo bem por enquanto, mas isso não é motivo para se antecipar. Especialmente agora que você é casada.

— Não consigo ver o que meu casamento tem a ver com isso. — A voz de Scarlett é gelada.

— Você é inteligente demais para se fazer de boba, querida. — O tom de Hanson é condescendente. — Você sabe quais são as expectativas.

Scarlett esfaqueia outro morango. — Obrigada pelo conselho não solicitado, pai.

— Se você não vai me ouvir, espero que ouça seu marido. Esse arranjo levou anos. Não o destrua para brincar de se fantasiar. — Hanson olha para mim. — Certamente você concorda que isso é ridículo.

— Se eu achasse ridículo, não iria a Paris na próxima semana para ajudar como puder. — Sem pensar - *de jeito nenhum* - essa é a resposta que sai voando da minha boca.

Hanson é um empresário muito experiente para mostrar qualquer surpresa. Mas é óbvio que ele está surpreso com a forma como ele não diz nada de imediato. O que quer que ele estivesse planejando dizer claramente não se aplica mais.

— Que legal! — Josephine entra na conversa. — Espero que vocês dois arrumem tempo para alguns passeios turísticos. Você não saiu em lua de mel.

— Adoro passeios turísticos. — Eu não gosto; não me lembro da última vez que realmente apreciei as vistas em uma viagem. Minha viagem internacional para a Kensington Consolidated geralmente consiste em passar um tempo de



qualidade em um hotel e em uma sala de reuniões. Vale a pena dizer isso para ver a expressão duvidosa no rosto de Scarlett. Eu resisto à vontade de rir.

Josephine fala sem parar sobre seus lugares favoritos em Paris enquanto Scarlett e eu comemos. Hanson mantém o foco em seu jornal. Scarlett finalmente pede licença para subir e se trocar. Eu dou a ela alguns minutos de vantagem e depois a sigo.

Quando entro no quarto, Scarlett já está vestida com um vestido de verão rosa. Ela olha para cima no meio de deslizar em um par de sandálias. — Ei.

— Ei, — eu repito.

— Vou deixar o carro aqui se você quiser sair. As chaves estão na cômoda.

Enfio as mãos nos bolsos, observando enquanto ela ajeita e alisa o vestido. — Ok. Talvez eu vá ver Andrew um pouco.

— Ok, — ela ecoa. Há alguma curiosidade em seu rosto, tenho certeza que ela quer perguntar sobre o que aconteceu com Camden novamente, mas tudo o que ela faz é pegar seu telefone.

— Você quer ir para casa quando voltar?

Nosso plano original era passar mais uma noite, mas estou feliz em voltar mais cedo.

Alívio lava seu rosto. — Sim.

Eu concordo. — Ok.

Ela olha ao redor do quarto, verificando se está com tudo. Então ela caminha em direção à porta onde estou. Em vez de passar, ela faz uma pausa. Sua boca se abre. Fecha.

Scarlett balança a cabeça. — Foda-se.

Ela me beija. Estou muito chocado para reagir a princípio. Quando começo a responder, ela já está se afastando.

Um pequeno sorriso e ela se foi.



CAPÍTULO ONZE

Scarlett

Como disse Audrey, Paris é sempre uma boa ideia. E desde que me tornei editora-chefe da *Haute*, as viagens à capital da França se tornaram comuns.

Esta visita em particular é uma que eu temia e esperava. Estou aqui para aprovar designs finais e tecidos para *Rouge*. Assim que tudo estiver pronto, tornarei o anúncio público. É uma perspectiva assustadora. Estou preocupada em falhar. A moda é uma indústria difícil de entrar, não importa quanto dinheiro você tenha. Você não pode comprar o sucesso. E se eu falhar, vou falhar como Scarlett Kensington.

Neste momento, estou mais focada no meu companheiro para esta viagem do que em qualquer outra coisa. Eu não esperava que Crew me apoiasse com meu pai nos Hamptons. Eu esperava que ele ficasse em Nova York. Aparentemente, ele quis dizer isso quando disse que viria comigo.

As coisas têm sido tênues entre nós desde o 4 de julho. Não estranhas, do jeito que eram antes de partirmos para os Hamptons. Levei alguns dias para processar tudo o que aconteceu no curto espaço de tempo. Esses mesmos dias foram gastos registrando longas horas finalizando a edição de setembro da *Haute* e me preparando para esta viagem. E então ele estava esperando no aeroporto quando cheguei para o meu voo, já que Leah compartilha todos os detalhes da minha viagem com sua secretária. Tomei a decisão madura de fingir que dormia durante o voo de seis horas.



Crew não falou muito desde que chegamos. Até agora, fizemos o check-in no hotel, nos encontramos com dois dos meus fornecedores de tecidos e agora estamos no French Open. Jacqueline Perout é uma amiga de Harvard e herdeira da principal loja de departamentos da Europa. Garantir seu interesse em *Rouge* será fundamental para seu sucesso, então recusar um convite para assistir a um jogo matinal de seu camarote não era realmente uma opção.

— Scarlett Ellsworth! Como é bom ver você! — Richard Cavendish veio ficar ao meu lado no camarote executivo de onde estou assistindo a partida.

Richard é o vice-presidente de uma proeminente editora francesa. Nossos caminhos inevitavelmente se cruzam em muitos dos eventos sociais que frequento aqui. Acho que ele é a única pessoa que se considera charmoso.

Tomo um gole de mimosa antes de responder. Assim como a maioria dos homens do meu círculo social, é menos doloroso conversar com Richard um pouco tonta. — Bom ver você também, Richard.

— Aqui a negócios?

— Sempre, — eu respondo friamente, observando seu olhar varrer para cima e para baixo o vestido branco de *laissez* que estou usando. É modesto, com mangas curtas e caindo até minhas panturrilhas, mas os olhos de Richard estão aquecidos no momento em que chegam aos meus lábios vermelhos característicos. Seu lábio inferior se curva enquanto seu olhar se move para a mão esquerda segurando o copo. E o grande diamante descansando em meu dedo anelar.

— Então os rumores são verdadeiros. Você se casou.

— Rumores? Você não confia nas centenas de jornais que relataram isso?

Os olhos de Richard se enchem de irritação. — Tenho coisas mais importantes para fazer com meu tempo do que vasculhar as páginas da sociedade.

A fusão das famílias Ellsworth e Kensington resultou em muitos jornais europeus respeitáveis, como Richard bem sabe. A Kensington Consolidated e a Ellsworth Enterprises possuem participações internacionais.



Eu poderia ter ignorado os desejos de meu pai e me casado com Richard. Ele não teria contribuído tanto para o meu patrimônio líquido e eu o acho cansativo e chato, mas ele teria sido melhor para minha sanidade do que Crew Kensington.

Porque se Richard Cavendish tivesse passado a última meia hora conversando com uma linda jogadora de tênis loira, eu me sentiria aliviada por não ter que travar uma conversa incômoda com ele. Crew que escolhendo fazer isso me deixou marinando em uma mistura de raiva e ciúme.

É por isso que você não deve se casar por amor.

Não que eu ame Crew. Eu apenas o acho levemente divertido e irritantemente atraente. E depois que ele me fez gozar em segundos, posso ter fortes sentimentos por sua língua.

— Seu marido parece estar gostando do jogo, — comenta Richard, seguindo meu olhar.

Eu não respondo. Eu me viro para ver a bola verde passar por cima da rede, e gostaria de ter algo para rebater agora.

— Kensington está aqui a negócios também? — Richard cutuca.

Uma mão possessiva desliza para a parte inferior das minhas costas. Mesmo antes que o cheiro de sua colônia cara chegue até mim, eu sei que é Crew. Um rastro de calor permanece por trás da pressão de sua palma, e eu reprimo um arrepio tomando mais um gole. Nesse ritmo, vou precisar de uma recarga em breve. O que provavelmente seria uma má ideia, já que, como acabamos de estabelecer, estou aqui a negócios.

Não prazer.

— Não. Muito prazer, Cavendish. — A voz profunda de Crew ressoa atrás de mim. — Em algum momento, você deveria relaxar e aproveitar os espólios, não concorda?

— Eu não poderia concordar mais, — responde Richard. Eu sei que seu tom agradável significa que ele pensa o contrário. — Mas acho desanimador que você



esteja pronto para relaxar tão cedo. Você não gostaria que ninguém pensasse que só conseguiu o emprego por causa do seu pai. Você está planejando viver da sua esposa?

Sinto a mão de Crew flexionar contra minha coluna, mas sua voz é suave como manteiga quando ele responde. — Eu devo ter perdido quando você se tornou um autoproclamado bilionário, Cavendish. Deve ser porque os jornais que você possui não falam nada sobre você.

O rosto de Richard fica com um tom feio de roxo. — Scarlett, adorei ver você, como sempre. Minhas condolências pela escolha de noivo.

Ele sai na direção do bar privado. Volto meu olhar para a partida de tênis. A mão de Crew permanece nas minhas costas, queimando o material fino.

— Escolha interessante como parceiro de conversa.

— Eu poderia dizer o mesmo para você, — eu respondo com altivez.

Posso ouvir um sorriso na voz de Crew. — Ela se aproximou de mim.

Por alguma razão estúpida, sinto-me obrigada a responder. — Ele também.

— Eu sei. Eu vi.

— Você estava observando?

— Sempre, Red.

Ele não pode ver meu rosto, então não me preocupo em esconder meu sorriso.



Depois que a partida de tênis termina, prometo a Jacqueline que a encontrarei para o café da manhã amanhã. Ela passou a maior parte da partida flertando com Henriq Popov, que é o favorito para vencer o French Open, em vez de discutir negócios.



— Para onde agora? — Crew pergunta quando saímos do camarote privado.

— Hum... — Sinceramente, eu não tenho nada definitivo planejado até o jantar com Jacques hoje à noite. Admitir isso parece uma fraqueza, por mais estúpido que pareça. Eu esforço em parecer ocupada perto de Crew. O trabalho é sempre uma desculpa, algo que sei que ele vai respeitar. — Não tenho nada planejado até o jantar, — admito.

— Jantar com quem?

— Jaques. Ele é...

— O cara super requisitado por quem você pulou nossa noite de núpcias. Sim, eu me lembro.

Ele parece ciumento. — Você pode vir, se quiser.

— Não quero atrapalhar.

Eu sorrio. — Se alguém vai atrapalhar, sou eu.

Sua testa franze em confusão, interrompendo sua expressão anteriormente entediada.

— Jacques é gay, Crew. Se vier jantar, garanto que ele vai dar em cima de você.

A orientação sexual de Jacques é um esclarecimento inútil, que só digo porque ainda me sinto culpada por mentir para ele sobre meu falso amante. Sua única resposta é caminhar em direção à saída. Eu corro atrás dele alguns segundos depois.

Crew atravessa a multidão sem nem um empurrão. Mesmo entre as pessoas que não têm ideia de quem ele é, ele não é o tipo de cara que você atropela.

Ele para quando chegamos à calçada, inclinando-se para falar com o motorista de um dos muitos táxis que ladeiam a rua. Depois de um minuto, ele se levanta e acena para mim.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, puxando meu telefone. — Eu posso ligar...



— Entre.

— Eu tenho um carro aqui.

— Eu sei que você tem. Nós rodamos por aqui nele. Entre, Scarlett.

Parte de mim quer discutir por causa disso. Não gosto de ceder a ninguém sobre nada. Mas uma parte maior de mim quer ouvir - anseia pelo domínio que Crew comanda tão facilmente.

Silenciosamente, eu escuto. Ele não anda para o outro lado do táxi. Percebo que ele está esperando que eu deslize. Há algo de normal nisso, tão diferente dos passeios de limusine que compartilhamos no passado. Eu deslizo, sentindo o tecido do meu vestido enrolar em volta das minhas coxas enquanto deslizo pelo couro. Crew presta mais atenção nas minhas pernas nuas do que ele prestou na partida de tênis.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto quando o carro começa a se mover.

— Você vai ver, — é tudo o que ele diz.

Concentro-me na paisagem que passa. Passamos pelo Louvre e pelo Arco do Triunfo. Quando o carro para, é em um marco ainda mais icônico.

Eu olho para Crew. — Sério?

— Sim. Podemos enviar uma foto para sua mãe para provar que fomos passear.

Com isso, eu sorrio. Relutantemente. Crew paga o motorista e nos juntamos à longa fila de pessoas caminhando em direção à Torre Eiffel.

— Você já subiu nela antes? — Crew pergunta enquanto caminhamos.

— Não, — eu admito.

— Nem eu.

Crew nos leva até a única bilheteria sem uma longa fila. Eu olho para a torre de treliça de ferro forjado enquanto ele compra nossos ingressos. Minutos depois,



estamos nos aproximando do início das escadas. Crew está estudando o mapa que pegou da bilheteria. É irritantemente adorável.

De repente, ele para de andar. — Merda.

Eu paro também. — O quê? — Eu olho ao redor, tentando descobrir o que há de errado.

Quando olho para Crew, ele está olhando para mim com olhos arregalados e preocupados. — Você tem medo de altura.

Eu o encaro, chocada por ele ter se lembrado. Então eu sorrio. — Tudo bem. Contanto que não saltemos de paraquedas quando chegarmos ao topo, ficarei bem.

— Tem certeza? — Ele ainda parece preocupado. — Podemos ir fazer outra coisa.

Vai ser um verdadeiro desafio ver Crew tão frio e insensível novamente. — Tenho certeza. É mais uma coisa de controle. Tenho mais fé na Torre Eiffel em pé do que naquela corda no ginásio de escalada me mantendo no ar. — Não compartilho a outra diferença entre aquele passeio e o de hoje, o estado de meu relacionamento com Crew.

Crew começa a andar novamente. — Ok. Escadas ou elevador?

Uso sapatilhas hoje. Mesmo que não tivesse, eu ainda responderia: — Escadas.

Ele sorri. — Essa é a minha garota.

Eu sei que ele não quis dizer isso literalmente, pelo menos eu não *acho* que ele quis dizer, mas as palavras ainda enviam uma emoção boba através de mim. Borboletas voam em meu estômago como se o cara mais popular da escola tivesse me dado sua jaqueta para vestir.

À medida que subimos, mais e mais Paris se espalha abaixo de nós. Vejo o Parc de Belleville e o Champ de Mars. Chegamos ao primeiro deck de observação e começamos a subir o segundo lance de escadas.



— Você malha? — Eu pergunto, na metade do terceiro lance.

Crew ri. — Suas cantadas precisam melhorar.

Reviro os olhos porque estou com muita falta de ar para zombar. — Estou falando sério.

— Sim. Você tem uma academia particular, sabia?

— Eu sei. Eu simplesmente não uso.

— Sim, percebi isso quando limpei um centímetro de poeira da esteira.

Eu sorrio. — Besteira. Martha nunca deixaria isso acontecer.

— Tá. Era mais como cinco centímetros.

— Quando você malha?

Ele lança um olhar na minha direção. — Depois que você sai. Eu malho, tomo banho, tomo café da manhã e depois vou para o escritório.

— Por que depois que eu saio?

Seus olhos ainda estão em mim. O meu fica sempre em frente.

— Você tenta me evitar. Não vou tornar isso mais difícil para você.

— Saía para trabalhar às sete antes de nos casarmos.

Eu danço em torno do que ele está realmente dizendo, e ele não pressiona o ponto.

Chegamos ao próximo patamar. Crew faz uma pausa. Eu paro também, observando enquanto ele agarra o corrimão com uma mão e agarra o tornozelo com a outra. Ele se equilibra em uma perna e dobra a outra para trás.

— O que está errado?

— Tenho uma lesão antiga no joelho. Só preciso me alongar por um minuto.

— Uma lesão no joelho pelo quê?

— Eu jogava futebol no colégio.

Eu bufo. — *Claro* que você jogava. O esporte patrono dos atletas idiotas em todos os lugares.

— Isso é terrivelmente crítico.

— Eu *sou* terrivelmente crítica.

— Sim. — Ele sorri. — Já reparei.

Eu não gosto do jeito familiar que ele está olhando para mim. E eu gosto demais. — Então o que aconteceu?

— Huh?

— Seu joelho. O que aconteceu com ele?

— Oh. Chris Jenkins me acertou com um tackle¹⁸ ilegal no primeiro ano. Eu torci um tendão, e às vezes ainda se inflama. — Ele balança a cabeça com um sorriso. — Idiota.

— Existe uma filmagem de você levando uma surra?

— Não.

— Eu acho que você está mentindo.

— Acho que você nunca vai saber.

— Você deveria ter praticado um esporte sem contato na escola. Tipo...crew¹⁹, talvez?

Ele *ri*. E não é uma risada que ouvi dele antes. É um som quente, áspero e masculino que parece estar em frente a uma fogueira bebendo chocolate quente. Uma queimadura reconfortante. — Muito orgulhosa de si mesma por ter inventado isso, Red?

Eu sorrio. — Um pouco.

¹⁸ É um tipo de jogada ofensiva no futebol americano.

¹⁹ Esporte corrida. Ela fez um trocadilho com o nome dele.



Subimos os lances finais em silêncio. Se o joelho de Crew ainda o incomoda, ele não diz nada sobre isso. Ele me acompanha facilmente quando chegamos ao deck de observação superior e vislumbramos Paris espalhada à nossa frente.

— Uau. — Estou acostumada a esconder minhas emoções e reações. Estou sempre pronta com uma resposta certa ou uma réplica rápida, nunca pega de surpresa ou confusa. Nunca *apreciando* onde estou ou o que estou fazendo. É cansativo, e uma guarda que normalmente só baixo quando estou sozinha.

Eu nunca esperei ser eu mesma perto de Crew Kensington. Já vi muitas pessoas navegando em casamentos arranjados com o mínimo de interação. Eu esperava que não fôssemos diferentes. É desconcertante perceber que podemos ser. Que eu *gosto* dele. Poderia ter escolhido me casar com ele mesmo que seu patrimônio líquido fosse metade do que é - ou inexistente.

Duas garotas que parecem estar na faculdade pedem a Crew para tirar uma foto delas. Eu me inclino contra o corrimão e observo a interação deles. Onde quer que vamos, Crew parece comandar a atenção feminina. As mulheres da Proof, Hannah Garner, Olivia Spencer, a tenista loira.

Não é que eu não veja o apelo de Crew - eu vejo. É que estou dividida. Fazer uma reivindicação - admitir minha atração - vem com riscos. Uma vez que eu der as minhas cartas metafóricas, no caso. Eu vou ter minha pele no jogo. E será esfregada em carne viva quando Crew trair.

Apesar de toda a atenção que recebe, nunca o vi flertar com uma mulher. No máximo, ele parece permitir que as mulheres flertem com ele.

Mesmo agora, com duas garotas bonitas de vinte e poucos anos babando por ele, ele parece desinteressado. Ele está sorrindo, mas não alcança seus olhos. Ele não olha para elas do jeito que ele estava olhando para mim. Eu gostaria de poder culpar o sentimento de felicidade pelo fato de estar no topo da Torre Eiffel em um dia perfeito de verão.

Acho que tem mais a ver com ele.



Em vez de continuar espionando, olho para a cidade. Há uma leve brisa que neutraliza um pouco do calor do verão, soprando meu cabelo para longe do meu rosto.

— Scarlett!

Eu olho para ver Crew acenando para mim. Eu ando até onde ele está parado com as duas mulheres. Nenhuma delas parece entusiasmada com o meu aparecimento.

— Essas são Natasha e Blair, — ele apresenta. — Elas são de Nova York também.

— Incrível. — Você poderia ouvir a falsidade em minha voz do espaço sideral.

Não preciso ver o sorriso de Crew; eu posso ouvir isso em sua voz. — Natasha estuda na Parsons. — Ele olha para a mais clara das duas loiras. — Scarlett é a editora-chefe da *Haute*. — Há uma nota inconfundível de orgulho em sua voz que causa estragos em meu sistema nervoso.

— Oh meu Deus! Sério? — De repente, Natasha e Blair estão olhando para mim com admiração, não com aborrecimento. — Eu amo *Haute*. Eu leio cada edição de capa a capa. Os artigos, a fotografia, o *design*? Todas as minhas amigas são obcecadas por ela.

Todo mês, recebo o número do alcance da *Haute*. Eu julgo o sucesso da revista por quanto dinheiro ela está ganhando e quais modelos ou atrizes querem aparecer na capa. Mas nunca vi a adoração de herói no rosto de alguém ao perceber que aprovei cada página.

— Você pode assinar isso? — Natasha tira um exemplar gasto da edição de julho de sua bolsa e o entrega para mim, junto com uma caneta.

— Hum, claro. — Pego a caneta e rabisco minha assinatura logo abaixo da fonte em negrito que soletra *Haute*.

Natasha pega a revista de volta como se fosse um tesouro inestimável.



— Alguma de vocês se importaria de tirar uma foto nossa? — Crew pergunta, segurando seu telefone.

Estou surpresa, mas tento não demonstrar. Além de nossas fotos de casamento, não temos nenhuma juntos. Achei que ele não iria querer.

Blair pega o telefone de Crew enquanto ele me puxa em direção ao parapeito. Eu tropeço no nada e bato em seu peito.

— Se você queria ficar tão perto, tudo que você tinha que fazer era pedir, — ele sussurra enquanto me puxa para ele. Eu sorrio quando seus braços apertam minha cintura, prendendo-me contra ele.

— Tirei, — anuncia Blair. Sem olhar, sei que momento ela capturou.

Crew agradece e nos despedimos antes de descermos o deck de observação. Eu tiro algumas fotos da vista enquanto Crew mexe em algo em seu telefone.

— Você não tem um Instagram?

— O quê?

— Existe uma Scarlett Ellsworth, mas duvido muito que você tenha postado isso. — Ele me mostra a tela de seu telefone. É uma foto minha andando na rua falando ao telefone.

— Que diabos? — Eu pego seu telefone e olho para ele. A foto teve quarenta e três mil curtidas.

Crew pega seu telefone de volta. — Então, não?

— Tecnicamente, administro a conta do *Haute*, mas tenho alguém que publica o conteúdo para mim.

Ele sorri enquanto digita. — Claro que você tem. Não estou marcando uma revista de moda.

— Marcando em quê?

— Estou postando a nossa foto.



Não tenho certeza do que dizer sobre isso. *Por quê?* é a única resposta que posso pensar. Então eu venho com uma pior. — Hannah Garner segue você?

— Não sei; eu nunca verifiquei. Por que?

Quando reúno coragem para encontrar seu olhar, seus olhos estão dançando com alegria que ele nem está tentando esconder. — Você sabe por quê, — murmuro.

Ele sorri. — Quer que eu verifique? Bloqueie ela?

— Não. — Começo a caminhar em direção à saída.

Levamos metade do tempo para descer as escadas do que para subir. Uma vez que estamos de volta em terra firme, Crew sai para o banheiro. Assim que ele sai de vista, abro o aplicativo do Instagram no meu celular e procuro seu nome. Apesar de ter postado apenas algumas fotos, ele tem milhões de seguidores. As fotos são principalmente de cenários: Copenhague, Londres e Nova York. Umas duas mostram os dois rapazes de sua despedida de solteiro, Asher e Jeremy. Uma foi tirada em Boston; eu reconheço o bar da faculdade.

E então há a foto nossa que ele acabou de postar. Mordo meu lábio inferior quando vejo o que ele escreveu como legenda. *Explorando Paris com a mulher mais bonita do mundo. Ela ofusca todos os pontos turísticos.*

Eu rolo para baixo através de alguns dos comentários. Um bom número deles são sugestivos envolvendo Crew. Esses não me surpreendem. Os que surpreendem são os que dizem *casal lindo* e *vocês parecem tão felizes e objetivos de casamento*. Eu toco de volta na foto, tentando examinar a imagem do jeito que um estranho faria.

Nós parecemos felizes. Nós dois estamos sorrindo. Eu sei que o meu não foi forçado, e o de Crew também não parece. Seus braços estão em volta da minha cintura e seu queixo está apoiado no topo da minha cabeça. Vegetação próspera e monumentos de pedra são óbvios no fundo atrás de nós. Eu procuro seus



seguidores e descubro que Hannah é um deles. Uma pequena parte de mim está satisfeita.

— Pronta para ir?

O som de sua voz me assusta. — Sim. — Eu coloco meu telefone de volta na minha bolsa.

— Você está livre até o jantar? — Crew confirma enquanto atravessamos o gramado e voltamos para a rua.

— Uh-huh.

— Você está morrendo de vontade de voltar para o hotel e trabalhar?

Pela primeira vez, não estou. Eu tento não ler a compreensão. — Não se você me fizer uma oferta melhor.

Crew me lança um olhar chocado que não tenho certeza se é totalmente exagerado. — Algo pode superar o seu trabalho para você?

— Cala boca. — Eu empurro seu ombro. — Eu não sou tão ruim assim.

— Você é pior. Mas eu respeito. Qualquer um que diga que você teve tudo entregue a você... eles estão *errados*, Scarlett.

— *Você* foi entregue a mim. — Eu indico.

Ele para e me puxa para o lado da passarela tão rapidamente que eu bato em seu peito novamente.

Eu dou um passo para trás como se ele tivesse me queimado.

Crew sorri, mas desaparece rapidamente. — Só para deixar claro, há momentos em que discordo do meu pai. Eu discuto com ele. Eu não o ouço. Esses momentos não chegam à imprensa. Eles não estão em exibição em público. Eu entendo porque você pensa que eu sou Arthur Junior. Mas eu *não sou*, Scarlett. Quando eu assumir o cargo de CEO, farei mudanças na empresa. Eu poderia ter me casado com Hannah ou com outra mulher. Eu poderia ter me casado com



qualquer uma. Eu me casei com *você*, Scarlett. Isso significa alguma coisa, mesmo que você queira fingir que não.

— Ok. — Honestamente, não vejo mais Crew como uma extensão de seu pai. Eu só *gostaria* de ver assim. Tornaria muitas coisas mais fáceis.

Crew suspira como se minha resposta fosse uma decepção. — Ok.

Eu limpo minha garganta. — Uh, você pode me mandar a foto?

— O quê?

— A nossa foto. Você pode mandá-la para mim?

Surpresa pisca em seu rosto. — Sim. Claro.

Começamos a andar novamente. Meu telefone vibra com uma mensagem quando chegamos à calçada. Crew segue para a fila de táxis enquanto eu espero. Verifico meu telefone e vejo que a foto veio dele. É a primeira mensagem que ele me manda.

Eu mando a foto para minha mãe. É a primeira foto em nossa cadeia de mensagens, principalmente aquelas que ela me enviou relacionadas ao casamento às quais nunca respondi.

Eu guardo meu telefone e caminho até onde Crew está parado.

— Ele precisa saber para onde estamos indo, — diz ele, apontando para o motorista.

— Versalhes? — Eu sugiro. Já estive lá antes, mas faz anos.

O sorriso de Crew é ofuscante. — Isso soa muito como passeios turísticos.

— Ouvi dizer que você adora passeios turísticos.

Ele sorri. — É uma oferta melhor?

Eu concordo. — Vamos.





Jacques já está sentado à mesa quando entramos no restaurante. Nossa viagem a Versalhes consumiu a maior parte da tarde. Eu pretendia voltar para o hotel e me trocar antes do jantar, mas não havia tempo.

Não que isso importe. Jacques está muito mais focado em Crew do que no que estou vestindo.

Recebo uma saudação superficial antes que ele comece a bombardear Crew com perguntas. Eu digo sem som *eu te disse* a Crew quando ele olhou para mim. Seu sorriso de resposta faz meu interior parecer champagne batido.

Hoje foi maravilhoso e terrível. Eu pensei em começar minha própria linha de moda desde a faculdade. Esta viagem é o culminar de anos de planejamento. *Haute* serviu como um trampolim não planejado para fazer conexões na indústria da moda que tornaram a *Rouge* mais acessível.

Uma linha de roupas pode ser uma atividade que a maioria das pessoas menospreza. Não é tão refinada quanto as finanças ou qualquer negociação em Wall Street. Meu pai certamente acha que é superficial e bobo.

Mas essa é a beleza dos sonhos: eles são seus. De mais ninguém. Você não precisa de permissão ou justificativa para persegui-los. Você pode dar a eles relevância, importância e significado sozinha.

Infelizmente para o meu coração, Crew não parece compartilhar da opinião do meu pai. Entre passear pelos jardins e passear pelos corredores do palácio, fazia-me perguntas sobre a *Rouge* e ouvia as respostas.

Ou ele está *extremamente* dedicado a me levar para a cama ou realmente se importa em como gasto meu tempo, energia e dinheiro.



Passo a maior parte do jantar estudando-o. Esta é a primeira vez que vejo Crew no que não é seu elemento. Ele não está aqui para buscar um acordo para a Kensington Consolidated. Duvido que ele saiba muito, se é que sabe alguma coisa, sobre a indústria da moda. Jacques não é alguém com quem ele teria relações comuns.

E, no entanto, ele está prosperando. *Encantador*. Era para ser um jantar de negócios. Cada refeição que compartilhei com Jacques durante minha última viagem aqui foi gasta em debate de ideias ou folheando esboços. Hoje à noite, não há sinal da energia maníaca que geralmente zumbi ao seu redor como um enxame de abelhas, lançando ideias na velocidade da luz. Jacques está relaxado e rindo. Crew também. Eu sou a intrusa ficando cada vez mais irritada enquanto eles conversam como velhos amigos em vez de estranhos.

Esta é a minha viagem. Meu esforço. Meu domínio. Nossas vidas deveriam permanecer separadas. De repente, eles estão tão emaranhados que não consigo olhar além dele.

Eu me desculpo e vou para o banheiro depois que terminamos de comer, sem nem mesmo ter certeza de que eles vão notar meu desaparecimento. Depois de usar o banheiro, fico na pia, enxugando o rosto com uma toalha de papel e checando meus dentes em busca de comida.

Quando abro a porta do banheiro, Crew está encostado na parede oposta com os braços cruzados.

— Eu sei que seu francês não é bom, mas você não é cego. O boneco usando um vestido significa que este é o banheiro feminino. O dos homens devem estar lá embaixo. — Eu inclino minha cabeça para a esquerda, onde o corredor se estende. Em uma escala de um a muito puta, estou em onze.

Ele não diz nada a princípio, o que é a pior resposta possível. Crew se tornou a única pessoa em quem posso confiar para me desafiar. Eu desejo isso dele, mais do que segurança financeira ou fidelidade. Quero que ele me veja como uma igual e uma parceira - porque é assim que eu o vejo. Os músculos de sua mandíbula se



movem quando ele a aperta visivelmente, segurando o que quer que ele vá responder. Eu espero, e derrama para fora. — Que porra é essa, Scarlett?

A questão é basicamente cuspidada em mim. Quero sorrir, mas não o faço. — Que porra é essa *o que*, Crew?

— Eu não posso ganhar com você. Não importa o que eu faça. Eu vim aqui para te apoiar. E eu assisto tênis por horas e tento conhecê-la e bater papo com o seu... nem sei o que Jacques faz pra você... e você age como se eu estivesse no seu caminho!

Ele é bom demais. Em tudo isso. Eu sei como jogar o jogo dos segredos, mentiras e enganos. De traição e erros varridos para debaixo do tapete. Sei como lidar com o Crew com quem conversei no Proof, que me olhou com total indiferença. O cara que me cumprimentava com um superficial e sem graça *Você está linda* e depois me ignorava pelo resto da noite. Não estou preparada para lidar com o Crew que veio aqui para me *apoiar*. Quem me faz sentir especial - assim como ele faz com todos os outros. Ele é o sol e eu sou Ícaro²⁰, depois que ele aprendeu a lição.

— Eu não pedi para você fazer nada disso! — Eu estalo. — Eu não *pedi* para você vir. Eu não *queria* que você viesse.

Ele balança a cabeça. Ri. Zomba. — Se é você *tentando*, não consigo imaginar como vai agir quando estiver prestes a pedir o divórcio.

Não reajo a elas, mas sinto que as palavras me atingem como um tapa. Eu quis dizer isso quando disse a ele que tentaria. Ele está manchando aquele momento, aquela memória, arrastando-a para essa discussão feia. Passei a tarde inteira *tentando*. Se não tivesse, estaria enfurnada no hotel trabalhando. Ignorar um ao outro exceto para trocar insultos não era sustentável. Nem é o casal feliz que fingimos ser hoje. Sempre estarei com um pé fora da porta - sempre esperando

²⁰ Faz referência ao Mito de Ícaro.



que ele se transforme em alguma versão do meu pai - focado em nada além de manter as chaves do reino.

Crew me disse que ele poderia ter se casado com outra pessoa antes. Nós dois sabemos por que ele não o fez. Se meu sobrenome não fosse anteriormente Ellsworth, ele teria. Ele tem qualidades que não podem ser compradas, como carisma e charme. Mais a oferecer do que um rosto bonito e uma conta bancária com zeros à direita.

As pessoas realmente gostam dele. Eles me satisfazem porque sabem que posso ser uma amiga poderosa e uma inimiga implacável. Porque descobri que o medo é muito mais eficaz do que o amor.

Ele não teria se casado comigo se não fosse por um acordo.

Mas eu teria me casado com ele.

Essa percepção é o motivo pelo qual não consigo mais olhar para ele. Em vez disso, estudo os ladrilhos de estuque. — Não vou pedir o divórcio.

Talvez a frase mais honesta que já disse a ele. Não serei a razão do fim deste casamento. Da falha, talvez. Mas não aquela que sinaliza a linha pontilhada para assinar.

Não porque meu pai ficaria furioso por eu ter destruído o futuro que ele arranjou.

Não porque perderia tudo o que ganhei.

Não porque minhas outras perspectivas seriam sombrias.

Porque eu sou egoísta.

Eu o quero e não quero que mais ninguém o tenha.

Crew se afasta da parede, pairando sobre mim. Por um segundo selvagem e emocionante, acho que ele está prestes a me beijar. Forçar-me a admitir que o *quero* aqui. Em vez disso, ele vira à direita, em direção à saída.

— Você está saindo?



Uma sobrancelha se levanta irritantemente quando ele olha para trás. — Usando o banheiro. Isso é permitido, *honey*²¹?

A palavra mais dura na frase é a mais doce. O *mel*²² da bofetada. Nosso jogo de apelidos foi divertido. Mas depois de ouvi-lo me chamar de Red com sentimento, com afeto genuíno, *honey* soa como um insulto. Eu suspiro, a luta drenando de mim enquanto seu tom amargo é registrado. Esse é um dos nossos muitos problemas, um de nós geralmente está com vontade de brigar. — Você pode sair, se quiser.

Não estou falando apenas do restaurante, e sei que ele percebe isso quando a determinação aparece em seu rosto. — Eu não sou um desistente. Para o bem ou para o mal, Red.

— Eu pensei que o único voto que você queria dizer era *na riqueza*.

Seus lábios se contorcem, seu mau humor temporariamente desaparecendo como o sol aparecendo atrás das nuvens. — Você ainda está usando seu adesivo.

— Huh?

Crew dá um passo à frente e puxa o adesivo verde de entrada de Versalhes do meu vestido. Eu o pego de seus dedos antes que ele possa amassá-lo.

Ele me observa enfiá-lo na bolsa com uma expressão ilegível. — Tudo bem se importar, você sabe.

— Eu sei.

— Sabe mesmo? — Crew contra ataca.

Então ele me deixa aqui, boquiaberta atrás dele como um peixinho dourado.

²¹ O apelido que ele usa aí é “Honey” que é mel.

²² Honey, apelido carinhoso.





Você não saberia que é verão com base no gelo neste carro. O resto do jantar com Jacques transcorreu sem problemas. Crew ficou quieto enquanto Jacques e eu repassávamos tudo o que precisava ser resolvido esta semana.

Eu esperava que Jacques estivesse alheio à tensão fervilhando entre mim e Crew durante o jantar. Mas ele sussurrou *Amore*²³ *não é fácil, ma chérie*²⁴ em meu ouvido enquanto nos despedimos, fazendo-me pensar que você precisava ser cego e surdo para não perceber que não estávamos nos comportando como recém-casados. Jacques riu da carranca com a qual respondi ao seu conselho.

Após o jantar, o motorista nos deixa no hotel. Atravesso o saguão de mármore, sem me preocupar em esperar por Crew. Eu preciso de algum espaço. Infelizmente, suas longas pernas o levam para o elevador poucos segundos depois de mim. As portas douradas se fecham lentamente, selando-nos lá dentro, e começamos a subir.

Espero que ele fale, mas ele fica em silêncio, encostado na parede de metal brilhante e agindo como se eu não estivesse a meio metro de distância.

Chegamos ao último andar das suítes alguns minutos depois.

— Você tem a chave do meu quarto? — Pergunto quando as portas se abrem, irritada por ter que quebrar o silêncio primeiro. Foi ele quem nos registrou. A menos que eu queira dormir no corredor ou revistá-lo como um policial, não tenho escolha.

Sem dizer nada, Crew tira um retângulo de plástico do bolso e me entrega. Eu aceno com um *agradecimento* antes de ir em direção ao número estampado no plástico. Eu seguro a chave contra o sensor. Ele pisca em verde, permitindo-me

²³ Amor

²⁴ Minha querida



entrar. Fecho a pesada porta atrás de mim e me recosto nela por um momento. *Que dia.* Partes - a maioria - foram boas, o que é agradável. Vou me lembrar da postura irritada dele no carro agora mesmo quando me lembro de subir a Torre Eiffel lado a lado. Minha culpa.

Eu me aprofundo mais dentro da luxuosa suíte, tirando meus saltos altos com um suspiro pesado que não libera nenhuma tensão. Minhas malas foram todas empilhadas na sala de estar, ao lado de bagagens desconhecidas que não deveriam estar aqui. Eu me viro ao mesmo tempo em que a porta apita novamente. Crew entra no quarto.

— O que você está fazendo aqui? Achei que você tinha seu próprio quarto.

— Não havia nenhum disponível, — diz Crew alegremente, tirando o paletó e jogando-o nas costas do sofá dourado.

— Você está mentindo, — eu o informo, cruzando os braços.

— Eu estou? — Ele me dá um sorriso irritante.

— Você *não vai* dormir aqui.

— Por que não? Preocupada que você não consiga se controlar, Red?

Mordo o interior da minha bochecha com tanta força que sinto gosto de sangue. — Eu me *controlei* durante o mês em que estamos casados. Então não, eu não estou.

Espero que ele mencione o quão alto eu gemi ao lado da piscina dos meus pais. A única razão pela qual não fizemos sexo naquela noite foi porque ele não tinha camisinha e acha que estou dormindo com um cirurgião. Esfregar-se contra ele não era exatamente o auge do autocontrole. Mas, em vez de um lembrete, tudo o que ele diz é, — Ótimo. Não vejo qual é o problema então.

— Você está dormindo no sofá. — *Foda-se.* Eu não negocio. Nunca.

O sorriso triunfante de Crew é enlouquecedor. Ele solta a camisa e começa a desabotoá-la. Olha para o sofisticado sofá de estilo vitoriano que parece tão macio quanto uma tábua de madeira. — A cama parece mais confortável.



— Tenho certeza que é. Se você quer uma cama... — Outra sugestão para conseguir seu próprio maldito quarto morre na minha língua quando ele descarta seu short cáqui e caminha para a cama em nada além de uma cueca boxer preta. Minha boca fica seca quando ele sobe no lado da cama onde eu costumo dormir.

A pele dourada ondulando sobre músculos definidos ataca minha visão e sequestra meus pensamentos. Ele fez a maior parte da exploração da última vez que estive sem camisa. Estou cobiçando e ele parece indiferente, subindo na cama e rolando de bruços. Ele puxa um travesseiro sob a cabeça, fecha os olhos e é isso.

Sem toques. Sem provocações. Sem insultos. Sem falar.

Nos sentimos como um casal - cinquenta anos depois. Não como um casal amoroso que aprecia cada momento que compartilham. Um resignado onde o tempo juntos é uma tarefa árdua e pelo menos uma pessoa sempre tem um outro lugar onde prefere estar.

Estou completamente desequilibrada, mas se eu protestar mais, será basicamente admitir que não consigo lidar com a proximidade dele. Que sou afetada por estar perto dele enquanto ele está *inconsciente*. Estou, mas prefiro dormir no chão do que dar essa informação a ele. Do que dar a Crew a satisfação de me empurrar para fora da minha cama - de vencer.

Vou até minhas malas para pegar meu kit de higiene e pijama. Certifico-me de fechar a porta do banheiro atrás de mim, ciente de que estou agindo como uma criança petulante. Mais do que chateada com Crew, estou chateada comigo mesma. Se eu realmente quisesse, poderia fazê-lo ir embora. Estou escolhendo permitir isso porque uma parte de mim quer. Posso sentir as rachaduras aparecendo em minhas paredes. E eu sei.

Pior? Ele também.

Eu simplesmente não vou admitir isso - para ele ou para mim.



Lavo o rosto e passo hidratante. Depois de fazer o resto da minha rotina noturna, tiro o vestido que usei o dia todo e coloco um conjunto de dormir.

Então eu volto para o quarto, jogando meu vestido branco sobre o mesmo sofá onde Crew abandonou sua jaqueta. Eu continuo no quarto. A lâmpada ainda está acesa, mas Crew parece dormir profundamente, suas costas subindo e descendo constantemente a cada respiração. Eu paio na porta, aproveitando a rara oportunidade de estudá-lo, da mesma forma que fiz da última vez que dividimos a cama. Algo que eu *pensei* que seria uma ocorrência rara.

Dirijo-me para o lado esquerdo da cama e deslizo entre os lençóis de seda. É uma cama king size, mas parece pequena. Crew e eu não estamos nem perto de nos tocar, mas posso sentir o calor irradiando de seu lado da cama. Ouça suas respirações rítmicas. Em vez de contar ovelhas, estou pensando em fazer sexo com ele.

Demoro muito para pegar no sono.



CAPÍTULO DOZE

Crew

Scarlett *não* gosta de ser surpreendida. Eu sabia disso antes de colocar esse plano em ação, e meus ouvidos ainda estão zumbindo com as perguntas dela quando aterrissamos na Itália. Seu tom fica cada vez mais irritado com cada resposta vaga.

Onde estamos indo? — Você vai ver.

Quanto tempo vamos ficar? — Não tenho certeza.

Pessoalmente a minha favorita, que não me preocupo em responder: *Haverá WiFi?*

Sei que ela se sente mal com o que aconteceu em Paris naquele primeiro dia. Dizendo que não me queria lá, fazendo beicinho enquanto Jacques dava em cima de mim. Ela é muito teimosa e orgulhosa para realmente *se desculpar*, mas ela concordou em estender nossa viagem além dos poucos dias que originalmente deveria durar. Menti e disse a ela que precisava marcar uma reunião em nome da Kensington Consolidated, e fazia mais sentido cruzar a fronteira franco-italiana do que colocar outra pessoa em um avião de Nova York para Florença. Após quatro dias de evasão e silêncio, acho que ela ficou chocada por eu ter perguntado.

Talvez seja hipócrita da minha parte, esperar honestidade dela enquanto remato as reuniões. Mas a diferença é que estou mentindo para mantê-la por



perto. Scarlett mente para me afastar. E, me chame de louco, mas continuo tentando de novo e de novo.

Sou tão teimoso quanto ela. Ter minha esposa me ignorando não é apenas um motivo de orgulho. Scarlett me fascina. Sua beleza é cativante, mas *ela* é fascinante. Eu quero mais do que um relacionamento superficial com ela. Mais do que físico, embora meu corpo não concordasse completamente.

Quero saber por que ela é multibilionária que trabalha horas como se estivesse lutando para pagar o aluguel. Quero saber se o relacionamento dela com os pais já foi diferente do que é agora, se a infelicidade deles se infiltrou nela — e agora em nós. Quero saber por que ela concordou em se casar comigo quando parece determinada a ignorar os desejos do pai e é hostil a compromissos.

Depois que ela pergunta sobre o Wi-Fi, paro de responder às suas perguntas, o que só a irrita mais. Ela ainda está resmungando enquanto me segue para fora do jato e em direção ao carro que está esperando.

O ar do final da tarde está mais quente e seco do que quando saímos da França. Manchas de luz dourada caem do céu azul, banhando a pista e os prédios distantes que compõem o aeroporto com um brilho sutil.

Troco gentilezas com o motorista antes de entrar no carro com ar-condicionado. Ele termina de colocar nossa bagagem no porta-malas e então estamos nos afastando do aeroporto e entrando em uma estrada movimentada.

— Você fala italiano? — Scarlett parece surpresa.

— Um pouco. — Pergunto a ela onde fica a estação de trem mais próxima.

Ela parece impressionada, dizendo-me que não fala *nada* de italiano.

Pego nosso motorista sorrindo pelo espelho retrovisor enquanto o tráfego diminui e seguimos pela estrada que liga a cidade portuária de Salerno ao topo do penhasco de Sorrento antes de entrarmos em Amalfi. O carro passa por vistas panorâmicas de vinhedos em socalcos e limoeiros à beira do penhasco.



A villa é uma das poucas propriedades internacionais que minha família possui em que me incomodo em ficar. Quando paramos na frente, lembro-me do porquê. Antigamente era uma antiga fábrica de cordas que produzia redes de pesca. Os trabalhadores, sem dúvida, desfrutaram da mesma visão de ondas de água-marinha pontilhadas de barcos com uma orla emoldurada pelas casas coloridas escalonadas nas falésias, parecendo tão precárias quanto blocos de Jenga²⁵. Anos de reformas e proprietários ricos tornaram a casa irreconhecível desde suas origens humildes. O revestimento de majólica²⁶ foi projetado exclusivamente para esta propriedade.

Scarlett caminha pelos pisos de terracota em direção ao terraço. Ela não diz nada, o que é inédito. Já trouxe outras mulheres aqui antes, e todas elas passaram no mínimo vinte minutos se surpreendendo com cada detalhe. Nenhuma delas cresceu com o nível de luxo a que Scarlett está acostumada. Todas elas sabiam que seu tempo aqui seria limitado e singular.

Tecnicamente, Scarlett tem direito a esta propriedade. Nosso pré-nupcial rígido distribui nossos bens substanciais no caso de nos divorciarmos. Desde que sejamos casados, todos pertencem um ao outro - com exceção da revista que ela me pediu para assinar. Possuir algo geralmente faz com que ele perca seu brilho. É da natureza humana cobiçar o que não podemos ter ou não temos. Apreciar o que possuímos é muito mais raro.

Observo nosso motorista empilhar as malas na entrada, depois me viro para Scarlett. Ela está torcendo suas longas madeixas morenas em um coque, olhando em volta como se tivesse entrado em um museu e estivesse observando seus artefatos. Apreciativa, mas desapegada.

— Estarei de volta às seis.

²⁵ Jogo de habilidade física, os jogadores se revezam em remover um bloco de cada vez em uma torre construída com 54 blocos, e colocado no topo da torre, criando uma estrutura instável.

²⁶ Cerâmica esmaltada com estanho

Ela gira, prestando atenção em mim pela primeira vez desde que chegamos.
— Onde você está indo?

Uma pergunta que não fiz a ela nenhuma vez nos últimos quatro dias, a maior parte dos quais passei em um quarto de hotel em Paris, trabalhando remotamente para não interromper seus negócios. — Fora.

— Eu vim esse caminho todo até aqui e agora você está indo embora?

— Soa familiar?

Seus olhos piscam e sua boca cai. Eu saio antes que ela responda. Um golpe baixo. Uma admissão - que sua ausência e distanciamento nos últimos dias me incomodaram. Aborrecimento - porque quero passar um tempo com ela e, em vez de ser homem e admitir isso para ela, menti. E agora estou tendo que agir como se não fosse um.

Instruo o motorista a me deixar em um pequeno café da cidade. A conversa feliz enche a rua em uma miscelânea de idiomas. Peço um cappuccino à garçonete e me sento em uma das mesinhas — parece que a Europa é o oposto do Texas — e olho para os prédios de estuque, os carros caros e o mar brilhando ao sol.

Meu telefone começa a tocar. Eu debato responder, mas é Asher. Não falo com ele desde que parti para Paris.

— Ei.

— Por que você não está respondendo minhas mensagens?

— Por que você está agindo como um ex pegajoso?

Ele ri. — Foda-se, cara. Sinto sua falta. Você vem hoje à noite?

Eu pisco, então percebo. *Eu deveria estar de volta a Nova York horas atrás.*
— Não. Estou na villa.

— A villa? Seu pai sabe?



Na maioria das vezes, gosto do fato de que o escritório do meu melhor amigo fica no mesmo corredor do meu. Este não é um desses momentos. — Ele não é meu guardião. Se eu quiser ir para a Itália, vou para a Itália, porra.

— Eu só estava perguntando, cara. Ele ficou chateado por você ter ido para Paris sem avisar, e a aquisição da Lancaster deve fechar na sexta-feira. Devemos fazer os relatórios finais amanhã. Toda a equipe.

— Vou revisar os relatórios e enviar meu feedback.

Há uma batida de silêncio. — Foi tão ruim assim, hein?

— O quê?

— Viajar com Scarlett. Eu sabia que seria um desastre. Vocês não podiam nem voltar juntos.

A insinuação irrita. Sabe-se lá por que motivo, sinto a necessidade de defendê-la. — Não foi um desastre. Ela está aqui comigo.

— Ela *está*? — Asher parece chocado.

— Não saímos em lua de mel. É só por mais alguns dias.

— Então você está finalmente conseguindo alguma coisa? Deve ser bom se você está arriscando a ira de Arthur.

Meus molares rangem. Não tenho certeza de quando, mas meu casamento com Scarlett se tornou algo que não quero discutir com ninguém. Mais do que apenas ela, sou protetor *conosco*. Evitei relacionamentos sérios como uma praga. Mesmo se eu tivesse desenvolvido sentimentos por Hannah Garner ou qualquer outra mulher com quem estive, ainda teria me casado com Scarlett. Na época, eu não conseguia imaginar fazer outra pessoa me ver casar com outra pessoa. Agora, não consigo imaginar fazer Scarlett ver uma mulher sair do meu quarto. Traição, porque é assim que seria.

Os momentos entre nós que pareciam importantes foram passageiros. O beijo antes do nosso casamento. Carregando-a escada acima quando a encontrei no



sofá. Dançando no baile de Rutherford. Quatro de julho. Subir a Torre Eiffel e explorar Versalhes.

Eles são como nós. Bagunçados e escaldantes e confusos e emocionante e consumidores.

Estamos casados há pouco mais de um mês. E, no entanto, não consigo imaginar minha vida sem ela. Seria como viver com problemas de visão por anos, comprar óculos e depois perdê-los para sempre. Viver com clareza nítida e depois retornar aos borrões opacos, sabendo o que você estava perdendo. Scarlett me faz ver as coisas de forma diferente. Claramente. Não posso explicar isso a ninguém, nem quero. Sou diferente perto dela e gostaria de pensar que ela também é diferente perto de mim.

Asher claramente não sabe o que fazer com o meu silêncio prolongado. Não sou do tipo passivo-agressivo. Eu digo o que quero dizer. Eu disse a ele que meu casamento com Scarlett não mudaria nada e acreditei. Ele acreditou.

Eu estava errado.

— Você ligou para discutir qualquer coisa além da minha vida sexual? — Eu pergunto.

— Ouvi dizer que você deu um soco em Camden Crane no 4 de julho. Sebastian apareceu no escritório esta semana. Gostaria de falar sobre isso?

— Não.

Asher suspira. — Você foi para os Hamptons, cara.

— Eles são meus sogros. Teria sido rude ignorá-los.

— Ela não vale a pena, Crew.

Eu aperto meu copo.

— Eu sei que você é um cara decente, e ela também. Ela está usando você. Brincando com você. Todo mundo diz que ela é uma rainha do gelo. Mesmo que o sexo seja bom, tire o seu da reta. Apenas...



— Pare. De. Falar.

— Crew...

— Ela não é uma rainha do gelo. Você deveria confiar em *mim* nisso, não nos caras amargos que ela nunca deu a eles a hora do dia.

— Se você diz. — A voz de Asher é cética.

— Se você não acredita em mim, pergunte a Camden Crane o que ele estava dizendo logo antes de eu socá-lo, — eu sugiro. — Se você quiser discutir qualquer coisa relacionada ao *trabalho*, envie-me um e-mail. Responderei assim que me esfriar. — Então eu desligo.



Eu não consigo desviar o olhar dela. Velas dançam entre nós, lançando um brilho suave sobre Scarlett. Em suas maçãs do rosto afiadas e cílios longos. Seus lábios vermelhos e vestido azul.

Ela estava quieta quando voltei do café. Agradável quando sugeri sair para jantar. Estamos no meu restaurante favorito. A grade à minha esquerda está embutida no próprio penhasco. Um olhar para o lado e tudo o que você pode ver é o mar revolto. Estamos suspensos em terra firme.

— Então está tudo pronto? Com a *Rouge*? — Eu pergunto.

— Sim. O site entrará no ar amanhã assim que for anunciado.

— Você está animada?

Estou esperando uma resposta simplista. Não, — Aterrorizada.



Por um segundo, acho que ela está brincando comigo. Mas o pequeno encolher de ombros antes de ela dar uma mordida no bucatini²⁷ é genuíno em sua vulnerabilidade.

Eu me inclino para frente. — Não me leve a mal...

Ela interrompe. — Péssima maneira de começar uma frase.

Eu sorrio. — Por que está fazendo isso? Sei que a *Haute* tem sido lucrativa, mas você não precisa do dinheiro. Você já estava lidando com os trabalhos de três pessoas e depois foi e adicionou mais trabalho para si mesma. A princípio, pensei que fosse eu, nós. Você estava evitando ficar em casa. Mas no jantar com Jacques... você vem planejando isso há anos. *Por que*, Scarlett? Eu entendo querer provar a si mesma, eu realmente entendo. Mas forçar-se assim parece... não sei. Excessivo?

Scarlett olha para a água. O pôr do sol está manchado no céu atrás dela. Salpicos de tangerina e pêssego misturados com luz dourada. Seu perfil é tão impressionante quanto o resto dela.

Suspirando, eu me inclino para trás. — Deixa para lá. Eu...

— Sinto que preciso merecer. — Ela se vira para mim, seus olhos castanhos parecendo mais verdes do que castanhos esta noite. — Durante toda a minha vida, tive tudo entregue a mim. Sim, eu trabalhei pelas coisas, mas eu as teria conseguido, independentemente. Harvard não iria rejeitar uma *Ellsworth*. A inscrição era praticamente uma formalidade. Vi que a *Haute* estava à venda e eu... não sei. Eu sabia que poderia dar a volta por cima. Mesmo agora que está indo bem, não me permito confiar totalmente nela. Quanto mais trabalho, mais sinto que mereço o sucesso. Mas eu a assumi. As peças estavam todas no lugar; eu só usei dinheiro e conexões para torná-las brilhantes novamente. Com a *Rouge*... é minha. Tudo eu. Quero que as roupas que desenho façam as mulheres se sentirem poderosas. Eu quero que elas sejam feitas em cidades onde as pessoas

²⁷ É uma massa espessa semelhante a um espaguete com um buraco no centro.



precisam trabalhar, em um prédio onde as pessoas estão entusiasmadas e orgulhosas de trabalhar lá. Quero sentir que fiz algo importante e que fiz isso sozinha. Quando doo para instituições de caridade, é tudo o que posso fazer. Assinar o cheque. Não estou curando as crianças ou pilotando o avião com suprimentos de emergência. Mas eu conheço roupas. Posso desenhar a roupa que alguém usa quando consegue o emprego dos sonhos. Ou no primeiro encontro com a pessoa com quem vão se casar. Ou... — Ela para de falar e desvia o olhar, com as bochechas coradas. — É bobo, eu sei.

— Não é. — Isso é tudo que eu digo até que ela encontre meu olhar. — Não é bobagem, Red. — Eu levanto minha taça e inclino para ela. — Para a *Rouge*.

— Para a *Rouge*, — ela ecoa, batendo a dela contra a minha.

Mantemos contato visual enquanto ambos bebemos, e parece mais íntimo do que posso me lembrar de sexo.

— Royce Raymond quer que eu assuma sua produtora. — Uma sutil elevação de suas sobrancelhas é a única indicação de que ela me ouviu. — Ele fez o pedido no nosso casamento. Disse que eu deveria esculpir meu próprio legado. Acho que não vou aceitar. Mas... é uma opção.

Scarlett esvazia a taça e torna a enchê-la. — Uma opção em LA?

— Eu não consideraria isso se fosse em LA.

— Por que não? É quentinho. Ensolarado. Você poderia surfar.

Eu sorrio. — Não sei surfar.

— Você poderia aprender.

De alguma forma, Scarlett sempre consegue dizer o que menos espero. — *Você quer se mudar para Los Angeles?*

Ela zomba. — Claro que não. Nova York é minha casa. Eu nunca me mudaria para a Califórnia.

— Como eu disse, não consideraria isso se tivesse que me mudar para Los Angeles.



Essa confissão fica entre nós por um minuto. — Você não sabe nada sobre a indústria cinematográfica.

— Como você sabe? — Eu contesto.

— Você lê ou assiste beisebol quando tem tempo livre.

Ela está certa; não consigo nem pensar no nome do último filme que assisti. Estou surpreso por ela ter notado. — Eu disse a mesma coisa, — eu admito. — Ele disse que tem gente que sabe. Ele me quer pelo meu senso de negócios. — Deixo de lado a parte sobre minha bússola moral.

Scarlett acena com a cabeça, como se essa resposta fizesse sentido. — Nenhuma piada sobre como eu não tenho nenhum? — Eu provoco.

— Eu vi os relatórios do departamento. Eu sei que você tem.

— Por que você estava olhando os relatórios? — *Como?* Esses não são registros públicos.

— Eu estava curiosa. E eu sou uma Kensington.

— O que isso significa?

— Você está se perguntando como consegui acesso. — Ela dá uma mordida em seu macarrão. Mastiga. Engole. — É assim que consegui.

— Oh, — é a minha resposta brilhante.

Ela não demonstrou nenhum interesse na Kensington Consolidated, mas está certa. Com o nosso casamento, ela ganhou uma parte substancial da empresa. Mais do que suficiente para obter acesso aos relatórios da empresa ou qualquer outra coisa que ela possa solicitar.

— Eu não acho que você deveria aceitar, — ela continua.

— Aceitar o quê?

Ela revira os olhos. — A oferta de Royce.

— Sério? Achei que você iria querer que eu fizesse isso.

Seus olhos se estreitam. — Por quê?



— Por causa de tudo que você acabou de me dizer. Sobre ganhar suas próprias realizações. Não sendo a cadela do meu pai.

— Eu nunca quis dizer nada dessa merda, Crew.

— Sim, você quis.

— Não, eu *não* quis. Eu queria te machucar e não sabia como fazer de outra forma. A Kensington Consolidated é seu direito de primogenitura. O legado da sua família. Você merece isso. Qualquer outra pessoa a destruiria.

Eu processo isso. — E as Empresas Ellsworth? Eu poderia dizer o mesmo para você. Você é a única herdeira.

Ela dá de ombros. — Nós vamos descobrir quando chegar a hora, eu acho.

— *Nós*, hein?

Rosa mancha suas bochechas. — Se existir um nós, até.

— Eu não tive uma reunião hoje. — Deixo escapar a confissão sem prelúdio, sem maiores explicações.

Ela me estuda. — Onde você foi mais cedo?

— Eu li em um café por três horas.

— Por quê?

Eu sei que ela não está perguntando por que eu leio. — Eu queria trazer você aqui. Eu não pensei que você viria de outra forma.

— Eu sou uma Kensington agora.

Eu pisco em outra mudança rápida na conversa. — Sim, eu sei. Eu estava no casamento, lembra?

Ela não sorri com a piada sem graça. — Se a *Rouge* falhar, se *eu* falhar, seu sobrenome será associado a ela. É por isso que fiquei tão chateada em Paris. Não quero que fique decepcionado comigo.

Estou tão atordoado que não consigo falar. Parece que estou ouvindo essas palavras através de um túnel de vento - *não quero que você fique decepcionado*



comigo. À distância e alto. — Scar... — Eu limpo minha garganta. Uma vez. Duas vezes. — Scarlett, como você pode... eu nunca poderia me decepcionar com você, ok? Eu juro. Você poderia matar alguém e eu enterraria o corpo, sem fazer perguntas. Se a *Rouge* não funcionar bem, ficarei orgulhoso de você por tentar.

Alguns segundos se passam sem que ela diga nada, e fico convencido de que não deveria ter dito nada. Eles somam cinquenta, e passo a maior parte deles rebobinando nossa conversa, identificando todas as maneiras pelas quais eu poderia ter evitado isso.

— Eu espionei você.

— O quê?

Ela dá um meio sorriso e engole mais vinho. — Se estamos compartilhando segredos... Quando eu estava em Paris, eu espionava você todas as noites. Pelas câmeras de segurança. Com a diferença de horário, eu estava de volta ao meu hotel quando você chegava do trabalho. Eu espiei. Toda noite.

— Por que você fez isso?

— Eu estava curiosa, eu acho. O que você faria. Como você agiria. Como você realmente era.

— E o que você aprendeu?

— Não muito. Você é muito chato.

Eu sorrio. — Não chato o suficiente para não espionar, aparentemente.

Fazer Scarlett corar pode ser meu novo hobby favorito. Cada vez, parece um presente. Uma realização.

— Que seja.

Meu sorriso se alarga. Ela ri e desvia o olhar.

— Você está pronta para ir?

— Sim.



Eu sinalizo para um garçom e pago a conta, olhando para Scarlett o tempo todo.

Quando saímos do restaurante, estava escuro como breu. Eu não percebi quanto tempo havia passado. Quando estou com ela, não me concentro em mais nada. Uma constatação desconcertante para alguém acostumado a estar no controle.

A última hora não diminuiu nenhuma atividade. As ruas estão tão movimentadas quanto antes. Caminhamos lado a lado, mais perto do que é necessário. Eu encaro cada cara que olha duas vezes para ela.

Scarlett tropeça em absolutamente nada, e eu estendo a mão para agarrar seu braço. Ela ri. — Achei que não estávamos nos tocando.

— Você está bêbada, — percebo.

Ela empurra uma mão no meu rosto, segurando o polegar e o dedo indicador firmemente pressionados juntos bem na frente do meu rosto. — Só isso.

Eu os afasto alguns centímetros. — Eu acho que você quer dizer isso.

Nunca vi Scarlett bêbada antes. Normalmente, ela é a imagem de equilíbrio e sarcasmo, não importa quantas taças de champanhe ela tenha bebido. É estranhamente cativante, como seus olhos brilham e seu nariz enruga. Ela parece mais jovem. — Nope. — Ela abre o P e fecha a lacuna. Entre os dedos dela e entre nós. — Eu quis dizer isso.

Antes que eu possa responder, ela me beija. Ela está instável em seus saltos, inclinando-se sobre mim e fora do centro enquanto passa os braços em volta do meu pescoço e chupa minha língua em uma rua movimentada.

A maioria dos nossos beijos foi apressada. Esse não é exceção. Ela me beija como se houvesse um cronômetro. Como se o mundo estivesse acabando e nós fôssemos as duas únicas pessoas que ainda existem.

Ela se afasta depois de alguns minutos de indecência pública. Antes que eu tivesse força de vontade, apesar do fato de ter bebido apenas um drinque no



jantar, não foram necessárias muitas taças de vinho para colocar esse sorriso desleixado em seu rosto.

A meio caminho do cais onde deixamos a lancha que viemos da villa, Scarlett para e tira os sapatos. E então ela começa a *pular* em direção à areia. Seu cabelo castanho balança ao vento e seu vestido azul voa em torno de suas coxas.

Pela primeira vez desde que conheci Scarlett, acho que ela parece despreocupada. Feliz. O vinho provavelmente merece mais crédito do que eu, mas ainda reivindico algum. Especialmente quando chegamos à praia e ela estende a mão e entrelaça seus dedos nos meus. — Gostaria que houvesse fogos de artifício.

— Talvez na próxima vez.

— Você voltaria aqui?

— Se você quiser.

Ela se levanta e olha para mim enquanto a brisa sopra seu cabelo em uma bagunça selvagem. — Isso me assusta.

Eu sinto minha testa franzir. — O que te assusta?

— O quanto eu quero voltar. O quanto eu quero... você.

Ela imediatamente se arrepende da confissão. Eu leio em como seus ombros ficaram tensos. A maneira como ela olha para longe de mim e para o oceano.

— Scarlett. — Eu me aproximo.

— O quê?

Ela ainda não olha para mim, então eu seguro seu queixo e viro seu rosto para mim. — Quero você. Eu *sempre* vou querer você.

Seu rosto se contorce em descrença. — Você não sabe disso. Isso vai...

Eu não afrouxo meu aperto. — Eu *sei* disso. Você é minha *esposa*. Eu quis dizer aqueles votos. Você é a única mulher que já abordei em um bar. Eu não teria dado a mais ninguém o anel da minha mãe. Arriscar um grande contrato de



negócios porque algum idiota bêbado descreveu como ele iria transar com ela. Você é diferente, Scarlett. Você é importante para mim, Red. Eu escolheria você sobre qualquer um. A qualquer momento. Em qualquer lugar. Não duvide disso. *Nunca.*

— Eu não quero que você importe. — A declaração soa com uma sinceridade que geralmente falta em suas palavras.

— Eu sei. — Minha resposta é instantânea. Mas as palavras estão cheias de tanto calor e desejo que espero que deixem marcas de queimadura em meus lábios. Não tenho certeza de quando nos tornamos isso. Quando *ela* começou a importar tanto.

— Mas você já importa.

— Eu sei disso também.

Ela me empurra. — Tenha uma conversa com você mesmo, então. — Seu tom voltou ao mandão que costuma usar comigo.

Eu rio e a puxo de volta para mim. — Você já se cansou da praia?

Ela suspira e se inclina contra mim. — Sim. Estou cansada.

Eu a pego e a carrego para o cais no estilo noiva.

— O que você está fazendo? — Ela murmura.

— Carregando você.

— Não pare, — ela instrui, com voz sonolenta.

— Eu não vou.

— Não desista de mim.

— Eu não vou, — repito.

Scarlett fica em silêncio pelo resto da caminhada até o píer. Ela se enrosca no assento do barco assim que a deito. A viagem de volta para a villa leva dez minutos. Eu amarro o barco e a levanto novamente. Seus braços envolvem meu pescoço enquanto ela aconchega sua cabeça sob a minha. A carência deve ser



constrangedora. Em vez disso, eu saboreio. Diminuo os passos enquanto subo as escadas de pedra e atravesso o quintal, atrasando o destino inevitável.

A maioria das luzes da villa está acesa, brilhando na escuridão como um farol. Scarlett pisca quando nos aproximamos. Assim que passamos pela porta da frente, eu a coloco no chão. E ela começa a se despir. Os sapatos dela voam primeiro. Então ela está torcendo e puxando o zíper de seu vestido. Ele cai, confrontado com sua teimosia. De repente, há muita pele à mostra.

Eu esfrego a mão em meu rosto enquanto ela caminha pela sala em nada além de um par de rendas rosa combinando.

Foda. Me. Claro, *esta* é a noite em que ela decide me dar um maldito show de lingerie.

E então isso também se foi.

As palavras ficam presas na minha garganta enquanto ela caminha em minha direção, totalmente nua. — Por que você ainda está vestindo roupas?

— Porque eu não estou bêbado.

— Eu *não estou* bêbada.

— Ok, — eu concordo. Discutir com um bêbado costuma ser um exercício infrutífero. Discutir com uma Scarlett bêbada seria como bater minha cabeça contra uma parede de tijolos, inútil e doloroso.

— Eu quero que você me foda.

Jesus Cristo. Eu não estava de forma alguma preparado para uma proposta. Sim, eu definitivamente pensei sobre isso acontecer esta noite, mas não assim. Não quando não tenho ideia do que ela está realmente pensando. Sentindo. — Assim não.

Aborrecimento pisca em seu rosto, seguido de mágoa. Parece uma faca enferrujada. Não importa o que aconteça, nunca estamos na mesma página ao mesmo tempo. — É porque eu tenho que *implorar* por isso?

Se ela fizer isso, eu realmente vou perder. — Porra. *Não.*



Mais uma vez, eu disse exatamente a coisa errada. — Acho que você não vai descobrir como é *foder com sua esposa*.

Ela joga minhas próprias palavras contra mim e, em seguida, entra no quarto principal, batendo a porta atrás dela para garantir.

Eu passo meus dedos pelo meu cabelo, tentando apagar a memória do que acabou de acontecer. Dois passos à frente, três passos para trás.

O quarto de hóspedes ao lado da suíte master é uma visão estranha. Há anos que não ponho os pés aqui. Quando meu pai marca férias em “família”, é sempre nos Alpes no Natal ou em alguma ilha tropical. Sempre que passei um tempo aqui, fiquei na suíte master. Não há como eu colocar os pés lá esta noite.

Eu tiro minha boxer e vou para a cama.



Acordo com a garganta seca enquanto ainda está escuro lá fora. Eu rolo nos lençóis por alguns minutos, tentando encontrar um lugar confortável que me faça dormir de volta. Eventualmente, eu desisto. Eu me levanto e saio do quarto, indo para a cozinha escura e silenciosa.

Levo três tentativas para encontrar o armário com os copos. Encho um com água fria da torneira, esvazio a maior parte, encho de novo e me viro para sair.

Scarlett está encostada na porta, olhando para mim. Minha frequência cardíaca acelera, diminui e depois aumenta novamente.

— Você quer água?

Ela zomba e se afasta.

Eu atravesso a cozinha em alguns passos e agarro seu braço. — Scarlett. Olha, eu...



Ela gira em mim. — *O quê?* O que você *quer* de mim, Crew? Porque eu pensei que era sexo. Mas eu ofereci isso a você em uma maldita bandeja de platina e você decidiu dormir no fim do corredor.

— Você não estava pensando com clareza.

— Não me diga. *Não consigo* pensar com clareza perto de você.

— Essa é a coisa mais doce que você já me disse, baby.

— Não se acostume.

— Eu gostaria.

Isso parece perfurar qualquer armadura que ela esteja usando por baixo de sua camisola frágil. Esses pedaços de tecido curto serão a minha morte, eu juro.

— Isso vai acabar quando fizermos sexo?

— O quê?

— Esqueça.

— Basta dizer o que você quer dizer, Red. Eu não sou um maldito leitor de mentes.

Ela morde o lábio inferior. — Eu quero dormir com você. Não quero que isso mude as coisas.

— Mudar elas para o quê? De não falar em Nova York?

— De... — Ela balança a cabeça. — Deixa para lá.

Eu faço o primeiro movimento. Eu apago o espaço entre nós e pressiono minha palma contra sua cintura, guiando-a contra mim.

Ela faz o segundo. Suas mãos correm pelos meus braços e ombros antes de deslizar no meu cabelo. — Apenas me avise, ok? — Ela sussurra. — Me avise que vai acabar. Eu vou ficar bem, desde que eu tenha um aviso.

— Que diabos você está falando?

Scarlett não responde. Ela me beija. Inebriante, profundo e excitante. O tipo de beijo que pode ser o evento principal. Eu poderia beijá-la por horas.



Memorizar exatamente como se parece, qual é o gosto dela, os pequenos sons que ela faz, e ainda assim não seria o suficiente.

Mas percebo que este não será o evento principal quando sua mão desliza para o sul. Antes que eu possa *pensar*, muito menos reagir, ela está agarrando meu pau. E eu estou feito. Não serei eu quem vai parar isso. Os freios não estão funcionando. Eu quero ela. Eu a desejo há tanto tempo que é difícil me lembrar de uma época em que não a desejei.

Ela faz um trabalho rápido com minha cueca, e eu puxo a seda que mal a cobre. Não estou pensando com clareza, mas estou ciente o suficiente para perceber que isso não precisa acontecer na cozinha. Eu a puxo contra o meu corpo, e suas pernas envolvem minha cintura. Manobrar pela casa escura enquanto a carrego não é fácil, mas eu consigo.

Eu a jogo na cama, no meio de lençóis emaranhados que sugerem virar e revirar. — Não conseguiu dormir?

— Pare de falar. — Sua mão agarra meu cabelo enquanto ela me leva de volta aos seus lábios.

Eu quero saborear isso, sua sensação, seu gosto, a visão dela espalhada debaixo de mim. Mas está escuro aqui, o que significa que não consigo ver muito mais do que a forma dela. Não faço sexo há meses, o que não ajuda em nada.

Scarlett não está exatamente atrasando as coisas. Ela se contorce embaixo de mim até a ponta do meu pau deslizar por seu calor úmido. Seus quadris sobem, me provocando. Pressionando-nos mais juntos. Unhas cavam em minhas costas. Meu nome quebra o silêncio em um gemido irregular.

Começo a afundar dentro dela e percebo o que parece diferente.

Eu me afasto, tentando lembrar onde deixei minha bagagem.

— Não pare. — Sua voz é diferente do que eu já ouvi. Desesperada. O equivalente vocal de entrar no caminho de alguém.

— Eu preciso de uma camisinha.



— Não, você não precisa.

Não é a resposta que estou esperando. Não discutimos controle de natalidade ou filhos - exceto ela dizendo que não está pronta para tê-los. Sem falar que tem o cirurgião com quem ela supostamente está transando. Estou limpo, mas ela não sabe disso. Todas as coisas que precisaremos discutir eventualmente, mas não agora.

Sua resposta é imprudente e irresponsável, nenhum dos quais são adjetivos que eu normalmente usaria para descrever Scarlett.

Meu choque deve aparecer no meu rosto. Abruptamente, ela deixa cair as mãos das minhas costas, deitando-se no lençol branco como se estivesse prestes a fazer um anjo de neve. Aberto, mas não vulnerável. — Esqueça. Pegue uma.

Ela está em silêncio enquanto eu me levanto e localizo minha mala. Eu posso sentir o aborrecimento irradiando claramente pelo quarto. Eu sinto que perdi alguma coisa e não tenho certeza do que. Há uma boa chance de eu não precisar do pacote de alumínio com o qual volto para a cama.

— Nós não temos que fazer isso esta noite.

Em resposta, ela pega a camisinha de mim, abre-a e a rola pelo meu pau. Então ela monta no meu colo e afunda. Sua exalação pesada é meio choramingo, meio gemido enquanto eu a preencho. Recito mentalmente todas as descobertas do último relatório trimestral para não gozar imediatamente como um adolescente com tesão. Ela é molhada e quente é *Scarlett*.

Deixei que ela controlasse o ritmo. Deixe-a me levar fundo, rápido e frenético. Deixe-a me usar como um brinquedo para gozar. Parte de mim está satisfeito por ela me querer tanto quanto eu a tenho desejado. Parte de mim foi pego desprevenido. Não abro mão do controle — durante o sexo, quando se trata de qualquer coisa.

Exceto quando se trata dela, aparentemente.



Quando Scarlett não se importa, ela desliga. Seus movimentos desesperados não são indiferença. Ela quer isso e está me mostrando o quanto. Eu traço o comprimento de sua garganta com minha língua, sentindo o toque de sal em sua pele de nossa viagem através das ondas. Ela cheira a limão e algo floral, quase doce.

Quando passo minha língua entre seus seios, ela suspira e gira os quadris. Eu resmungo. — Você está perto, Red. Eu posso sentir você apertando em torno de mim. — Sons úmidos e gananciosos enchem o quarto enquanto ela se empala em mim uma e outra vez, perseguindo sua liberação.

— *Crew*. — Ela diz meu nome como uma maldição.

— Você vai gozar no meu pau, Red?

Nossos lábios se encontram em um beijo sujo e confuso. E então ela está convulsionando ao meu redor, fazendo sons que quase me empurram atrás dela.

Eu a viro para que ela fique embaixo de mim e levanto uma de suas pernas enquanto afundo de volta dentro dela. Meus lábios encontram a concha de sua orelha. Não olho para o rosto dela, apenas uso seu corpo da mesma forma que ela usou o meu. — Você gozou rápido, Scarlett. Seus brinquedos de menino não fazem o trabalho? — Ela puxa minha boca de volta para a dela e morde meu lábio inferior com tanta força que sinto gosto de sangue.

Scarlett não pode ser possuída, domada ou controlada. É parte de seu apelo. A beleza selvagem e crua é o tipo mais devastador. Ela é uma tempestade, do tipo cataclísmico que você não pode deixar de respeitar, mesmo enquanto lamenta sua reviravolta.

— Como é transar com sua esposa, Crew?

A adrenalina inunda meu sistema. Estou chapado de sensação, emoção, *dela*. Esfrego seu clitóris inchado enquanto continuo transando com ela com estocadas rápidas e brutais. — Você sempre fica molhada assim ou é para mim?



Scarlett resiste, mas ouço um gemido escapar de seus lábios. Arrepios em sua pele nua, apesar do fato de o ar condicionado não estar ligado aqui. Eu penetro, e penetro e penetro, acelerando o ritmo das minhas estocadas a cada golpe. E ela abre as pernas o máximo que pode, deixando-me entrar mais fundo. Implorando sem palavras.

Eu bato nela como se estivesse ganhando nossa batalha de vontades, como se a estivesse reivindicando como um prêmio. Scarlett agarra minhas costas e encontra minhas estocadas, me estimulando. Ela pode mentir para mim o quanto quiser, mas seu corpo não pode se envolver no mesmo engano. Deixando de lado a confusão de outras emoções entre nós, as coisas que não dissemos, nossa química é do tipo combustível. Ele crepita no ar como uma tempestade de verão.

Ela está usando meu anel, mas nunca se sentiu como minha. Esta é a única maneira de reivindicá-la, fodendo-a o mais forte e completamente possível. A cabeceira bate uma cadência contra a parede. O suor se acumula entre nossos corpos.

Eu retardo meus movimentos, não estou pronto para isso terminar ainda. Scarlett xinga. Amanhã terei marcas nas minhas costas.

— Por favor, Crew. *Por favor.*

Ela me *implora* antes de começar a convulsionar novamente, e eu não tenho a menor chance de fazer isso durar mais. Os apelos guturais me disparam. Um tsunami de prazer atinge, rolando pelo meu corpo em uma onda poderosa. O calor irrompe em um fogo incandescente que passa por mim e apaga todo o resto. Pensamentos, medos, preocupações? Tudo se foi.

Há apenas eu e a mulher me fazendo gozar mais forte do que nunca.

As consequências do sexo geralmente são previsíveis. Estou acostumado com apego e perguntas. Com Scarlett, aprendi a esperar o inesperado.

Então, quando saio de dentro dela e jogo a camisinha e a primeira coisa que ela diz é, — Você é bom de cama, — eu rio.



— Você não parece surpresa.

— Eu não estou.

Perto de um elogio. — Eu posso ir...

Ela se mexe para que sua cabeça fique em um travesseiro. Uma leve brisa move o ar enquanto ela arrasta os lençóis sobre seu corpo nu. — Se você quiser.

Não é o que *eu* quero, e sei que a escolha da palavra foi deliberada. Então eu me deito ao lado dela.

Eu olho para o teto, tentando conciliar como é possível algo superar todas as expectativas e também ser pouco.

Na escuridão, não há métrica para a passagem do tempo. Segundos, minutos, talvez horas depois, a respiração de Scarlett não se igualou.

— Você quer falar sobre isso?

Sua perna se move, batendo na minha. — Eu pensei que você estava dormindo.

— Nope. — Eu coloco o P, apenas para estender a única palavra que tenho a oferecer.

— Foi... diferente do que eu esperava.

Eu fico tenso. Debatendo responder. Moo meus molares. — Seu cirurgião faz você gozar três vezes? — Pareço ciumento - pareço que me importo - e odeio isso. Eu deveria estar aliviado por ela não ser pegajosa. Que nunca precisarei me sentir culpado por aceitar as ofertas de outras mulheres. Em vez disso, estou marinando em uma mistura nojenta de raiva e aborrecimento.

— Não é isso que eu quero dizer.

— O que você quer dizer?

Ela está em silêncio. Por tanto tempo, eu me pergunto se ela conseguiu adormecer.

— Não me odeie, — sussurra Scarlett.

— Eu não odeio.

Ela suspira, e é o som mais triste que já ouvi. — Você irá.

Então ela rola, para que tudo que posso ver são suas costas.



CAPÍTULO TREZE

Scarlett

Eu não sou essa garota.

Não fico tonta ou nervosa nem troco de vestido três vezes. Eu desprezo as mulheres que estão dispostas a mudar tudo e qualquer coisa sobre si mesmas por um homem. Se não é algo que você está disposta a fazer por si mesma, por que faria por outra pessoa?

Em vez de patética, sinto-me mais leve e solta do que nunca. Efervescente, como uma garrafa de champanhe que foi sacudida, mas ainda não estourou. Sentimentos - sentimentos agitados - borbulham na superfície. Sempre tive a oportunidade na ponta dos dedos, mas é isso que me deixa em um frenesi por dentro, passar um tempo com o cara com quem me casei por uma série de razões lógicas e ainda mais ilógicas.

Aliso a barra franzida do vestido rosa que estou usando. É uma roupa que eu nunca usaria em Nova York - grita feminina, inocente e ingênua. Hoje, renunciei aos lábios vermelhos, deixei o cabelo solto em ondas e estou de sandália. Pela primeira vez, pareço ter a minha idade. Talvez mais jovem. Baixei a guarda e minha aparência reflete isso.

Quando saio para o quarto, entro em pânico por uma fração de segundo. Talvez Crew queira a mulher com salto alto e guarda mais alta. Talvez qualquer fascínio seja por como tenho sido difícil de conseguir. Eu disse a ele que *não*, e foi uma novidade. Ontem à noite, agi como se o pau dele fosse o único no mundo.



E *definitivamente* deixei claro que não sou indiferente a ele. Eu basicamente admiti persegui-lo.

Uma brisa entra pelas portas abertas do terraço, esfregando o algodão macio na minha pele. Cada vez que vejo um cômodo desta casa, me apaixono um pouco mais pela villa. Se fosse possível administrar a *Haute* daqui, eu nunca sairia. Contanto que Crew também ficasse.

Ele está parado na porta da frente, digitando algo em seu telefone. As coisas parecem diferentes entre nós. Nem melhores nem piores, apenas diferentes. O que compartilhamos — o que não compartilhamos — costumava ser claramente definido. Agora é um borrão.

Quando Crew sorri para mim, a garrafa balança um pouco mais. —Pronta?

— Sim.

Eu o sigo para fora. Não estamos fingindo que a noite passada nunca aconteceu — as confissões, o sexo, acordarmos juntos na cama, — mas também não discutimos isso. Eu não estava tão bêbada ontem à noite. Eu me lembro de cada segundo. Meu comportamento foi principalmente porque baixei a guarda e agi da maneira que queria, sem me preocupar com as consequências. Eles não parecem tão brilhantes à luz do dia.

Poderíamos ter voado de volta hoje. Em vez disso, Crew perguntou se eu queria ir a um jogo de futebol durante o café da manhã. Apesar do meu baixo nível de interesse em sentar sob o sol quente assistindo um bando de caras correndo e ouvindo os espectadores fingirem que poderiam jogar melhor, eu concordei. Porque *ele* sugeriu.

Passar por penhascos dramáticos e vistas deslumbrantes do oceano não parece muito difícil. Crew tirou um Maserati conversível cinza da garagem, que é o carro que estamos usando agora.

Tento e não consigo me lembrar de outra vez que estivemos sozinhos em um carro juntos. Tudo o que parece comum com qualquer outra pessoa parece



significativo para ele. Eu não especulo sobre o porquê disso. Podemos estar em um lugar decente agora, mas não tenho ilusões de que vai durar.

Felizes por agora é mais do que eu esperava.

Felizes para sempre não são realistas.

Eu espio Crew sob o pretexto de estudar o cenário, sob a sombra do meu chapéu de sol e a cobertura dos óculos de sol Gucci. Minhas viagens recentes à Itália foram todas a trabalho, principalmente para Milão. Esqueci como o litoral escarpado pode tirar o fôlego, com água azul surpreendentemente clara e vibrante. A cor dos olhos de Crew — tão bonita que você pensa que é falsa.

Crew parece relaxado e alerta enquanto dirigimos. Ele está vestido casualmente, com uma camiseta branca de algodão e um short azul-marinho. Wayfarers²⁸ protegem seus olhos. Esse cara é irreconhecível do Crew Kensington que se aproximou de mim no Proof. Bronzeado, relaxado, talvez até feliz.

Flashes da noite passada passam pela minha memória enquanto traço seu perfil, demorando-me na mudança de tendões em seus braços enquanto ele vira o volante para virar à direita. Posso listar o número de caras cujos antebraços eu já cobicei em zero dedos. Por alguma razão, não consigo desviar o olhar da visão de Crew.

Ele parece contente em ficar sentado em silêncio, sem fazer nenhuma tentativa de conversa. O vento quente passa zunindo, ocasionalmente trazendo trechos de conversas ou notas musicais enquanto outros carros passam. Meu cabelo voa em volta do meu rosto. Continuo girando e colocando-o atrás das costas e, depois de alguns minutos, a brisa o solta novamente.

Solto um suspiro exasperado e o canto da boca de Crew se contrai. Minha bolsa está uma bagunça, como sempre quando viajo. Procuro brilho labial, euros, chocolate do hotel e meu passaporte - provavelmente deveria guardá-lo em outro lugar - antes de localizar um prendedor de cabelo.

²⁸ Modelo de óculos

Meu cabelo fica enrolado em um nó bagunçado, finalmente ficando no lugar. Isso parece tão diferente do interior climatizado de um carro de luxo. As férias são geralmente visitas a museus e degustações de vinhos. Itinerários definidos e ligações de trabalho. Andar em um conversível em um dia de verão é algo que eu facilmente poderia ter experimentado antes. Mas algo em mim sussurra que não seria assim com qualquer um.

Não posso ignorar Crew. Não posso fingir que ele é apenas o cara que me conduz por aí. Ao invés de lutar contra isso, eu abraço a vertigem que sua presença incita. Eu reclino meu assento e coloco meus pés descalços no painel e jogo minha mão para fora da janela para que ela possa surfar no vento. A bainha do meu vestido sobe pelas minhas coxas quando me inclino para trás. Observo Crew dar uma olhada antes de dar um murro no volante. Eu viro minha cabeça para o lado, sem fazer nenhuma tentativa de fingir que não estou olhando para ele.

— Vê algo que você gosta?

Ele olha para mim antes de fazer outra virada. O sol o ilumina, espalhando feixes de tons dourados. — Muito.

Seu sorriso é infantil. Não calculista ou predatório, e percebo que não sou a única que pode estar cansada de perfeição e fingimentos.

Eu sorrio de volta, e algo muda. Há um momento tangível em que ele não é um Kensington e eu não sou uma Ellsworth. Onde somos apenas Crew e Scarlett.

E então o telefone dele toca. Ele está conectado ao Bluetooth do carro, então o som sai pelos alto-falantes. *Isabel* pisca na tela.

Crew atende. — Olá. — Seu tom é monótono, ligeiramente irritado, e isso me consola um pouco.

— Crew! Oi! — O dela é enérgico e alegre. Reviro os olhos antes de virar a cabeça, então estou olhando pela janela em vez de para ele.

— O que é?

— Eu não quero incomodá-lo, é só - você está em um túnel de vento?

— Dirigindo, — Crew responde.

— Oh. Uh, bem, Asher mencionou que você está estendendo sua viagem?

— Sim.

— Temos a reunião sobre a aquisição da Lancaster esta tarde.

— Enviei a você meu feedback sobre os relatórios esta manhã. Qualquer coisa inadequada, sinalize e eu cuidarei quando voltar ao escritório.

— Vi seu e-mail. Eu só...

— Só *o quê*, Isabel? — Crew parece impaciente.

— Você supervisionou isso do começo ao fim. Só estou surpresa por você não estar aqui e, em vez disso, estar... bem, ninguém tem certeza do que está fazendo. Está tudo bem?

— Sim.

— Ok... — Ela arrasta a palavra pelo tempo que vai durar. — Temos uma reunião do conselho na terça-feira. Você estará de volta até lá?

— Sim, — repete Crew.

— Seu pai não está feliz.

— Então... negócios como sempre?

Isabel ri. — Bastante. Enviarei a ata da reunião até o final do dia.

— Vou ficar offline até amanhã. Sem pressa.

Há uma batida de silêncio, pesada com descrença. — Ok.

— Tchau, Isabel. — Crew encerra a chamada.

— Preguiçoso, — murmuro.

Ele ri, mas nenhum de nós diz mais nada durante o resto da viagem até o estádio.

Eu sabia que o soccer — ou football²⁹, como os europeus o chamam, o que faz sentido lógico, assim como o sistema métrico — era um esporte popular na Itália. As enormes multidões que surgem antes que a estrutura imponente esteja à vista ainda são inesperadas. Longas filas de torcedores vestindo camisetas e sorrisos largos preenchem os dois lados da calçada.

Crew parece despreocupado com a ocupação. Ele estaciona em um estacionamento cercado por uma cerca de arame depois de uma rápida troca de palavras em italiano com o guarda do portão. De lá, somos conduzidos por uma entrada privada até o coração do estádio. Eu pergunto: — Quanto do time você tem?

Ele sorri para mim. — Vinte por cento.

— Não estava nos documentos.

Crew pisca, cheio de falsa inocência. — Não estava? — Reviro os olhos. — Eu usei meu fundo fiduciário. Tecnicamente, isso não foi coberto nas considerações mútuas.

— Examinou todas as brechas, hein?

— Não fui eu quem reescreveu o acordo pré-nupcial.

— Você teria assinado, se eu tivesse falado sobre a *Rouge*? — Estava nos estágios preliminares quando levei a papelada para Crew. Nada que eu *precisasse* divulgar - legalmente falando - mas algo que eu deveria ter.

— Se você tivesse me contado, você saberia.

— Eu não sabia o que você faria então.

— E você sabe agora?

Sua pergunta parece muito mais do que apenas uma decisão. Como se ele estivesse perguntando se eu o *conheço*.

²⁹ Soccer no inglês americano, é o tão conhecido futebol no Brasil; football no inglês britânico, refere-se a esse futebol; football no inglês americano refere-se ao futebol americano



— Não sei. — Não é mentira, mas não posso deixar de sentir que a resposta honesta é *sim*.

O olhar de Crew permanece em minha expressão por alguns segundos, mas ele não diz nada.

Nossos assentos estão bem na borda do campo. Eu olho para a extensão de grama verde enquanto Crew fala com o homem que nos trouxe até eles em italiano. Meu francês pode ser duvidoso, mas meu conhecimento da língua nativa não vai além de *Ciao*³⁰.

Mesmo que o jogo ainda não tenha começado, o campo está cheio de atividade. Os jogadores em ambas as extremidades estão executando exercícios e alongamentos. Outros estão correndo no mesmo lugar ou conversando com treinadores.

Crew se senta ao meu lado. — Você sabe muito sobre futebol?

— O que há para saber? Você tenta chutar a bola para a rede.

Ele ri baixinho enquanto se inclina para trás. Seu braço nu roça no meu e *queima*. O sol não tem nada na superfície da pele de Crew. — Acho que você perdeu sua vocação como treinadora.

Eu zombo. — Você vem muito aqui?

— Venho onde?

— A villa. Este estádio.

Suas pernas se abrem, apertando a barreira de plástico que nos separa da grama. — Algumas vezes por ano. Na faculdade... os caras sempre queriam festejar. Londres, Copenhague, você sabe. E meu pai só quer ir para os Alpes ou para um bom campo de golfe.

— Isto é melhor.

— E aqui eu pensei que discordaríamos sobre tudo.

³⁰ Oi; até logo; adeus

Não é exatamente uma mudança de assunto suave, mas eu deixo escapar a pergunta de qualquer maneira. — Você está esperando que a noite passada aconteça de novo?

— Qual parte? Quando você admitiu ter me perseguido, os pulos, ou quando eu carreguei você por três lances de degraus de pedra?

Eu não estou exatamente fria, sentada ao sol. Mas minhas bochechas ainda conseguem superaquecer mais. — Esqueça.

— Espero que sim.

Contra o meu melhor julgamento, encontro seu olhar. E como não está mais dirigindo, segura sem se preocupar em bater.

— Eu realmente espero. Tudo isso, mais o sexo.

Finjo que isso não merece uma resposta, optando por me concentrar nas figuras no campo em vez da que está ao meu lado. Funciona por um tempo, até que o jogo real comece.

Crew acha que seu comentário é inestimável ou está tentando obter uma resposta de mim, porque ele vomita um fluxo interminável de fatos sobre diferentes jogadores com os quais eu não poderia me importar menos.

Eu alterno entre sorrir e suspirar. Os jogos de futebol profissional duram mais do que eu pensava.

A maior emoção é quando a bola preta e branca quica em uma trave faltando dez minutos para o fim. Mas não estou totalmente entediada.

Está quente e barulhento. Passamos o French Open na sombra bebendo champanhe. No entanto, prefiro estar aqui do que lá.

Quase três horas se passam antes do jogo terminar. Sem gols, nenhuma das equipes faz um único gol. Crew continua sua análise - até que o mesmo homem reaparece e pergunta algo em italiano.

Ele se vira para mim. — O dono do time quer conversar. Você se importa em esperar?



Dias - talvez até horas atrás - eu teria dado um *sim* honesto, porque ficar sentada aqui por mais tempo ainda é uma das últimas coisas que sinto vontade de fazer. O aquecimento em relação a Crew não é o equivalente a um transplante de personalidade, então também não digo *não*. — Eu irei com você.

Algo na expressão de Crew sugere que meu meio-termo não é o que ele considera ceder, mas ele não discute, apenas acena com a cabeça.

Deixamos nossos assentos, seguindo o misterioso italiano que deve trabalhar para a equipe. No meio da escada, Crew agarra minha mão, puxando-me para mais perto de modo que seu corpo seja aquele que corta a multidão. Mais uma vez, reprimo a vontade de lutar com ele. Sinto que provei a Crew que posso cuidar de mim mesma. Ele sabe que sou totalmente capaz de abrir caminho entre fãs turbulentos. Se ele quiser fazer isso por mim, tudo bem. Uma percepção mais preocupante é o quanto gosto da sensação - de tê-lo cuidando de mim de alguma forma. Lutei muito para estabelecer a independência. Confiar nos outros é muitas vezes se preparar para a decepção. Digo a mim mesma que não é uma ladeira escorregadia, que deixar Crew me guiar pelo estádio não é uma indicação de que estou derrubando limites que construí cuidadosamente.

Eu minto para mim mesma.

A multidão diminui quanto mais entramos no estádio. A maioria das pessoas está saindo, não entrando. Passamos para uma seção privada que exige que nosso guia silencioso mostre seu crachá. O corredor está vazio e silencioso, os únicos sons abafados pelas paredes de concreto.

Crew segura minha mão e eu também não a solto. Entramos em um elevador e depois saímos para outro corredor, este acarpetado e macio. Fotos em tamanho real dos jogadores revestem as paredes.

— Antonio, você pode nos dar um minuto?

O homem que nos acompanha — Antonio — acena com a cabeça e continua andando pelo corredor por algumas dezenas de metros antes de parar.



Eu olho entre ele e Crew. — O que é?

— Eu preciso que você espere aqui. — Ele abre a porta à nossa esquerda, revelando uma suíte vazia com vista para o campo.

Meus olhos se estreitam. — Por que?

Ele suspira. — O dono do time... bem, ele é um idiota. O pai dele dirigia as coisas quando me envolvi, e foi uma transição difícil. Eu esperava evitá-lo. Alguém deve ter contado a ele que eu estava aqui.

— Eu posso lidar com paus.

O sorriso da Crew é breve. — *Eu não posso.* Ele vai dar em cima de você, ou pior, e eu vou bater nele. — Sua voz é de uma honestidade sombria. — Eu tinha acabado de obter acesso ao meu fundo fiduciário quando investi neste time. Foi um capricho estúpido, e tenho sorte que valeu a pena. Meu envolvimento é mínimo. Se ficar uma bagunça, será um verdadeiro pé no saco.

— Você poderia apenas, você sabe, *não* socar o cara, — eu sugiro.

— Eu não vou ficar parado e deixar alguém te insultar.

— Parece mais como se ele estivesse me *elogiando*.

Ele exala. — Por favor?

Isso é o que me pega. O *por favor*. Estou curiosa para conhecer esse cara. Mas minha inclinação quando Crew me pede para fazer algo é ouvir, não discutir. Então eu concordo. — Ok.

Acontece rápido. Há menos de trinta centímetros de espaço entre nós, então Crew só precisa dar um passo à frente antes que seus lábios se choquem contra os meus. Não é nada como um beijo de despedida obrigatório. Sua língua provoca a minha. Seus dentes puxam meu lábio inferior. Suas mãos puxam meus quadris contra os dele.

O suspiro quando ele recua é pesado com arrependimento e aborrecimento, nenhum dos quais parece ser dirigido a mim. — Vai ser rápido, ok?



Ele está se afastando em direção a um Antonio que espera antes que eu possa responder. Entro na suíte, me sentindo um pouco atordoada. Parece que ninguém assistiu ao jogo daqui hoje - tudo está impecável.

Eu ando até o outro lado da suíte, olhando para o campo. Esta é uma visão muito diferente daquela da borda da grama. Todo o campo está espalhado em um retângulo simétrico, grama verde separada por linhas totalmente brancas.

Eu bisbilhotei a suíte. Bebi um pouco de água. Respondo alguns e-mails de trabalho. Sophie me mandou uma mensagem esta manhã, perguntando sobre ficarmos juntas. Além de um pequeno brunch semanas atrás, não a vejo nem a Nadia desde meu casamento. Eu respondo, sugerindo que elas venham para minha casa para uma noite de garotas na próxima semana. Minha mãe respondeu à foto que enviei de mim e Crew em Paris com um convite para jantarmos em breve. Não sei se fico ressentida ou agradecida pelo esforço. Qualquer coisa sobre meus pais geralmente vem com amarras. Antes de Crew e eu nos casarmos, os pedidos para me ver geralmente eram baseados em eventos em que eles achavam que minha ausência seria ofensiva.

Finalmente, Crew retorna. Sozinho, Antonio desapareceu.

— Desculpe. Demorou mais do que eu pensei que demoraria.

Eu me levanto e caminho até ele. — Está bem. Significa que *seu* investimento está indo bem, certo?

Seu sorriso tem efeitos colaterais nucleares. — Certo.

Meus planos para uma saída rápida se reorganizam rapidamente. Não tenho ideia de por que noto os detalhes que noto. Crew tem uma única sarda sob o olho esquerdo. Um círculo marrom escuro que é ligeiramente mais fino na parte superior do que na parte inferior. Não perfeitamente redondo.

— Você está pronta para ir?

Minha resposta surpreende a nós dois. — Não. — Este passeio foi todo dele. Planejar, controlar, terminar. De repente, eu não quero ir.



Para crédito de Crew, ele reage rápido. — Você descobriu um profundo amor pelo futebol europeu?

— Não exatamente. — Eu me pressiono contra ele, forçando-o a recuar. Ele não tem que concordar, mas ele faz. Eu o guio de volta para um dos sofás e para baixo.

Os olhos de Crew são poças derretidas de azul quando ele percebe para onde isso está indo. É bom, fantástico, para o meu ego.

Eu monto nele e descubro que ele já está ficando duro. Sinto-me inebriada com o poder enquanto me esfrego contra ele. Ele sibila e agarra meus quadris. — Posição favorita?

— Já estivemos aqui antes? — Eu provoco.

— *Scarlett*.

Sempre gostei do meu primeiro nome, da forma como as sílabas soam. Cada vez que Crew diz isso - como se dissesse que é um presente precioso - eu me apaixono mais por isso. E talvez não apenas com as oito letras³¹.

— Eu não tranquei a porta, — ele murmura.

— Eu não acho que isso vai demorar muito. — Eu fico de pé. Tiro minhas sandálias e puxo minha calcinha.

Crew se recosta no sofá de couro, seu pomo de adão balançando e os olhos semicerrados de luxúria enquanto volto para o meu lugar em seu colo e abro o zíper de sua bermuda. Ele faz um grunhido baixo quando eu o agarro, sua garganta trabalhando enquanto ele luta contra o desejo de empurrar na minha mão.

Suas mãos sobem pelas minhas coxas.

— Sem tocar, — eu sussurro. — A menos que você *implore*.

³¹ I love you (eu te amo), 8 letras

Um de suas famosas curvas na boca aparece quando suas mãos caem. Houve um tempo em que eu não achava que Crew Kensington fosse capaz de recuar sobre qualquer coisa. Sua reputação é implacável. As pessoas gostam dele, mas também o respeitam. Ele é um oponente digno e um aliado poderoso. Mas para *mim*, ele se dobra.

Ele aperta a mandíbula enquanto fica mais duro. Eu continuo acariciando-o, provocando-o com leves quedas de meus quadris que quase permitem que ele deslize para dentro. Sua respiração fica cada vez mais rápida. Nós dois estamos completamente vestidos, a saia do meu vestido rosa espalhada em seu colo, cobrindo tudo o que estamos fazendo. De alguma forma, isso o torna muito mais quente. Crew parece triste enquanto estuda meus seios, a apenas alguns centímetros de seu rosto.

— Sem tocar, — repito, antes de deixá-lo deslizar para dentro de mim. Apenas a ponta, e então levanto meus quadris fora de alcance.

Ele geme e eu sorrio.

— Você me disse para te foder sem camisinha ontem à noite. Por quê?

Crew perguntando sobre sexo logo antes de fazermos sexo parece estranhamente íntimo. Nunca discuti o ato com outros caras com quem dormi. Simplesmente aconteceu. — Foi a nossa primeira vez.

Ele não responde com um *duh*. Mas o seu “eu sei” não é muito melhor.

Crew não está me tocando. Ainda estou definindo o ritmo. Mas, de repente, não sinto mais que estou no controle. — Eu imaginei que você não... geralmente. E estou limpa e tomando anticoncepcional. — Ele é jovem, gostoso e herdeiro de um império multibilionário. Se ele não está entendendo, ele é um idiota. E eu não acho que ele é.

Falar em círculos não é meu modo de comunicação usual, mas acho que Crew sabe o que estou dizendo. Eu queria que nossa primeira vez fosse algo especial,



algo diferente. Apenas o fato de ser ele não deveria ser suficiente, mesmo que parecesse que era.

Não vou fazer alusão a isso, mas também quero que ele confie em mim. Estúpido, considerando que dei a ele vários motivos para não fazê-lo. Considerando que eu menti. Estou preocupada que confessar agora possa destruir qualquer confiança instável que construímos.

Crew me encara enquanto enfia a mão no bolso e tira sua carteira de couro. Uma decepção boba me preenche, mas mantenho uma expressão neutra engessada no lugar.

— Deveríamos ter cuidado. — Ele diz as palavras enquanto enrola a camisinha. Concentro-me no que ele está fazendo, para não ter que olhá-lo nos olhos.

— Deveríamos, — eu concordo. Em vez de dizer a ele que não durmo com mais ninguém há meses. Em vez de perguntar se *ele* está dormindo com mais alguém.

Eu o provoco com mais alguns giros de meus quadris, e então solto minha pélvis novamente. Estou pingando e ele desliza sem resistência. Ainda mais profundo do que da última vez.

Crew está praguejando, com os punhos cerrados enquanto ele visivelmente se contém. — Por favor, Scarlett. Porra, eu... *porra*. Se mexa, Red. Por favor.

Eu obedeco e minha liberação começa a crescer instantaneamente. Estou perto, tão perto, e sinto o aumento da minha força de vontade estalar. Não me importo mais em estar no controle. Sobre sua insistência em usar camisinha. Sobre o fato desta viagem ser um refúgio da realidade que teremos que enfrentar em breve.

— Toque-me, Crew, por favor.

Eu imploro, e ele não me provoca sobre isso. Ele está de repente em todos os lugares. Seus lábios sugam seu caminho ao longo do meu pescoço. Uma mão



massageia meu seio e a outra se esgueira entre minhas coxas para tocar o ponto encharcado onde ele está deslizando dentro de mim.

Eu detono em segundos. Prazer quente e ofuscante lava cada centímetro de mim, iluminando cada célula e espalhando o calor. Crew assume, me empalando em si mesmo de novo e de novo. Prolongando minha liberação e empurrando dentro de mim enquanto ele encontra a sua.

Eu desmorono contra ele, respirando pesadamente. Meus membros parecem soltos e lânguidos, torcidos.

Suas mãos sobem e descem pelas minhas panturrilhas.

— E eles dizem que a realidade não corresponde à fantasia, — Crew sussurra para mim.

Eu sorrio contra sua pele quente.



CAPÍTULO CATORZE

Crew

Quando entro na sala de conferências para o bate-papo semanal das oito da manhã de segunda-feira, meu pai e meu irmão estão estranhamente calados. Estou estranhamente alegre. Scarlett e eu voltamos da Itália no sábado. As coisas entre nós estão boas - surpreendentemente boas. Ela entrou na academia de casa quando eu estava malhando esta manhã e acabamos fazendo sexo em um colchonete de ioga. Mas nosso relacionamento não se tornou apenas físico. Combinamos que estaríamos em casa às oito da noite e jantaríamos juntos. Parece o início de um novo normal, um que eu quero surpreendentemente muito.

Sento-me à mesa para trinta pessoas. — Bom dia.

Oliver parece desconfortável enquanto meu pai parece sombrio. Algo está errado. Pela primeira vez, gostaria que outra pessoa estivesse no comando para lidar com qualquer problema que surgisse. Os últimos vestígios da paz que senti com Scarlett na semana passada desaparecem.

— O que está errado?

A apreensão aumenta quando nenhum deles responde.

— Isso é um problema real ou algum de vocês perdeu para um cliente em potencial no curso?

Meu pai fala primeiro. — Tenho conversado com Nathaniel Stewart sobre alguns investimentos.



Eu olho de meu pai para Oliver, procurando por alguma pista de por que isso é um problema. — Ok.

Nathaniel Stewart estava alguns anos à minha frente em Harvard. Ele construiu uma sólida reputação em Wall Street por investimentos inteligentes em empresas promissoras. Não é o tipo de negócio com o qual meu pai geralmente se preocupa, mas eu não poderia me importar menos. Não é algo que deva subir ao nível dessas reuniões. Deve haver mais na história.

— Como estão as coisas com Scarlett? — meu pai pergunta abruptamente.

Eu fico tenso, percebendo que a falta de transição significa que isso deve ter algo a ver com ela. — Bem.

— Realmente?

— Sim. *Realmente*, — eu respondo. — Não acho que meu casamento seja da sua conta.

— Claro que é. Ela serve a um propósito. — Meu pai joga um envelope pardo na madeira brilhante que nos separa. — Ela está traindo você, Crew.

O choque me congela por alguns segundos.

— O quê?

— Meu melhor investigador particular tirou isso há duas semanas. Eles se encontraram do lado de fora do The Chatwell e ficaram lá dentro por mais de uma hora. Ele tinha um quarto reservado. Não foi a primeira vez. Todos os registros estão lá. Eles têm se encontrado regularmente no último ano.

Não digo uma palavra enquanto abro o envelope e deixo as fotos brilhantes caírem. Elas são ruins. A mão de Nathaniel descansando na parte inferior das costas de Scarlett. Seus lábios em sua bochecha. Uma mostra-os parados no saguão enquanto ele sussurra em seu ouvido. Não consigo ver a expressão dela em nenhum deles, mas Nathaniel parece presunçoso.

Duas semanas atrás. Estas foram tiradas antes da Itália, antes de dormirmos juntos. Não parece um grande consolo. Nós já éramos casados. O cirurgião já era



ruim o suficiente, mas pelo menos eu não precisava ver evidências disso. Nathaniel Stewart raramente aparece em festas, mas vai a alguns eventos. Terei que ver seu rosto presunçoso pessoalmente em algum momento - e não plantar meu punho nele.

— Você espiona todos os seus parceiros de negócios?

Meu pai se recosta na cadeira, me estudando de perto. — Sim. Não estou prestes a subir em uma cama lotada. Um homem prestes a ser sangrado por uma esposa vingativa não é de muita utilidade para mim. Nem toda mulher é tão compreensiva quanto Candace. — A maneira arrogante com que ele fala sobre sua segunda esposa desviar o olhar de seus casos me incomodaria se eu pudesse desviar o olhar das fotos.

Eu as recolho e coloco de volta no envelope para não ter que ficar olhando para elas.

— Scarlett pode fazer o que ela quiser. Eu faço. — As palavras têm um gosto amargo na minha língua.

— Não, ela *não pode*, Crew. Ela é uma Kensington, parte do futuro desta família. Abrir as pernas para potenciais parceiros de negócios não é uma opção. Mantenha-a na linha.

Eu trabalho minha mandíbula. — Eu vou lidar com isso, ok?

— Lidar com isso como?

— Ainda não sei. Dê-me mais de cinco minutos para pensar sobre isso. — Posso discordar de muitas coisas que meu pai diz e faz, mas ele é meu pai, meu chefe e sem dúvida o homem mais poderoso do país. O tom agudo em que uso essas duas frases não é o que eu já usei com ele antes.

Ele não me questiona sobre isso, mesmo quando os olhos de Oliver se arregalam. — Falei com Sebastian Crane na semana passada. Dissuadi ele de fazer negócios em outro lugar, depois que você agrediu o filho dele.

— Camden mereceu.

Meu pai balança a cabeça. — Esse feitiço de estupidez acaba agora, Crew. Ela pode ser linda, mas é só um pedaço de boceta. Recomponha-se, antes de envergonhar esta família.

Nunca quis tanto bater no meu pai. — Eu disse *que vou cuidar disso*.

Olhos castanhos me prendem no lugar. Nunca fiquei tão grato por ter herdado os azuis da minha mãe. Eu me pareço mais com ela do que com Oliver, e sempre me perguntei se é por isso que meu pai me enche de *mais*. Mais responsabilidade, mais elogios, mais decepções. Tudo depende do dia. O que quer que ele encontre parece suficiente.

— Bom.

Oliver foi muito covarde para se intrometer em nossa conversa antes, mas ele me faz um favor e traz à tona alguns problemas de produção com uma empresa estrangeira. Eu finjo ouvir, rabiscando notas em um bloco de notas e olhando furtivamente para o envelope pardo que coloca Scarlett e eu de volta onde começamos, estranhos.



Meu humor não melhorou no momento em que entro em meu escritório. Eu aceno para todos que me cumprimentam, nem mesmo me incomodando com um *olá*.

Asher está em seu lugar habitual, pés apoiados no canto da minha mesa. Ele sorri quando me vê, esperando que eu comente. Estou muito chateado para me importar onde ele coloca os sapatos. Minha pele vibra com uma energia inquieta que ferve em meu sangue.

A última vez que me senti assim desequilibrado, dei um soco em Camden Crane. Antes do Quatro de Julho, eu estive em uma luta. Foi em um bar de Boston. Um cara esbarrou em mim e estava bêbado o suficiente para pensar que



eu o empurrei. Ele deu o primeiro soco e eu o derrubei com um golpe que considero legítima defesa. Eu não sou um cara irracional. Eu tenho um temperamento, mas o mantenho sob controle. Ou pelo menos *costumava*, antes de me casar com Scarlett.

— Bom dia para você também, raio de sol, — diz Asher. Quando não respondo, ele acrescenta, — Achei que as pessoas deveriam voltar das férias relaxadas. Parece que você acabou de assistir ao seu próprio funeral. Quero dizer... — Ele levanta os pés e ergue as sobrancelhas. — Você nem disse nada.

Raio de sol. Eu bufo. Ele deveria ter me visto antes das oito da manhã. Eu estava *assobiando* quando entrei no prédio. Agora, eu arranco minha cadeira da mesa com tanta força que ela quase tomba. — Estou bem.

As sobrancelhas de Asher estão perto da linha do cabelo. — Puta merda. O que diabos aconteceu? Nunca vi você tão chateado.

— Só uma besteira com meu pai, — eu meio que respondo. — Esqueça.

— Besteira sobre o quê?

Eu balanço minha cabeça.

— Então... como foi sua viagem?

— Ótima.

— *Sério?* — Ele arrasta a pergunta em um tom incrédulo.

— Sim. — Eu entro no meu computador e começo a organizar a pilha de papéis que Celeste deixou na minha mesa.

— E as coisas com Scarlett?

Eu me forço a continuar examinando os papéis. — Boas.

O segundo — *Sério?* — soa ainda mais duvidoso que o primeiro.

Há uma batida na porta do meu escritório. — Entre, — eu chamo.

Abre-se para revelar Isabel. Não estou surpreso em vê-la; eu meio que esperava que ela estivesse esperando em meu escritório ao lado de Asher.



— Oi, Crew.

— Bom dia, Isabel.

— Bem vindo de volta. Você fez uma boa viagem?

— Foi boa.

— Achei que tinha sido *ótima*? — Asher intervém. Eu atiro a ele um olhar, e ele sabiamente se cala.

— Se você tiver algum tempo esta manhã, pensei em atualizá-lo sobre a situação dos projetos.

— Estou livre até as dez. Sente-se. — Eu aceno em direção à cadeira disponível ao lado de Asher.

— Acho que essa é a minha deixa. — Asher se levanta e abotoa o paletó. — *É ótimo* ter você de volta, amigo.

Resmungo uma resposta enquanto pego uma nova folha de papel para fazer anotações.



O quatro muda para cinco. Quarto para as oito, em vez de 7:44. Passei o dia todo pensando se deveria honrar a promessa que fiz a Scarlett esta manhã — que estaria em casa às oito. Foi fácil, especialmente porque ela geralmente trabalha até mais tarde do que eu. Eu estava feliz; queria. Mas uma parte grande e mesquinha de mim agora quer mostrar a ela que também posso ser indiferente.

Posso colocar outras coisas em primeiro lugar.

Exceto que aparentemente não posso, porque estou de pé, pegando minha pasta e indo para os elevadores. Durante todo o dia, lutei contra o desejo de confrontá-la. Para aparecer nos escritórios da *Haute* e exigir respostas. Mas não



o fiz. E agora que a chance de obter respostas sobre as fotos da minha pasta se aproxima, não sei se realmente as quero.

A viagem até a cobertura leva treze minutos. Saio do elevador às 7h58. Há uma comoção na cozinha, então vou para lá primeiro. Phillippe está parado na frente do fogão, cuidando de três panelas ao mesmo tempo. — Boa noite, Sr. Kensington.

— Boa noite, Phillippe. Scarlett está em casa?

— Eu acho que não.

Eu olho para o relógio. 7:59. — Ok. Vou esperar ela chegar em casa para comer.

— Vou garantir que tudo esteja pronto.

— Obrigado.

Subo as escadas. Eu dormi no quarto de Scarlett nas duas noites em que voltamos, então eu vou lá primeiro. Meu único desvio é para a biblioteca para me servir de uma bebida.

Há um sofá no canto do quarto dela. Deixo minha pasta ao lado do armário, tiro o paletó, afrouxo a gravata e me sento. A maior parte da parede oposta é de vidro. O horizonte de Manhattan cintila ao longe, os contornos dos edifícios iluminados como árvores de Natal.

Sento-me e giro uísque e penso enquanto os minutos passam.

Scarlett aparece na porta às 8:47. Quando ela me vê, ela sorri. Eu saboreio a visão por um segundo.

— Você está atrasada.

Ela chuta os saltos e deixa cair o telefone na cômoda. Suspira. — Eu sei.

Observo o uísque pintar o interior do copo antes de escorrer. — Nós concordamos às oito, Scarlett.



— Eu sei, — ela repete. — Sinto muito, ok? Estive fora por uma semana e muita coisa se acumulou. Tinha que ser feito esta noite.

Aprendo que é possível admirar e desprezar alguém ao mesmo tempo.

— Vá para a cama.

Ela me estuda, começando a absorver que algo mudou. — Não aceito ordens.

Meu controle está perigosamente perto de quebrar. Quero ver esse vidro se estilhaçar contra a parede. Quero gritar com ela, perguntar como ela consegue continuar fazendo isso. Continuar me enrolando uma e outra vez. Eu pensei que a Itália era um ponto de virada.

Bebo o copo, saboreando a queimadura do destilado enquanto queima um caminho na minha garganta. Eu fico de pé. — *Vá para a cama*, Scarlett.

Segurando meu olhar, ela alcança por trás de seu vestido. Posso ouvir o deslizar do zíper quando os dentes se separam. O tecido se acumula a seus pés, deixando-a com um conjunto de lingerie preta combinando. Meu pau estremece.

Meu controle estala. Avanço sobre ela como um predador caçando uma presa. Eu ataco seus lábios, beijando-a com pressão punitiva e muitas mordidas. Ela geme enquanto suas unhas pressionam a parte de trás do meu pescoço, mordendo meu lábio e sugando-o entre os dentes. Eu a puxo contra mim, movendo-me em direção à cama e deixando-a cair sem cerimônia no colchão.

Tiro a gravata pela cabeça e abro a calça. — Mãos e joelhos.

Scarlett hesita. Ela sabe que algo está errado. Mas ela não pergunta, apenas se move para a posição que eu pedi. Eu puxo sua calcinha rendada para baixo e puxo meu pau para fora. Estou dolorosamente duro, como sempre pareço estar perto dela.

Odeio o quanto eu a quero. Minha mandíbula aperta enquanto coloco uma camisinha. Proteção já era um assunto tenso entre nós antes de eu ver aquelas fotos esta manhã.



Eu enfio nela sem aviso, chegando ao fundo do poço no primeiro impulso. Agarro seus quadris enquanto bato dentro dela uma e outra vez, tentando fingir que ela é outra pessoa. Apenas um corpo quente que estou usando para gozar.

Eu não a toco em nenhum outro lugar além de sua cintura. Meus impulsos são egoístas, primitivos e desesperados. Agora, estou perseguindo a chance de esquecer. A ironia do fato de estar usando Scarlett para tentar esquecê-la não me escapa. Eu poderia ter ido a um bar ou clube e encontrado uma mulher aleatória - ou duas - para me distrair do meu casamento em ruínas durante a noite. Em vez disso, voltei para casa e esperei por ela.

Scarlett geme quando seus músculos internos se contraem ao meu redor. Ela está perto de gozar. E não posso esquecer que é com ela que estou fodendo. O cheiro dela é familiar. Assim como os pequenos gemidos gananciosos que ela está fazendo.

Aborrecimento acelera meus movimentos. Achei que isso faria com que eu me sentisse melhor, tratando-a como a propriedade que ela não quer se tornar. Mas isso – foder como se ela fosse uma mulher que eu conheci pela primeira vez esta noite – não é impessoal. O som do meu nome saindo de sua boca enquanto ela se aperta em torno de mim é o que me leva ao limite logo atrás dela. Ela ainda está tendo espasmos quando saio dela e vou até o banheiro para me livrar da camisinha.

Scarlett está esparramada na cama quando volto para o quarto. Eu a ignoro enquanto fecho minhas calças e pego minha gravata do chão.

Ela se senta, nua, exceto pelo sutiã. — Que porra é essa, Crew?

— Que porra é essa *o que*, Scarlett? — Minha resposta é cáustica, e eu a vejo recuar com o meu tom. Não pensei que fosse possível me sentir pior agora, mas aquele movimento sutil conseguiu fazê-lo. Eu preciso sair daqui.

— Se isso foi uma merda de uma fantasia, você pode parar agora.

Eu rio sombriamente.



— Você quer que eu finja que isso foi normal?

— Faça o que quiser, — retruco. — Você sempre faz de qualquer maneira.

Ela se levanta e caminha até mim. Apesar do fato de ter gozado minutos atrás, meu corpo reage. Meu pau não recebeu o memorando de que ela é uma mentirosa e traidora.

— Me diga o que está errado.

— Nada. — Eu me afasto.

— Onde você está indo?

— Fora.

— Onde? — Ela pressiona.

— Não é da sua conta.

— Claro. Eu sou apenas sua *esposa*. — Essa é provavelmente a pior coisa que ela poderia dizer agora.

Eu rio, e o som morto disso me assusta um pouco. — É conveniente pra caralho, quando você é minha esposa e quando não é. Quando somos um acordo e quando somos um casamento.

— Eu disse que tentaria, Crew. Estou *tentando*.

Balanço a cabeça e caminho em direção à porta.

— Você disse que sempre vai me querer, — ela me diz. Eu ainda, odiando como ela está trazendo isso à tona agora. Estragar aquela memória perfeita com a raiva e mágoa girando entre nós. — Na Itália, tudo o que você disse...

— Eu *quero* você, Scarlett. Essa é a porra do problema.

— Acho que eu estava certa sobre você me odiar. Achei que demoraria um pouco mais. — As palavras são duras, mas não me escapa a tristeza não muito abaixo. Corta fundo.

— Nós dois sabemos que você é uma super realizadora.



Eu saio de seu quarto sem outra palavra.



— Você está horrível, — Asher me diz quando entro na sala de conferências para a reunião mensal do conselho na manhã seguinte. — Mais problemas no paraíso?

— Eu não quero falar sobre isso, — eu interrompo. Eu só saí do meu escritório para reuniões ontem, chegando ao ponto de pular nosso almoço habitual.

Sabidamente, Asher não pressiona. Meu humor sombrio de ontem ainda está pairando, alimentado pela grande quantidade de uísque que bebi na noite passada e o pouco sono que tive em minha cobertura. Estou acostumado a dormir ao lado de Scarlett. Meu velho colchão parecia frio e vazio.

Oliver me estuda de perto quando ele entra na sala e se senta na minha frente. Eu mantenho meu rosto impassível. Ele e meu pai vão querer uma atualização. Resultado de um confronto que não estou pronto para fazer. Pelo menos o cirurgião estava antes de começarmos a nos sentir como um casal de verdade. Saber que ela estava com outra pessoa antes de partirmos para a Europa? Isso será muito pior do que simplesmente ferver com a possibilidade.

— Você viu o e-mail sobre a festa da empresa? — Asher me pergunta.

— Sim. — O lembrete não melhora meu humor. Um evento anual pelo qual eu estava ansioso - nosso primeiro passeio como um casal *de verdade*. Até a manhã de ontem, quando o tempo passado com Scarlett se tornou uma tortura lenta e dolorosa. Como futuro CEO e filho do atual, não vou conseguir deixar de ir de jeito nenhum.

— Você assistiu ao jogo dos Giants ontem à noite?



— Na verdade não, eu... — Minha voz desaparece quando um rosto familiar entra na sala de conferências. — O que você está fazendo aqui? — Pergunto a Scarlett, muito mais alto do que pretendo.

Seu rosto é uma máscara indiferente. Exatamente como ela costumava olhar para mim. — Estou aqui para a reunião do conselho. Assim como você, imagino.

— *Por que* você está aqui para a reunião do conselho? — Eu resmungo quando ela puxa a cadeira ao meu lado e se senta.

— Porque sou membro do conselho. — O leve aroma floral de seu perfume me envolve.

— Não, você não é. — A disputa é automática.

— Sim eu sou. O estatuto da empresa determina o número de ações que preciso manter, e eu as tenho. Graças ao nosso *casamento*.

Eu belisco a ponta do meu nariz e solto uma longa expiração, ignorando os olhares confusos de todos, menos de Asher.

Esta é a vingança pela noite passada. Eu comandeí aquele show, então agora ela está tomando contramedidas para provar que não estou no controle. Nosso relacionamento é uma partida de xadrez sem fim.

Scarlett abre uma pasta, assina alguns papéis com um floreio e o coloca de lado antes de olhar para mim, o desafio dançando em seus olhos. Posso sentir uma dor de cabeça se formando. Eu estou chateado. — Ontem à noite você parecia pensar que eu deveria agir mais como uma esposa, — ela me diz. — Estou aqui para apoiá-lo, Sport.

— Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso.

— Talvez você devesse ter esclarecido, então. Não saído.

— Você quer que eu apareça em uma das reuniões de sua revista? — Eu exijo.

Scarlett sorri. — *Você* não pode. Porque eu possuo todas as ações da *minha* empresa, lembra?



Sempre dois lances à frente. Eu me inclino para a frente, tentando não me distrair com o cheiro dela. Como não posso deixar de reagir à sua proximidade.
— Scarlett...

O telefone dela toca. Ela atende, como se eu não estivesse tentando falar com ela. Como se não estivéssemos em uma sala de reuniões esperando por uma reunião importante à qual ela não deveria comparecer.

— Olá? — Uma pausa. — Não, isso não vai funcionar. Eu não ligo. É inaceitável. — A pessoa com quem ela está falando responde. — Coloque-o na linha. Eu cuido disso.

Ela se levanta e sai da sala com o telefone pressionado contra o ouvido. Todos a observam sair.

Se eu estivesse sozinho, eu bateria minha cabeça contra a mesa agora.

Asher se aproxima. — *Cara.*

— Agora não. — Cerro os dentes enquanto abro uma das pastas que foram distribuídas pela mesa, fingindo olhar os gráficos e relatórios de despesas.

O carrinho de café chega, entregando bebidas. Asher pede um café expresso e então é a minha vez.

— Café puro, por favor. Preto. — A mulher de meia-idade que trabalha no pequeno café neste andar obedece, colocando uma xícara fumegante de um líquido marrom escuro na minha frente.

— Alguma coisa aqui? — Ela acena para a bolsa de Scarlett ao meu lado.

Estou tão tentado a dizer não. Mas eu me meti nessa confusão irritando-a. Eu suspiro. — Você tem leite não lácteo? Soja ou algo assim?

Asher dá uma risadinha e dou a ele um olhar que promete uma morte lenta e dolorosa se ele emitir outro som.

— Sim. Eu tenho soja.

— Ela vai querer um cappuccino de soja.



Isabel entra na sala de conferências enquanto a barista prepara a bebida de Scarlett. O olhar em seu rosto sugere que ela já sabe quem é a dona das coisas espalhadas ao meu lado. Scarlett não deve ter ido longe para encerrar sua conversa telefônica. Há apenas um corredor que leva até aqui.

Scarlett reaparece alguns minutos depois, chamando a atenção da sala mais uma vez.

— Ele chorou? — Eu murmuro sarcasticamente quando ela se senta ao meu lado.

— Não. Mas ele descontou seu tecido pela metade do custo quando eu estava disposta a pagar o dobro.

— Que emocionante, — eu murmuro.

— O que é isso? — Ela está olhando para o cappuccino.

— O que você pensa que é.

— Você me trouxe um café?

— Há um carrinho, — eu respondo, dolorosamente ciente de como todos em um raio de dez lugares estão ouvindo esta conversa.

— Eu não posso beber isso.

Eu suspiro. — É soja, ok?

Seus olhos queimam em mim enquanto continuo fingindo olhar para os papéis. Na realidade, os números estão se confundindo.

— Você acha que os substitutos dos laticínios são ridículos.

— Eles são. Eu simplesmente não queria ouvir você reclamar sobre como não pode beber laticínios, apesar de não ser intolerante à lactose.

— O jeito que eu tive que ouvir você reclamar sobre uma caixa perdida de leite?

Eu fecho a pasta. — Não está *perdida* se você jogou fora.

— Eu a mudei de lugar.



— No lixo.

— Você nem toma café de manhã para ir trabalhar. Eu *tomo*.

— Há mais leite de aveia em nossa geladeira do que dez pessoas poderiam beber em um mês. Mas minha *única* caixa...

— Havia três, — interrompe Scarlett.

Asher ri. Ele tenta esconder com uma tosse, mas é tarde demais.

Scarlett olha atrás de mim. — Oi, Asher.

— Scarlett. Prazer, como sempre. Nunca gostei tanto de uma reunião do conselho... *nunca*.

— Não será uma ocorrência regular. Já tenho muito trabalho. Mas eu sou uma *super realizadora*, então...

Cerro os dentes enquanto ela faz aquela pequena provocação.

— Eu vi o anúncio sobre a *Rouge*. Parabéns.

— Obrigada, Asher. — Scarlett parece genuína.

— E já esgotou? Sem pressão, hein?

Eu olho para ela, ignorando Asher completamente. — Está esgotado?

— Sim.

Ela não encontra meu olhar, deslizando uma pasta de volta em sua bolsa.

— Você não me contou.

As palavras saem antes que eu tenha pensado nelas, nada mais do que um reflexo. Eu sei que elas são um erro, mesmo antes de ela zombar. — Eu ia te contar ontem à noite. Parte do motivo pelo qual eu estava atrasada. Você tinha outros planos para a noite, aparentemente.

Antes que eu possa decidir como responder ou lidar com a culpa, meu pai aparece. A sala fica em silêncio quando ele se senta à cabeceira da mesa. Não há mesas redondas na Kensington Consolidated. A ordem hierárquica também pode



ser pintada com spray nas paredes aqui. Mesmo dentro da diretoria, a hierarquia é clara.

Seus olhos permanecem em Scarlett, mas ele não reage à presença dela. Eu sabia que ele não iria. Ouvirei sobre isso em nosso próximo “bate-papo”.

Arthur Kensington não se preocupa com gentilezas. Ele se aprofunda na agenda de hoje, recebendo atualizações de diferentes departamentos sobre projetos atuais e diferentes aquisições. Os projetores exibem uma série de gráficos e gráficos revelando lucros e margens.

Scarlett parece absorta no material. Eu me pergunto se foi assim que ela agiu em Harvard.

Estou tomando meu café quando ela fala.

— Onde estão as projeções de ganhos de novembro?

Silêncio total segue a pergunta de Scarlett. É acarpetado aqui, mas se alguém deixar cair uma caneta, você pode ouvi-la cair. Você não interrompe Arthur Kensington. Não enquanto ele estiver liderando uma reunião. Não quando ele está reclamando sobre o tempo. Alguns dos executivos sentados à mesa nunca disseram uma única palavra durante uma reunião do conselho, de tanto que estão petrificados com meu pai.

Scarlett não é estúpida; ela está fazendo uma declaração.

Meu pai sustenta o olhar dela enquanto o resto de nós prende a respiração. Tenho uma vontade bizarra de fazer barulho e quebrar o silêncio. Para proteger Scarlett do peso da desaprovação de Arthur Kensington.

Ridículo em muitos níveis, e o menos importante é que Scarlett não precisa da minha proteção - não precisa de mim para nada. Ela deixou isso claro.

A onda de orgulho também é inesperada. Poucas pessoas têm confiança para questionar meu pai sobre qualquer coisa, muito menos sobre negócios.

O silêncio continua a se estender. Se eu tivesse que adivinhar, diria que meu pai está se perguntando se lidar com a ousadia de Scarlett vale os bilhões que



ganhamos. Ele deveria tentar ser casado com ela. Não me arrependo de ter concordado com isso – não a odeio, do jeito que ela insinuou ontem à noite – mas definitivamente subestimei o desafio que seria.

— Isabel?

Eu me pergunto se Scarlett sabia que Isabel é responsável por calcular as projeções de nossos novos projetos. Ela definitivamente sabia que meu pai aprova o pacote antes da reunião. Eu viro para a seção que contém as projeções. *setembro, outubro, dezembro. Não novembro.*

Meu pai errou e Scarlett percebeu.

— Sim, Sr. Kensington? — Para crédito de Isabel, sua voz não vacila quando ela é chamada.

— Seu departamento excluiu novembro das projeções?

— Parece que sim. Me desculpe. Vou corrigir a seção e recircular uma cópia para o conselho.

Meu pai assente. — Faça isso. — Ele olha para Scarlett. — Fico feliz em ver que seus talentos vão além de desenhar roupas e networking³², Sra. Kensington.

Os músculos da minha mandíbula protestam com a força com que a aperto. Sei exatamente o que ele quis dizer com networking, e a menção à moda não foi um elogio.

— Até um CEO pode cometer erros, Arthur.

As pessoas não interrompem meu pai e também não o chamam pelo primeiro nome. Scarlett conseguiu quebrar as duas regras em dois minutos.

Meu pai inclina a cabeça. Ele a subestimou. Eu sabia disso antes; ele sabe disso agora.

³² Processo de conhecer e conversar com muitas pessoas, especialmente para obter informações que possam ajudá-lo.



O resto da reunião transcorre sem incidentes. Sou puxado para uma conversa com o chefe do nosso departamento financeiro assim que termina. Observo enquanto Scarlett fala com Asher por um minuto, então se vira e sai da sala de conferências sem olhar para mim. Uma parte estúpida de mim quer persegui-la. Mas eu a deixei ir.

Quando saio da sala de conferências, Oliver está esperando por mim.

— Que porra ela estava fazendo aqui, Crew? — Ele sussurra a pergunta com raiva. — Papai está chateado. E se ela estiver vazando informações para Nathaniel Stewart?

Eu cerro os dentes com a insinuação e o nome. — Ela é minha esposa. Ela tem direito a um lugar no conselho; ela possui as ações necessárias.

— Ela está te fazendo de bobo.

— Caia fora do meu casamento, Oliver. Estou *cuidando disso*.

Ele faz *tsks*, e é irritante pra caralho. — Interessante você chamar isso de casamento agora, não um arranjo comercial.

— Arranjos comerciais são os que eu cuido no escritório. Eu não vou para casa e durmo ao lado deles.

— Vocês dormem na mesma cama?

— Não é da porra da sua conta. — Eu giro e me afasto, indo em direção ao meu escritório. Preciso de um minuto para fumar em silêncio. Exceto que, quando entro em meu escritório, ele não está vazio. Scarlett está encostada na frente da minha mesa.

— O que você está fazendo aqui? — Eu bato a porta.

— Tranque-a.

Eu não me mexo a princípio. Minhas emoções estão por toda parte. Eu me importo demais.

Scarlett é a mulher —pessoa— mais forte que conheço, e ela enfraquece minha determinação sempre que está envolvida. Contra o meu melhor julgamento, tranco a fechadura. — Você não deveria estar aqui.

— Meu sobrenome está na lateral do prédio.

— *Meu* sobrenome. — Não consigo resistir ao golpe.

Ela estala a língua. — Somos um acordo ou um casamento, Crew? — Ela joga minhas palavras de volta para mim, me deixando tenso. Ainda mais quando ela se aproxima de mim. — O que é mais *conveniente* agora?

Eu seguro seu olhar, e travamos uma guerra com nossos olhos. Sei que vou quebrar primeiro quando ela cai de joelhos e abre o zíper da minha calça. Todo o sangue do meu corpo corre para o sul.

Ela não vai realmente... Ela vai. Ela faz.

Estamos no meu escritório. Scarlet está ajoelhada na minha frente. Eu deveria me sentir no controle completo. Em vez disso, nunca me senti mais impotente, mais admirado. Ela entrou neste prédio como se fosse dona dele, e agora ela está chupando meu pau como se fosse dona dele também.

Ela é.

Eu não beijei outra mulher desde que nos casamos. Não por lealdade, obrigação ou amor, mas porque sei que elas não seriam o suficiente. Que eu imaginaria o cabelo moreno em punho e os lábios vermelhos atualmente enrolados em meu pau.

Eu nunca brinquei no meu escritório antes. Eu mantenho o trabalho e o prazer separados - por um bom motivo. Quero que as pessoas pensem que mereci o cargo de CEO, não que o ganhei. Mas não estou em posição de pensar com clareza agora. Para considerar as consequências.

Scarlett se afasta para lamber e girar a ponta sensível do meu eixo, sua mão esfregando meu comprimento antes de me guiar de volta para o calor úmido de sua boca até que eu atinja o fundo de sua garganta. Desisto de agir indiferente à



sucção quente, agindo como se já não estivesse embaraçosamente perto de explodir.

Estou feliz que o cabelo dela esteja preso. Isso me permite uma visão desobstruída enquanto me concentro no movimento hipnotizante de sua boca. Uma de suas mãos fica em volta da base do meu pau, enquanto a outra se move para baixo para acariciar minhas bolas. Eu gemo quando sinto o formigamento familiar na base da minha espinha. Eu vou gozar logo. Embaraçosamente logo.

Meus quadris começam a balançar, instintivamente levando meu pau cada vez mais fundo em sua boca enquanto me aproximo cada vez mais.

Seu nome sai da minha boca com um rosnado rouco. — Eu vou gozar. — Ela continua chupando e bombeando, girando a língua ao redor da fenda na ponta. Minha respiração fica irregular e meu coração bate forte enquanto o calor se espalha pela minha espinha. — *Scarlett*.

Eu dei a ela dois avisos, que são dois a mais do que eu daria a qualquer outra pessoa. Eu gozo com um gemido, enchendo sua boca. Sua garganta balança enquanto ela engole tudo que eu dou a ela. Eu me inclino contra a porta, deixando-a suportar a maior parte do meu peso enquanto o prazer se dissipa lentamente.

Meus músculos parecem soltos.

Minha mente: explodida.

Scarlett se senta sobre os calcanhares e enxuga os lábios com as costas da mão. Então ela se levanta, caminhando até a bolsa que deixou na minha mesa. Ela pega um tubo de batom e, *foda-se*, passa uma nova camada de vermelho em seu par carnudo e cheio.

Eu limpo minha garganta. — Scarlett...

— Eu tenho que ir. — Ela olha para o relógio. — Tenho uma reunião em dez minutos. Isso levou mais tempo do que eu esperava.

— A reunião ou o boquete?



Ela sorri. Então ela passa por mim, deixando-me para subir o zíper da calça e me perguntando - mais uma vez - o que diabos aconteceu?



Estou sentado em minha mesa debatendo se devo ir para casa quando Oliver abre minha porta.

— Já ouviu falar em bater? — Eu estalo.

— Ela está se encontrando com ele.

— Quem está se encontrando com quem?

— Scarlett. O detetive particular que papai contratou acabou de informar que ela está em um hotel com Nathaniel Stewart.

Eu mordo o interior da minha bochecha. Era disso que se tratava antes? Culpa? — Agora mesmo?

— Foi o que acabei de dizer. Venha, vamos.

— Ir aonde?

— Para o *hotel*, Crew.

— Eu disse que cuidaria disso.

— Sim, bem, você lidando com isso parece muito com você não fazendo nada. Eu vou. Você pode ficar se quiser.

Isso me move. Oliver aparecendo sozinho não vai acabar bem.

A viagem começa em silêncio, mas não dura muito. — Ela é assim com você? Aquela merda na reunião mais cedo? Papai realmente *leu* os dois e-mails da empresa que “ele” enviou antes, você sabe. — Oliver ri.

— É complicado.

— Soa como um monte de trabalho.



— Acho que não vejo graça em usar um capacho, como você e o papai fazem.

— O que isso deveria significar?

— Você não está dormindo com Candace?

O Porsche de Oliver desvia para a direita e depois volta em linha reta enquanto ele corrige a direção. — Quem te disse isso?

— Você acabou de fazer. — Eu ri. — Uau. Sério?

Suas mãos parecem brancas devido à pressão que ele exerce sobre o volante.

— Papai sabe?

— Considerando que ele não deu um soco em você, duvido.

Oliver zomba. — Ele não se importa com ela.

— Ele não se importa, — eu concordo. — Mas ele definitivamente vai se importar que seu filho esteja fazendo sexo com sua esposa. Se isso vazasse... seria um pesadelo de relações públicas para a empresa.

— Não vai vazar.

Não tenho tanta certeza, mas não digo isso. — Como isso começou?

Ele suspira. — Eu fui lá alguns meses atrás, quando papai estava em Chicago. Achei que Candace tinha ido com ele. Ela não tinha. Ela estava lá, me pediu para ficar para um drinque. As coisas evoluíram a partir daí.

Eu balanço minha cabeça. — Jesus. Ainda está acontecendo?

— Aconteceu mais algumas vezes. Estava meio quente, sabe? Ela é...

Eu interrompo. — Não quero detalhes. Não consigo imaginar vocês dois juntos e nem quero.

Oliver fica em silêncio por alguns minutos. — Posso imaginar vocês juntos. Você e Scarlett. Não assim, apenas em geral. E você pode negar o quanto quiser, mas é óbvio que você se importa com ela.

— Eu não. — Minha resposta soa vazia, mesmo para meus próprios ouvidos.



Ele cantarola. — Ouvi dizer que ela estava em seu escritório depois da reunião do conselho.

Aperto os olhos para ele enquanto outro par de faróis ilumina o carro. — Onde você ouviu isso? — Seu escritório fica no lado oposto do andar.

— De pelo menos dez pessoas. Ouvi algumas das secretárias falando sobre isso também.

Eu zombo.

Oliver encosta em frente ao hotel e estaciona o carro. Sentamos e olhamos para o prédio.

— Bem? — Eu pergunto.

— Bem o quê?

— Esta foi sua ideia. O que vem a seguir, Sherlock Holmes?

— Talvez devêssemos entrar. Ou você deveria.

— *Por quê?*

Ele dá de ombros. — Não sei. Talvez se você pegá-la, ela se sinta culpada e conte o que realmente está acontecendo.

— Essa é a ideia mais estúpida que você já teve.

— Não é *minha* esposa que está me traindo.

— Não, você é o Nathaniel em seu cenário e eu sou o pai. — Encosto a cabeça no vidro e fecho os olhos. — Porra.

— Lá está ela.

Levanto a cabeça e abro os olhos, totalmente preparado para ver Scarlett beijando outro homem. Em vez disso, ela sai do hotel sozinha, usando o mesmo vestido que usava esta manhã. Seu cabelo está preso no mesmo coque extravagante que tive o cuidado de não bagunçar enquanto ela me chupava. Ela não parece estar apenas rolando em lençóis de hotel ou se envolvendo em um caso apaixonado, mas as aparências enganam.



Em vez de ir direto para o carro esperando no meio-fio, ela hesita. Eu a observo dar ao motorista um gesto *de esperar um minuto* e, em seguida, retirar-se em direção ao hotel. Ela não volta para dentro. Em vez disso, ela se inclina contra o exterior de tijolos do prédio com a cabeça inclinada para cima.

Depois de alguns minutos, ela puxa o telefone do bolso. Ela olha para ele por mais alguns minutos, então começa a tocar na tela. Eventualmente, ela o leva ao ouvido.

Oliver xinga. — Droga. Eu disse ao papai que ele deveria pedir ao detetive para grampear o telefone dela. Ela provavelmente está ligando para Jonathan. Agora não vamos... — Ele para de falar quando meu telefone acende no porta-copos. O nome de Scarlett e a nossa foto no topo da Torre Eiffel iluminam a tela. — Ela está ligando *para você*?

Estou tão chocada quanto ele.

— Atenda!

Silenciosamente, pego o telefone e aperto o botão verde. Respiro fundo quando a ligação é completada.

— Crew?

Enfio a raiva, o ciúme e a turbulência muito, muito para baixo e tento parecer normal. — Oi.

Ela limpa a garganta. — Oi.

Eu a observo de perto. Sua cabeça ainda está inclinada para trás. Ela está mastigando o lábio inferior furiosamente. — Você precisa de algo? — Eu pergunto.

Uma batida de silêncio. — Eu, uh, estou prestes a sair do escritório, — diz ela. *Mentira*, melhor dizendo.

— Eu não estarei em casa por um tempo. — Eu olho para o painel do carro. São quase oito.



Ela não me chama por quebrar nossa promessa. — Oh. Ok. Vou comprar comida chinesa a caminho de casa. Você quer que eu pegue alguma coisa para você?

Sua expressão muda assim que ela faz a pergunta. É estranho ver as reações dela ao que ela está dizendo. Ela parece normal. Ela parece triste e insegura. Inocente. *O que isso significa?* — Claro. Obrigado.

— Quer algo específico?

— Você sabe do que eu gosto. — Não quero que as palavras soem sugestivas, mas definitivamente há alguma insinuação.

— Eu sei? — Em vez de confiante, ela parece insegura.

— Vou tentar sair daqui logo, ok? Nós podemos... conversar.

— Ok. Tchau. — Ela desliga, mas não se mexe. Sua postura não muda até que ela limpa uma bochecha. Ela está chorando. A percepção me atinge como um raio e me achata como um peso de duas toneladas.

— Vamos, — digo a Oliver.

— O que ela disse?

— Nada relevante.

— Você vai...

— Oliver. Eu juro por Deus. Pela última vez, porra. Isso Não. É. Da. Sua. Conta. Vir aqui foi um erro.

O resto da viagem de volta ao escritório é silenciosa. Eu não me incomodo em voltar lá para cima. Eu digo boa noite para Oliver e então vou direto para a garagem e meu carro esperando.

Scarlett me ganha na volta. Quando entro na cobertura, ela está sentada de pernas cruzadas em um dos sofás que dá para o terraço, cutucando uma caixa de comida para viagem. Sua expressão está em branco quando ela olha para cima, e eu odeio isso. Eu quero o sorriso que ela me deu na noite passada.



— Você está em casa.

Eu tiro meu paletó e o jogo no sofá. — Sim.

— Está com fome? Sua comida está...

— Você conhece Nathaniel Stewart?

Eu observo sua reação de perto. Ela tosse. Engole. Toma um gole de água do copo sobre a mesinha de centro. *Incriminador*. — Sim.

— Quando foi a última vez que você o viu?

— Mais cedo esta noite. — Ela segura meu olhar. Pelo menos ela está sendo honesta. Embora ela seja esperta o suficiente para saber que eu não abordaria esse assunto a menos que soubesse de algo.

— Você está dormindo com ele?

— Não. — Sua resposta é rápida.

— Não minta para mim, Scarlett, — eu aviso. — Se você está transando com ele, apenas me diga a porra da verdade.

— Essa é a verdade. — Ela enfia os pauzinhos na comida e se levanta, cruzando os braços. — Eu juro.

— Se você não está dormindo com ele, então por que você o encontraria em um hotel? *Várias* vezes.

Seus olhos se estreitam. — Você estava me seguindo?

— Meu pai está. E não você. Stewart. Ele está interessado em uma oportunidade de negócio e queria ter certeza de que o cara estava limpo.

— Quando você descobriu sobre isso?

— Ontem de manhã, — eu admito. — Ele tem fotos.

— De mim *fodendo* com Nathaniel?

Eu estremeço. — Claro que não.



— É por isso que você... ontem à noite. Você acreditou nele. Você pensou que eu estava te traindo. — A raiva com a qual posso lidar. A dor em sua voz é pior.

— Parecia ruim, Scarlett. E não é como se você *não tivesse feito*.

Ela quebra o contato visual pela primeira vez. — Isso foi antes, Crew.

— Eu sei.

— E eu estou cansada de ter isso jogado na minha cara. Como se você não tivesse estado com ninguém desde que nos casamos.

— Na verdade, eu não estive.

Ela parece chocada. — Você não esteve?

— Não. — Arregaço as mangas e vou para o sofá, tirando da sacola os recipientes de comida para viagem que presumo serem para mim e pego um par de pauzinhos. Meu peito parece mais leve pela primeira vez em trinta e seis horas. E estou morrendo de fome como resultado.

— Eu... por quê?

Eu dou de ombros e começo a comer. — Não estava interessado.

Essa admissão é recebida com um longo silêncio enquanto ela afunda no sofá e pega sua comida. — Ele me deu dinheiro, — diz Scarlett finalmente. Quando eu olho, ela está brincando com seus pauzinhos novamente. — Para a *Haute*.

— Por que diabos você precisa de dinheiro? — Eu pergunto. Mesmo antes de se casar comigo, Scarlett estava prestes a se tornar a mulher mais rica do país.

— Vou herdar muito. Meus pais pagavam tudo: carros, coberturas, mensalidades, cartões de crédito. Mas não tenho acesso direto a nada. Ou *não tinha*, até me casar.

— O quê?

— Eu sou filha única. Se eu não me casasse e tivesse filhos, não haveria um herdeiro dos Ellsworth. — Ela franze os lábios. — Meu pai não quis correr nenhum risco, aparentemente. Ele colocou algumas condições estritas no meu



fundo fiduciário. Tenho certeza de que a *Houte* se tornando lucrativa deu a ele um grande susto.

— Você não precisaria se casar então, — eu percebo.

Ela acena com a cabeça. — Eu não fui... contra isso. — Ela gesticula entre nós. — Eu só queria fazer isso nos meus próprios termos, eu acho. E se eu tivesse esperado até nos casarmos, então a *Haute* já teria sido vendida. Eu não tinha muitas opções.

— Eu teria lhe dado o dinheiro.

— Como eu disse, eu não tinha muitas opções.

Eu meio que sorrio para isso. — Ele ainda está envolvido?

— Não. Eu paguei de volta assim que nos casamos. Na íntegra.

— Você dormiu com ele? Naquela época.

— Não. Não misturo negócios e sexo.

— Então ele tentou.

— Sim, — ela admite.

— E esta noite?

— Ele quer buscar outro investimento juntos. — Ela se inclina para trás e enfia as pernas debaixo dela. — Aceitei a reunião como uma cortesia, mas disse que não. Que eu tenho minhas mãos cheias com *Haute* e agora *Rouge*. E... — Ela limpa a garganta. — Eu mencionei que sou casada e feliz.

Como diabos esse cara está se envolvendo com a Kensington Consolidated.

— Ele deu em cima de você de novo?

— Sim. — Ela percebe minha expressão, e a dela se torna divertida. — Eu lidei com isso, Crew.

Eu suspiro. — Desculpe. Ontem à noite... eu estava chateado.

— Sim. Percebi isso.



— Achei que finalmente estávamos em um bom lugar. E então eu vi aquelas fotos e só... se fosse verdade, eu não tinha certeza se queria saber. É por isso que não disse nada a você até agora.

— Eu deveria ter contado a você sobre isso. Possivelmente quando você insinuou que eu não ganhei a *Haute*.

Eu estremeço. — Eu sou um idiota às vezes.

— Às vezes?

Coloco minha comida na mesa de centro e me aproximo dela. Inclino sua cabeça para cima e traço meu polegar em seu lábio inferior. — Scarlett. — O nome dela é minha palavra favorita na língua inglesa. Eu amo dizer isso. Acariciando as sílabas.

Estou prestes a beijá-la quando ela pergunta: — Onde você estava ontem à noite?

— Meu antigo apartamento. Sozinho.

Ela segura meu olhar. — Ok.

— Isto te incomodaria? Se eu não estivesse?

— Sim.

Eu sorrio. — Bom.

Pela primeira vez, todos os nossos passos parecem para a frente.



CAPÍTULO QUINZE

Scarlett

— Bom dia. — Sorrio para Leah e Andrea enquanto saio do elevador.

— Bo-bom...dia, — Leah gagueja, então olha para Andrea. — Você, hum, você não recebeu minha mensagem?

— Sobre o atraso com a entrega? — Eu olho para o meu telefone para responder a uma mensagem da minha mãe. Ela ainda está me importunando sobre o jantar. — Eu vi. Solicitei que mandassem tudo direto para o parque. Ainda devemos estar dentro do cronograma.

— Ok. Ótimo. — Quando olho para cima, Andrea e Leah estão trocando olhares surpresos.

Eu escondo um sorriso. As duas provavelmente estão se perguntando por que estou de bom humor. — Só tenho que pegar algumas coisas no meu escritório e depois vou para lá. Todo o resto está dentro do cronograma, certo?

Andrea assente. — Vejo vocês duas à uma.

Vou para o meu escritório. As amostras que eu deveria examinar ontem à noite estão penduradas em um suporte portátil. Sair às oito todas as noites reduziu minha produtividade. Estou mais feliz com isso do que jamais imaginei estar.

Eu não percebi o quão desequilibrada minha vida estava até que Crew endireitou a balança. Meu desejo de fazer a *Haute* - e agora a *Rouge* - bem-



sucedidas sangrou em todo o resto. Dedicar cada pensamento e decisão a esse objetivo é a razão pela qual a sessão de fotos de hoje no Central Park contará com os designers mais badalados, os fotógrafos mais talentosos e as modelos mais cobiçadas. É um ponto de orgulho - o auge da minha identidade fora de ser a esposa de Crew Kensington. Mas não é um título do qual sinto vontade de me separar tanto quanto antes. Crew é alguém a quem tenho orgulho de estar ligada.

Conforme folheio cada amostra, digito meus comentários e os envio para a equipe de design. Li as propostas de artigos para a próxima edição. As fotos da capa são marcadas com base na preferência. E então eu saio para os ensaios.

O Central Park está mais lotado do que eu esperava. Raramente estou na cidade durante o dia - pelo menos durante a semana. Corredores e famílias preenchem os caminhos sinuosos que percorro em minha busca em direção ao carrossel, onde está marcada a sessão de fotos.

Os preparativos estavam apenas começando quando eu cheguei. A área está sendo isolada enquanto adereços e câmeras são colocados estrategicamente. Confirmo que não há problemas e então me sento em um banco próximo.

Alguns e-mails já se acumularam. Respondo a todos e deixo meu dedo pairar sobre o nome de Crew. Ele provavelmente está ocupado.

As coisas estão boas entre nós agora - muito boas - e estou com medo de confiar nisso. Só porque as coisas parecem estáveis não significa que permanecerão assim. Eu vi com que rapidez sua opinião pode mudar durante o desastre com Nathaniel.

A atração sexual não é um enigma para mim. É todo o resto, o fato de estarmos em casa às oito, o fato de dormirmos na mesma cama, o leite animal na geladeira. Eles simbolizam coisas que eu pensei que nunca seríamos.

Eu aceitei, abracei até. Mas isso é diferente de confiar nele. Perpetuando isso. Se ele desaparecer, será muito mais difícil voltar ao que nosso relacionamento costumava ser.



Desligo o telefone e me concentro no que está ao meu redor. A equipe de iluminação ainda está sendo montada no carrossel, então eu observo as pessoas. Poucas pessoas se preocupam em olhar para a cena que ocorre fora do normal. A maioria são corredores ou caminhantes. Mães esgotadas ou babás prometendo sorvete para crianças gritando. Uma mulher passa por mim com seis cachorros puxando-a. Ela para no banco ao lado do meu e começa a amarrá-los ao braço de metal, um por um. Ela consegue garantir cinco. O sexto é um cachorrinho com orelhas de abano, patas grandes e pelo macio e dourado. Ela não consegue parar de se enroscar na coleira.

A mulher solta um bufo exasperado. — Goldie! Fique parado!

— Eu posso segurá-lo para você. — As palavras saem sem qualquer decisão consciente da minha parte. Sou uma típica nova-iorquina. Com exceção dos meus períodos no internato, vivi no Upper East Side toda a minha vida. Eu não paro e falo com estranhos; eu passo por eles como se estivesse perseguindo o ouro em uma competição de caminhada rápida.

Um sorriso agradecido apaga qualquer chance de retirar as palavras. — Sério? Isso seria bom. Obrigada! — A mulher, que parece ter vinte e tantos anos, dá alguns passos para mais perto e me entrega a coleira verde. O cachorrinho imediatamente volta sua atenção para mim, alternando entre lambe minha perna e cheirar meus sapatos.

A mulher arruma o rabo de cavalo bagunçado e se abaixa para amarrar o tênis. — Eu estava preocupada que eles me parassem. — Ela dá um nó nos cadarços rebeldes e verifica o outro sapato. — Só devo andar com três de cada vez, mas o outro voluntário ligou dizendo que estava doente esta manhã... então aqui estou eu.

— Você não é um passeadora de cães?

— Não. Bem. — Ela se levanta e sorri. — Acho que meio que sou. Sou voluntária no Loving Paws Rescue. Passear com os cachorros é menos de cinco



por cento do trabalho. É principalmente alimentar, escovar e limpar o cocô e, bem, você entendeu.

Eu olho para o cachorro que parou de lambar e se acomodou aos meus pés. Seu rabo abana enquanto ele descansa a cabeça em uma pata minúscula. — São todos resgatados?

— Sim. Nosso locatário tem uma política rígida de proibição de animais de estimação, e minhas colegas de quarto me matariam se fôssemos expulsas de nossa caixa de sapatos. — Ela revira os olhos. — Então, sou voluntária e passo um tempo com animais que precisam de algum TLC³³. A maior parte é ótima. Algumas coisas são péssimas. — Ela estuda o cachorro preso à coleira que estou segurando. — Esse cara está indo para um abrigo de eutanásia pela manhã.

— O quê? Por quê?

— Espaço. Apenas pouco dinheiro e muito mais bocas famintas para alimentar, sabe?

— Eles vão *matá-lo*? — Eu olho para o rosto que parece estar sorrindo. Língua solta. Cauda abanando.

— Goldie terá algumas semanas lá. Mas se ninguém o adotar... então sim.

— Isso é tão triste. Ele parece tão feliz.

O rosto da mulher cai. — Eu sei. Pelo menos ele não saberá que está chegando. Não há muito com o que se preocupar quando você é um cachorro.

— Sim. Eu acho que sim.

Eu nunca tive um animal de estimação na minha vida. Quando eu era mais nova, pedi um gatinho. Um animal que arranha móveis e usa o banheiro dentro de casa era o pior pesadelo de minha mãe - ou assim ela afirmava. Só posso imaginar que pedir um cachorro teria sido muito pior.

³³ Quando você dá a alguém atenção extra cuidadosa e prestativa você está dando TLC (tender loving care = cuidado amoroso)



— Obrigada por segurá-lo. — A mulher sorri e pega a coleira de Goldie de mim.
— Tenha um bom dia.

— Você também.

Eu a observo ir embora, puxada pelos cachorros enquanto eles puxam e latem. Em seguida, balanço a cabeça e olho para o meu telefone.

Mas o rosto peludo fica comigo durante todo o ensaio. Enquanto olho as fotos e seleciono os acessórios. Consultar fotografos e decidir ângulos. Quando o ensaio termina, são quase cinco da tarde.

Por alguma razão, procuro no Google *Loving Paws Animal Rescue* enquanto caminho em direção ao meu carro esperando. É perto, apenas a alguns quarteirões de distância. Achei que devia ser, já que a mulher estava andando. Levar seis cachorros em uma viagem de quilômetros não parece realista.

Eu subo na parte de trás do carro da cidade. — De volta para casa? — Meu motorista hoje, Eric, pergunta.

Por alguns segundos, eu delibero. Sair do trabalho em um horário razoável é uma coisa. Um animal vivo que respira é outro. Mas algo me possui para responder com o endereço do abrigo de animais. O trânsito está pesado. Leva quinze minutos para fazer a curta viagem. O exterior do edifício é indefinido. Se não fosse pela pequena placa branca, eu não saberia que estou no lugar certo.

Um sino toca acima da porta quando entro, passando pelas cinco cadeiras dobráveis e uma exposição de panfletos sobre raiva e castração. A mulher atrás do balcão não é a que conheci esta manhã.

Ela olha para cima, franzindo a testa. — Posso ajudar?

Eu caminho até a mesa e limpo minha garganta. — Estou aqui para adotar um cachorro. Goldie?

— Fechamos em dez minutos.

— Ele está sendo enviado para um abrigo de eutanásia amanhã. Eu vou pagar extra. Custe o que custar.



A mulher me estuda enquanto prende seu cabelo castanho em um rabo de cavalo e o amarra. Ela está vestindo uma camiseta que diz *I Brake For Squirrels*. Considero isso um sinal promissor de que ela não é a favor de todo o conceito de abrigo de eutanásia. Uma prancheta marrom é desenterrada dos papéis espalhados pela mesa. — Preencha isso.

Eu expiro, aliviada. — Ok.

A forma é básica. Preencho todas as seções, deixando em branco a dos animais de estimação. Devolvo a prancheta, observando enquanto a mulher a examina. — Há uma taxa de adoção de duzentos dólares, — ela me informa.

— Você aceita doações?

— Sim.

Tiro meu talão de cheques da bolsa e preencho um cheque antes de entregá-lo a ela. As sobrancelhas da mulher se erguem enquanto ela lê a quantia. — Cachorro sortudo. — Suas bochechas coram, me fazendo pensar que ela não quis dizer isso em voz alta.

— Posso levá-lo hoje à noite?

— Sim. Deixe-me pegá-lo.

Ela desaparece nos fundos, deixando-me sozinha no pequeno saguão. Eu entro um pouco em pânico, olhando para todos os panfletos. Não sei absolutamente nada sobre cachorros. Latidos soam atrás da porta. A mulher reaparece, segurando Goldie. Ela o coloca no chão e ele vem até mim, abanando o rabo.

Eu o pego, deixando-o lambar meu rosto. Isso parece passar despercebido, porque a expressão da mulher é mais suave quando ela me entrega uma pasta. — Aqui estão todos os papéis. Seu histórico médico. Calendário de vacinação. Dicas de treino. Sugestões veterinárias. Qualquer dúvida é só ligar aqui. Ele já jantou. As quantidades e horários de alimentação também estão aqui.

Pego a pasta dela. — Ok. Obrigada.



— Parabéns. Ele é um amor. Eu estava com medo da coleta amanhã.

Eu olho para o filhote aconchegado em meus braços. — Obrigada.

— Eu leio a *Haute*.

Quando eu olho para cima, ela está sorrindo timidamente.

— Antes e depois de você comprar. É realmente impressionante o que você fez com ela.

Eu sorrio. — Obrigada. Isso significa muito.

Então eu me viro e volto para fora. Eric sai para abrir a porta. Seus olhos se arregalam quando ele observa o cachorro, mas ele não comenta. Apenas pergunta onde é a próxima parada.

Goldie explora minuciosamente o banco de trás enquanto voltamos para a cobertura. Examino a pasta, sentindo-me sobrecarregada com a quantidade de informações. Nem sei se Crew gosta de cachorros. Ele pode ser alérgico, pelo que sei.

Quando as portas do elevador se abrem para a cobertura, posso ouvir a voz dele vindo da cozinha. Coloco Goldie no tapete fofo da sala e caminho pelo corredor.

Crew está de pé no balcão da cozinha, estudando alguns papéis e falando ao telefone. Seus olhos brilham quando ele me vê. Eu sorrio para ele antes de ir até a geladeira e me servir de um copo de água. Pensando bem, também encho uma tigela de vidro com água.

— Sim, — diz Crew. — Envie os relatórios de despesas quando puder, e eu darei uma olhada mais tarde. — Há uma pausa. — Tudo bem. Tchau.

Ele suspira, e então eu o ouço se mover. Ele deixa cair o queixo no meu ombro e beija meu pescoço. — Oi.

— Oi. — Embaraçosamente, minha voz sai ofegante e alta.

— Como foi o ensaio?



— Bom. — Sua pergunta me distrai da sensação de seus lábios contra a minha pele. Eu me afasto. — Eu tenho algo para te mostrar.

— Oh, sério? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Sim. Me siga. — Vou em direção à sala de estar, então me lembro da água. Eu giro de volta para pegar a tigela. Crew olha para ela, mas não diz nada enquanto caminhamos pelo corredor.

Entramos na sala. A sala *vazia*.

— *Merda*. Onde ele foi?

— Para onde foi *quem*?

— Eu, uh. — Eu abaixo a tigela de água e olho para ele. — Eu meio que peguei um cachorro hoje?

Crew parece chocado. — Você *o quê*?

— Eu estava no ensaio - no parque - e havia uma mulher com todos aqueles cachorros. E havia este. Ele é super doce e muito fofo, e eles iam *matá-lo*, Crew. Então, eu... eu fui lá depois do ensaio e o adotei. — Faço uma pausa, avaliando sua expressão. — Você está bravo?

— Eu, ah, onde *está*?

Nada está fora do lugar e nenhum cachorro está à vista da minha posição na sala de estar. — Não sei. Eu o deixei no tapete.

— E você pensou que ele ficaria apenas em um lugar? Não é um bicho de pelúcia, Scarlett. É real.

— Eu sei disso, — eu estalo. — Você está criticando muito um cachorro que não conheceu.

Ele sorri. — Ok. Vou olhar lá em cima. Você lá embaixo.

Eu suspiro. — Certo. Ele é minúsculo. Como uma bola de penugem dourada.

— Eu sei como é um cachorro.



Revirar os olhos é muito tentador, mas me contenho. — E o nome dele é Goldie.

— *Goldie?*

— O que há de errado com Goldie?

— Estamos mudando o nome dele, — diz Crew.

— Vamos *encontrá-lo* primeiro, ok?

Crew não responde antes de ir para as escadas. Eu sorrio quando o ouço chamar “Goldie” lá em cima.

Olho embaixo do sofá e atrás da poltrona no canto da sala. A cozinha não tem esconderijos. Eu sigo para o escritório em seguida, rastejando em minhas mãos e joelhos para olhar sob todos os móveis lá dentro. Estou caminhando em direção à sala de jantar quando ouço — Encontrei-o!

Quando chego ao topo da escada, Crew está sentado no tapete que atravessa toda a extensão do corredor. Goldie está entre suas pernas. Suas patinhas balançam pelo ar enquanto Crew coça a barriga.

Uma vez que estou a alguns metros de distância, eu caio de joelhos.

— Ele é fofo, — Crew comenta.

— Eu sei.

— Você queria um cachorro?

— Um gato, quando eu era mais jovem. Minha mãe disse que não. Não conheço ninguém com cachorro. Qualquer coisa sobre cães. — Eu torço meu nariz. — Foi estúpido. Impulsivo. Eu não estava realmente pensando.

E a culpa é de Crew. Ultimamente, eu mudei. Saio do trabalho em um horário razoável. Preocupo-me menos. Sorrio mais. Tomei a decisão espontânea de adotar um filhote. São mudanças saudáveis. Mudanças que eu não teria feito sozinha. Conciliar quem você é com quem você era é desconfortável. Especialmente quando você não tem certeza de que é uma mudança permanente.



— Eu sempre quis um cachorro, — ele me diz.

— Você quis? — A surpresa satura a questão.

Crew coça o queixo de Goldie. O cachorro se estica. — Sim.

— Eles me deram um pacote inteiro de coisas. Ele precisa de comida, treinamento e vacinas.

— Ok. Vamos.

— Vamos onde?

— Para um petshop, Red. Para comprar todas as merdas de que ele precisa.

— Como o quê?

— Como uma cama e uma casinha e brinquedos e uma guia e uma coleira e comida?

Sim. Definitivamente não pensei em nada disso. — Oh.

— Nós não temos nada disso, certo?

Eu aprecio o *nós*. — Não.

Crew se levanta e estende a mão para me puxar para cima. — Vamos fazer compras então.

— Você estava tentando trabalhar mais cedo. Eu posso apenas...

Ele se inclina e pega o cachorro. — Você vem?

Sem esperar por uma resposta, ele se dirige para as escadas, carregando Goldie.



Uma hora depois, estamos lado a lado, olhando para a parede coberta de brinquedos para cães.



— Uau.

— Devemos pegar para ele um de cada? — Piadas de Crew. Existem golfinhos e condimentos e emojis. Dinossauros e garrafas de cerveja.

Nosso cachorro será mimado. Não há outra conclusão lógica, olhando para o carrinho transbordando. Levamos quinze minutos para decidir sobre a marca certa de ração para cachorros. Passamos mais dez minutos no corredor de guloseimas. Escolher uma casinha foi rápido porque pegamos a maior. O mesmo vale para a cama, pois só havia uma que cabia na casinha maior. E agora estamos presos no corredor de brinquedos com muitas opções.

— Quem compraria um emoji de berinjela para seu cachorro?

Crew sorri. Pega o brinquedo de pelúcia roxo e o joga no carrinho.

Eu rio. — *Não* estamos comprando isso.

— Vou dar a ele quando você chegar em casa do trabalho.

Eu luto contra isso, mas estou sorrindo quando o telefone de Crew toca. Ele o tira do bolso. — Asher. — Ele não responde.

— Trabalho?

— Não. Ele provavelmente quer ir a um bar.

— Você pode... se quiser. Não que você precise da minha permissão. — Com uma frase, espalho as inseguranças que tentei enterrar. Nos dois meses desde que nos casamos, Crew não foi a um clube. Ele trabalha e passa tempo comigo. Estou esperando até que não seja o suficiente.

— Eu não quero. — Ele pega um urso e uma corda laranja. — Bom?

— Claro.

Nós nos movemos para o próximo corredor. Crew olha através dos arneses enquanto escolho uma coleira azul e uma guia combinando. Na fila do caixa, seu telefone toca novamente. Desta vez, ele responde. — Ei.

Eu acaricio Goldie e finjo que não estou ouvindo.



— Não, não posso. — Uma pausa. — Asher... estamos muito velhos para essa merda. — Ele olha para mim. — Ok. Tá bom. Estarei aí em vinte minutos. — Crew desliga o telefone e suspira. — Asher precisa de uma carona. Ele foi jantar com seus pais. O pai dele, bem, às vezes ele faz o meu parecer um ursinho de pelúcia.

Eu olho para o cachorro descansando o queixo no meu ombro. — Teddy.

— Huh?

Eu aceno em direção ao cachorro. — Você disse que queria renomeá-lo. Que tal Teddy?

— Eu gosto disso.

— Bom.

— Posso deixar vocês antes de pegar Asher.

— Eu não me importo.

— Você tem certeza?

— Sim.

Nós pagamos e botamos tudo no carro. Levo a maior parte do caminho para descobrir como colocar o novo cinto de segurança no carro de Teddy. Eu coloco o mosquetão no meu cinto de segurança assim que Crew para do lado de fora do Pastiche³⁴.

— Este lugar é bom, — eu comento.

— Você já esteve aqui antes?

— Uma vez. Com algumas amigas.

Asher aparece.

— Ignore tudo o que ele disser sobre nós, — aconselha Crew.

³⁴ Nome do restaurante.



Levanto as duas sobrancelhas, mas acho que ele não pode ver no carro escuro. Asher caminha em minha direção, desviando para o banco de trás no último minuto, quando me vê sentada na frente.

— Não pode ir a lugar nenhum sem a patroa ultimamente, Kensington?

— *Sim, de nada.*

Asher ri enquanto se espalha no banco de trás. Sua testa enruga. — Que porra é essa? — Uma luz brilha. — Por que seu banco de trás está cheio de... bichos de pelúcia e ossos?

— Pegamos um cachorro, — responde Crew, entrando suavemente no tráfego.

— Um *cachorro*?

— Sim.

— *Por quê?* — Asher pergunta.

— Scarlett adora um rosto bonito.

Reviro os olhos. — Tanto faz, Sr. Eu Sempre Quis Um Cachorro Vamos Comprar Toda A Loja De Animais.

Crew ri.

Nós dirigimos mais alguns quarteirões antes de Teddy acordar e começar a choramingar. — O que eu faço? — Pergunto a Crew, enquanto seus gritos ficam mais altos.

— O que o abrigo disse a você?

— Basicamente nada. Ainda não li toda a pasta e deixei-a em casa. Ele já comeu.

— Ele provavelmente precisa de um pedaço de grama, — Asher sugere em um tom entediado.

Eu olho para Crew. — Pare o carro.

— Aqui?



— Você quer que ele faça em cima *de mim*?

Asher ri enquanto Crew murmura baixinho.

Ele encosta na frente de uma árvore cercada por palha. — Isto é o melhor que posso fazer.

Eu trabalho para soltar todos os fechos da coleira do cinto de segurança que acabei de colocar no lugar.

— Ele não pode fazer xixi aí?

— Está preso ao cinto de segurança, Sport.

Asher ri novamente. — Eu entendo porque a imprensa está obcecada por vocês dois. Vocês são uma verdadeira revolta.

Tanto Crew quanto eu o ignoramos enquanto lutamos com os fechos. — Este teve as melhores críticas, — resmunga Crew.

— Você pesquisou os comentários?

Com base na iluminação dos postes, ele parece ofendido.

— Claro que sim. — Crew continua mexendo no arnês, acariciando Teddy enquanto o faz. Desisto de ajudar e o vejo lutando para libertar nosso cachorro.

Acho que o amo. É uma constatação aterrorizante.

— Aí!

— Você percebe que vamos ter que colocar de volta nele, certo? Não comemore ainda.

Crew revira os olhos antes de sair do carro com Teddy. Ele coloca o cachorro no chão e imediatamente se agacha.

— Não previ isso quando fomos para aquele ginásio de escalada.

O som da voz de Asher me assusta. — O que você quer dizer?

— Achei que vocês dois acabariam se divorciando ou não se falando. Crew gosta que as coisas sejam feitas de uma certa maneira - do jeito dele. Tive a



impressão de que você era do mesmo jeito. Basicamente, uma receita para o desastre.

— Faz apenas alguns meses. Quem sabe como vamos acabar.

— Qualquer pessoa com olhos poderia adivinhar, — responde Asher.

Crew volta para o carro antes que eu tenha a chance de responder. Ele me entrega Teddy, que se contorce e lambe meu rosto.

— Ele foi.

— Eu vi. — Dou um carinho em sua cabeça macia. — Quem é o melhor garoto?

— Você nunca diz isso para mim, Red.

— Você é domesticado.

Asher faz um som de engasgo.

Crew se inclina para me ajudar a recolocar o arnês. — E você gosta quando eu sou mau, — ele sussurra em meu ouvido.

— Se vocês acabaram com as demonstrações de afeto, podemos ir?

Crew suspira. — Seu apartamento?

— Não, me deixe no Proof. Preciso de uma bebida.

— Você poderia ter chamado a porra de um Uber, cara. Eu não sou um serviço de carro.

— Certo. Você estava tão ocupado sendo um *pai de cachorro*. Achei que se eu ligasse para você, poderíamos ir tomar uma bebida. Você não me disse que estava trazendo a esposa, e eu nem sabia que você tinha um cachorrinho.

Crew suspira, mas acho que ele ouve a mesma coisa que eu. Asher queria falar com ele, não apenas uma carona. Eu pensei que o relacionamento deles era mais de colegas de trabalho do que qualquer coisa, mas parece que eles são genuinamente amigos. — Tudo bem, vou deixar você no Proof. É melhor você não se atrasar para a reunião de Danbury pela manhã.



— Não se preocupe, chefe. Estarei em seu escritório bem cedo, com os pés em cima da mesa.

— Pés na mesa? — Eu pergunto.

— Crew odeia quando as pessoas tocam em sua mesa, — diz Asher.

— Oh. — Olho para Crew. Ele parece divertido, não irritado. Eu toquei em sua mesa. Encostei nela. Sentei-me nela.

Alguns minutos depois, Crew para na frente da Proof. Eu olho para a fila de pessoas do lado de fora, vestidas com vestidos curtos e trajes caros. Não muito tempo atrás, poderia ter sido eu. Com exceção da espera na fila. Eu sempre estava na lista.

— Obrigado, cara, — diz Asher. — Um dia desses, eu realmente vou dizer a ele para se foder. — Ele limpa a garganta. — Sério, eu devo a você. Tchau, Scarlett.

— Tchau, Asher.

Asher sai do carro e desaparece lá dentro.

— Você deveria ir com ele, — digo a Crew.

Ele parece surpreso. — Por quê?

— Ele obviamente queria falar com você, e é por isso que ele ligou. Sobre quem ele está tentando mandar se foder. Vocês são amigos, certo?

— Depende do dia. — Crew sorri, me dizendo que ele está brincando. — Sim, nós somos amigos. Nós nos conhecemos há um tempo. A família dele é *quase* tão confusa quanto a minha.

— Então vá. Sério. Eu posso lidar com tudo isso. — Aceno para todos os suprimentos para cães que acabamos de comprar.

— Você perdeu o cachorro da última vez.

— Ele tem uma coleira agora. Além disso, ele parece cansado. — Olho para Teddy, que está lambendo metodicamente a pata.

— Asher é um menino crescido. Ele tem outros amigos para quem pode ligar.

— Ele ligou para *você*, — eu indico.

Crew considera isso. Sorri um pouco. — Eu não posso acreditar que você está me encorajando a ir a um clube com Asher, de todas as pessoas. Metade das merdas estúpidas que fiz foi ideia dele.

— Eu confio em você, — eu sussurro. Parece a coisa certa a dizer e também é verdade.

Isso captura a atenção de Crew. — Sim?

— Sim.

Ele olha para mim e eu olho de volta. E algo muito tangível e muito real se passa entre nós antes que Crew desafivela o cinto de segurança. — Me mande uma mensagem quando estiver em casa.

Eu concordo. Ele se inclina para frente e me beija antes de abrir a porta e sair do carro. Observo seus passos confiantes consumirem a distância entre o meio-fio e a entrada da Proof, parando apenas para dizer algo ao segurança antes que ele desapareça lá dentro.

Subo no banco do motorista e dirijo para casa.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Crew

Quando as portas do elevador se abrem, é ao som de altas gargalhadas femininas. Não é de Scarlett, um som que memorizei sem querer, apesar de só ter ouvido algumas vezes. Essa é mais aguda.

Passo pelas mesas da entrada e entro na sala, seguindo o som. Scarlett está sentada no sofá modular, cutucando um recipiente de comida chinesa com um garfo. Ao som dos meus passos, ela olha para cima. Seus olhos se arregalam de surpresa, ela não estava me esperando em casa tão cedo.

— Crew!

— Red. — Olho para as outras duas mulheres no sofá. Uma tem cabelo loiro, a outra, castanho claro. Eu as reconheço, surpreendentemente. Elas estavam com Scarlett naquela noite no Proof, quando ela assustou aquela mulher e eu respondi na mesma moeda. Se alguém tivesse feito isso, eu teria ficado chateado. Com Scarlett, achei divertido. A primeira de muitas exceções no que diz respeito a ela.

Avanço e dou às duas mulheres o meu sorriso mais encantador. — Eu não sabia que você estava convidando visitas.

— Eu pensei que você tinha uma reunião hoje à noite.

— Os planos mudaram. — Mais como se eu tivesse adiado a reunião para amanhã de manhã para poder voltar para casa mais cedo e transar com Scarlett sem parar. Sento-me ao lado dela no sofá e concentro minha atenção nas outras



duas mulheres. — Prazer em conhecer vocês duas. Eu sou Crew. — Presumo que elas estavam em nosso casamento, mas não me lembro de ter visto nenhuma delas.

A loira me dá um sorriso atrevido que imediatamente me diz por que ela e Scarlett são amigas. — É *muito* bom conhecê-lo. Eu sou Sophie e esta é Nadia. — Ela acena para a mulher à sua direita. — Scarlett tem sido mesquinha com detalhes sobre seu marido gostoso.

Olho para Scarlett a tempo de vê-la revirar os olhos e tomar um gole de vinho.

— Marido gostoso, hein? As senhoras são casadas?

— Nadia está praticamente noiva. Ela e Finn estão juntos desde sempre. E estou vendo aonde as coisas vão.

— Vendo onde as coisas vão? Você disse que ia terminar com Kyle semanas atrás! — Diz Nadia.

O nome Kyle e a maneira como Scarlett fica tensa ao meu lado fazem cócegas no fundo do meu cérebro. — Há quanto tempo você e Kyle estão namorando?

— Cerca de quatro meses agora, — Sophie responde. — Mas parece menos. Ele é cirurgião, então mal o vejo.

— Um cirurgião, hein? — Eu olho para Scarlett, que está estudando atentamente seu jantar. Quando sua esposa lhe diz que está dormindo com outra pessoa, os detalhes tendem a marcar. Nossa conversa no carro depois do baile de gala de Rutherford está gravada em meu cérebro. Ela me disse que o nome dele é Kyle e que ele era cirurgião. Isso é muita coincidência, certo? A menos que ela tenha fodido o namorado da amiga pelas costas, ela mentiu para mim. Deliberadamente. De forma convincente. — Parece um bom partido. Você conheceu esse Kyle, Scarlett?

— Não. — Ela enfia uma garfada de frango agri-doce na boca.



— Devemos ir a um encontro triplo! — Sophie exclama, fazendo com que pareça a ideia mais revolucionária que já existiu. — Nunca estivemos todas em relacionamentos ao mesmo tempo antes.

— Claro, parece divertido, — eu concordo. Duvido que seja divertido, mas agradar as amigas de Scarlett não vai doer.

Sophie sorri. — Perfeito. Vou perguntar a Kyle sobre o encontro.

— Mal posso esperar para conhecê-lo.

Se possível, o sorriso de Sophie se ilumina. Estou definitivamente do lado bom dela. Nadia é mais difícil de ler, mas parece bastante agradável. Os dedos de Scarlett estão basicamente estrangulando o garfo.

— Vamos assistir um filme, — sugere Scarlett.

— Primeiro vou ao banheiro, — diz Nadia antes de sair do sofá.

Sophie também se levanta. — Eu irei com você. Da última vez que estivemos aqui, fiquei totalmente perdida.

Nadia e Sophie desaparecem. Nem Scarlett nem eu nos movemos. Eu não falo primeiro. Espero para ver o que ela diz. Por fim, ela suspira. — Eu menti, ok? Também não estive com mais ninguém desde que nos casamos.

Achei que tinha feito as pazes com o conhecimento que ela tinha. A onda de euforia - de *alívio* - com a confissão de que ela não fez é inesperada. — Porque você mentiu para mim?

— Você sabe porque. Eu estava com raiva de você naquela noite. Isso não deveria ser... isso. Presumi que você estava dormindo por aí, então eu disse que estava. Achei que você não acreditaria em mim se eu não lhe desse um nome, então roubei o do peguete de Sophie. — Outra longa expiração. — Esqueça.

Não há chance de eu fazer isso. — Você alguma dia iria me contar?

— Eu quase contei. Na Itália, depois que nós... — Ela olha para a porta pela qual suas amigas desapareceram, como se ela estivesse preocupada que elas



pudessem nos ouvir. — Eu não tinha certeza de como você reagiria. Se você ainda estivesse... — Eu a observo brincar com um fio perdido na bainha de sua blusa.

— Se eu ainda estivesse o quê? — Eu cutuco em um tom suave.

— Se você ainda estivesse interessado.

Eu pisco algumas vezes enquanto essas palavras afundam. — Interessado? — Eu ecoo. *De que porra ela está falando?*

— Não se faça de bobo, Crew. Nós somos casados. Eu sou basicamente uma coisa certa. Os caras querem o que não podem ter, não o que *têm*.

Eu rio. — Você está falando sério? — Com base na maneira como seus olhos piscam, ela está. — Você acha que *eu* acho que você é uma *coisa certa*? — Dizer as palavras me faz rir de novo. Nunca trabalhei tanto por um pedaço da atenção de uma mulher como faço com Scarlett. Toda vez que ela me toca, me sinto o cara mais sortudo do mundo. Eu seguro seu queixo em minha mão e inclino seu rosto para cima, então ela não tem escolha a não ser olhar diretamente para mim. — Eu nunca quis *ninguém* do jeito que eu quero você, Scarlett. Pensar que você estava com outros caras não a tornava mais desejável ou prendia minha atenção. Isso me fez querer dar um soco na cara de cada um deles.

— Conseguimos passar pelo labirinto! — Sophie anuncia, entrando na sala.

Scarlett tira o rosto do meu alcance e encara a amiga, com um sorriso largo e falso no rosto. — Ótimo. Cadê a Nadia?

— Aqui. — Nadia entra na sala e se acomoda em seu lugar de origem no sofá. — O que estamos assistindo?

Eu estudo Scarlett enquanto Sophie e Nadia debatem opções na Netflix.

— Podemos conversar mais tarde, — digo a ela em voz baixa. — Teddy comeu?

Ela acena sem olhar para mim. — Sim. E passeou. Seu jantar está na cozinha, se você estiver com fome.

— Obrigado. — Eu me inclino e beijo seu ombro. — Estarei lá em cima.



— Você não precisa. — Desta vez, ela está olhando para mim quando olho para ela. — Você pode ficar aqui embaixo. Coma conosco, se quiser.

Não pergunto se ela tem certeza. Scarlett não faz ofertas que ela não quer. — Ok.

Tanto Nadia quanto Sophie olham quando eu me levanto. — Só vou jantar e me trocar, — digo a elas. — Vocês, senhoritas, precisam de alguma coisa?

Ambas balançam a cabeça, rindo.

Quando entro na cozinha, há três recipientes de papel no balcão. Eu abro uma, encontrando bife da Mongólia dentro. O próximo tem frango kung pao. Já comi comida chinesa com Scarlett uma vez, e ela se lembrou de tudo que eu gostava. Isso faz algo revirar no meu interior. Algo que é mais do que atração, mais do que lealdade. Minhas referências, quando se tratam de relacionamentos românticos, foram todas péssimas. Homens que sabem que podem se safar de qualquer coisa e mulheres que permitem.

Scarlett e eu somos diferentes. Eu *quero* que sejamos diferentes. Pela primeira vez, sinto uma confiança real de que é algo que ela também pode querer.



Nada mudou quando voltei para a sala de moletom, com o jantar na mão. Teddy segue em meus passos. Eu amo o cachorrinho, que está crescendo constantemente a cada dia. Os papéis do resgate apenas adivinharam sua herança. Há definitivamente muito golden retriever nele. Além disso, ele é um mistério.

Scarlett sorri ao vê-lo. Teddy fareja ao redor dela e depois vai até Sophie e Nadia no outro sofá. Ambos vão para cima dele. Sophie até desce no chão para acariciá-lo.

Sento-me ao lado de Scarlett e começo meu jantar.



— Coração mole, — ela acusa, olhando para Teddy, que está se deliciando com a atenção de suas amigas. — Ele deveria ter uma rotina com sua cesta.

— Diz você, — eu respondo. — A creche canina disse que você o pegou três horas mais cedo.

Ela encolhe os ombros, mas eu vejo através dela. — Era no meu caminho de casa.

— Admita, você sentiu falta dele.

— Você chegou em casa mais cedo também.

— Não para ver Teddy.

— O que estamos assistindo? — Nadia pergunta, interrompendo nossa conversa paralela.

Scarlett se inclina para pegar o controle remoto da mesa de centro. Sua regata sobe, expondo uma faixa de pele. Só isso, estou imaginando retirar o material fino de seu corpo. Trocar de roupa pode ter sido um erro.

As meninas decidem assistir uma comédia. Depois de alguns minutos, sei que não vou prestar muita atenção nisso. Termino meu jantar e me espalho no sofá. Depois de hesitar, Scarlett se deita ao meu lado. Sua bunda esfrega diretamente sobre minha virilha, e eu gemo em seu ouvido. — A menos que você esteja disposta a terminar, não comece, Scarlett.

— Quem disse que não estou disposta a terminar? — Ela sussurra de volta.

Deslizo alguns dedos sob a bainha de sua blusa, traçando círculos em sua pele macia. Nadia, ou talvez Sophie, ri de algo acontecendo na tela. Eu não olho para verificar. — Eu não quero compartilhar você. Eu sou o único que te fode, Red.

Sua respiração falha. Eu ouço e sinto. A rápida ascensão de sua caixa torácica.

— Diga.

Ela vira a cabeça, então ela fica sob meu queixo. — Você é o único que me fode, — ela sussurra.



Eu provoco a parte de baixo de seu seio e, em seguida, deslizo minha mão de volta para descansar em seu estômago. — Assista o filme.

Ela bufa, irritada. Eu sorrio, deslizando minha mão para enrolar em seu quadril e olho para a tela sem registrar um único pixel.



A próxima coisa que sei é que Scarlett está me sacudindo para me acordar. Pisco, esfrego as mãos no rosto e bocejo. — Merda. Eu dormi?

Ela acena com a cabeça. — Em algum lugar entre o tiroteio e uma cena de sexo, então você deve ter ficado exausto.

— Eu pensei que o filme era sobre uma viagem de despedida de solteira?

— A coisa piorou, eu acho. Eu não estava prestando muita atenção.

— Não? — Eu pergunto, a imagem da inocência.

Scarlett revira os olhos. — Eu coloquei Teddy em sua casinha. Sophie e Nadia foram embora. Estou indo para a cama. — Mas ela não se move.

Eu me movo.

Eu a puxo para mais perto, invertendo nossas posições para que ela fique presa embaixo de mim. A eletricidade crepita entre nós. Ela não luta comigo. Ela se espalha e se estica, levantando os braços e puxando o cabelo do coque. Seus joelhos se abrem, então meu pau endurecido é pressionado diretamente contra seu centro macio. Eu rebolo meu quadril e ela geme.

— Você quer meu pau, Red?

Em resposta, ela geme novamente. Mais alto. Sento-me, tirando minha camisa e puxando para baixo minha calça de moletom para que meu pau vá para fora. Scarlett morde o lábio inferior, focada em minha ereção crescente. Ela não



está usando sutiã. Eu posso ver os pontos duros de seus mamilos enquanto seu corpo responde.

A legging que ela está usando é justa. Preciso de três puxões para levá-la para baixo e tirá-la. Sua calcinha encharcada sai em seguida. Eu me aproximo, prestes a empurrar para dentro, quando percebo, — Os preservativos estão lá em cima.

Esse sempre foi um assunto tenso entre nós. Agora que não estamos apenas fazendo sexo, mas com a maior frequência possível, tornou-se uma questão cada vez mais pertinente. É um teste contínuo de confiança um no outro. Dizer que você confia em alguém é uma coisa. Apoiá-lo com ação é outra. Especialmente quando a transmissão de uma doença ou gravidez são consequências potenciais.

— Eu confio em você. — Ela repete a mesma coisa que me disse quatro noites atrás, do lado de fora da Proof. E provoca a mesma onda de sensação que se parece muito com amor.

Eu a beijo enquanto ela trabalha seu caminho para baixo e ao redor do meu pau. Eu *nunca* fiz sexo sem usar camisinha antes. Nada é anestesiado. Eu gemo com a sensação de seu calor apertado e úmido se contraindo ao meu redor sem qualquer barreira. — Puta merda.

— Parece diferente?

— Sim, — eu respiro, pegando o ritmo uma vez que ambos nos ajustamos. — É uma sensação boa. Você parece bem pra caralho.

— É diferente com você, — murmura Scarlett. Eu sei que ela não está falando sobre a falta de látex entre nós.

Ela envolve suas longas pernas em volta da minha cintura, abrindo-se ainda mais para mim. Nós dois gememos enquanto deslizo mais fundo, atingindo um novo ponto. Minha respiração acelera quando começo a sentir o formigamento familiar em minhas bolas. E então estou gozando, com mais força e por mais tempo do que nunca. Pontos brancos pontilham minha visão, trazendo um novo significado ao prazer ofuscante.



Lentamente, a realidade volta para a sala de estar. Mas não me afasto dela. A mão de Scarlett passa pelo meu cabelo, passando pelas mechas curtas várias vezes. Eu pressiono meus lábios contra a curva de seu pescoço, bem onde encontra seu ombro. Inalando seu perfume e respirando contra sua pele.

Isso é novo para mim também. Intimidade após o ato físico do sexo. Eu não era um idiota sobre isso, mas definitivamente nunca fiquei por perto para me aconchegar com mais ninguém depois.

— Sophie e Nadia gostam de você, — ela me diz.

— Elas não me julgaram por cair no sono como um velho?

Eu sinto sua risada reverberar contra a minha bochecha. — Não. Ambas trabalham muito também. Além disso, você não *parece* um homem velho, então isso ajuda.

— Isso é um elogio, Red? — Eu provoco, inclinando minha cabeça para trás para que eu possa ver seu rosto.

— Como se você não soubesse que eu acho você gostoso.

— Eu gosto quando você diz isso.

— Tá. Você é gostoso, ok?

Eu sorrio. — Ok.

— Sophie quer ficar com Oliver. Ela está planejando terminar com Kyle.

— Seria melhor ela ficar com o cirurgião.

Scarlett levanta uma sobrancelha. — Por quê?

— Lembra quando você perguntou sobre mim e Candace?

— Sim.

— Lembra o que eu disse?

— Puta merda. Sério?



— Yep. — Eu estalo o P. — Meu pai vai descobrir - se é que ele já não sabe - e eu vou ficar preso no meio disso.

— Uau. — Ela hesita. — Posso te perguntar uma coisa? Totalmente sem relação com o drama de Oliver dormindo com sua madrasta. Eu só estava querendo perguntar.

— Sim, claro.

— Na outra noite, Asher mencionou sua mesa. Como você não gosta que outras pessoas a toquem. Por que?

— Talvez eu simplesmente não goste que as pessoas toquem nas minhas coisas, — provoco.

— É por isso?

Eu expiro. — Não. Era a mesa da minha mãe. Ela veio do dinheiro também. Sua família tinha um negócio de transporte. Ela herdou e lidou com muito do trabalho - tinha seu próprio escritório em casa e tudo. Meu pai vendeu a empresa depois que ela morreu. Na época, pensei que ele estava sendo insensível. Agora... — Olho para ela. — Agora, acho que os lembretes podem ter doído demais.

Há um longo silêncio entre nós. — Você venderia a *Haute*?

Fale sobre uma pergunta carregada. E é tão *Scarlett*. Testando meus sentimentos por ela discutindo negócios. — Não, — eu respondo. — Eu não faria isso.

Ela segura meu olhar, mas posso *sentir* o quanto ela quer desviar o olhar. Eu posso dizer o que ela pensa que estou dizendo.

— Eu me certificaria de que prosperasse porque acho que é isso que você gostaria. Meu pai é um covarde quando se trata de seus sentimentos. Eu não tentaria esquecer. Eu lutaria como o inferno para lembrar.

Nunca vi Scarlett chorar. Ela não sabe agora, mas há um brilho cobrindo seus olhos castanhos que sugere que ela pode estar perto disso. Sua mão ainda está no



meu cabelo, e ela a usa para me puxar para mais perto, até que nossos lábios estejam separados por apenas algumas respirações.

— Eu também não venderia, — ela sussurra, antes de me beijar.



CAPÍTULO DEZESSETE

Scarlett

— Scarlett? Scarlett?

Eu pisco e olho para Leah, que está me dando um olhar estranho.

— Sim?

— Eu só estava perguntando se você tinha algum comentário sobre a edição de outubro antes de encerrarmos a reunião.

Olho para as páginas de anotações à minha frente. Esfrego minha testa em uma tentativa de aliviar a dor de cabeça. — Não. Isso tudo parece ótimo. Bom trabalho a todos.

O silêncio segue. Silêncio com um tom chocado. Eu *sempre* tenho anotações. Sugestões. Entradas. Estou distraída demais para pensar em alguma agora.

Eu me levanto, precisando sair desta sala. Estou exausta. Quero me aconchegar no sofá em uma calça de moletom com uma garrafa de vinho e Crew.

Só que o vinho pode não ser uma opção. Percebi que minha menstruação estava atrasada - duas semanas atrasada - quatro dias atrás. Tenho estado tão ocupada que não percebi a rapidez com que o tempo está passando.

Estou grávida.

Eu acho.



Tenho vomitado todas as manhãs nos últimos dias. Tenho estado emocional. Cansada. E estou atrasada, o que nunca aconteceu antes. Mas não sei se estou grávida com certeza porque tenho medo de descobrir. Nunca pensei que me chamaria de covarde, mas é exatamente quem eu sou agora. Estou apavorada para saber com certeza. Aterrorizada de contar à Crew. Se estou todo esse tempo, ele me engravidou na Itália, possivelmente na primeira vez que dormimos juntos.

Ele provavelmente ficará orgulhoso. Nossas famílias ficarão emocionadas.

E eu estou... pirando.

Além disso, sinto que vou vomitar. De novo. Ultimamente, meu “enjôo matinal” parece muito com náuseas o dia todo. Fale sobre propaganda enganosa. Não sei nada sobre bebês ou gravidez. Achei que teria tempo. Eu queria tempo. Os nadadores de Crew claramente tinham outras ideias. Estatisticamente falando, fizemos muito sexo para tornar a gravidez uma possibilidade. Sexo *protegido*. Se eu estou realmente grávida de seis semanas, nós concebemos quando ele ainda usava camisinha. Noventa e nove por cento eficaz? Acho que fazemos parte do um por cento em mais de uma maneira.

Não sou contra ter filhos. Eu sabia que teríamos, eventualmente. Crew quer filhos, embora eu saiba que parte desse desejo é alimentado por seu pai. Parece rápido. Breve. Nós não éramos um casal antes de nos casarmos. Levamos um mês para fazer sexo. Finalmente encontramos um equilíbrio que isso vai abalar. Compartilhar a responsabilidade por um cachorro foi um ajuste. Ter um filho é uma grande mudança para qualquer casal. Para nós, isso virá com uma série de complicações que fiquei feliz em adiar por um tempo.

Eu manco pelo corredor em meus saltos, desejando poder tirá-los e jogá-los na parede. Estou sem dormir. *É possivelmente hormonal*. Assim que fazemos sexo, Crew apaga como uma luz. Fiquei acordada nas últimas noites, preocupada com todas as maneiras pelas quais isso mudaria nossas vidas.

Meu escritório é um santuário. Quando comprei esta revista, passei horas decidindo como cada centímetro seria decorado. Realizo todas as minhas



reuniões aqui. Faz uma declaração, as cores ousadas, mas não berrantes. Pinturas abstratas revestem a parede acima do sofá de couro branco. As edições emolduradas da *Haute* estão expostas na parede oposta, acima de uma mesa que sempre ostenta um arranjo de flores frescas. Hoje são peônias. O perfume floral geralmente me deixa feliz. Agora, isso me dá vontade de vomitar.

Sento-me em minha mesa, disparando algumas respostas rápidas aos e-mails que chegaram durante a reunião da qual acabei de sair. Tenho mil coisas para fazer, aprovações de sessões de fotos, comunicações com anunciantes e acordos com diferentes fornecedores. Alguns meses atrás, eu estaria pedindo comida para viagem e me acomodando por mais algumas horas aqui.

Tudo o que quero fazer agora é ir para casa.

Meus olhos caem para a fotografia emoldurada à direita do meu computador. Coloquei-a lá como um adereço, uma prova de que as *mulheres podem ter tudo*, uma vida familiar feliz e uma carreira de sucesso. Já tinha uma carreira de sucesso e sempre soube que tinha capacidade para realizar qualquer projeto que quisesse. Nos últimos nove anos, também soube que provavelmente me casaria com Crew Kensington. Só não sabia como seria estar casada com ele. Confuso, emocionante e divertido. Ele se tornou alguém em quem me apoio, confio e espero para ver.

Como diabos isso aconteceu?

Achei que ele não teria interesse em fazer esse casamento funcionar como algo mais do que um documento de duzentas páginas explicando as consequências, caso não funcionasse. Eu apostei nisso. *Confiei* nisso. A maneira como nos tornamos algo tão diferente é reconfortante e preocupante.

A fotografia em preto e branco de nós dois no dia do nosso casamento posta na minha mesa não parece mais um adereço. Parece real. Posso até identificar o momento em que foi tirada, quando Crew me disse que deveríamos ter praticado dança antes de nos casarmos da mesma forma que nos beijamos antes de fazer nossos votos. Estou sorrindo, e ele também.



Tento imaginar uma criança com os olhos azuis de Crew e meu cabelo escuro. Não posso. Nunca segurei um bebê antes; nem me lembro da última vez que vi um pessoalmente.

Em vez de parar em uma farmácia e colocar todas as dúvidas de lado, vou direto para casa. *Covarde*. Eu procuro o consolo que apenas Crew pode fornecer. Geralmente incluí aconchegar-nos no sofá e depois sexo.

Meu corpo se acostumou com a programação - a ansiar por isso. Desejar *ele*.

As portas do elevador se abrem, revelando Crew encostado na parede ao lado do Monet. — Finalmente! Eu estava prestes a ligar para você.

Eu o observo, o cabelo penteado, o smoking e a expressão, *vamos lá*, ansiosa.

Ele faz o mesmo comigo. — Você esqueceu. — As duas palavras são planas. Incomodado. Qualquer esperança de convencê-lo a ficar em casa, deitado no sofá e admitir que posso estar grávida foge como folhas em um dia ventoso de outono.

— Não, — eu minto. — Minha reunião acabou de ser longa. Voltei para casa assim que pude. — A última parte, pelo menos, é verdadeira. Corri para casa porque queria vê-lo. — Eu vou me trocar.

Não acredito que esqueci. Esta noite é a festa da empresa da Kensington Consolidated. Sei que é um grande negócio para Crew, cheio de contatos importantes para consolidar seu status de futuro CEO.

Crew agarra minha mão enquanto tento ultrapassá-lo. Sua expressão irritada vacila, algo mais suave aparecendo. — Você está bem?

Coloco um sorriso no rosto. — Claro. Apenas me dê alguns minutos, ok? — Eu não posso dizer a ele. Não agora, antes de termos que conversar com pessoas importantes a noite toda. Uma parte de mim está aliviada, até. Não há escolha a não ser *não* pronunciar as palavras.

Não é até que eu esteja dentro do meu armário que deixo o sorriso cair. Eu li em algum lugar, uma vez, que sorrir engana seu cérebro. O mero movimento desencadeia a liberação de substâncias químicas felizes, seja seu sorriso falso ou



real. Já que não posso beber - possivelmente por nove meses, mas pelo menos até fazer um teste de gravidez - eu poderia *realmente* usar qualquer droga que meu corpo pudesse produzir naturalmente. E vou forçar muitos sorrisos esta noite.

Troco a saia lápis e a blusa que tenho usado o dia todo por um vestido de seda até o chão. O tecido esmeralda sussurra contra a minha pele enquanto vou para o banheiro para refazer o cabelo e a maquiagem. Uma vez que estou satisfeita com ambos, pego uma bolsa combinando e um par de saltos alto. Meus pés se encolhem com o pensamento, mas o tecido vai se arrastar no chão se eu não usar salto.

Crew está no mesmo lugar em que o deixei, rolando e-mails em seu telefone.

— Pronta, — eu gorjeio.

— Você está linda, — ele me diz, antes de entrarmos no elevador.

Eu mordo minha língua até que a dor se torne aguda, lutando contra o desejo de dizer a ele o que me preocupa o dia todo. — Obrigada.

— O trabalho correu bem?

— Sim. — Eu hesito. — Talvez eu precise ir a Paris na próxima semana para algumas reuniões.

Crew não tira os olhos do telefone. — Sim. Claro.

— Ok. — Eu descanso minha cabeça contra os painéis rígidos do elevador, seguindo Crew para a garagem subterrânea quando chegamos ao andar de baixo. Roman está esperando ao lado do carro. Ele me dá um aceno respeitoso. — Sra. Kensington.

Eu sorrio para ele antes de entrar no SUV.

A viagem até o Met é silenciosa. Eu sei que Crew está nervoso sobre esta noite. Ele está lidando com uma grande aquisição ultimamente e tenho certeza de que está se preparando para as perguntas dos investidores. Estou preocupada com a possibilidade de uma pessoa minúscula estar crescendo dentro de mim.



Sair do carro e subir as escadas é tudo o que preciso para meus pés começarem a gritar comigo. Os pisos suaves e climatizados do lobby do museu são um pequeno alívio. Somos imediatamente escoltados para o Salão Principal. Conversas educadas ecoam no teto alto e nas paredes de pedra. Eu mal tenho tempo para olhar qualquer uma das velas ou arranjos de flores que decoram o espaço antes que as pessoas comecem a se aproximar de nós. Aglomerando-nos.

Crew é o garoto de ouro da Kensington Consolidated - de toda Manhattan. O herdeiro do trono. Imperador em espera.

Nunca tive a impressão de que Arthur Kensington é popular. Conhece de negócios, mas não é acessível. Ele é o cara que você convida porque precisa, não porque quer.

Oliver é mais um enigma. Eu o vejo parado no canto, conversando com outros dois homens de smoking. Ele parece um lacaio de seu pai, disposto a fazer o que for preciso para impressionar e manter sua posição. Mas eu não achava que ele era do tipo que transava com a esposa de seu pai pelas costas. Não importa suas intenções, ele não tem o carisma natural que Crew possui. A capacidade de fazer você se sentir especial apenas por prender a atenção dele. Percebi isso quando tinha dezesseis anos e disse ao meu pai que o único Kensington com quem me casaria era Crew, e vejo isso agora enquanto ele fala com os Spencers.

Parece que cada um dos mais de mil participantes falou com o Crew quando chegamos à nossa mesa - bem no centro do salão. Arthur e Candace já estão sentados, mas não há sinal de Oliver.

Arthur se levanta para beijar minha bochecha, bancando o sogro perfeito. — Scarlett. Deslumbrante como sempre.

— Obrigada. — Sorrio para Candace, que parece completamente à vontade ao lado do marido. Talvez eu tenha subestimado ela e Oliver. Ela certamente não parece ser do tipo que abandona o casamento. Trair pode ser socialmente aceitável para os homens, mas ela se tornaria uma pária se descobrissem que o fez.

— Você falou com Justin Marks? — Arthur muda sua atenção para Crew, que está puxando minha cadeira.

Eu atiro a ele um pequeno sorriso enquanto eu afundo, imediatamente chutando meus saltos sob a cobertura da toalha de mesa.

— Sim. — Crew acena para um garçom e pede um uísque. Ele olha para mim. — Você quer champanhe?

Por alguma razão, a possibilidade disso acontecer não me ocorreu. — Não, obrigada. Estou com dor de cabeça.

Sua testa enrugada. — Você está? Você não disse nada.

— Estou bem. Acabei de ter um longo dia. O álcool provavelmente vai me fazer dormir.

A linha entre seus olhos não suaviza. Ele me conhece bem o suficiente para ouvir a nota falsa em minha voz. Mas antes que ele possa fazer mais perguntas, Arthur interrompe, obviamente não compartilhando da mesma preocupação com meu bem-estar que seu filho. Imagino que ele se sentiria diferente se soubesse que minha “dor de cabeça” era o futuro de seu império cuidadosamente construído.

Não presto atenção enquanto Crew e Arthur discutem negócios. Oliver aparece enquanto o jantar está sendo servido, ocupando um dos dois lugares vazios. Ele ignora Candace e entra na discussão sobre algum investidor. Eu observo as pessoas e brinco com minha comida. Estou com fome, mas não de nada que está no meu prato. O bife é tão mal passado que parece cru, e as batatas têm um gosto muito forte.

— Você não está com fome? — Crew me pergunta quando seu pai é distraído por um membro da equipe do museu que está perguntando a ele sobre alguma logística.

— Não muito.

— Você quer ir embora? Posso ver se...



Por alguma razão, a oferta faz com que as lágrimas se acumulem em meus olhos. Algum motivo provavelmente envolvendo hormônios. Eu sei que Crew vê quando seus olhos se arregalam. — Não. Devemos ficar. Eu só... vou usar o banheiro. Volto daqui a pouco.

— Ok. — A voz de Crew é hesitante, mas seu pai está perguntando algo a ele novamente. Ele está distraído.

Calço os saltos e sigo em direção à saída, seguindo as placas que apontam para o banheiro feminino. As pias estão todas vazias. Entro direto em uma das cabines e me inclino contra a parede de azulejos, saboreando a sensação da pedra fria contra minha pele. Respirações profundas ajudam um pouco com a náusea.

A noite toda, desempenhei o papel de braço direito de Crew. Ninguém aqui está interessado em minhas opiniões sobre a Kensington Consolidated. Não devo nada a nenhum deles. Mas quero apoiar Crew, como ele fez quando me apoiou com meu pai ou quando perguntou sobre minhas reuniões e ouviu minhas respostas. Por ele, posso sofrer com uma noite de conversa abafada e comida cara.

Faço xixi e depois saio do santuário da cabine para lavar as mãos. Estou ensaboando-as quando a porta do banheiro se abre e Hannah Garner entra. Ela está usando um vestido azul meia-noite que compensa sua cascata de cachos loiros e bronzeados. Nunca pressionei Crew para obter detalhes sobre o passado deles. Honestamente, eu não os quero. Mas isso me deixa em desvantagem - uma que Hannah pretende usar, se o olhar malicioso em seu rosto for uma indicação.

— Scarlett. Que surpresa.

— O que é surpreendente? — Eu lavo e fecho a torneira. — O fato de eu lavar as mãos ou de estar aqui apoiando meu marido?

Ela ri, e é malicioso. Irritante. — Seu marido? Ele não pertence a você. Ele foi *forçado* a se casar com você. É óbvio que ele nem *gosta* de você.

— Você não sabe nada sobre o meu casamento.



— Eu sei mais do que você pensa. Eu sei que Crew não está indo direto para casa do trabalho. — Ela dá um passo mais perto. Seu salto bate no chão como um tiro de advertência. — Quer saber como eu sei disso?

— Ele terminou com você. — Repito o que ele me disse.

Hannah *estala* a língua e balança a cabeça. — É isso que você diz a si mesma? Ele é *Crew Kensington*. Você é uma chata tão obcecada em trabalhar que seu pai teve que vendê-la pelo maior lance. Você só vale pelo seu dinheiro. Ele finge que você sou *eu* para gozar durante o sexo.

Minha palma se contrai, tentada a esbofeteá-la. Mas não vou dar a ela essa satisfação. Uma reação é exatamente o que ela quer.

— Sempre tão estoica, Scarlett. Agindo como se não se importasse com nada nem ninguém. Mas eu vi você com Crew mais cedo. Você se preocupa com *ele*. Você acha que ele está sendo *fiel*? Nunca pensei que a princesa da Park Avenue fosse tão ingênua.

— Você parece terrivelmente ciumenta, Hannah. Eu me casei com o cara que você quer?

Seus olhos se estreitam. — Duas semanas atrás, ele me fodeu no banheiro da Proof. Disse que nunca gozou tão forte. Eu não o quero. Eu *o tenho*.

Pela primeira vez, sinto uma pequena pontada de incerteza e me odeio por isso. Crew estava no Proof há duas semanas, quando eu disse a ele para sair com Asher. *Ele teria transado com Hannah?* Foi antes que ele soubesse que eu tinha sido totalmente fiel. Não há nada além de triunfo no rosto de Hannah, confiança sem nenhum traço de engano. Mas não confio nela. Ela tem todos os motivos para mentir. Para semear a dúvida na minha cabeça.

Não há nada que eu odeie mais do que ser feita de boba. Durante toda a minha vida, as pessoas me viram como uma princesa mimada. Elas nunca consideraram o quanto a riqueza excessiva pode tornar sua vida mais difícil. Tudo se torna falso.



As gentilezas, as banalidades. Lembretes pontiagudos e presunções. Quão solitário pode ser sempre questionar as intenções dos outros.

Tenho sorte de várias maneiras, mas minha vida está muito longe de ser perfeita.

Eu confio em Crew. Eu acredito que ele está sendo fiel.

E se ele não estiver, se eu estiver errada, isso vai me destruir.

Eu olho Hannah diretamente nos olhos. — Eu não acredito em você.

Eu saio do banheiro sem outra palavra. A música abafada e as vozes vindas do corredor soam altas após o confronto silencioso no banheiro.

Quando entro novamente na festa, meu olhar é atraído diretamente para Crew. Ele está parado perto de nossa mesa vazia, parecendo pecaminosamente sexy em seu smoking enquanto segura um copo de líquido âmbar e conversa com uma grande multidão de homens. Segurando o público.

Suspiro e vou para o open bar. Joseph Huntington, um bom amigo de meu pai, está parado ao lado dele, observando o barman preparar um martini. Ele sorri quando me vê. — Scarlett! Como você está, querida?

— Estou bem, Sr. Huntington. Como vai você?

— Bem, bem.

— Que bela família com a qual você se casou, hein? — Ele acena com a mão para a opulência que nos cerca. — Hanson nunca deu esse tipo de festa.

Eu dou de ombros. — Meu pai não gosta de pompa.

— Não saberia disso, vendo o casamento que ele pagou.

Eu sorrio. — Culpe minha mãe por isso.

— Talvez você agite as coisas quando Hanson deixar o cargo. — Joseph me observa atentamente. Eu praticamente ignorei a especulação sobre o futuro da Ellsworth Enterprises, mesmo quando ela ficou mais barulhenta. Meu pai está se aproximando da idade da aposentadoria. Não aceitei um emprego na empresa,



como todos esperavam. Casei-me com Crew, que tem seu próprio império para administrar.

— Talvez.

Joseph sorri com minha resposta vaga e pega sua bebida. — Tenha uma linda noite.

— Você também.

Eu me viro para o barman assim que ele desaparece. — Oi. Você pode me fazer algo sem álcool, por favor?

O barman sorri. Ele é fofo, quase da minha idade. Com uma constituição esguia e cabelos desgrenhados. — Primeiro pedido desse que recebo esta noite.

— Aposto. Os homens de negócios adoram suas bebidas sofisticadas.

— Sem brincadeira. Se eu penhorasse *uma* dessas garrafas, poderia pagar o aluguel por meses. — Ele retrocede rapidamente. — Eu não vou, obviamente. Só uma piada de mau gosto.

Eu rio. — Não se preocupe com isso. E duvido que alguém notaria.

— Você gosta de gengibre?

— Sim.

Ele balança a cabeça e começa a servir.

— Você é bartender há muito tempo?

— Uns anos. Estou fazendo meu mestrado na NYU. É um bom dinheiro e funciona com o meu horário de aula.

— O que você está fazendo no seu mestrado?

Ele parece envergonhado. — Antropologia. Você pode rir. Vou comer Ramen a minha vida inteira.

— Bom para você, — eu digo, e quero dizer isso. — O dinheiro é superestimado.

— Fácil de dizer quando você tem.



— Você está certo, — eu concordo. — Mas aposto que a maioria dessas pessoas não está muito feliz com suas vidas.

— Você está?

Eu suspiro. — Essa é uma pergunta complicada.

— É sim. — Ele me estuda por um minuto, então estende a mão. — Eu sou Charlie.

Eu aperto sua mão oferecida. — Scarlett.

— Você trabalha para a Kensington Consolidated?

— Não exatamente. Sou casada com um Kensington.

— Achei que tinha reconhecido você, — responde Charlie. — Você teve aquele casamento grande e chique neste verão, não foi?

— Sim.

— Minha irmãzinha adora sua revista.

Eu sorrio. — Verdade?

— Uh-huh. A última vez que fui para casa, minha cama estava coberta de velhas edições da *Haute*.

— Sério?

— Juro.

— Uau. Isso é lisonjeiro.

Charlie desliza um copo com um tom rosa na minha frente. — Uma espécie de Shirley Temple, mas acrescentei alguns ingredientes especiais. Nada de álcool.

— Obrigada. — Eu tomo um gole. Tem gosto de gengibre, toranja e alecrim. — É realmente bom.

— Bom.

Eu continuo conversando com Charlie. Ocasionalmente, alguém vem para reabastecer e ele tem que trabalhar. Muitas vezes acabo conversando com quem



quer que seja, ouvindo repetidamente sobre o trabalho fantástico que a Crew está fazendo e como eles estão tão empolgados com o futuro.

No momento em que o próprio Crew aparece, estou no meu terceiro mocktail, perseguindo o gelo em círculos com um canudo enquanto Charlie prepara um gim-tônica para alguém.

— Ei. — Ele para ao meu lado, perto o suficiente para que eu possa sentir o calor irradiando de seu corpo.

— Ei. — O gelo tilinta contra o meu copo enquanto continuo perseguindo-o, girando e girando. A cadência irritante de Hannah salta em minha cabeça.

Eu não o quero. Eu o tenho.

Crew me examina. Eu sei, porque posso sentir cada ponto que seu olhar passa.
— Você está bêbada?

Eu ri. — Nope. — Eu coloco o P para dar ênfase. — Eu queria.

Sua testa franze enquanto ele tenta decodificar minhas palavras. — Você está pronta para ir?

— Você está?

— Eu não estaria perguntando se não estivesse.

Eu bufo. — Certo. Nós só fazemos o que você quer. Já que sou apenas *a esposa do Crew Kensington*. Nada mais. Nada significativo.

Mágoa, então raiva passa por seu rosto. — Achei que já tínhamos superado essa merda.

— Sim eu também. Então passei a noite toda sendo tratada como um *adereço*, enquanto você não estava em lugar nenhum.

Charlie termina de fazer a bebida. Agora ele está fingindo que não pode ouvir nossa conversa, embora eu tenha certeza de que cada palavra é audível.

— Você sabia o que era esta noite, — responde Crew. — Como é este mundo.

— Quero que sejamos diferentes.

— Somos *diferentes*.

— Não parece agora. — Eu esvazio o resto da minha bebida e me despeço de Charlie. — Obrigado por me fazer companhia.

Ele sorri e acena com a cabeça. Enfia algumas centenas em seu pote de gorjetas.

Crew segue minha atenção, e um músculo salta em sua mandíbula. Eu cambaleio enquanto passo, puxando meu cotovelo para longe quando ele tenta me firmar. — Estou *bem*.

— Você está bêbada.

Eu ri. — Não, eu *não estou*. Sóbria pra caralho, graças a você.

A confusão marca suas belas feições. — O que? Eu não disse para você não beber.

Começo a caminhar em direção à saída, deixando-o atrás de mim. O staccato dos meus saltos bate no mármore como uma marcha raivosa. Eu estou brava. Com Crew, comigo mesma. Com raiva de que posso estragar tudo. Raiva porque me importo se eu estragar tudo.

Ele está me seguindo. Eu posso sentir isso, e eu estou brava com isso também.

Eu mal registrei a sensação de sua mão segurando meu cotovelo antes de ele me puxar para uma das galerias vazias que se alinham no corredor que leva ao saguão. Em um movimento suave, estou contra a parede.

— Scarlett. O que está errado?

Está escuro aqui. Apenas um leve indício de luz do corredor entra. — Nada.

— Não minta para mim.

Eu o beijo. Ele geme quando eu puxo seu lábio inferior entre meus dentes. De repente, estou desesperada. Agarrando o paletó de seu smoking e depois mexendo nas suas calças.



— Scarlett. *Scarlett*. — Ele diz meu nome novamente, mas estou focada em uma coisa. Eu preciso de uma distração. Intimidade. *Dele*.

— Eu preciso de você.

Outro gemido quando puxo seu pênis para fora. Eu não consigo ver nada. Mas eu posso sentir a pele macia endurecer na minha mão enquanto eu o agarro na palma da minha mão.

Ele me beija do jeito que eu quero que ele me foda. Hábil, faminto e rude. Eu comecei isso, mas a boca de Crew deixa claro que não vou controlar. Seus lábios são ferozes e dominantes enquanto uma palma desliza por baixo do meu vestido e sobe pela minha coxa. Eu me arqueio contra ele enquanto seus dedos descobrem como estou molhada, mal percebendo a forte pressão da parede contra minha coluna.

O material sedoso do meu vestido está enrolado em volta da minha cintura e minha calcinha é puxada para o lado e então ele está dentro de mim. Eu assobio com a intrusão que sacia uma necessidade e alimenta outra.

— Eu não estou usando nada, — ele sussurra enquanto começa a se mover. — Eu vou fazer uma bagunça.

— Eu sei. — Eu envolvo uma perna em volta de sua cintura, abrindo-me ainda mais. — Tudo bem. Eu quero que você faça.

Seus lábios estão de volta nos meus, duros e exigentes. Tudo o que sei é Crew e como ele está me fazendo sentir. Não importa quantas vezes façamos isso - e é um número alto neste momento - sempre parece assim. Como a primeira vez, e a melhor hora.

Ele está estabelecendo um ritmo brutal. Nada sobre isso é lânguido. É cru e primitivo e duro e profundo.

Fecho os olhos porque mal consigo ver alguma coisa, de qualquer maneira. Aumenta as sensações. O som de sua respiração áspera. O cheiro de sua colônia. A sensação dele deslizando dentro e fora de mim.



Seus lábios gananciosos engolem meus gemidos.

Ao longe, percebo as vozes e a comoção que me lembram onde estamos. Como isso seria escandaloso. Poucas pessoas andando pelo corredor provavelmente fizeram sexo em um espaço semipúblico porque foram totalmente consumidas pela outra metade de seu casamento.

Estou tão perto. Cada impulso me empurra para mais perto da borda. Posso sentir a pressão aumentando, o calor se formando e meus músculos ficando tensos.

A boca de Crew se move para o meu pescoço, mordiscando e sugando a pele sensível. — Você está sempre tão molhada para mim, Red, — ele murmura. — Tão responsiva. Tão ansiosa. Você está pronta para gozar para mim, baby?

Em todos os lugares queima. Eu uso sua gravata para puxá-lo para mais perto, forçando mais fricção entre nossos corpos enquanto eu me esfrego contra ele, perseguindo minha liberação. O prazer aumenta e se expande, afugentando tudo o mais. Estou tão perto do precipício; farei de tudo para chegar a esse ponto. — Sim.

Mais um impulso, e eu *quebro*. Quebro em um milhão de pedaços que agem como o mais doce esquecimento. Ainda estou experimentando o orgasmo alto quando sinto a liberação de Crew me preencher.

Ele puxa para fora alguns segundos depois, deixando um calor pegajoso para trás que vaza pela parte interna da minha coxa. Nós dois estamos respirando pesadamente. Ele enfia o pau meio duro de volta no smoking Armani. Eu endireito. A saia de seda do meu vestido cai no chão, cobrindo minhas pernas e a umidade entre elas.

O único som na grande galeria é o da nossa respiração.

— Devemos ir, — Crew diz finalmente. — As pessoas vinham para jantar, não para um show.



Eu não sorrio com a piada sem graça. Ele não pode realmente ver meu rosto, de qualquer maneira. Simplesmente saio da galeria e volto para o corredor, indo na direção do saguão. Por algum pequeno milagre, não encontramos ninguém. O cabelo de Crew está despenteado e sua camisa está amassada. Tenho certeza de que seria óbvio para qualquer um o que acabou de acontecer entre nós.

O ar quente esperando do lado de fora bate em meu rosto como uma sauna, afastando o ar condicionado frio e seco e, em vez disso, saturando meu vestido e cabelo com umidade.

Roman não está esperando lá fora. O carro que para em frente às fontes é o Lamborghini preto de Crew.

— Onde está Roman? — Eu pergunto enquanto entramos no carro. Eu estava contando com a presença dele no caminho de volta para casa.

— Eu dei a ele o resto da noite de folga, — Crew responde.

— Oh. — Isso é tudo que eu posso pensar. Em vez disso, fico olhando para as luzes da cidade, até chegarmos a um posto de gasolina.

Uma rápida olhada no medidor me diz que há mais de meio tanque. Não precisávamos parar. Mas não digo nada enquanto Crew sai. Ele também não. Não há sorriso conhecedor. Sem palavras de brincadeira. Ele sai e fecha a porta com um baque sinistro.

Lágrimas queimam meus olhos enquanto o arrependimento ferve em meu estômago. Eu sou mais corajosa do que isso. *Mais forte* do que isso. Meu humor - minhas emoções - costumavam ser minhas. É sobre o quão dependente eu me tornei de como Crew age para informar meus próprios sentimentos.

Eu saio do carro, não me importando que a bainha de seda do meu vestido esteja se arrastando no chão sujo. — Estou pegando água.

Um aceno de cabeça é a única resposta de Crew. O forte cheiro de gasolina gira no ar úmido enquanto atravesso o estacionamento e entro na loja de conveniência. Alguma música pop é transmitida pelos alto-falantes.



— Boa noite. — A mulher atrás do balcão me dá um sorriso cansado e superficial.

Eu aceno em resposta enquanto passo pelo caixa e vou para os refrigeradores na parte de trás. Pego uma garrafa de Fiji e giro para ver... testes de gravidez. Uma prateleira inteira deles. Diferentes marcas e cores prometendo resultados rápidos. Eu hesito. Arranjo desculpas. Examino as prateleiras, surpresa com a quantidade de opções diferentes que prometem precisão e resultados rápidos.

Qual é a diferença? É só uma vareta em que você faz xixi, certo?

Com um suspiro pesado, pego três caixas ao acaso e caminho até o caixa, colocando a água e os testes sobre o balcão de plástico arranhado. O caixa olha para minha mão esquerda entre o primeiro e o segundo caixa. Reviro os olhos quando ela não está olhando.

O casamento não te torna digna de ser mãe.

Pago tudo e pego a sacola plástica, voltando para o ar úmido da noite. Crew terminou de abastecer, mas ele ainda está do lado de fora do carro. Suas mãos estão nos bolsos do smoking e seus olhos estão no céu. Eu desacelero meus passos enquanto me aproximo, absorvendo a visão dele.

Observando-o, aceito que uma parte de mim deseja que eu *esteja* grávida. Deseja que o teste dê positivo e que Crew e eu tenhamos o tipo de casamento em que eu daria a ele um macacão que dissesse algo nauseantemente adorável, como *eu amo meu pai*. Onde eu saberia que ele queria um filho porque era um pedaço de mim e dele, não um herdeiro para passar um império de fortuna e responsabilidades.

— Você comprou comida? — Crew abaixa o olhar do céu e olha para mim. Ou mais especificamente, na sacola que estou carregando.

— Não. — Chego à porta do passageiro e entro.

— Droga. — Crew se acomoda ao meu lado e fecha a porta. — Estou morrendo de fome. A comida é sempre uma merda nessas coisas.



Tente possivelmente estar grávida, eu acho. Não digo nada.

— O que você comprou?

— Água. — Eu me abaixo e pego a garrafa de plástico da sacola. As caixas de testes de gravidez se movem de forma audível em um pedaço de papel duro. Crew ergue as sobrancelhas, mas não comenta.

Tomo um longo gole enquanto corremos pela rua. A água fria atinge meu estômago vazio, causando um gorgolejo alto. Sofro por alguns segundos desconfortáveis enquanto a água esquenta em minha barriga antes de tomar mais alguns goles menores. Dirigimos em silêncio por mais dez minutos até Crew parar inesperadamente.

— O que você está fazendo?

— Eu te disse, estou com fome. Você também, ao que parece. — Ele acende os faróis. — Este lugar tem o melhor frango frito da cidade.

— Tem comida em casa.

— Nada preparado. Não vou tirar Phillipe da cama a esta hora para me preparar alguma coisa.

— É o trabalho dele.

— Qual é o verdadeiro problema? Você não pode passar dez minutos extras em um carro comigo?

Eu não respondo, apenas olho pela janela.

Ele suspira, pesado e exausto. — Você quer um pouco de frango?

— Sim. E um milk-shake de chocolate. — Isso soa como o tipo de lugar que teria milkshakes.

Ele olha para mim. — Eu não acho que eles terão uma versão sem laticínios.

Eu quase sorrio. — Eu sei.

Ele deixa cair as chaves no porta-copos. — Ok. Eu volto já.



Olho para os carros que passam enquanto a porta dele abre e fecha. O plástico enruga quando meu pé roça a sacola na área dos pés, me provocando. Tenho noventa e oito por cento de certeza de que estou grávida. Agora que tenho os testes, parece bobagem dizer qualquer coisa até ter certeza. Com 2% de chance de não ser, isso vai complicar as coisas entre nós desnecessariamente. Complicar as coisas mais do que a bagunça que meu comportamento confuso já causou.

A volta de Crew vem com o cheirinho de frango frito de dar água na boca. Ele me entrega um recipiente e coloca um copo para viagem no porta-copos. — Eu consegui com manteiga de bordo. Espero que seja... — Ele para quando percebe que já estou devorando. — ...ok.

Não sei se é porque estou morrendo de fome ou porque provavelmente estou grávida ou porque estou desejando comida caseira, mas o frango frito tem o melhor sabor que já comi. O revestimento é salgado e crocante, e a manteiga de bordo é doce e defumada. Eu inalo três pedaços sem respirar e depois engulo com um gole do paraíso de chocolate.

— Bom?

Eu gemo e ele sorri.

O caminho de volta para a cobertura é silencioso. Crew estaciona na garagem e caminhamos lado a lado em direção ao elevador. Parecem dias desde que partimos, não horas.

Assim que entramos no elevador, dou um passo à frente para passar o cartão da cobertura. Quando olho para Crew, ele está olhando para baixo. Eu sigo seu olhar. O fino plástico branco que estou segurando não faz nada para esconder as letras roxas que indicam *Teste de Gravidez*.

— Você está grávida? — A voz de Crew é baixa. Calma. Ilegível. Eu não esperava entusiasmo, mas esperava *alguma* emoção. Em vez disso, a pergunta parece ter sido dita por um robô. Suave e insensível.



— Eu não sei, — eu respondo. Eu compenso sua falta de emoção com algum sarcasmo. — É para isso que serve o teste.

— Você acha que está grávida?

— Bem, eu não estou fazendo-os para me *divertir*, — eu retruco. Seus dedos apertam as chaves do carro que está segurando. Eu suavizo meu tom, tentando agir como se apatia e perguntas racionais fossem a resposta que eu esperava. — Minha menstruação está atrasada e continuo vomitando meu café da manhã. Então, sim, acho que estou grávida.

Ele solta uma longa expiração. — Uau.

Essa palavra permanece no ar entre nós pelo resto da subida. As portas se abrem, revelando a entrada familiar. Não dou mais do que alguns passos para dentro antes que ele diga meu nome. É seguido por uma palma quente que envolve meu antebraço e me puxando para encará-lo. Tudo o que posso ver é azul, seu olhar é tão intenso.

— Scarlett.

— *O quê?*

Ele fecha os olhos, depois os abre, provavelmente rezando por paciência. Eu sei que estou sendo curta e irracional, mas *ele* não pode ser o único a pirar com isso. Eu sou aquela cujo corpo vai mudar. — Você não pode me dizer que pode estar grávida e ir embora. Não é assim que esse casamento funciona.

— Como *funciona* então, Crew? Se eu *estiver* grávida, o que você quer que eu faça? Quer que embrulhe a vareta em que fiz xixi como presente de Natal? Espere e veja se você percebe em alguns meses? Eu fui legal com todos os seus fãs esta noite e você está tirando o atraso e provavelmente vou ter um herdeiro para você em breve. O que mais você quer de mim?

A linha de sua mandíbula fica tensa. — Quero que você faça o teste, Scarlett. E então me mostre o que ele diz, para que eu não passe a noite inteira imaginando.



Estou com vontade de brigar, mas de repente ele está irritantemente tranquilo. — Certo. — Eu giro e caminho na direção do nosso quarto, os cantos afiados das caixas balançando contra minhas pernas a cada passo.

A alça de plástico cava na palma da minha mão. Achei que seria um alívio, Crew saber. Achei que isso me pouparia do dilema de lhe dar uma resposta definitiva se ele soubesse e perguntasse. Eu não considerei que isso significaria que ele estaria aqui quando eu descobrisse. Que não haveria chance de absorver a notícia antes de ver sua reação.

O baque de seus passos permanece um rastro constante atrás de mim enquanto alcanço as escadas e subo para o segundo andar. A porta do quarto está entreaberta. Eu a abro totalmente, deixando cair a sacola plástica no chão antes de chutar os saltos perto do divã e esticar os dedos dos pés.

Melhor sensação de todas.

Meus pés afundam no tapete macio enquanto encontro o zíper do meu vestido e o puxo para baixo. Piscinas de seda em volta dos meus tornozelos.

Os passos de Crew pararam. Posso sentir seus olhos em mim, varrendo minha pele nua com consciência silenciosa.

Eu ando descalça, de sutiã e calcinha. Pego um teste do chão antes de ir para o banheiro. Quando me viro para fechar a porta, ele está parado na porta.

— Não.

Ele parece divertido. — Eu já vi você nua antes, você sabe.

— Eu *não* estou nua.

Os olhos azuis baixam para o sutiã de renda transparente e voltam para cima.

— Claro.

Eu ajo como se ele não tivesse dito nada. — Estou fazendo xixi sozinha.

— Quanto tempo leva?

— Você tem algum lugar para estar?



Ele dá um suspiro. — Só estou *perguntando*, Scarlett.

Rasgo a caixa, pego o graveto e entrego a ele a caixa vazia. — Leia as instruções, então. — Fecho a porta na cara dele e vou até a pia. Respiro longa e profundamente enquanto encaro meu reflexo no espelho por um minuto.

Apesar da maquiagem completa, incluindo meus lábios vermelhos, pareço jovem. Nervosa. Este parece um grande momento. Se eu fosse mais próxima da minha mãe, eu ligaria para ela. Mas ela contará ao meu pai, que ligará para o advogado e começará a redigir novamente todos os documentos que acabaram de ser finalizados após o casamento. Nadia e Sophie iriam surtar, e qualquer um dos meus outros “amigos” provavelmente ligaria para a imprensa.

Lavo o rosto e escovo os dentes. Eu estou enrolando. Não sei o que quero que seja o resultado. Nos últimos dias, comecei a aceitar que devo estar grávida. Se não estiver, não ficarei desapontada, exatamente, mas alguma outra emoção adjacente.

Isso é em breve.

Muito cedo.

Estamos casados há menos de três meses. As coisas entre Crew e eu são novas e voláteis. Devo estrear minha linha de roupas na primavera. Se estiver grávida agora, estarei *muito* grávida então.

— Este aqui diz dois minutos, — Crew grita pela porta. — Mas os outros dois dizem cinco. Isso significa que eles são mais precisos? Por que você comprou três? Você deveria fazer três? Você pegou esse?

Não respondo a nenhuma de suas perguntas, mas faço xixi na primeira vareta. Depois que eu fizer, não sei o que fazer com isso. Apenas segurar, eu acho? Agitá-lo como uma bola 8 mágica? Eu fiz xixi nele, então não vou colocá-lo no balcão ao redor da pia.

— Scarlett?



Está me incomodando cada vez menos que Crew esteja aqui. Na verdade, é bom, não que eu vá dizer isso a ele. Abro a porta e estendo o teste. — Aqui. Segure este enquanto eu pego os outros dois.

— O quê? — Ele se atrapalha com as caixas. — Por quê?

— Porque eu não queria botar xixi no balcão. — Eu dou a ele um olhar *duh*.

— O que ele diz? — Ele aperta os olhos para a vareta.

— Nada ainda.

Pego os outros dois testes dele. Eu faço xixi nos dois ao mesmo tempo, o que pode afetar os resultados. Neste ponto, eu não me importo mais. Eu só quero uma resposta um tanto definitiva antes de ir para a cama.

Quando abro a porta novamente, Crew está olhando para o teste em sua mão como se fosse desaparecer se ele desviar o olhar. — É, hum, positivo. — Ele limpa a garganta. — Grávida. — É a primeira vez que o ouço parecer inseguro sobre qualquer coisa, e é enquanto olha para uma resposta em preto e branco.

Depois de uma rápida olhada para baixo para determinar se os dois que estou segurando mostram resultados - eles não - eu olho de volta. Ele está olhando para mim agora, e não tenho ideia do que dizer ou fazer. Acho que ele esperava alguma direção da minha reação, porque ele permanece tão vazio e imóvel.

— Você acha isso normal? Outros casais ficam aqui segurando isso?

Ele sorri, e eu sorrio de volta. — Quem se importa com o que os outros fazem?

Eu expiro. — Sim. Você tem razão. Você... quer isso, certo?

— Uma criança? — Ele esclarece.

Eu concordo.

— Sim. Você quer?

Os testes que estou fazendo dão positivo. Eu os viro para que ele possa ver. — Três de três. Acho que já passamos da conversa sobre querer filhos.

— Não precisamos ter passado.



— Somos casados e você quer um filho e está me dizendo que não teria problema em não ficar com esse bebê?

— Estou dizendo que é o seu corpo e se essa é uma conversa que você quer ter, vamos ter.

Estou surpresa, e sei que transparece em meu rosto. Não somos um casal de colegiais que se divertiram uma vez. Filhos - herdeiros - são um dos principais objetivos deste casamento. — Uau. Isso é incrivelmente progressista da sua parte. Suzanne Lamonte me perguntou se eu estava pensando em tirar uma folga do trabalho para tentar *engravidar* mais cedo.

— Ela pode se sentir tola sobre isso.

Eu entendo a ressalva. — Estou ficando com ele, Crew. Nunca houve dúvida. Sim, eu gostaria que tivesse acontecido mais tarde, talvez quando estivéssemos realmente tentando, mas não aconteceu. Não me sinto pronta, mas provavelmente nunca me sentirei. Então... — Eu levanto um ombro e o deixo cair.

— Então vamos ter um bebê.

Um comentário sobre sua falta de papel em todo o processo de crescimento e nascimento de um ser humano está na ponta da minha língua. Sua contribuição foi rápida e agradável. *Eu* estou tendo um bebê, não ele. Mas eu mordo de volta, considerando que ele está lidando com tudo isso muito melhor do que eu esperava.

— Sim. Quero dizer, vou ao médico e confirmo, mas todos eles tinham *super precisos* estampados na frente, então ir em outra direção parece improvável, eu acho? Eu realmente não sei.

— Você vai me dizer? Quando é a consulta?

— Oh, — eu respondo, desconcertada. — Uh, você não tem que...

— Eu quero ir.

— Ok. — Minha voz é apenas um sussurro.

— Ok, — ele ecoa.



Então, inesperadamente, ele me beija. É urgente e ansioso. Sem sutileza e muita emoção. O material rígido de seu smoking esfrega contra minha pele nua, enviando gemidos saindo da minha boca. Então algo muda. Retarda. Suaviza. Os toques demoram e arrastam. Afundam na minha pele e queimam.

— Eu deveria deixar Teddy sair, — Crew murmura, se afastando.

— Você vai voltar?

— Sim. Estou voltando.

— Ok. — Eu me afasto e volto para o banheiro sem olhar para ele. Seus passos desaparecem enquanto ele caminha pelo corredor até o quarto de hóspedes que se tornou o domínio de Teddy.

Tiro a renda que estou usando e entro no chuveiro. Água quente cai sobre mim enquanto eu lavo minha pele e lavo meu cabelo. Descanso a mão na minha barriga lisa enquanto a espuma escorre por ela.

Estou grávida.

Suspeitar era diferente de saber. Estou assustada e animada e um milhão de outras emoções que não consigo nomear.

Estou aliviada que Crew saiba. Eu não percebi o quanto dizer a ele estava pesando sobre mim até que isso passou. Não havia nenhuma dúvida em minha mente que ele iria querer este bebê. Herdeiros - para a empresa de sua família, para a empresa de minha família - sempre foram um objetivo iminente deste casamento. Toda a incerteza decorre de como isso *nos* afetará.

Crew e Scarlett.

Saio do chuveiro e me enxugo. Meu cabelo recebe uma escova rápida e minha pele uma varredura de hidratante. Estou muito cansada para fazer qualquer outra coisa. Penduro minha toalha, coloco uma das camisolas de seda com que costumo dormir e deslizo para a cama.

Quando a porta se abre, ainda estou acordada. Fico enrolada de lado enquanto observo a silhueta de Crew remover o smoking. Fecho os olhos quando ele se



aproxima da cama. Mas eu sei o exato segundo em que ele desliza entre os lençóis. Seu calor irradia. O colchão afunda.

Eu não me mexo e ele não me alcança.

Normalmente fazemos sexo antes de dormir. Tecnicamente já fizemos. Agora, estou desejando sua proximidade mais do que seu pau.

Antes que eu possa pensar sobre isso, eu rolo. Seus olhos seguram os meus enquanto nossos corpos se roçam. Uma palma quente encontra minhas costas e me puxa para mais perto. Eu me aconchego contra ele, colocando minha cabeça sob seu queixo e entrelaçando nossas pernas.

— Você está bem?

— Eu estava nervosa para te contar, — eu admito. — Parece grande.

— Isso é grande.

Hesito antes de continuar falando. — Meus pais não escolheram não ter mais filhos. Quando eu nasci... não sei os detalhes, mas minha mãe não podia ter mais. E se isso acontecer conosco?

— Então teremos um filho.

Ele faz parecer simples. — Meu pai ainda se ressentia dela por isso. Não dando a ele um filho.

— Você acha que eu me importaria com isso?

— Meus pais escolheram se casar. Não foi um acordo. A maneira como eles passaram disso para quem são agora... não é isso que eu quero, Crew. Eu sei que foi preciso mais do que simplesmente não poder ter mais filhos. Mas isso fazia parte, e eu... eu estou com medo. Eu gosto de quem somos agora. Não quero que mude.

— Se isso acontecer, vai mudar para melhor. Eu prometo.

— Você não pode prometer isso.

— Eu acabei de prometer.



Fecho os olhos, mas não consigo dormir.

— O que mais está incomodando você?

Mais uma vez, hesito. — Falei com Hannah Garner esta noite.

— Oh? — Muito ferve sob a única sílaba. Não tenho certeza se é em relação a ela, ou se estou trazendo isso à tona. Ou porque sabe que devemos ter falado sobre ele. Mas não há pânico ou culpa.

— Ela me contou algumas coisas. Algumas mentiras, eu acho.

— Como o quê?

— Como você tendo transado com ela duas semanas atrás, no banheiro da Proof.

— Ela estava lá na noite em que bebi com Asher.

— Ok.

— Eu não falei com ela. E eu *definitivamente* não fiz sexo com ela.

— Ok, — eu repito.

— Você acredita em mim?

— Sim. Eu disse a ela que não acreditava nela e fui embora. Eu confio em você. Estou confiando em você. Só... não me faça de boba, ok?

Crew aumenta seu aperto, então não há nenhum espaço entre nossos corpos.

— Espero que nosso filho seja como você, — ele sussurra.

— Espero que tenha seus olhos, — murmuro de volta.

— Nós vamos descobrir tudo isso, — ele promete.

Nós. Nunca fiz parte de um nós. Acabou de se tornar minha nova palavra favorita no idioma inglês. Estou apaixonada pelo som.

E o homem dizendo isso.



CAPÍTULO DEZOITO

Crew

A porta da sala conferência abre no meio da reunião. Para minha surpresa, a cabeça da minha secretária é a que aparece. — Sr. Kensington...

Eu levanto uma mão. — Agora não, Celeste. Eu disse a você sem interrupções.

— Mas...

— Receba a mensagem.

— Eu realmente...

Eu olho para cima da apresentação pela primeira vez, completamente irritado. — É melhor que haja um colapso financeiro ou uma morte familiar.

— Bem não. Mas sua esposa...

Eu me levanto, quase derrubando a cadeira. — O que tem Scarlett?

— Ela está aqui. Ela desmaiou no corredor...

Eu estou fora da porta antes que ela termine a frase. — Onde ela está? — Eu exijo, caminhando pelo corredor tão rapidamente que Celeste quase tropeça tentando acompanhar-me.

— No seu escritório.

O punho frio de medo em volta do meu coração se afrouxa um pouco quando entro em meu escritório e encontro Scarlett sentada em meu sofá de couro, parecendo completamente alerta e consciente.



Fecho a porta atrás de mim.

Ela olha para mim e suspira. — Eu disse a Celeste para não incomodá-lo.

— O que aconteceu? — Eu pergunto enquanto me ajoelho ao lado dela.

— Estou bem, — diz Scarlett. Ela está segurando uma garrafa de água e brincando com o rótulo de papel. Ela puxa a borda até rasgar.

— Isso não respondeu à minha pergunta.

Outro suspiro. — Fiquei um pouco tonta no corredor. Senti náuseas esta manhã. Não tomei café da manhã.

— *Scarlett.*

— Eu sei, eu sei. Estou bem, no entanto. — Ela toma um gole de água. — Eu só precisava de um minuto.

Eu me levanto e caminho até minha mesa para discar o número de Celeste. Ela atende no primeiro toque. — Escritório de Crew Kensington.

— Preciso que você avise a Isabel que vou perder o resto da apresentação. Peça-lhes que apresentem minhas desculpas a Patrick. E adie minhas reuniões pelo resto do dia.

— Sim, senhor.

— E, Celeste?

— Sim?

— Obrigado. Me desculpe, eu fui grosso antes.

— Sem problemas. De nada, Sr. Kensington.

Eu desligo.

— Estou *bem*, Sport. — Scarlett se levanta do sofá. — Você está exagerando. Volte ao trabalho. — Ela pega sua bolsa. — Vou pegar algo para comer, ok?

— Com certeza você vai. — Depois de desligar o computador, vou até ela. — Vou te levar para casa.



— Vou voltar para o meu escritório. Tenho trabalho a fazer. — Ela se dirige para a porta.

Eu a ignoro e a sigo.

— Crew. Falo sério.

— Eu também.

— Eu *não* vou para casa!

— Sim, você *vai*. Há o teimoso e o imprudente. Você está grávida, Red. Você não pode continuar agindo como se não estivesse. Você precisa de comida e descanso.

Seus olhos brilham. — Existe irritante, e então há imbecil arrogante. Quer saber qual você é?

Ela sai do meu escritório sem me dizer a resposta, mas aposto que acertei.

Eu a sigo pelo corredor. Mais como uma perseguição, na verdade. Scarlett é muito mais rápida nos saltos do que eu esperava.

Ela chega ao elevador e aperta o botão, então olha para mim com um suspiro. — São apenas algumas reuniões. E não sei quanto a você, mas não acho que participar de reuniões seja tão extenuante.

— Também *não* é descansar.

Ela olha em volta e abaixa a voz. — O médico disse que eu estava bem para continuar trabalhando.

— Aposto que você não mencionou catorze horas por dia e esquecer de comer fazia parte do que você considera trabalhar durante seu último check-up. — Fui à primeira consulta de Scarlett com ela - quando o médico confirmou oficialmente que ela está grávida - mas estive em Londres na semana passada e perdi a segunda.

— Eu não vi nenhuma razão para isso.



Eu passo a mão pelo meu cabelo em frustração. — Que tal porque seu marido e pai de seu filho lhe disse para fazer isso?

— *Você* iria para casa no meio do dia? — Ela me pergunta.

— Essa é uma hipótese ridícula.

— Porque nós dois sabemos que você não faria isso?

— Não, porque é *você* que está grávida!

— Uma vez que somos duas entidades separadas, sinta-se à vontade para ser pai também o quanto quiser.

Eu me aproximo, inclinando sua cabeça para cima para que ela encontre meu olhar. — Não posso mudar a maneira como a biologia funciona, querida.

Ela suspira. — Vou almoçar, prometo. E se eu começar a não me sentir bem, vou tentar sair da revista mais cedo, tá? Tenho que aprovar as provas para a próxima edição.

— Scarlett...

— Eu sei que você está preocupado. Eu me sinto completamente bem agora, no entanto. Há muito que preciso fazer enquanto ainda posso.

— Você precisa contratar mais pessoas, — digo a ela.

Scarlett parece lidar com a quantidade de responsabilidade que normalmente seria dividida entre quatro pessoas. Ela é perfeccionista e maníaca por controle.

— Eu sei.

Algo de repente me ocorre. — O que você está fazendo aqui? — Eu estava tão distraído certificando-me de que ela estava bem que não pensei em perguntar antes. Não há reunião do conselho hoje, e essa é a única vez que ela apareceu na Kensington Consolidated, além de me entregar o acordo pré-nupcial editado.

Ela morde o lábio inferior. — Eu ia ver se você estava livre para o almoço. Eu deveria ter ligado...



O elevador apita quando a porta se abre. — Ok. Vamos almoçar. — Eu aceno para ela entrar e depois a sigo.

— Você estava no meio de uma reunião. Vá...

Apertei o botão do saguão. — O que você está com vontade?

Scarlett me lança um olhar exasperado. — Crew.

— Scarlett. — Eu digo a voz dela exatamente no mesmo tom.

Ela suspira, e eu sei que ganhei esta rodada.



CAPÍTULO DEZENOVE

Scarlett

Crew me observa devorando o cheeseburger com um largo sorriso no rosto. — Com fome?

Mergulho uma batata frita no ketchup. — Seu filho é um carnívoro furioso. Tudo o que eu quero é comida frita, de preferência com carne. — Dou outra grande mordida. Mastigo e engulo.

— Você tomou suas vitaminas esta manhã, certo?

Eu mostro minha língua para ele. — Parece que você vai ser um pai pegajoso.

— A creche canina de Teddy me diz quantas vezes você liga para ver como ele está, Red.

— Tanto faz, Sport, — é a melhor resposta que posso inventar.

Levo a mão ao estômago, o que se tornou uma ação inconsciente ultimamente. Tenho que me forçar a não fazer isso no trabalho, já que Crew é a única pessoa que sabe que estou grávida. Mas está começando a aparecer, então teremos que anunciar em breve.

— Um bebê parece uma grande responsabilidade, — digo a ele. — Antes de Teddy, eu nunca tinha mantido um cacto vivo.

Ele ri, e essa se tornou a risada com a qual comparo todas as outras risadas. Apenas a mistura certa de grossa e rouca. — É por isso que você o pegou? Algum tipo de teste parental?



— Não. Eu pensei que isso estava muito longe. — Eu brinco com uma batata frita. — Eu só... eu queria algo que parecesse *nosso*.

— Não é esse o objetivo do casamento? Todo o truque *do que é meu é seu*?

— O dinheiro? Carros? Aviões? Propriedade? — Eu balanço minha cabeça. — Eu quis dizer algo que eu ainda não tinha.

A expressão de Crew é séria. Ele está me estudando como se eu fosse um enigma para decifrar. Um quebra-cabeça para montar. Uma pergunta sem resposta. — O que mais está nessa lista? — Ele pergunta. — Além de um cachorro?

Eu me mexo desconfortavelmente sob o peso dessa pergunta. — Não sei. Este bebê. — Ele toma um gole de água, me estudando o tempo todo. Eu tento morder a pergunta de volta, mas ela sai de qualquer maneira. — Por quê?

Sua resposta vem instantaneamente. — Eu quero te dar tudo o que você quiser.

Esse olhar azul deveria vir com uma etiqueta de advertência. Isso queima cada centímetro de mim, deixando uma marca para trás. Eu esperava que esses sentimentos por ele atingissem limites. Em vez disso, eles parecem estar se espalhando como um incêndio que não pode ser contido.

A garçonete escolhe esse momento para reaparecer, mexendo em nossos pratos vazios e divagando sobre a sobremesa enquanto verifica Crew. Ele não olha para ela. Sou eu quem quebra o contato visual para estudar a rua.

O que eu quero é... ele. Essa vida que estamos construindo juntos com um cachorro e um bebê e piadas internas. Eu quero tanto isso que me assusta.

Prefiro não ter nada do que ter tudo... e depois perdê-lo.



Só quando Crew sai do carro atrás de mim é que percebo que ele não está planejando voltar para o escritório. Ele me incitou a admitir que eu poderia fazer tudo o que precisava hoje da cobertura, em vez do meu escritório, então viemos direto para cá depois de terminar o almoço.

— Você pode voltar ao trabalho, — digo a ele enquanto entro no elevador.

— Estou bem aqui, — ele responde, me seguindo.

Sua atenção me deixa inquieta. Chegará o dia em que não conseguirei alcançá-lo e me lembrarei disso - ele largando tudo por mim - e será muito mais doloroso como resultado. — Pensei que você fosse o figurão da Kensington Consolidated? Na festa da empresa, todos me disseram que você é o futuro da empresa. Eles não vão sentir sua falta?

— Scarlett, — ele diz, com mais paciência do que eu esperava, — eu imagino que *eu lhe* dizendo como fazer seu trabalho cairia tão bem quanto um ataque nuclear. Você ainda odeia padrões duplos?

Não tenho nada a dizer sobre isso, o que me irrita. Ele está certo - ele me dizendo como fazer *qualquer coisa*, muito menos administrar a *Haute*, não cairia bem.

Quando ele ficou tão bom em discutir comigo?

As portas do elevador se abrem. — Eu vou tomar um banho.

Sem outra palavra, subo as escadas e entro no banheiro que traz sinais claros de sua presença. Nunca discutimos isso, mas agora compartilhamos o mesmo espaço. Dormimos na mesma cama. Seus ternos estão pendurados no meu armário. Há uma segunda escova de dentes na pia.

Eu tampo o ralo e ligo a água quente, sentando na borda da banheira e olhando pela janela enquanto ela enche lentamente.

Eu possuo mais saís de banho do que uma mulher realmente precisa, mas não me preocupo em olhar os rótulos. Eu espremo um pouco de cada frasco na água rodopiando com o vapor. Uma decisão da qual me arrependo quando de repente



surge uma espessa camada de bolhas. Eu tiro minhas roupas e afundo a espuma perfumada na água escaldante, usando meu dedão do pé para fechar a torneira.

Apesar da minha resistência anterior, isso definitivamente é melhor do que andar pelo meu escritório de salto alto.

Relaxo na banheira até que as bolhas desapareçam e a água esfrie. A banheira é drenada enquanto eu me enrolo em um roupão macio e vou para o quarto. E paro.

Crew está esparramado na cama digitando em seu laptop. Ele trocou o terno que usava antes por uma calça de moletom cinza e uma camiseta branca.

Crew corporativo é sexy como o inferno. Crew casual me dá borboletas.

— Ei, — ele cumprimenta, olhando para cima enquanto eu ando em sua direção. Seu olhar se demora no fato de eu não ter amarrado o roupão. Ele fica aberto, mostrando a ele quase tudo.

Subo no edredom do meu lado da cama. — Estou começando a aparecer.

— Percebi. — Tenho certeza que ele está olhando para meus seios, não para minha barriga.

— Devemos decidir, você sabe, como vamos contar às pessoas. — Descanso a mão na pequena protuberância entre meus quadris. Não teremos escolha por muito mais tempo, agora que estou grávida de quase cinco meses.

— Como quem?

— Nossos pais, para começar.

— Sempre vamos aos Alpes no Natal. Podemos contar à minha família então, se você quiser. E podemos passar o Ano Novo com seus pais.

— Os Alpes serão como o Dia de Ação de Graças? — Um grande evento formal, em outras palavras. Se não fosse pela comida servida, eu não teria ideia de que era um jantar diferente de qualquer outro.

— Não. Meu pai não convida outras pessoas quando estamos lá.



— Por quê?

Crew dá de ombros. — Nenhuma ideia. Ele simplesmente não convida.

— Então seremos eu, você, seu pai, *Candace* e *Oliver*?

— Bem, suponho que levaríamos Teddy.

Reviro os olhos. — Isso não foi o que eu quis dizer.

— Eu sei. E para responder à sua pergunta, sim, provavelmente será estranho.

— Ok.

— Você está bem em ir?

Eu concordo. — Sim.

— Ok. Vou avisar meu pai. — Crew está agindo de forma indiferente, mas posso dizer que isso significa algo para ele. Ele se preocupa com seu pai e irmão, apesar de sua disfuncionalidade. Ele olha para o laptop. — Eu tenho uma reunião para fazer. Vou descer.

— Você não precisa. Você pode ficar.

Sua testa enrugada. — Vou ter que falar em algumas partes. Não quero incomodá-la.

— Eu não sou uma criança dormindo. E imaginei que você teria que falar, já que você é o Sr. Futuro CEO. — Não é um convite direto, mas é muito próximo de um. Eu quero que ele fique. E então eu apenas digo isso. — Eu quero que você fique.

— Ok, — Crew responde, sua voz suave. — Eu vou ficar.

Eu aceno e fecho meus olhos. Tenho provas para aprovar, mas elas devem levar apenas algumas horas. Minhas pálpebras estão pesadas e estou quente e confortável. Completa.

O telefone de Crew emite um bipe enquanto ele digita um código de conferência e aguarda a aprovação. — Crew Kensington, tem mais alguém na linha? — Ele pergunta, assim que a ligação é completada.



— Estamos todos aqui, senhor, — responde uma voz masculina.

— Ótimo. Vá em frente e comece.

A mesma voz masculina começa a falar monotonamente sobre entregas e decisões de pessoal. Centímetro por centímetro, eu me mexo no edredom até estar perto o suficiente para sentir o calor do corpo de Crew. Ele faz uma pergunta que estou muito sonolenta para compreender, ao mesmo tempo me puxa contra ele para que eu fique aninhada ao seu lado.

Adormeço ao som de sua voz falando sobre contratos enquanto ele brinca com meu cabelo.



CAPÍTULO VINTE

Crew

Minha pequena e disfuncional família já está sentada quando embarcamos no avião com destino aos Alpes. Meu pai ergue as duas sobrancelhas quando repara na pilha de bagagem e no cachorro que levamos, mas não comenta.

Candace diz. — Que cachorrinho fofo! Você acabou de pegá-lo?

— Não, estamos com ele há alguns meses, — respondo. Não tenho um relacionamento com Candace - com ninguém da minha família imediata - onde anunciaria a chegada de um companheiro canino.

Minha madrastra está muito ocupada acariciando Teddy para responder. A equipe está se movendo com eficiência pelo jato, arrumando nossas malas e se preparando para a decolagem.

Sento-me em frente ao meu pai. — Oi, pai.

— É bom que esse bicho não faça um acidente aqui, — comenta, sorvendo um líquido âmbar, embora ainda não seja nem meio-dia.

Teddy tende a ficar super excitado com facilidade, mas não mencionei isso.

Scarlett ainda está parada na porta, conversando com uma das aeromoças. Ela acena com a cabeça e então se dirige para mim, sentando-se ao meu lado. — Feliz Natal, Artur.

Meu pai resmunga.



Apesar de estar quente no avião, Scarlett continua com o casaco de inverno. Ela está visivelmente grávida agora, com uma pequena barriga que considero a visão mais sexy do mundo. Há algo primitivo e dolorosamente excitante no fato de ela estar grávida do meu filho.

— Sem Oliver?

— Ele está atrasado, — diz Candace, sentando-se do outro lado do corredor.

— Deve estar aqui em breve.

Concordo com a cabeça, não confiando em mim para falar. Agora que sei sobre ela e Oliver... não posso ignorar.

Meu irmão aparece alguns minutos no silêncio constrangedor. Suas malas estão arrumadas com o resto das nossas enquanto ele cumprimenta a todos nós e conversa um pouco com meu pai.

Alguns minutos depois, estamos no ar. Teddy parece não se incomodar com a altitude, cochilando aos pés de Scarlett. Ela está rolando algo em seu telefone. Presumo que seja relacionado ao trabalho, mas quando dou uma espiada na tela, descubro que ela está olhando para berços.

Eu sorrio antes de começar a percorrer os documentos em meu tablet que baixei para revisar.

Passamos algumas horas de voo quando a aeromoça aparece para servir o almoço. Ela distribui cada refeição e depois vem com as bebidas. O conhaque do meu pai é reabastecido. Então é a vez de Candace. Ela rejeita o álcool oferecido com, — Não posso beber isso. Estou grávida.

O silêncio total preenche a cabine. Até meu pai ergue os olhos do jornal que estava lendo. — O que você disse?

— Estou grávida, Artur. Isso não é emocionante?

Candace soa alegre e feliz. Meu pai parece chocado. Scarlett olha para mim com os olhos arregalados. É o mesmo anúncio que planejamos fazer nesta



viagem. Cena roubada. Mas percebo porque ela parece tão chocada quando olha para Oliver. Sua face ficou cinza.

E de repente, eu percebo... não tenho certeza se o bebê é do meu pai.



Assim que tenho uma chance, encurralo Oliver. Acabamos na sala do chalé, bem entre a árvore de natal elaboradamente decorada e uma vista deslumbrante das montanhas cobertas de neve.

— Diga-me que não há chance de ser seu.

Ele desvia o olhar. — Eu vou conversar com ela.

Praguejo. — Oliver, eu juro por Deus, se você...

— Eu sei que estraguei tudo, Crew. Eu não preciso do filho perfeito esfregando isso.

— Se perfeito é *não* transar com nossa *madrasta*, então é um nível muito baixo, — eu retruco. — Você precisa lidar com isso. Imediatamente. Se papai suspeitar... Se Candace falar... Isso pode ser um desastre total. E é a última coisa de que preciso agora. Eu já tenho o suficiente acontecendo, com...

— Com o quê?

Olho ao redor para ter certeza de que ainda estamos sozinhos. — *Scarlett* está grávida.

— Uau. — Oliver pisca. — Você tem certeza... — Meu olhar o interrompe. Ele limpa a garganta. — Certo. Parabéns.

— Obrigado. Mas entre isso e a aquisição da Sullivan que deveria acontecer logo antes disso, essa bagunça é a última coisa com que preciso me preocupar.

— A aquisição da Sullivan está marcada para abril.



— Eu sei.

Oliver faz a contagem regressiva, chegando à mesma conclusão que cheguei quando o médico de Scarlett compartilhou a data da concepção durante nossa primeira visita - eu a engravidei em uma de nossas primeiras vezes. — Droga. Trabalho impressionante, maninho.

Reviro os olhos. — Guarde para você. Ainda não contei ao papai.

— Ele vai ficar emocionado pra caralho. Mais futuros CEOs.

— Eu sei. — E é por isso que não contei a ele, porque uma parte de mim quer que ele fique animado para se tornar avô, nada mais. Sei que é por isso que Scarlett também não contou aos pais. — Lide com Candace, ok?

Oliver assente. — Sim, sim. Eu vou.

Todo mundo já está à mesa na sala de jantar formal quando Oliver e eu entramos na sala. Sento-me ao lado de Scarlett, agarrando sua coxa e dando-lhe um aperto rápido. Seus olhos estão cheios de perguntas que ela não pode fazer e eu não posso responder. Aqui não.

Os empregados trazem o primeiro prato.

Meu pai parece estar de bom humor, o que me surpreende. Nunca tive a impressão de que ele queria mais filhos. Ele e Candace estão casados há apenas um ano, e fiquei surpreso por ele ter decidido se casar de novo. Achei que a notícia que Candace estava esperando não seria bem-vinda. E complica muito a possibilidade de nem ser filho dele.

O jantar é repleto de gentilezas forçadas e discussões sobre o itinerário da próxima semana.

— Você sabe esquiar? — Pergunto a Scarlett, enquanto meu pai pressiona Oliver sobre algo envolvendo golfe. Nunca fiz muita tentativa de entender o esporte.

— Como um pinguim, — ela responde.

— Então, você ginga?



Ela revira os olhos enquanto dá uma mordida na salada. — Eles navegam na neve com sucesso, ok? Sim, eu sei esqui.

— Bem? — Eu desafio.

— Vamos partir para um diamante negro³⁵ amanhã e você descobrirá.

— Combinado, — respondo, embora não haja nenhuma chance de permitir que minha esposa grávida esquie em qualquer lugar que não seja uma colina de coelhos³⁶. Eu sei que é uma batalha que teremos mais tarde — e em outro lugar — considerando que Oliver é o único que sabe e ela não sabe que ele sabe.

O jantar é seguido por Torta di Pane, um pudim de pão de limão que é quase tão bom quanto os biscoitos com cobertura de chocolate que compro aqui, e então todos se dispersam. Candace alega jet lag e vai se deitar. Oliver desaparece, na esperança de falar com Candace. Scarlett vai deixar Teddy sair. Meu pai atende um telefonema.

Ando pelo primeiro andar até chegar ao escritório. Não vou ao chalé desde o inverno passado. Esta é a propriedade favorita do meu pai, então tendo a evitá-la. As férias são geralmente a única época do ano que visito.

As estantes e os móveis de couro parecem iguais. Sirvo-me de uma bebida do carrinho do bar no canto e me sento em uma das poltronas, olhando pelas portas de vidro que levam ao pátio dos fundos. Está nevando. As luzes exteriores iluminam cada floco individual à medida que descem do céu.

Scarlett aparece, vestida com agasalho e se arrastando pela camada de neve já acumulada no chão por causa de uma tempestade antes de chegarmos. Teddy salta atrás dela, latindo alegremente. Sorrio quando Scarlett joga uma bola de tênis laranja e Teddy sai correndo atrás dela.

A porta do escritório se abre e meu pai entra. Ele para quando me vê, obviamente esperando encontrar o espaço vazio.

³⁵ “Black diamond” é um nível da corrida de esqui.

³⁶ É uma inclinação suave para esqui usado principalmente por esquiadores novatos.

— Eu posso sair, — eu ofereço. Conhecendo-o, ele tem trabalho a fazer.

Ele me surpreende dizendo — Está tudo bem, — e sentando-se na outra poltrona. — Você já se sentiu em casa, — acrescenta ele, apontando para a bebida na minha mão e soando mais como o seu eu habitual.

Observo Scarlett jogar a bola de tênis para Teddy novamente.

Ele segue meu olhar, contemplando a vista do quintal coberto de neve pela primeira vez. — Parece que as coisas estão indo bem entre vocês dois.

— Elas estão. — Eu paro. — Ela está grávida.

O sorriso do meu pai é largo, cheio e mais genuíno do que eu já vi em muito tempo. — Bem, que tal isso? Belo trabalho, filho. Parabéns.

Eu me mexo desconfortavelmente. Nunca pensei que teria que dizer essa próxima parte para meu pai quando adulto. — Parabéns a você também. Candace parece animada.

Meu pai fica em silêncio por alguns minutos, acrescentando camadas de estranheza ao que já existia. Por fim, ele fala. — Eu fiz uma vasectomia logo depois que sua mãe morreu.

— Oh. — Em vez de abordar as implicações do que ele realmente está dizendo - porra - eu pergunto: — Você não queria mais filhos?

— Só com ela.

Nos vinte e cinco anos que o conheço, é a declaração mais sentimental que já ouvi meu pai proferir. — Mamãe provavelmente acharia isso romântico.

Tudo sobre este momento é bizarro: o pequeno mas genuíno sorriso no rosto de meu pai, falando sobre minha mãe como se ela fosse mais do que um fantasma que deixamos de reconhecer assim que seu funeral terminou, como é que isso aconteceu por meio da revelação da esposa atual.

— Não. — Ele gira o uísque no copo, um movimento que reconheço. Um movimento que eu copio. — Ela ficaria desapontada. Tão, *tão* desapontada



comigo. Perdê-la foi a pior coisa que já experimentei. Evitei tudo que me lembrasse dela.

Eu concordo. *Todos*, ele quer dizer. — Ela perdoaria você, pai.

Ele cantarola um som com um tom sutil de agradecimento.

Olho para fora e vejo que Scarlett e Teddy desapareceram. — Eu deveria ir lá para cima. Scarlett tem sono leve. Não quero acordá-la.

Meu pai acena com a cabeça enquanto eu tomo minha bebida e me levanto. Estou a meio caminho da porta quando ele fala. — Crew.

Eu viro. — Sim?

Ele está olhando para a neve lá fora, não para mim. — Não mencione nada disso para Oliver. Candace não é de recusar atenção. Ainda há uma chance de que ele não seja o pai. — Tenho certeza que pareço um peixinho dourado. Minha boca está aberta, mas nenhum som sai. Ele ri. Escuro e ameaçador. — Eu não tinha certeza se você sabia. Agora eu tenho.

Eu não digo o que estou pensando. Isso eu não achava que *ele* sabia. Eu quero perguntar se ele está planejando dizer alguma coisa para Oliver – ou Candace – mas eu meio que não quero saber. Principalmente, quero fingir que essa conversa nunca aconteceu. — Eu suspeitei.

Ele ainda está olhando para o quintal. — Você provavelmente deveria solicitar um teste de paternidade você mesmo. Não se pode ser muito cuidadoso.

Qualquer simpatia ou compreensão se esvai como líquido em um ralo aberto. Se ele queria qualquer uma, ele não deveria tê-la colocado nisso. — Você está certo, pai. Mamãe *ficaria* desapontada com você.

Ele não se mexe. — Precisamos conversar mais amanhã, Crew.

— Certo. — Saio do escritório e bato a porta atrás de mim.

Quando entro no quarto que estou dividindo com Scarlett, ela é um carço debaixo das cobertas. Teddy está encolhido em sua gaiola no canto. Ele se senta quando eu fecho a porta atrás de mim. Ajoelho-me ao lado de sua gaiola para



coçar suas orelhas através das grades. Scarlett ainda está na mesma posição quando me levanto. Entro no banheiro para me preparar para dormir antes de deslizar sob as cobertas ao lado dela.

Fico ali deitado e olho para o teto que não consigo ver no escuro, tentando identificar exatamente quando minha família ficou tão confusa. Quem disse que o dinheiro não pode comprar a felicidade estava claramente no caminho certo. A maioria das pessoas ricas que conheço são perpetuamente infelizes. A riqueza fornece segurança. Muito dinheiro faz você se sentir intocável. E isso pode facilmente se tornar perigoso. Altos mais altos e baixos mais baixos.

— Que horas são? — A voz grogue de Scarlett vem da minha esquerda.

— Pouco depois das onze.

Ela geme. — Fui para a cama meia hora atrás.

— Desculpe. Tentei ficar quieto.

— Não é você. Nunca durmo bem na primeira noite em um lugar novo.

Deitamos em silêncio, lado a lado. Esta é a minha parte favorita de cada dia: adormecer ao lado dela.

— Louco sobre Candace, hein?

Não consigo abafar o bufo que escapou. *Você não tem ideia.*

— O quê? — Ela exige.

— Meu pai não é o pai. Mas... Oliver pode ser.

Silêncio. Eu me pergunto se ela conseguiu voltar a dormir nos trinta segundos que levei para responder a sua pergunta. Então, eu ouço. A princípio abafado, até se tornar inconfundível.

Risos. Ela está sorrindo. Mais dura e menos reservada do que eu a ouvi. E talvez as pessoas estejam certas sobre isso ser contagioso - porque eu começo a rir também.



Alguns minutos atrás, quando fui para a cama, estava tenso, incerto e triste. Cínico sobre quão pouco privilégio parece *real*. São zeros em uma conta bancária - nada tangível. Elogiar pessoas que você não suporta. Fingir que está feliz quando não está.

Nada sobre rir com Scarlett parece falso. Não o som da nossa diversão ou a maneira como de repente me sinto solto e leve.

Meu pai se casou com Candace. Oliver dormiu com Candace. Candace tomou decisões moralmente cinzentas. O único de quem tenho pena é a criança inocente que será afetada por essas escolhas.

— Lembra quando você me disse que sua família não era bagunçada?

Eu sorrio no escuro. — Eu não esperava por isso.

— Como você sabe que seu pai não é o pai?

— Segundo ele, ele fez uma vasectomia. Anos atrás, depois que minha mãe morreu.

— Você acredita nele?

— Não vejo por que ele mentiria.

— E ele nunca contou a Candace?

— Não parece. Eu não perguntei. Acho que ele presumiu que isso só se tornaria um problema...

— Se ela traísse, — finaliza Scarlett.

— Certo.

— E como você sabe que Oliver pode ser o pai?

Eu suspiro com o lembrete. — Ele me disse que há uma chance. Falei com ele antes do jantar. Ele está assustado com o anúncio de Candace... para dizer o mínimo.

Scarlett zomba. — Sim, eu acho que ele estaria.



— Eu disse ao meu pai que você está grávida, — eu deixo escapar. — Antes de falarmos sobre todo o resto. — Essa parece ser uma distinção importante a ser feita, dado o que *todo o resto* implica.

— Ele disse para você fazer um teste de paternidade? — Não é o que eu esperava que sua resposta fosse, e a surpresa me deixou em silêncio, dando a ela a resposta correta. — *Uau*.

Eu tropeço em meus pensamentos, tentando descobrir como responder. Tenho sido cuidadoso quando se trata de Scarlett e sentimentos. Não para acumulá-los, porque acumulei muitos. Mas para expressá-los. Penso nela constantemente: quando como, quando estou no trabalho, quando me masturbo. Eu não presto atenção em outras mulheres. Meu humor gira em torno do dela. Eu sei o que tudo isso significa. Mas *eu te amo* e *teste de paternidade* não são duas frases que pertencem à mesma conversa.

— Eu não preciso de um teste de paternidade.

— Você *quer* um? — Ela contesta.

— *Não*. Não, — eu repito. Estendo a mão e a puxo para mim, de modo que ela fique de costas para mim. Eu descanso minha palma em seu estômago, embalando o leve inchaço.

— Eu confio em você, Red. — Tirando a palavra com A, é a declaração mais forte que posso fazer. A lista de pessoas em quem confio - inequivocamente - é curta. Começa e termina com ela. — Com tudo. Sobre tudo.

Por um momento agonizante, ela fica silenciosa e imóvel. Então ela se afasta. Eu rolo de costas, aceitando a distância que ela claramente quer. Mas os lençóis continuam se movendo. Eu os sinto puxar e afrouxar enquanto eu olho para o lado dela da cama, tentando descobrir o que ela está fazendo.

Eu recebo minha resposta quando seu corpo pressiona contra o meu. O calor irradia de sua pele enquanto ela se contorce, deitando-se mais sobre mim do que



sobre o colchão. Meu braço a envolve involuntariamente e percebo que agora ela está nua.

Ela enfia a mão na minha cueca e puxa meu pau para fora. Eu gemo. — Scarlett...

— Eu não consigo dormir sem isso agora, — ela me informa. — Sem você. É irritante pra caralho.

Meus lábios se abrem em um sorriso que duvido que ela possa ver. — É uma porra de alguma coisa.

Então estou engolindo seus gemidos com minha boca e abrindo suas pernas com meus quadris e empurrando dentro dela com um gemido. Nós dois gozamos em minutos, usando um ao outro de uma maneira desconhecida, mas familiar. Não há palavrões ou posições ousadas. É doce sem nada. Suave sem toques persistentes. Rápido sem pressa.

Scarlett fica enrolada no meu lado da cama depois que nós dois gozamos. Corro meus dedos pelas longas e sedosas mechas de seu cabelo, combinando minha respiração com a dela. É profunda e uniforme. Acho que ela voltou a dormir — até falar. — Eu também confio em você.

Continuo penteando seus cabelos, sentindo aquelas quatro palavras se expandirem em meu peito. Eu sei que ela confia. Ela já me disse isso antes. Mais importante, ela mostrou isso - quando ela confiou em mim sobre Hannah. Mas nunca vou me cansar de ouvir isso.

Meus membros ficam pesados enquanto relaxo no colchão. Estou perto de dormir, talvez já dormindo, quando o som agudo de um alarme me acorda alerta.

Scarlett fica tensa. — O que é isso?

— Acho que é o alarme de incêndio. — Eu saio da cama, tentando manter a calma quando não estou. Há lareiras em todos os cômodos do chalé. Uma faísca perdida pode inflamar rapidamente. Visões de paredes queimadas e chamas



furiosas encham minha cabeça. Afasto os piores cenários enquanto saio da cama e visto uma calça de corrida e um moletom.

Scarlett está sentada na cama, ainda nua. Jogo uma calça de moletom na cama. — Coloque isso. — Demora um minuto, mas ela faz. Pego sua camisola de seda do chão e a puxo sobre sua cabeça. Seu casaco está pendurado sobre uma cadeira. Eu a ajudo a fazer isso, em vez de confiar que ela faça isso sozinha.

— Provavelmente é um alarme falso, — ela me diz.

— Você acha que é um risco que eu correria com você?

Ela não responde, apenas calça as botas de neve que preparei para ela. Pego a guia e a coleira de Teddy e abro sua caixa. Ele salta, emocionado com este desenvolvimento. Deve ser bom ser um cachorro - lamentavelmente alheio ao que pode dar errado. Eternamente otimista.

Conduzo Scarlett até a porta. Quando a abro, quase espero que haja fumaça e chamas. O corredor parece vazio e intocado. Mas o cheiro de fumaça *paira* no ar. Meu aperto na mão de Scarlett e na coleira de Teddy permanecem firmes enquanto caminhamos pelo corredor e pelas escadas. A fumaça é mais densa lá embaixo. Na verdade, posso vê-la girando no ar, em vez de apenas cheirá-la.

A porta da frente está escancarada. Eu conduzo minha pequena família para fora. Oliver, meu pai e Candace estão amontoados na varanda da frente.

— O que está acontecendo? — Eu basicamente ordeno, olhando para o exterior do chalé. Parece intocada, a fachada de pedra e as janelas altas não mostram sinais de fogo ou danos carbonizados.

— Candace estava tentando fazer biscoitos. — A voz do meu pai é seca. Não impressionado.

— Oh.

— Eu sinto muito, — Candace diz. — Não sei o que aconteceu. — Ela olha nossas roupas incompatíveis. — Vocês todos já estavam na cama?

Eu concordo.



Scarlett está pegando no sono encostada em mim quando o alarme é desligado e a casa arejada. Ela tropeça ao subir as escadas, resistindo às minhas tentativas de carregá-la. Teimosa, como sempre.

Chegamos ao nosso quarto e ela tira a roupa, deixando um rastro no carpete. Eu coloco Teddy em sua caixa e tiro a roupa novamente, deslizando de volta para a cama ao lado dela.

— Não é exatamente uma viagem monótona, hein? — Scarlett brinca, enquanto ela rola e descansa a cabeça no meu peito.

Eu rio. — Não exatamente.

Estou quase dormindo quando ouço um zumbido. Scarlett se mexe. Eu rapidamente pego meu telefone, com a intenção de silenciá-lo. Mas a tela está preta.

Mais zumbido. Scarlett corre de volta para o seu lado da cama e pega o telefone. Linhas gêmeas aparecem entre seus olhos enquanto ela aperta os olhos para a tela.

— É a minha mãe. — Ela responde. — Mãe?

Mesmo antes de ela falar novamente, sei que algo está errado. Seus ombros tensos e seus lábios pressionados juntos.

— Ok. Estarei aí assim que puder. — Ela encerra a ligação. Deixa cair o telefone na cama. Olha fixamente para o nada. — Meu pai teve um ataque cardíaco. Ele está em cirurgia.

Jogo as cobertas para trás. — Vamos.



CAPÍTULO VINTE E UM

Scarlett

Menos de vinte e quatro horas depois de partir e dias antes do meu retorno, acabo voltando para Nova York. Estou sem sono e estressada, a ponto de a impressão em aquarela que estou olhando se transformar em um borrão de cores pastéis sem sentido. Eu me pergunto quem decora as salas de espera do hospital. Quem pode escolher a obra de arte emoldurada que você vai olhar e a cor das cadeiras em que vai se sentar nas piores horas da sua vida?

A viagem de volta a Nova York foi um borrão. Assisti ao desenrolar como um filme, não como participante. E consegui porque Crew cuidou de tudo. Nossa bagagem, a família dele, fretando o voo de volta, o carro esperando no aeroporto para nos levar ao New York General em tempo recorde. Descobri que meu pai estava em cirurgia enquanto eu estava a milhares de quilômetros de distância. Agora estou no mesmo prédio e ele ainda está aberto em uma mesa de operação.

Estou exausta, mas esta cadeira de plástico é muito desconfortável para adormecer. Minha mãe está sentada ao meu lado, pálida e silenciosa. A única reação que tive dela desde que cheguei foi quando ela viu que Crew voltou comigo. Ela estava surpresa. O casamento dos meus pais não aparece nos melhores momentos. Ver o meu fazer isso no pior deles foi claramente um choque.

Nem me ocorreu brigar com Crew para voltar comigo, mas sua expressão atordoada me fez pensar que deveria. Me fez perceber o quanto eu confio nele



agora. Se ele não estivesse ao meu lado quando minha mãe ligou, ele teria sido a primeira pessoa a quem eu contaria sobre o ataque cardíaco de meu pai.

Minha relação com meu pai é complicada. Sempre foi. Ele queria um filho, não uma filha. Uma criança obediente, não a rebelde em que me transformei. Eu o amo, mas é principalmente um tipo de afeto obrigatório. Eu me ressinto pela forma como ele trata minha mãe - como ele me trata. Por ficar constrangido com minha ambição em vez de incentivá-la. Se eu tivesse me recusado a me casar com um Kensington, não tenho certeza se ainda teríamos algum tipo de relacionamento.

Ele pode morrer. Não sou médica, mas o fato de a cirurgia estar demorando tanto não me parece um bom sinal. E se ele morrer, nunca conhecerá meu filho. Minhas motivações para não contar a meus pais sobre a gravidez são mesquinhas. Eu queria que meu pai visse esse bebê como um neto, não como um herdeiro. Ele teria ficado emocionado ao saber que sua linhagem continuaria. Agora ele pode nunca saber.

Minha mãe fica olhando o relógio. É irritante, o pequeno movimento que chama minha atenção toda vez que ela faz isso. Mas não peço a ela que pare; eu não tenho uma maneira melhor de distraí-la. A única maneira que consigo pensar é em deixar escapar uma notícia que não deveria ser entregue em uma sala de espera sombria e impessoal enquanto ela espera para saber se é viúva.

Eu gostaria que Crew ainda estivesse aqui. Ele foi levar Teddy e nossa bagagem de volta para a cobertura.

Um homem vestindo um conjunto de jaleco aparece na porta aberta e segue em nossa direção. Nós duas ficamos lado a lado enquanto ele se aproxima. — Sra. Elsworth?

— Sim, — minha mãe responde. Sua voz é rígida e tensa, esticada.

O cirurgião olha para mim. — Você é parente?

— Sou filha dele.



Ele concorda. — Bem, tenho o prazer de relatar que Hanson saiu da cirurgia. Ele tem um longo caminho de recuperação pela frente, mas não há razão para pensar que ele não fará uma completa. Ele tem sorte que a ambulância chegou tão rápido e conseguimos colocá-lo na sala de cirurgia imediatamente. Ele está sendo transferido para a recuperação agora. Pedirei a uma enfermeira que as avise quando puder vê-lo. Tudo bem?

O suspiro de alívio da minha mãe é audível. — Muito obrigada, doutor.

O homem sorri antes de sair. Minha mãe afunda de volta em seu assento. Ela foi cautelosa ao telefone - e quando cheguei - em detalhes sobre o que exatamente aconteceu. Os comentários do cirurgião — sobre detalhes que minha mãe ainda não sabia — esclarecem um pouco as coisas. Ela não estava lá quando ele teve o ataque cardíaco.

— Ele estava com outra mulher, não estava? Foi ela quem garantiu que a ambulância *chegasse tão rápido*?

Minha mãe segura meu olhar. Não desvia o olhar, não mexe em nada nem dá desculpas. — Sim.

Eu suspiro. Balanço minha cabeça. — Por que você fica com ele, mãe? Por que você aguenta isso?

— As coisas são assim, Scarlett. Você sabe disso.

— Mas não é assim que elas têm que ser. Papai não vale a pena. Deixe ele ir.

— E fazer o quê?

Ter uma vida soa muito duro. — Não sei... Ser feliz? — Eu ouço uma Scarlett mais jovem na sugestão. Uma menos cansada. Aquela que acreditava em finais felizes.

Ela ri. — Ah, querida. Esta vida é o que me faz feliz. Ser Josephine Ellsworth é quem eu quero ser. Seu pai está longe de ser perfeito, mas é um bom homem. Eu sabia exatamente o que seríamos quando o encontrei pela primeira vez. Tudo o que nunca seríamos. Fiz as pazes com isso antes de nos casarmos.



— O que você quer dizer?

— Queríamos as mesmas coisas. Ele precisava de uma esposa. Eu queria um marido. Nossos pais concordaram, e foi isso.

— Eu sei como funciona um casamento arranjado, — eu digo, tom seco. Ela costumava me dizer que o casamento deles não havia sido arranjado, que eles estavam apaixonados e o que era apenas mais uma mentira. Parte da fachada familiar perfeita para experimentar quando convinha. Eu finjo que não me importo. — Estou em um, lembra?

Minha mãe sorri. É o mesmo que ela sempre me dá quando acha que estou sendo ridícula. — Não, você não está.

Eu dou a ela um olhar cheio de descrença. — Você planejou o casamento.

— Sim, planejei. Eu vi antes e vejo agora. Aquele garoto está apaixonado por você, Scarlett.

Estou tão chocada com suas palavras que mal consigo piscar. Eu sei que Crew se importa. As coisas entre nós evoluíram para uma amizade e um conforto que nunca imaginei que nosso casamento pudesse conter. Mas amor? Minha mãe está em choque. O marido dela teve um ataque cardíaco e foi encontrado com a amante. Mas ainda assim... — Você está delirando.

— Não, querida. É *você*. — Minha mãe aperfeiçoou a arte de vomitar condescendências em um tom doce. Elas sobrepõem cada sílaba. — Por que você acha que ele veio até aqui?

Engulo em seco e admito: — Estou grávida.

O rosto da minha mãe se ilumina. — Verdade?

Eu concordo. — É... confundiu as coisas entre nós. Eu estou hormonal, e é só... Ele é um cara legal.

Não é toda a verdade. Linhas borradas entre mim e Crew muito antes de duas delas aparecerem no teste de gravidez. Mas é a história que estou contando quando se trata de minha mãe. Eu gostaria que tivéssemos um relacionamento



em que eu pudesse confessar tudo o que aconteceu entre nós. A maneira como Crew me faz sentir.

Mas nós não temos, e isso nunca me incomodou mais do que agora. Sempre tive orgulho da minha independência. Não sou a garota rica e mimada que atende a todos os seus caprichos. Minha aparência padrão é equilibrada e preparada. Mas agora, eu quero desmoronar.

Crew entra na sala de espera e meu coração dá um pulo bobo.

— Alguma notícia? — Ele pergunta, sentando-se ao meu lado.

— Ele saiu da cirurgia. Deve ter uma recuperação completa. — Compartilho a atualização como se fosse uma previsão do tempo. Mas não me sinto obrigada a bancar a filha amorosa na frente do Crew. Eu sei que ele não vai me julgar.

— Bom.

Minha mãe se inclina para a frente. — Parabéns, Crew. Scarlett compartilhou a feliz notícia sobre o bebê.

Ele não parece surpreso por eu ter contado para minha mãe. — Obrigado. Estamos empolgados. — Sua mão aperta minha coxa.

Minha mãe me dá um olhar aguçado. Eu ignoro; ela não está em posição de dar conselhos sobre relacionamentos.

— Você deveria ir dormir um pouco, querida, — ela me diz. — Você parece exausta.

— Eu não durmo há... — Tento contar as horas. — Um tempo.

— Vá. Seu pai vai ficar apagado por um tempo. Vou enviar-lhe todas as atualizações.

— Ok. — Não é preciso muito para eu concordar. Sentar-me em um plástico duro enquanto minha mãe justifica sua decisão motivada pelo dinheiro de ficar com meu pai não foi uma explosão.

Silenciosamente, Crew se levanta e me oferece sua mão.



Eu aceito-a. — Tchau, mãe.

Parece errado deixá-la sentada ali sozinha. Não consigo imaginar meu pai fazendo vigília se os papéis fossem invertidos. Nunca antes tentei analisar o relacionamento de meus pais tão de perto. Eu apenas aceitei pelo que parece. Eu sei por que estou olhando mais de perto agora - tenho algo para comparar. Eu quero tudo o que eles não são.

Crew não diz nada quando saímos do hospital e subimos no carro que nos esperava. Está escuro lá fora. Não sei que horas são. Até que dia é, realmente.

Olho pela janela, sem ver nada. Mesmo quando entramos na garagem, meus olhos não focam. Meus membros não se movem.

A porta do meu lado do carro se abre. Crew se inclina, desafivelando meu cinto de segurança e me levantando em seus braços.

Eu pressiono meu rosto contra seu pescoço quente, inalando o cheiro familiar de sua colônia. — Você cheira bem.

— Eu tomei banho.

Seus passos são seguros e sólidos enquanto ele caminha até os elevadores. Eu não abro meus olhos.

— Ele estava com a amante quando aconteceu. Não minha mãe. Ela não se importa. Ela diz que nunca se importou. Espero que seja verdade, ou então estou ferrada. — Eu aperto meus olhos com mais força. — Eu nem consigo me lembrar da última vez que estive tão cansada, — murmuro. — E eu estou sempre cansada. — Crew de alguma forma consegue me segurar e também passar o cartão para fazer o elevador se mover. — Você é tão forte. — Eu suspiro. — Sinto que tudo está desmoronando. Como *eu* estou.

Seu aperto em mim aumenta. — Nada está desmoronando, Red. Tudo está bem. Seu pai vai ficar bem.

— Eu sei. Estou aliviada. Você sabe porque? Porque meu primeiro pensamento quando soube que ele teve um ataque cardíaco foi que, se ele



morresse, eu teria que assumir a Ellsworth Enterprises. Ou vendê-la. Ou... nem sei o que teria feito. O quão triste é isso?

— É compreensível. Seu relacionamento com ele é complicado.

— *Todos* os meus relacionamentos são complicados.

As portas se abrem com um *ding*. Abro meus olhos para a visão familiar da entrada da cobertura que comecei a pensar como *nossa*, não *minha*. Crew não me coloca no chão e eu não peço a ele. Ele apenas caminha para as escadas.

— Você falou com seu pai? — Eu pergunto.

Crew balança a cabeça. — Tenho certeza que ele vai ligar sobre algo relacionado ao trabalho em breve. Até então, não vou me envolver no drama de Candace.

Eu pisco. — Uau. Eu esqueci disso completamente.

— Você teve muita coisa acontecendo.

— Você deveria falar com eles, Crew.

Eu costumava pensar que Arthur e Oliver eram mais próximos do que Arthur e Crew. Que Oliver se ressentia de Crew por usurpar e superá-lo. Mas percebi que Crew é a cola que mantém sua família unida no voo para os Alpes. Arthur e Oliver contam com ele para lidar com o que for necessário. Eu não gosto de ter me tornado outro fardo que Crew tem que carregar — literalmente, no momento. Eu me apoio nele, preciso dele, confio nele, e ele nunca precisou do meu apoio da mesma forma.

— Você deveria dormir. — Ele me deita no tecido macio do meu edredom. — Ficar acordada a noite toda não pode ser bom para o bebê. — Não consigo distinguir a preocupação dele comigo da preocupação com o bebê. Ele me carregou para a cama uma vez antes de eu engravidar. Ele teria me carregado esta noite se eu não estivesse?

— Tentei dormir no avião, — murmuro.



— Eu sei, baby. — O tom suave de sua voz alivia temporariamente minhas preocupações.

— Meu pai está bem. Você pode voltar para o chalé. Passe o Natal com seu pai e seu irmão. Sua família.

Ele não diz nada por um longo minuto. Eu não quero que ele vá, e estou preocupada que ele tenha entendido da maneira errada - que eu entendi. Eu gostaria que fosse mais claro aqui. A luz do corredor não ilumina todo o seu rosto; a maior parte é sombreada. Não consigo ver sua expressão, mas posso sentir algo pulsando no ar entre nós. Antes que eu possa decidir o que é, ele fala. — Minha família está bem aqui.

Cinco palavras e elas decidem mais entre nós do que o documento de duzentas páginas que deveria reger esse acordo. Se nossa história tivesse um começo diferente, eu responderia a essa frase com três. Eu admito que ele se tornou meu mundo inteiro. A primeira coisa que penso quando acordo e a última antes de dormir. A primeira pessoa para quem ligaria com boas ou más notícias. *Minha* família.

Promessas bonitas podem ser enganosas. Tudo o que ouço nas palavras de Crew são verdades. Não feias, mas reais.

Antes que meu cérebro cansado possa pensar em uma resposta, ele se levanta e se afasta. — Durma um pouco, Red.

A porta do quarto se fecha e estou sozinha no escuro. Percebo que talvez você não precise já ter experimentado algo para saber que está experimentando pela primeira vez. Minha experiência emocional com os homens é ridiculamente limitada, quase inexistente. Eu estava tão ocupada me ensinando a não me machucar que nunca deixei ninguém se aproximar.

Crew Kensington não tem apenas a habilidade de me machucar.

Ele tem o poder de me destruir, se decidir usá-lo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Crew

Estou correndo na esteira quando Asher liga. Eu debato responder. Dormi mal no quarto de hóspedes que costumava habitar. Scarlett ainda está dormindo. Eu não queria incomodá-la ontem à noite.

Quando ele liga pela segunda vez, eu atendo. Antes que eu possa dizer uma palavra, ele pergunta. — Que porra está acontecendo? É verdade?

Eu vacilo. — O que é verdade?

— A Kensington Consolidated está sendo investigada por vazamento de informações privilegiadas?

O choque congela meus membros. Quase caio de cara. — O quê? Onde você ouviu isso?

Asher xinga. — Onde eu não ouvi? Está em todo lugar, Crew. Jornais, televisão, online. História principal. Primeira página. Tive que entrar pela porta dos fundos do escritório para evitar os cinquenta repórteres do lado de fora.

Precisamos conversar mais amanhã, Crew.

A compreensão me atinge como um saco de tijolos quando me lembro das palavras de despedida de meu pai na última vez que nos falamos. Ele não estava falando sobre Scarlett ou Candace. O medo escorre pela minha espinha.



Desligo a esteira e caio no chão, respirando pesadamente. Fale sobre uma tempestade de merda de uma semana. Meu irmão potencialmente engravidou nossa madrastra, o ataque cardíaco de Hanson Ellsworth, e agora isso.

— Eu não sei, — eu admito.

— Você não está com seu pai?

— Não. O pai de Scarlett teve um ataque cardíaco ontem. Estamos de volta a Nova York.

Asher inala. — Merda. Hanson vai sobreviver?

— Ele deve estar bem.

Há uma batida de silêncio. — Este é um incêndio de cinco alarmes, Crew. As pessoas estão em pânico. Os telefones estão tocando fora do gancho. Stock está no precipício.

Eu esfrego meu rosto. — Quem divulgou a história primeiro?

— Não sei. Por quê?

— Eu preciso que você descubra.

— Crew, já passamos do ponto de contenção. Essa merda está em todo lugar. Desacreditar uma fonte não vai...

— Verdade ou não, alguém vazou isso, — interrompo. — Quero saber quem.

Asher suspira. — Ok. Vou cavar um pouco.

Desligo e ligo para meu pai. Caixa postal. Ligo para Oliver. O mesmo.

Minha sensação de mau presságio cresce. Eles sabiam disso. Ambos.

Minha próxima ligação é para Brent Parsons, chefe da equipe jurídica da Kensington Consolidated. Felizmente para ele - supondo que queira manter seu emprego - ele atende no primeiro toque. — Parsons.

— É Crew. Você viu as notícias?

— Lendo agora.



— O que você acha?

— Definitivamente houve uma investigação. Muitos detalhes para serem totalmente fabricados. Mas se os federais tivessem algo sólido, teríamos descoberto isso de maneira muito diferente. Quem vazou isso provavelmente nos fez um favor.

— Um *favor*? A ação caiu dez pontos em uma hora, Brent.

— Isso saiu mais cedo do que eles queriam. Podemos revidar enquanto eles ainda não têm nada. Difamação. Solicitações de documentos. Já estou coordenando com as relações públicas a divulgação de uma declaração. Supondo que não haja nenhuma arma fumegante, ficaremos bem. — Ele hesita. — A menos que haja algo que você precise me dizer?

— Se existe, eu não sei.

Brent suspira. — Isso é provavelmente o melhor. Vou mantê-lo informado sobre tudo. Você quer que eu copie Arthur também?

— Não. Tudo passa por mim.

— Pode deixar.

Desligo e caminho pelo corredor para tomar um banho. A porta do nosso quarto ainda está fechada, então vou para o banheiro do quarto de hóspedes. A água quente lava o suor, mas nenhuma das preocupações.

Eu deveria ter aceitado a oferta de Royce Raymond. Se tivesse, não estaria no meio dessa tempestade de merda, sozinho. Com uma esposa grávida. Uma criança a caminho que deveria herdar esse legado queimando.

Quando entro na cozinha, Phillipe está parado perto do fogão, cozinhando. — Feliz Natal, Sr. Kensington, — ele cumprimenta.

E... *claro* que é a porra do Natal. Essa é a temporada de espionagem corporativa.



— Feliz Natal, Phillipe, — respondo. Eu esfrego minha testa, sentindo as poucas horas de sono que estou tendo. — Você não precisava vir hoje. Eu nem percebi...

Ele sorri. — Não tem problema. O de sempre esta manhã?

— Sim, por favor.

Sento-me à mesa e leio as notícias enquanto Phillipe prepara minha omelete. Asher não estava exagerando. Está *em* toda parte. Eu rolo alguns artigos e pego a essência da história. Não há detalhes concretos, e isso me dá alguma segurança.

Depois de tomar o café da manhã, acabo no sofá da sala, trabalhando no meu laptop. Preciso ir ao escritório, mas não quero que Scarlett acorde sozinha.

Passa das onze quando ela desce com o cabelo molhado, vestindo um conjunto de pijama de seda.

— Ei. — Ela para a alguns metros de distância, passando a mão pelo cabelo conscientemente.

— Oi. — Fecho meu laptop e me inclino para a frente. — É, uh, Natal.

Seus olhos se arregalam. — Merda, sério?

— Sério.

— Uau. Eu... eu posso me vestir. Acho que devo passar no hospital, mas podemos fazer alguma coisa depois, se você quiser?

Eu *quero*. Seriamente. Eu não quero nada mais do que beber chocolate quente e esquiar e olhar para decorações elaboradas e qualquer outra merda turística que as pessoas fazem aqui durante as férias que eu normalmente desprezaria. Desde que eu faça isso com ela. Mas eu não posso. E eu tenho que dizer a ela por quê. — Não posso. Eu tenho que ir para o escritório.

— No Natal? Você deveria ter esta semana inteira de folga.

— Isso foi antes.

— Antes do que?



Eu aceno em direção à televisão sem som. A faixa na parte inferior diz as palavras que não consigo. *Kensington Consolidated investigada por vazamento de informações privilegiadas*, lê-se.

— Porra, — Scarlett respira.

— Sim.

— É verdade?

— Eu não faço ideia. Mas eu tenho que lidar com isso, de qualquer maneira.

— Isso pode derrubar a empresa?

— Não sei. — Descanso os cotovelos nos joelhos e esfrego as mãos no rosto. — A equipe jurídica está trabalhando nisso. Meu pai e Oliver não atendem minhas ligações.

— O que isso significa?

— Isso significa que eles sabiam sobre isso e me mantiveram fora do circuito.

— Talvez eles estivessem tentando proteger você, — Scarlett sugere suavemente.

— Foda-se isso. Esta é a empresa da minha família. Meu legado. Eu deveria ser o próximo CEO.

— Você não sabia nada sobre isso. Você não fez nada de errado. Se for preciso, você pode começar de novo. Comece sua própria empresa.

— Se isso for tão longe, o nome Kensington não valerá muito.

— Dinheiro fala mais alto.

— A maior parte do meu está amarrado neste navio que está afundando.

— *Eu* tenho dinheiro, Sport.

— E você se casou comigo pelo meu. — Eu me levanto e pego meu laptop. — Então é melhor eu resgatar este navio, hein?

— Crew...



— Sinto muito por não poder ir ao hospital com você. Vou dirigir até o escritório. Se você quiser que Roman leve você, basta ligar para ele.

— Ok, — diz ela.

— Ok, — eu repito.

Eu me aproximo e a beijo. É breve e doce.

Ela agarra a parte interna do meu cotovelo, me segurando no lugar por um minuto.

— Feliz Natal, Red.

— Feliz Natal, Sport.



As reuniões duram horas. Estou exausto e irritado quando volto para o meu escritório.

Asher está esperando. Seus pés não estão em cima da minha mesa. Se eu tivesse dito a ele por que este pedaço de madeira tem valor sentimental, sei que ele nunca os teria colocado em primeiro lugar. Provavelmente porque eu nunca disse. Poucas pessoas me desafiam.

— Nathaniel Stewart.

— O que tem ele? — Eu pergunto.

— Você queria o nome. Ele era o vazamento.

Eu afundo na minha cadeira. — Quão confiável é sua fonte?

— Kiera Ellis. O pai dela é...

— Eu sei quem é o pai dela. — O maior magnata da mídia do país.



— Há mais por vir, aparentemente. Nathaniel afirma ter alguns de nossos documentos internos. Comprometedores. — Asher levanta uma sobrancelha. — Eles existem?

— Não faço ideia.

Asher balança a cabeça. — Admito que o cara fez alguns bons investimentos. Mas ele é um alimentador de fundo na melhor das hipóteses. Vir atrás da Kensington Consolidated não faz sentido.

Eu sei exatamente por que ele está fazendo isso, mas guardo isso para mim. Boa liderança é saber quando compartilhar — e quando calar.

— Eu cuidarei dele.

Asher balança a cabeça. — Planejando vingança no Natal? Esse é o Crew Kensington que eu conheço. Por um tempo, pensei que você tivesse amolecido.

— Scarlett está grávida.

Asher assobia e se recosta na cadeira. — Já?

— Só basta uma vez.

— *Certo*. Tenho certeza de que você já fez sexo com sua esposa gostosa apenas essa uma vez. — Ele faz uma pausa. — Você está pirando?

— Não. — Eu não corrijo sua suposição de que este é um desenvolvimento recente.

— Você está experimentando *alguma* emoção? — Seu tom é exasperado.

— Algumas.

— Como...

— Não consigo imaginar minha vida sem ela.

— Eu quis dizer sobre a prole que você gerou, Crew.

— Eu sei o que você quis dizer. Mas o bebê não está aqui. É do tamanho de um pêssego ou algo assim. Ela está.



— Então vá para casa e fique com ela.

Eu quero. Mas sei o que terei de perguntar quando o fizer. E não é uma conversa pela qual estou ansioso.



Scarlett está encolhida no sofá com Teddy quando chego em casa, comendo pipoca. Tiro o paletó e afrouxo a gravata enquanto entro na sala, desejando estar de calça de moletom como ela.

— Ei. — Sua voz é suave. Hesitante. Insegura.

— Oi. — Eu me sento perto de seus pés. Teddy se arrasta para lambar minha mão.

— Como foi?

— Muito cedo para dizer. Tenho que esperar algumas coisas.

Ela acena com a cabeça.

— Como está seu pai?

— Ele estava dormindo. Os médicos disseram que é normal. Não parece haver nenhuma complicação até agora.

— Isso é bom.

— Sim.

Eu inalo. Expiro. Mastigo o interior da minha bochecha. — Descobri quem vazou a investigação para a imprensa.

— Sério?

— Foi Nathaniel Stewart.

Eu observo sua reação de perto. Veja seus olhos se arregalarem. Seus lábios se separam. — Verdade?



— Eu confio na minha fonte.

— Por que ele faria isso?

Eu seguro seu olhar. — Eu acho que você sabe o porquê.

Seus olhos castanhos se arregalam. — Eu te disse. *Nada* aconteceu entre nós.

— Eu sei. Eu acredito em você. Ele e meu pai estavam trabalhando em um acordo. Eu coloquei um fim nisso.

— Por minha causa?

— Por sua causa, — eu confirmo.

— Por quê?

— Porque você é minha.

Ela zomba. — Muito maduro, Crew.

— Também foi um negócio arriscado. Mas eu não teria me incomodado se fosse com qualquer outra pessoa.

— Existe um ponto para esta conversa? — Seu tom tornou-se afiado. Gelado.

Eu fervo, silenciosamente. — Nathaniel afirma que tem documentos. Documentos *internos*. Documentos como... os que você solicitou.

Ela suga uma respiração afiada. — Você está brincando comigo?

— Não estou te acusando de nada. Eu *confio em você*, Scarlett. Eu só preciso saber... você disse a ele alguma coisa sobre a empresa? Existe alguma coisa que ele possa usar, torcer ou blefar...

Ela se levanta, derrubando metade das almofadas do sofá. — Eu não posso acreditar em você. Você está seriamente me perguntando isso?

Eu também estou. — Estou no escuro aqui, Scarlett. Este... *tornado* acabou de aterrar em cima da empresa que sou o primeiro na fila para herdar. As pessoas estão confiando em mim. Para liderar, para manter seus empregos, para salvar esta empresa. Se tem alguma coisa que você sabe, eu só...



Minha voz falha quando percebo um fato horrível.

Ela está chorando. Líquido claro escorre por suas bochechas em trilhas brilhantes. — Eu sou a razão pela qual você é o primeiro da fila.

Eu dou um passo à frente. — Red...

Ela dá um passo para trás, limpando as bochechas com raiva. — Vá. Se. Foder. Por que você simplesmente não me faz usar uma escuta se acha que estou saindo por aí contando segredos da empresa para qualquer cara que sorrir para mim?

Eu esfrego meu queixo, tentando descobrir onde essa conversa se desviou tanto do curso. Eu não queria trazer Nathaniel à tona. Eu sabia que seria um ponto dolorido. Mas eu não tinha ideia de que se tornaria *isso*. — *Não é isso* que estou dizendo. Eu confio em você. Eu apenas...

— Não há *apenas*, Crew. Você está duvidando de mim, e eu *nunca* duvidei de você. Não acredito que eu... — Ela balança a cabeça. — Qualquer coisa que Nathaniel saiba sobre a Kensington Consolidated, ele não soube de mim. Feliz?

Estou o mais longe de feliz que uma pessoa pode ficar agora. — Não.

— É. Nem eu. Feliz maldito Natal.

Eu a observo subir as escadas.

Feliz maldito Natal, de fato.



Acabo voltando para o escritório. *Na dúvida, trabalhe*, como diz o lema da família Kensington. Estou acostumado a passar madrugadas e longas horas dentro destas quatro paredes.

Eu invejo os funcionários que sentem que mereceram sua posição aqui. Eu ainda não sinto. Talvez eu nunca o faça. Algumas dúvidas são saudáveis. Acho que nunca sentir que está trabalhando duro o suficiente é.



Só que hoje, talvez pela primeira vez, eu vi.

Respeito.

Hoje foi o dia mais tumultuado que a Kensington Consolidated experimentou desde que meu bisavô pegou um pequeno empréstimo e a transformou em um império. No entanto, ninguém perguntou onde meu pai estava. Onde Oliver estava. Eles fizeram exatamente o que eu pedi sem questionar. Ouviram-me sem questionar ou sussurrar nas minhas costas. E a única pessoa que estou sempre tentando impressionar - meu pai - nem estava aqui para ver.

E essa mesma tempestade de merda criou uma confusão entre mim e a única pessoa cujos sentimentos me importam.

Passei algumas horas analisando e-mails e relatórios. Hoje foi gasto fazendo controle de danos. Todo o resto foi colocado em segundo plano, mas ainda precisa ser lidado.

Quando termino, me sirvo de um gole generoso de bourbon e me espalho no sofá de couro no canto do meu escritório, debatendo se devo ir para casa ou apenas dormir aqui. Eu tomo um gole e olho para o teto.

A batida na porta me assusta. Eu tinha certeza de que era o único aqui àquela hora. Não estou totalmente chocado ao ver que é Isabel quem está abrindo a porta. Ela esteve aqui o dia todo, ao meu lado, fazendo de tudo para ajudar. — Ei.

— Ei, — eu respondo. — Eu não sabia que ainda havia alguém aqui.

— Também. Vi a luz acesa por baixo da porta ao voltar do banheiro.

Sento-me e passo a mão pelo meu cabelo. — O que você ainda está fazendo aqui?

Ela se aproxima e se senta no sofá ao meu lado. — Trabalhando.

— Às... — Eu olho para o relógio. — 22:30? No Natal?

Isabel dá de ombros. — Eu não sou uma grande pessoa de férias.

Isso não me surpreende em nada. Embora me ocorra, quase nada sei sobre Isabel fora de suas aspirações profissionais. — Nem eu.

— É por isso que você está aqui?

Eu suspiro. Beba mais bourbon. — Não. Eu estraguei tudo com Scarlett.

— Oh?

— Tivemos uma briga. A culpa foi minha. Eu só... eu não esperava que fosse assim, sabe? Ela, nós, não deveríamos parecer tão reais. — Eu esvazio o resto do meu copo antes de me levantar e caminhar até o carrinho do bar, enchendo meu copo antes de me afundar ao lado dela, me recostando contra o sofá. — Dia de merda, hein?

Isabel se inclina para trás, imitando minha postura. — Sim. — Ela faz uma pausa. — O voto do conselho será unânime, você sabe.

— Voto sobre o quê?

— Fazer de você CEO.

— Eu tenho o sobrenome certo.

— Você tem muito mais do que isso, Crew. — Sua mão esquerda migra para o meu joelho. Antes que eu tenha tempo de processar o toque, ela está deslizando pela minha coxa com um destino claro em mente.

Estou congelado. Chocado. Por alguma razão, este não era um resultado que eu imaginava quando ela entrou neste escritório. E seria fácil deixar isso acontecer. Sem emoção e vazio, exatamente o que eu costumava esperar do sexo. Scarlett nunca precisaria saber. Talvez ela nem se importasse depois da nossa discussão anterior.

Mas *eu* saberia. *Eu* me importaria. Meu cérebro está processando o que meu corpo já sabe: eu só quero Scarlett. Meu pau nem está reagindo. E eu não bebi tanto.

Eu me levanto abruptamente, deixando Isabel no sofá com uma expressão ferida. — Saia.



— Crew...

— Eu disse *saia*, Isabel. Eu sou seu chefe. Se você quiser manter seu emprego, nunca mais vai me tocar de forma inapropriada.

Ela se levanta, algum desafio se misturando com dor. — Eu não vou contar a ninguém sobre nós. Você pode confiar em mim.

— Não existe nós, e eu não confio em você, Isabel. Eu sou *casado*.

Isabel zomba. — Não alegremente.

— Eu. Não. Quero. Você. Não me teste, Isabel. Você não vai gostar das consequências.

Realidade e teimosia lutam por espaço em sua expressão. — Eu tenho uma queda por você desde que comecei aqui, você sabe. Eu deveria ter feito um movimento mais cedo. Aparentemente, eu era a única pessoa nesta cidade que não sabia que você estava noivo de Scarlett Ellsworth. O que eu ganho por evitar fofocas, hein? Mas então todos disseram que ela era fria e distante e só estava nisso pelo dinheiro. Então eu pensei que ainda tinha uma chance.

Eu suspiro, de repente exausto. — Eu *sou* casado e feliz, Isabel.

Ela me dá um pequeno e triste sorriso. — Sim, eu percebi isso quando você pulou como se eu tivesse colocado fogo no sofá.

— Eu não sabia que você se sentia assim. Se você quiser se transferir para outro time, eu posso...

— *Não*. Não, não será um problema. Eu prometo.

Eu a estudo por um minuto, avaliando sua sinceridade. — Não dou segundas chances.

Ela engole e balança um aceno de cabeça. — Eu sei.

— Bom.

Eu a observo sair, então afundo atrás da minha mesa. Se Asher soubesse o que aconteceu, eu não pararia de ouvir por um tempo. Foi ele quem insistiu que Isabel



sentia algo por mim. Depois de suas perguntas sobre Scarlett, pensei que tínhamos superado isso. Achava que sabia que isso nunca aconteceria. Mesmo que Isabel tivesse manifestado interesse antes. Mantive o sexo descomplicado - e dormir com um membro do conselho não era isso. E agora... eu nunca prometi explicitamente fidelidade a Scarlett. Mas até que a oportunidade de trair caiu no meu colo - literalmente - isso não me ocorreu.

Meu telefone vibra com uma mensagem do meu irmão.

Oliver: *Eu sei que você viu as notícias. Estamos de volta a NY. Te encontro no escritório às 8.*

Tropeço enquanto me levanto, seja pelo uísque ou pela exaustão me alcançando. Mas meus passos são firmes quando saio e sigo em direção aos elevadores. Não há sinal de Isabel, nem de mais ninguém.

Sei que dirigir é uma má ideia, então sinalizo para um táxi assim que chego à rua e dou ao motorista o endereço da propriedade da minha família fora da cidade. A viagem dura vinte minutos. Eu começo a sentir o zumbido do álcool cerca de dez minutos depois. Mas isso não me impede.

Depois de pagar ao motorista e digitar o código, entro pela porta da frente. Automaticamente, meus pés viram para a direita, em direção ao escritório de meu pai. Já há uma luz acesa, mas estou mais focado em desabar no sofá do que olhar ao meu redor.

— Espero que você não tenha dirigido até aqui, — comenta meu pai, levantando-se de trás de sua mesa de mogno e caminhando até a lareira. Ele se serve de um copo de uísque e senta em uma das cadeiras que ladeiam a fachada de pedra.

— É verdade? — Eu pergunto ao teto.

Meu pai suspira. O gelo tilinta enquanto ele gira o copo. — Não é tão ruim quanto a imprensa está dizendo. Mas sim, algumas perguntas foram feitas. Estava sendo lidado.



— Droga, pai. Por que você não me contou?

— Para que você poderia dizer exatamente o que disse a todos o dia todo: você não tinha ideia.

— Você deveria ter me contado. Eu deveria ser o futuro CEO!

— Nada de futuro nisso. Eu estou saindo. Será oficial até o final da semana.

— Eu... você está brincando comigo? Você está me entregando as chaves do castelo... enquanto ele está sob ataque?

— Não seja tão dramático. A empresa ficará bem.

— E se não ficar? — Eu estalo. — Que porra então?

— Eles não podem tocar em nossa fortuna pessoal, Crew.

Expiro e me sento, aliviado por as paredes permanecerem onde deveriam. — Você fez isso?

— Não. — A resposta de meu pai é rápida e segura. — Mas... isso aconteceu.

— O que você quer dizer com *isso aconteceu* ?

— Beckett Stanley estava vazando informações. Eu descobri o que ele estava fazendo e cuidei disso.

— Não contando às autoridades, eu entendi.

— Você sabe os problemas que isso teria causado. Eu me livrei dele e nomeei Isabel para o conselho em seu lugar.

Eu zombo. — *Problemas*. Mais ou menos como os problemas com os quais estamos lidando agora?

— Não há provas. Eles não vão poder fazer nada.

Pressiono as palmas das mãos nos olhos e gemo. — Jesus, pai.

Meu pai me estuda como se eu fosse um experimento científico. — Qual é o verdadeiro problema?



— Deve haver outro problema além de ser investigado e ter ações em queda livre e...

— *Crew*.

— Ela se casou comigo pelo meu dinheiro, — eu mordo. — Ela se casou com o futuro CEO de uma empresa de bilhões de dólares. Não... isso. Ela receberá perguntas. Pode até afetar a *Haute* e a *Rouge*.

Meu pai pisca, parecendo genuinamente desprevenido. — Isso é sobre Scarlett?

— Eu tenho outra esposa? — Eu estalo. Eu olho para minhas mãos, cerrando-as em punhos. — Eu a amo, pai. Eu a amo tanto pra caralho. Estou chateado com você e estou preocupado com a empresa, mas estou com muito medo de que isso mude tudo entre nós.

Um leve levantar de sobrancelha é a única resposta de meu pai à declaração movida a uísque. Normalmente, prefiro mastigar lâminas de barbear do que discutir isso com meu pai. — Você tem mais a oferecer a ela do que dinheiro, Crew.

Uma das coisas mais legais que meu pai já me disse. Mas... — Ela se casou comigo *pelo* meu dinheiro, — repito.

— Ela é a única herdeira de bilhões e está ganhando dezenas de milhões com essa revista e linha de roupas. Você realmente acha que ela se casou com você por dinheiro? Ela não precisava se casar e não precisava do dinheiro. Scarlett escolheu você. Ela escolheu se casar com você.

— Seu pai disse a ela para casar, — murmuro.

— Porque eles são próximos? Porque ela é facilmente manipulada?

Eu zombo.

Meu pai sabe como usar o sarcasmo. Quem sabia? — Você deve ter se perguntado por que o noivado foi entre você e ela, não entre Oliver e ela?



— Oliver precisava viajar e administrar as participações internacionais, enquanto eu faria de Nova York minha base e fortaleceria a marca da empresa familiar. — Eu repeti a frase que ele disse a nós dois por anos.

— Decidi isso depois. Quando Hanson e eu conversamos pela primeira vez sobre um acordo em potencial, o acordo era que *Oliver* e Scarlett se casariam. Ele é o mais velho e pode herdar tanto quanto você. Foi a escolha lógica, diante das coisas.

Eu olho para cima. — O quê?

Meu pai coça o queixo, olhando para o fogo, não para mim. — Hanson voltou para mim um ano depois, quando você tinha dezesseis anos e Oliver era quase um adulto. Disse que honraria o acordo, mas apenas se mudasse para *você* e Scarlett. Ele foi inflexível sobre isso. Algo - alguém - mudou sua mente. A única razão pela qual imaginei que ele mudou os termos foi... ele dizer a ela.

Eu sou a razão pela qual você é o primeiro da fila.

Achei que ela se referia ao nosso casamento quando disse isso.

— Não presuma que ela não escolheu você, Crew.

Com essas palavras de despedida, meu pai me deixa em seu escritório escuro com a cabeça girando por muito mais do que apenas álcool.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Scarlett

Acordo sozinha. O lado da cama de Crew está vazio e frio. Se ele voltou para casa ontem à noite, não dormiu ao meu lado. Eu me revirei a maior parte da noite, então estou confiante de que o teria ouvido entrar. A percepção de que ele não voltou vai-se instalando lentamente, com muitas outras dúvidas que tento deixar de lado.

Tomo banho, depois seco o cabelo e aplico uma leve camada de maquiagem. O suficiente para cobrir as olheiras abaixo dos meus olhos e, claro, um pouco de batom vermelho.

A armadura parece especialmente importante hoje. Coloco uma meia-calça preta e um vestido cinza. É ombro a ombro e solto sem ser largo, camuflando minha barriguinha. Neste ponto, minha gravidez é um segredo aberto. Duvido que alguém com quem trabalho tenha perdido o fato de que parei de tomar café, andar por aí carregando uma barra de granola e, ocasionalmente, correr para o banheiro em momentos inoportunos. Apesar de nosso relacionamento ser tenso, é estranho contar aos meus funcionários que estou grávida antes do meu próprio pai. Ele estava dormindo quando o visitei ontem, o que foi honestamente um alívio. Meu pai e eu não temos muito a dizer um ao outro na melhor das hipóteses.

Antes de descer as escadas, dou uma espiada no quarto de hóspedes onde Crew dormiu quando se mudou. Está vazio, a cama arrumada e sem rugas.



Estou atordoada com o quão duro e forte o pânico me atinge. Achei que ficaria bem se as coisas entre mim e Crew dessem errado. Há um ditado, como você nunca saberá o quanto deseja algo até que acabe. Não é assim que me sinto. Eu já sabia o quanto eu o queria. Eu não sabia que a dor de possivelmente perdê-lo seria tão visceral, como eu não estaria preparada para desmoronar.

Então, eu faço o que sempre faço. Eu empurro as emoções irritantes para baixo e vou trabalhar.



O escritório não está tão cheio quanto em uma quinta-feira normal, mas está longe de estar vazio. O trabalho de preparação para a edição de fevereiro está em pleno andamento, que se tornou meu foco profissional agora que a *Rouge* foi lançada oficialmente. Aprovar o trabalho de base - desde a marca até a contratação - me deu alguma flexibilidade em quanto tempo gasto fazendo malabarismos com meus dois empreendimentos. O mesmo aconteceu com a realidade de que terei que tirar uma folga em alguns meses.

Leah se aproxima assim que me vê sair do elevador. — Bom dia!

— Bom dia. — Minha saudação é decididamente menos alegre do que a de Leah.

— Sinto muito pelo seu pai.

Eu suspiro. — Obrigada. Ele vai ficar bem, nós achamos.

— Ah, que bom. Como foi seu natal?

— Podia ter sido melhor, — eu admito. — O seu?

— Foi agradável. Meus pais estão visitando.

— Você deveria ir, então. Eu disse para você tirar hoje de folga.

— Mas você está aqui.



— Eu posso administrar. Apenas deixe-me saber... — Eu olho para cima para ver que Leah não está mais prestando atenção em mim. Ela está focada atrás de mim, em alguma coisa.

Alguém.

Olho por cima do ombro. Com certeza, Crew está saindo do elevador que deixei minutos atrás, vindo direto para mim.

Na maioria das vezes, o layout aberto do *Haute* é conveniente. Posso avaliar rapidamente quem está em sua mesa. Diferentes departamentos podem colaborar.

Neste momento, é *inconveniente* pra caralho. Mais pessoas do que eu imaginava que estavam no escritório hoje estão enfiando a cabeça para fora dos cubículos e atrás das divisórias, esforçando-se para ver melhor. Quando fui alvo de fofocas no escritório antes, não foi em primeira mão.

Até agora.

Este é o entretenimento do horário nobre.

— O que você está fazendo aqui? — Eu estalo.

Ele parece bem. Ele *sempre* parece bem. Recém-banhado e barbeado, vestindo um terno engomado e passado sob medida para caber perfeitamente nele.

— Eu preciso falar com você.

— Agora? — O desafio condescendente em minha voz seria suficiente para fazer a maioria das pessoas encolher. Crew não é uma dessas pessoas.

— Agora. — Seu tom é um que eu não ouvia dirigido a mim há algum tempo. Sêrio. *Frio.*

— Estou ocupada.

— Eu não estou indo a lugar nenhum.

— Você tem muita coragem de aparecer aqui.



Crew faz questão de olhar ao redor do escritório. — Talvez haja uma reunião que eu possa invadir enquanto estiver aqui? *Interromper* durante?

Eu olho. Ele olha de volta. Eu giro em minhas botas de salto alto e caminho na direção do meu escritório, sem esperar para ver se ele está me seguindo. Mas ele está. Sinto sua presença assim que ele entra em meu escritório, preenchendo o espaço confinado.

Enquanto ele fecha a porta, tiro meu casaco de lã e o jogo em uma cadeira. — Fale.

Eu não perco como seus olhos deslizam sobre o meu corpo. Não fazemos sexo desde que saímos da Suíça, faz muito tempo. Se ele afogou suas bolas de aborrecimento profundamente em outra mulher ontem à noite, não parece que foi muito satisfatório.

Seu olhar se demora na fotografia nossa emoldurada na minha mesa antes de falar.

— Você está brava.

Eu bufo. — Estou puta e não tenho tempo para isso. Tenho muito trabalho para fazer hoje.

— Corta essa merda, Scarlett. Você deveria ter esta semana inteira de folga.

— Isso foi antes de eu me tornar o único ganha-pão da família. — É um golpe baixo, pelo qual quase me sinto mal.

Crew nem se mexe. — *Por favor*, Scarlett. Eu só preciso...

— Belo terno, — eu interrompo. — Você entrou sorrateiramente depois que eu saí?

— Não. Eu guardei algumas coisas na minha antiga casa. É mais perto do meu escritório.

— Plano de contingência?

Ele me estuda. — Essa é sua maneira de perguntar onde dormi ontem à noite?



Sim. — Não.

Ele me conhece muito bem.

— Eu estava na casa do meu pai. No sofá do escritório dele, se quiser detalhes.

— Eu não perguntei.

Crew agarra as costas de uma das cadeiras que ficam de frente para a minha mesa. — Essa confusão com os federais... tem alguma coisa aí, Scarlett. Ele disse que não vai durar, mas não posso fazer promessas.

— Promessas sobre o quê? — Eu questiono.

— Você pode não querer que seu sobrenome seja Kensington. Pode afetar a *Haute* e a *Rouge*. Financeiramente, ou pelo menos, você receberá perguntas. Posso não ser o CEO de uma empresa de sucesso. Ou um respeitado. No momento, estamos sangrando dinheiro. Não foi para isso que você se inscreveu. — Eu observo seus lábios apertarem. Os músculos de sua mandíbula se flexionam e se movem. — Então, acho que estou perguntando... você quer o divórcio?

Eu inalo profundamente. — Eu não posso ter essa conversa agora, Crew. Estou no trabalho! Você não pode simplesmente...

Ele dá um passo à frente, mais rápido e mais perto do que eu esperava. — Eu sei. Mas, por favor, Scarlett. Basta responder à pergunta. Não posso... Tenho que ir me encontrar com meu pai. Os advogados. O conselho. E eu posso lidar com isso. Eu *cuidarei* disso.

— Ok. O que isso tem a ver comigo?

— Vou lutar mais se tiver *algo* pelo que lutar. — Ele faz uma pausa. — Caso contrário, eu consideraria ir embora. Eu aceitaria a oferta de Royce Raymond, se não fosse em LA.

Eu inclino minha cabeça para ver seu rosto melhor. — Você me disse que o trabalho estava aqui.

— Eu menti. Eu queria sua opinião honesta e sabia que a Califórnia faria pender a balança. Não é uma opção agora, obviamente, com o bebê.



— O bebê, — repito. — E daí? Vale a pena lutar até não ser mais uma incubadora humana? É isso que você está dizendo?

— Eu... Deus, não! Não distorça o que estou dizendo. Isso é exatamente o que você fez ontem à noite.

— Ontem a noite. Certo. Quando você me acusou de fazer download de documentos da empresa com o único propósito de falar sobre eles para...

— Eu não te *acusei* de nada! — Crew grita. — Eu *perguntei*, Scarlett. Eu descobri quem era o vazamento. Você o conhece; eu não. Somos uma equipe. Eu estava tentando...

— Se somos uma equipe, então talvez você devesse ter confiado em mim. Talvez você devesse ter acreditado em mim!

— Quando eu não confiei em você? Quando eu não acreditei em você? — Crew retruca.

Meu telefone toca, alto e estridente. Hesito, mas pego o fone. Apenas algumas pessoas têm o número direto, em vez de passar por Leah, sugerindo que é importante. — Scarlett Kensington.

— Oi, Scarlett. É Jeff. Estou olhando as provas para a próxima edição e acho que... — Não escuto o que ele diz. Crew se inclina para a frente e rabisca algo em um post-it rosa.

Ele inclina a foto nossa para que fique diretamente de frente para mim e, em seguida, sai do meu escritório. Jeff, designer gráfico principal da *Haute*, continua falando. Sobre posicionamento e locais de imagens e predefinições.

Pego o bilhete e leio o que ele escreveu. *Se você decidir entrar com o processo, basta pedir ao seu advogado que diga ao meu. Vou trabalhar até tarde.*

Meu olhar oscila entre a foto e a porta fechada.

Porra. Eu fodi tudo.

— Jeff, vou ter que ligar de volta. — Sem esperar por uma resposta, desligo e corro para a porta do meu escritório. Examino o andar, mas não há sinal de Crew. Nem na cozinha, nem vagando pelos elevadores.

— Leah — Corro até minha assistente, que está parada na sala de conferências principal, conversando com Andrea. — Você viu Crew sair do meu escritório?

— Um sim. Há alguns minutos atrás.

— Onde ele foi?

Ela se mexe desconfortavelmente. — Hum, ele foi embora.

Xingo. Ruidosamente. Então continuo andando até chegar aos elevadores. Eu bato no botão para baixo algumas vezes, esperando que as portas se abram magicamente. Não tive essa sorte. Isso me deixa a escada. Eu empurro a porta, feliz por não disparar algum alarme. Evacuar todo o prédio não está na lista de tarefas de hoje.

A longa descida é gasta deliberando sobre até onde devo levar essa perseguição. Se ele não estiver no saguão - o que duvido, com base em quantos passos ainda tenho que dar - devo ir para a Kensington Consolidated? Entrar e fazer exatamente o que acabei de repreende-lo? Ele estará em casa esta noite, presumo. Mas então eu penso no texto em sua nota. *Vou trabalhar até tarde. Não, vou chegar tarde em casa. Não, te vejo mais tarde.*

Isso foi uma frase deliberada?

Finalmente, chego ao andar térreo e atravesso a porta de metal. Levo um minuto para examinar o saguão. Para minha surpresa, ele ainda está aqui. Entregando um crachá de volta para um guarda na recepção.

E sou atingida por um novo dilema, o que devo dizer? Esta foi a coisa mais distante de um plano pensado. Antes que eu possa questionar, ele me vê. Mesmo daqui, posso ver sua testa franzida.

Eu me aproximo, tentando controlar minha respiração.

— Como você desceu aqui tão rápido?



— Desci as escadas correndo. — Correr soa mais impressionante do que ofegar e escorregar.

— Você *correu*? Por que diabos você faria isso? Você está grávida.

Eu o prendo com um olhar plano. — Sério? Eu não tinha ideia, — eu digo sarcasticamente. — Mulheres correram *maratonas* durante a gravidez, Crew.

Ele balança a cabeça. — Bem? o quê você está fazendo aqui em baixo? Achei que você estava muito ocupada.

— Você saiu.

— O que você queria, certo?

— Não. Quero dizer, sim, eu queria que você saísse. Estou irritada e ansiosa e tento manter minha vida pessoal totalmente separada do trabalho, o que é basicamente o oposto de gritar um com o outro no meu escritório. Mas a resposta à sua pergunta... é não. Não quero o divórcio. — Eu seguro seu olhar. — Para melhor ou para pior, certo?

Alívio inunda sua expressão, suavizando as rugas em sua testa. — Na riqueza ou na pobreza parece mais adequado para a situação atual. As ações caíram mais esta manhã.

Eu levanto e abaixo um ombro. — Eu prometi ambos.

— Eu não vou cobrar isso de você. Não vou brigar com você por causa disso.

— Não quero o divórcio, — repito.

Seus olhos se fecham por um minuto antes de diminuir a pequena distância entre nós. Ele segura meu queixo e sou pega por uma dose inebriante de déjà vu. Parece o nosso primeiro beijo.

A expectativa. A incerteza. A possibilidade.

Eu agarro o tecido rígido de sua camisa, puxando-o para mais perto.

Crew coloca meu cabelo para trás. Corre o polegar ao longo da minha mandíbula. — Esta confusão não é sobre o dinheiro ou a empresa ou o escândalo



ou meu pai. É sobre *você*. É sobre ser o cara bom o suficiente para ficar ao seu lado. Você estava preocupada que eu não a visse como uma igual, como uma parceira? Estou preocupado exatamente. Com. A mesma. Coisa.

É tão vulnerável dizer *eu te amo* para alguém que você escolheu amar. O amor pelos meus pais era obrigatório, decorrente do fato biológico de que sem eles eu não existiria e das oportunidades que o trabalho deles permitia. O amor pelo bebê que estou carregando é instintivo. Ele ou ela é meu filho, um pedacinho de mim, minha responsabilidade de proteger e adorar.

Nada disso se aplica a Crew.

Eu o amo porque eu *quero*. Porque ele me desafia e confia em mim. Me apoia e me suaviza. Sei o momento em que ele entra em uma sala e o segundo em que sai.

Ele suspira quando não digo nada. — Eu sei que fui eu quem invadiu aqui e exigiu falar com você, mas agora eu realmente tenho que ir. Se fosse só meu pai, eu o faria esperar, mas é toda a diretoria e a maior parte do departamento jurídico. Vou chegar em casa o mais cedo que puder esta noite. Ok?

Eu continuo segurando sua camisa. Fico em silêncio.

Sua testa enrugada. — Red...

— Eu te amo. — As palavras saem da minha boca e ficam entre nós.

E... Bem, aí está. Eu disse.

Estranha e insegura, encaro Crew, esperando que ele reaja. Diga algo. Se mexa. Ele está atordoado; isso é óbvio. Olhos abertos. Os lábios se separaram, como se ele estivesse prestes a dizer algo que não se aplica mais.

Ele limpa a garganta.

— Você não tem que dizer isso de volta. Não foi, eu não, eu...

Seus dedos inclinam meu queixo para cima, me forçando a olhar para ele. Ele me beija novamente, firme, quente e inflexível. Ele permanece em meus lábios



com uma marca invisível. *Propriedade de Crew Kensington*. — Eu te amo, Scarlett. Para caralho.

— Você ama? — Para meu constrangimento, minha voz vacila. Eu realmente não tinha certeza se ele amava - ama. É parte do porquê eu não tinha dito isso até agora. Não porque eu não quisesse mostrar minhas cartas, mas porque não queria que ele se sentisse obrigado a dizer.

Seu polegar roça minha bochecha, acariciando meu rosto como se fosse algo precioso. — Sim, — ele responde suavemente. — Eu amo.

Crew está olhando para mim como se eu fosse tudo o que ele vai querer. Eu me permiti confiar nisso. Valorizar isso. Acreditar.

— Ok. — Sai como um sussurro.

— Vou vê-la hoje a noite. — Ele enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, tão relutante em ir embora quanto eu em deixá-lo ir.

Relutantemente, eu aceno.

Ele sorri. Balança um pouco a cabeça. Expira. — Ok. — Então ele deixa cair a mão e se afasta em direção às portas de vidro que separam o saguão da rua. Posso ver Roman do lado de fora, esperando ao lado do carro. Crew faz uma pausa para dizer algo ao motorista antes que ele suba no banco de trás e saia de vista.

Volto para o elevador com um sorriso no rosto. Desta vez, chega rapidamente. Estou de volta aos escritórios da *Haute* em alguns minutos, com muitos olhares curiosos sendo direcionados para mim. Eu correr pela escada não é uma ocorrência normal.

Quando entro em meu escritório, levo alguns momentos olhando estupidamente para o monitor antes de me lembrar que tenho trabalho a fazer. Começo a vasculhar os papéis na minha mesa, tentando decidir o que priorizar. Eu tenho que ligar de volta para Jeff. Um post-it rosa vai flutuando até o chão. Eu me abaixo para pegá-lo e congelo.



É a nota que Crew escreveu. Mas o lado que estou olhando é a parte de trás, pegajosa. O lado que eu acho que ninguém escreve.

Crew escreveu.

E por falar nisso, eu te amo. Isso é o que ele escreveu.

Eu o encaro por um minuto, com o coração batendo forte. Então eu pego meu telefone e mando uma mensagem para ele.

Scarlett: *Quem escreve no verso de um post-it???*

Crew responde instantaneamente. Ele ainda deve estar no carro.

Crew: *Eu sinto que é uma pergunta retórica.*

Crew: *Não se sinta mal por eu ter dito isso primeiro.*

Scarlett: *Você escreveu. Não é a mesma coisa.*

Scarlett: *Acabei de ver.*

Crew: *Percebi isso no meio da nossa conversa, Red.*

Scarlett: *Você ia simplesmente largar a bomba A e ir embora?!*

Crew: *Largar a bomba A? Que romântico.*

Scarlett: *Deixe-me lembrá-lo de que a frase começa com — e por falar nisso. — Dificilmente deixa uma marca.*

Crew: *Eu vou trabalhar nisso.*

Crew: *Estou no escritório.*

Crew: *Eu te amo.*

Eu sorrio como se ele pudesse me ver.

Scarlett: *Eu também te amo.*

Pego o post-it rosa e colo no meu monitor, com o verso virado para mim. E então eu pego o telefone e ligo de volta para Jeff.



CAPÍTULO VINTE E

QUATRO

Crew

— Devemos nos concentrar em um relatório de opções de ações, — sugere Isabel.

— Tudo bem, — eu concordo. — Se você falar sobre isso, posso ter uma visão geral da análise das projeções. — Eu olho para Asher, que está sentado ao meu lado. — Você está bem?

— Acho que já conheço a música e a dança.

— E Isabel e eu não?

Asher suspira. — Estou bem.

— Bom.

Meu telefone vibra com uma mensagem de Oliver, confirmando o jantar com nosso pai neste fim de semana. Não o culpo por se certificar de que estarei lá. Meu pai disse a Candace que o bebê não poderia ser dele depois que Scarlett e eu saímos do chalé para ver o pai dela. Candace admitiu ter mentido sobre estar grávida, alegando que meu pai não estava dando atenção suficiente a ela. Eles estão no meio do processo de divórcio agora. Não contei a Oliver que nosso pai sabe sobre ele e Candace, e parece que meu pai também não. Dificilmente



surpreendente. A menos que seja um segredo sujo que ele possa usar, meu pai fica feliz em varrer qualquer coisa desagradável para debaixo do tapete. Especialmente aqueles que não podem ser comprados.

Eu respondo a Oliver, prometendo que estarei lá, então mudo para a minha conversa com Scarlett. A última coisa que ela me mandou foi o link do berço que ela quer.

Mal começamos a montar o berçário. Ela está ocupada se preparando para a licença-maternidade, enquanto eu atendo investidores e sócios da Kensington Consolidated, tentando controlar os danos. Como Asher disse, tem sido um processo cansativo e frustrante. Como CEO, não tenho escolha. E agora que Scarlett está grávida de mais de oito meses, também preciso encontrar tempo para montar um berço.

Asher olha para a tela do telefone. Ri, quando ele vê o que eu estou olhando.
— Droga. Nunca pensei que veria o dia, Kensington.

Uma secretária aparece para nos mostrar a sala de conferência antes que eu tenha a chance de responder. A reunião dura uma hora. Vai bem, o que é um alívio. As reputações não são restauradas da noite para o dia, apenas destruídas. Se Nathaniel Stewart tinha algum documento da Kensington Consolidated, ele nunca os liberou. Lenta mas seguramente, os sussurros estão morrendo.

Estamos todos animados quando passamos pela área de recepção e nos dirigimos para os elevadores. Isabel está conversando, discutindo melhorias e sugestões. Desde nosso encontro noturno no Natal, ela se esforçou para ser excessivamente profissional. E excessivamente eficiente.

O elevador chega. Um homem de meia-idade sai e nós três entramos.

— Uh, Crew? — Asher interrompe a análise de Isabel das soluções das ações.

— O quê? — Eu olho para Asher, que não está fazendo nenhuma tentativa de debater e analisar. Ele está olhando para a tela do telefone.

— Você verificou seu telefone?



— Não por quê?

— Tenho um monte de ligações perdidas da Celeste? Por que ela estaria me ligando...

Não estou mais ouvindo; estou percorrendo as *centenas* de notificações perdidas que *eu tenho*. — *Porra*.

Aperto o botão *do Lobby* com o cotovelo enquanto digito o nome de Scarlett, como se isso fosse acelerar nossa descida. Ele toca e toca, finalmente indo para o correio de voz. Xingo de novo, depois penso. Uma rápida pesquisa no Google mostra o número de *Haute*. Ele toca três vezes antes de uma mulher atender. — Revista *Haute*, Alexandra falando. Como posso ajudá-lo?

— Preciso falar com Scarlett Kensington.

— Ela está esperando sua ligação?

— Apenas me transfira, — eu resmungo.

— Vou ver se a assistente dela está disponível. — Uma alegre música de piano ecoa pela linha enquanto observo os números marcarem. Nossa reunião foi no nonagésimo sétimo andar. Estamos chegando ao octagésimo.

— Escritório de Scarlett Kensington. Como posso ajudá-lo?

— Preciso falar com ela.

— Posso anotar uma mensagem?

— Eu sou o marido dela, — eu estalo. — Então não, eu preciso falar com ela *agora*.

O tom agradável desaparece. Não consigo lembrar o nome da secretária de Scarlett, mas acontece que ela está com raiva de mim. — Por que diabos você não atendeu antes? — Ela grita a pergunta, e isso me choca temporariamente. As pessoas não falam comigo assim. — Eu... oh meu Deus. Sinto muito, senhor. Eu, realmente. Acho que você não pode me demitir, mas ela vai se você...

— Onde. Está. Scarlett?



— New York General. A bolsa dela estourou quarenta e cinco minutos atrás. Tentei entrar na ambulância com ela, mas ela não deixou. Ela só queria que eu ligasse para você.

Eu belisco a ponta do meu nariz. *Sessenta e três*. — Estou indo direto para lá.

Desligo o telefone, amaldiçoando silenciosamente o elevador para andar mais rápido.

— Ela está tendo o bebê?

Eu dou a Asher um olhar *duh*. — Não, a secretária dela só *realmente* queria te convidar para sair.

— Já passamos do ponto da brincadeira. Entendi.

Eu bato minha cabeça contra a parede. — Nós deveríamos ter mais um mês. Eu tenho que ir direto para lá. Não tenho tempo para levar vocês dois de volta ao escritório.

— Cara. Você está prestes a se tornar pai. Eu vou contigo.

Concordo com a cabeça, sem me preocupar em responder. Um, porque eu realmente não me importo com o que Asher faz, desde que não me atrase. Dois, porque já estou enlouquecendo o suficiente sem deixar sua resposta totalmente absorvida.

As portas do elevador se abrem. Eu basicamente corro em direção ao SUV preto estacionado ao longo do meio-fio. Roman está encostado na lateral do carro, lendo um jornal. Seus olhos se arregalam enquanto corro em sua direção. Presumo que Asher e Isabel estejam atrás de mim, mas não me preocupo em verificar se eles estão me acompanhando.

— Sr. Kensington, está tudo...

— Chaves, — eu exijo. Roman é um excelente motorista no que diz respeito à vestimenta e à discrição. Mas eu nunca o vi passar por sinal amarelo. Sabiamente, ele escuta, entregando-as e subindo no banco do passageiro. Contorno a frente do carro e entro no lado do motorista. As portas se abrem e batem na parte de



trás, e eu me afasto do meio-fio como se estivéssemos fugindo da cena de um crime.

— Em que hospital ela está? — Asher pergunta.

— New York General. — Eu desviei, errando por pouco um entregador em uma bicicleta.

— Se estamos indo para o West Side, você deve pegar a 7ª. Há um acidente na 8ª.

— Quantos quarteirões?

— Cinco, não sete. Espere, não, na verdade quatro.

Chegamos a um sinal vermelho e eu piso no freio. Os carros já estão começando a cruzar na outra direção, então não posso correr.

Eu olho no espelho retrovisor. — Você sabe ou não sabe como chegar lá?

— O trânsito é sempre uma merda, cara. Você sabe disso. Continua...— Ele para. — Oh espere. Eles limparam a 8ª. Você deveria ir por esse caminho agora.

Eu bufo e toco na tela preta no painel. — Essa coisa funciona?

— Sim, senhor. Eu posso conectá-lo. — Roman se inclina e começa a mexer nos controles do painel. Alguns segundos depois, um mapa aparece na tela.

A luz fica verde e eu dou um zoom para a frente, seguindo as instruções dos alto-falantes. Chegamos a outro amarelo, então piso no acelerador e mudo de faixa.

— Droga, — Asher comenta enquanto eu corto uma Mercedes, dando início a uma série de buzinas. — Devíamos ter ido a Mônaco para correr como falamos na faculdade. Você pode dirigir realmente, cara.

Meu telefone começa a tocar, *Chamada recebida* piscando na tela. Estou prestes a rejeitá-lo quando vejo que é Scarlett ligando.

— Olá? — Minha saudação é hesitante. Eu sei que ela deve estar chateada.

— Não parece que você está morrendo em uma vala.



No banco de trás, Asher bufa. Se eu pudesse lhe dar o dedo enquanto dirigia, eu o faria.

— Scarlett, eu juro que eu...

— Uma HORA, Crew. Estou aqui há quase uma hora! Onde *diabos* você está?

— Estarei aí em cinco minutos. — Cortei um táxi. — Dez, no máximo.

— Onde você esteve? Por que você não estava respondendo?

Eu suspiro. — Eu tive uma reunião. Meu telefone estava no modo silencioso e eu não estava verificando.

— Você me prometeu. — Toda a raiva em sua voz se esvaiu. A incerteza que fica para trás me faz pisar no acelerador com mais força. — Você me prometeu que eu não teria que fazer isso sozinha.

Chegamos a outro sinal vermelho, e eu mal contenho outro palavrão enquanto bato urgentemente no volante, incitando-o a mudar de volta para verde. — Você não vai, baby. Eu estou quase aí.

— Estou com medo, Crew. — Ela diz as palavras suavemente, mas elas têm o efeito de um grito de como me atingiram. — Dói pra caralho e eles não conseguiram encontrar um batimento cardíaco no começo e eu... eu estou enlouquecendo.

Um punho apertado de medo aperta meu peito. Eu luto contra o pânico antes que ele possa me sufocar. Ela precisa de segurança, não de mais ansiedade. — Red, eu estarei aí. Juro. Mas mesmo se eu estivesse em uma vala em algum lugar, você pode fazer isso. Apenas respire. Era sobre isso que todas aquelas aulas eram, certo?

— Você não estava prestando atenção durante o Lamaze³⁷.

³⁷ Método desenvolvido como uma alternativa a intervenção médica durante o parto como objetivo e manter a mãe relaxada e focalizada na respiração.



Scarlett soa como sempre, e eu quase desmaio de alívio. Eu definitivamente não deveria estar dirigindo. Mas posso ver o hospital à frente, apenas a um quarteirão de distância. — Sim, eu estava, — eu contesto. — Você apenas se concentra em uma coisa e depois respira muito rápido.

— Uh-huh. E depois?

Olho para Roman em busca de ajuda. Ele dá de ombros. — Eu pensei que você tinha filhos, — eu assobio. Outro encolher de ombros. — Expirar? — Eu sugiro.

Scarlett ri. É mais tensa e esganiçada do que sua risada normal, mas alivia um pouco o aperto em meu peito. — Você está tão cheio de merda. Eu sabia que você não estava prestando atenção.

Eu paro a SUV com um guincho de pneus sob a secção da ambulância. Deixo o carro ligado e as chaves na ignição, apenas pego meu telefone e corro em direção às portas automáticas do movimentado hospital. Há jalecos brancos e macas por toda parte. Uma criança está chorando em algum lugar próximo. O sistema de som está estalando, dizendo a algum cirurgião para se apresentar na sala de cirurgia 1. Pressiono o telefone contra a orelha. — Em que andar você está?

— Quinto.

Corro para o elevador, então altero o curso quando vejo uma placa para uma escada. Há muita energia nervosa que preciso queimar. Subo os lances dois degraus de cada vez e abro a porta com um enorme cinco pintado nela. O corredor parece igual ao saguão do andar de baixo, todo de ladrilhos brancos e luzes fluorescentes.

Há uma mesa à direita.

— Scarlett Kensington, — eu ofego. — Em que quarto está Scarlett Kensington?

A enfermeira me estuda, severa e avaliativa. — Você é parente?

— Eu sou o marido dela. O pai. Onde ela está?

Ela digita algumas teclas no computador. Os segundos parecem minutos. — Quarto 526.

Começo para a direita, apenas para descobrir que os números estão diminuindo, não aumentando. Corro para a esquerda até chegar ao 526 e entro.

Scarlett está sentada na cama, ouvindo um homem de jaleco branco que deve ser médico. Quando ela me vê, sua expressão desmorona. Corro para o lado dela, agarrando sua mão e beijando sua cabeça.

— Você deve ser Crew. Eu sou o Dr. Summers.

— Algo está errado?

O Dr. Summers parece sombrio. — Eu estava dizendo a sua esposa que não podemos esperar mais. Receio que o bebê não esteja posicionado corretamente para um parto natural. Vamos precisar fazer uma cesariana de emergência antes que o bebê entre em sofrimento.

— Sofrimento? — Eu eco. A mão de Scarlett aperta a minha.

— Faremos tudo o que pudermos para evitar que isso aconteça. É por isso que precisamos agir rapidamente.

Pela primeira vez desde que a conheço, Scarlett parece jovem e assustada. Frágil. — Meu marido pode ficar comigo? — Ela pergunta em uma voz metálica.

Dr. Summers sorri gentilmente, mas seu tom é firme. — Sinto muito, mas não. Não permitimos que familiares fiquem na sala de cirurgia durante uma cirurgia de emergência. — *Cirurgia de emergência*. Essas duas palavras permeiam a névoa em mente. O pânico agudo corta enquanto o pavor revira meu estômago. — Uma enfermeira chegará em breve para levá-la para baixo.

Estou congelando. A respiração de Scarlett é rápida e irregular. — Você sabia? Quando estávamos no telefone?

— Eles me disseram que poderia haver complicações quando eu chegasse. Eu sabia que você chegaria aqui o mais rápido possível. — Ela me dá um sorriso irônico que falha. — Desculpe por surtar no telefone.



— Eu deveria ter colocado meu celular para tocar. Que complicações?

— O que o Dr. Summers disse. O bebê não está virado da maneira certa. Mas como minha bolsa já estourou, eles não podem esperar mais para ver se vai se reposicionar.

Eu inalo, dividido entre atacá-la com mais perguntas e evitar assustá-la.

Uma mulher de uniforme rosa entra na sala. A enfermeira sorri para Scarlett.
— Pronta para ser mãe? — Sua alegria não soa fingida, mas não é registrada como real. Não era assim que deveria acontecer. Não parece um momento feliz e alegre.

Scarlett sorri de volta, mas não responde.

A enfermeira dá um aceno de compreensão. — Pronta?

— Pronta, — responde Scarlett. Sua mão aperta a minha.

Eu me inclino e beijo sua testa, deixando meus lábios demorarem. — Eu te amo.

O aperto de Scarlett aumenta. — Eu também te amo.

Então ela solta. A enfermeira leva sua cama para longe.

— Assim que houver uma atualização, alguém avisará você, — ela me diz ao sair.

De repente, estou em um quarto de hospital vazio, sozinho. Meu corpo está pesado, meus membros desconectados. A respiração torna-se difícil. Eu preciso sair deste quarto minúsculo. Eu sairia se não estivesse com medo de perder uma atualização.

Volto para a sala de espera atordoado. Asher se levanta quando eu apareço. Honestamente, eu esqueci que ele estava aqui.

— Isabel voltou ao escritório. O que está acontecendo? — Asher pergunta. — Pareceu meio rápido.

Sob quaisquer outras circunstâncias, ele fingir que sabe alguma coisa sobre o parto, especificamente quanto tempo leva, seria divertido. Estou muito ansioso



para fazer qualquer coisa além do ritmo agora. Vai e volta. Esta sala de espera parece igual à da ala cardíaca. Enquanto esperava para saber se Hanson havia conseguido, não senti nenhum receio. A morte dele não me faria perder o sono.

A de Scarlett me destruiria. Apenas o pensamento hipotético faz minha garganta apertar e meus olhos arderem. Sinto como se formigas estivessem rastejando na minha pele. Como se minhas roupas estivessem muito quentes e muito apertadas. Tento respirar fundo, inspirar o ar tingido de antisséptico.

— Crew, vocês estão me assustando pra caralho. O que está acontecendo?

Dentro. Fora. Dentro. Eu continuo andando. — Ela está em cirurgia.

— *Cirurgia?* — Os olhos de Asher se arregalam. — Isso é... normal?

— Não, não é normal, — eu mordo.

— Você quer que eu... ligue para alguém?

— Eu não me importo. — A resposta honesta é *não sei*. Scarlett e eu nunca discutimos quem convidaríamos para o hospital ou quando iríamos. Achei que estaria com ela, que tomaríamos essas decisões juntos, depois que tivéssemos um bebê saudável.

Eu continuo andando. Não sei a que horas ela foi para a cirurgia. Quanto tempo demora uma cesariana. Estou totalmente despreparado, e a única coisa que me impede de perder totalmente o controle é a esperança de que a qualquer momento alguém venha me dizer que os dois estão bem.

Ando em círculos até começar a sentir tonturas. Então eu me sento. Balanço meu joelho. Gire minha aliança de casamento em círculos. Pressione as palmas das mãos nos olhos e tente fingir que estou em qualquer outro lugar.

Vagamente, estou ciente da atividade ao meu redor. Ao ligar *para alguém*, Asher aparentemente se referia *a todos*. Meu pai. Oliver. Josephine e Hanson - que está totalmente recuperado de seu problema de saúde. A família de Scarlett se junta à minha, sussurrando. Provavelmente sobre mim. Sabiamente, nenhum deles se aproxima de mim.



Uma eternidade se passa antes que o Dr. Summers apareça. Eu me levanto assim que o vejo.

— Sua esposa está perguntando por você, Crew.

O alívio me atinge com tanta força que sinto que meus joelhos estão prestes a ceder. — Ela está bem? — Minha voz falha entre o *b* e o *em*.

Dr. Summers sorri e acena com a cabeça. — Ela está bem. E você tem uma menina saudável.

Uma garota. Eu tenho uma filha. O pensamento parece estranho, mesmo depois de meses sabendo que isso aconteceria. — Posso vê-las? — Minha voz soa como se minha garganta estivesse cheia de pedras.

Ele concorda. — Claro. Me siga.

O Dr. Summers me leva a uma sala diferente da anterior. Scarlett está deitada, com uma trouxa coberta sobre o peito.

— Vou dar a vocês um minuto, — ele diz, então desaparece.

Scarlett olha para cima assim que entro na sala. Seu sorriso é largo e brilhante. — Ela tem os seus olhos.

Chego à cama e vejo pela primeira vez o rosto de minha filha. Ela é perfeita. E Scarlett está certa. Seus olhos são do mesmo tom de azul que os meus. A cor que herdei da *minha* mãe.

— A primeira vez que te vi, pensei que você tinha os olhos mais lindos que já vi, — ela me diz.

Eu viro minha cabeça para que eu possa pressionar meu rosto contra seu cabelo, sentindo meus olhos arderem pela primeira vez em minha vida adulta. — Eu estava tão assustado. Tão fodidamente apavorado, Red.

— Estou bem, — ela me garante. — *Estamos* bem.

Eu olho para a pequena humana que criamos juntos. — Uau.

— Eu sei. — Scarlett ecoa meu tom maravilhado. — Você quer segurá-la?



Eu engulo. — Sim. Eu quero.

O bebê falso da aula de parto não se parecia em nada com o real. Scarlett me passa nossa filha, e ela é pequenina, perfeita e *real*.

— Deveríamos ter decidido os nomes antes.

Eu sorrio ironicamente. — E encomendado o berço, provavelmente.

Os olhos de Scarlett se arregalam. — Porra.

— Eu vou cuidar disso, — garanto a Scarlett. — Ela vai ter uma cama. — Eu olho para minha filha. — Você terá uma cama.

— Uau, — comenta Scarlett, olhando para nós. — Você é totalmente um DILF³⁸. Quero dizer, imaginei que você seria. Mas é diferente porque é minha filha também, sabe?

Eu bufo uma risada, e isso é bom. Expele os últimos redemoinhos de ansiedade.

— E quanto a Elizabeth? — Scarlett pergunta.

Eu estudo o rosto pequeno e inocente. Aquele mesmo puxão do meu casamento aparece, imaginando o que minha mãe teria a dizer em um dia como hoje. Ela saberia o que me dizer quando Scarlett estava na cirurgia. Eu limpo minha garganta. — Não sinta que temos que...

— Eu não.

— Sua mãe não vai ficar ofendida?

Scarlett zomba, mas depois fica séria. — Quero dizer... poderia ser o nome do meio dela, eu acho.

— Elizabeth Josephine Kensington, — eu digo suavemente.

— Sim.

— Eu gosto disso.

³⁸ Um homem mais velho e atraente, geralmente pai, considerado um objeto sexual.



— Eu também, — afirma Scarlett.

— Ela está aqui, — eu digo a ela. — Sua mãe. Seu pai também.

— *Sério?*

— Asher ligou para eles junto com meu pai e Oliver. Eu estava... bem, eu não estava com vontade de falar com ninguém. E não havíamos conversado sobre para quem ligaríamos e quando.

Scarlett acena com a cabeça. — Você pode ver se eles querem vir conhecer Elizabeth.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Ok. — Estou relutante em abrir mão de Elizabeth. Odeio sair deste quarto. Mas eu a devolvo para Scarlett e refaço meus passos até a sala de espera. Eles ainda estão lá. Eu não tinha certeza se eles estariam.

Eu limpo minha garganta. — Uh, pai? Hanson? Josephine? Vocês... vocês querem conhecer sua neta?

Todos os três parecem atordoados. Talvez esteja apenas atingindo-os, eles são avós. Talvez eles não esperassem esta oferta.

Para minha surpresa, Hanson está em primeiro lugar. Josefina segue. Meu pai é o último a levantar, mas ele levanta. Olho para Oliver. *Vá em frente*, ele murmura. Eu e meu pai seguimos os pais de Scarlett pelo corredor.

— Nós a chamamos de Elizabeth, — digo a ele em voz baixa, enquanto caminhamos pelo corredor. Meu pai costuma ser imprevisível. Não quero que sua reação à revelação — positiva ou negativa — influencie o primeiro encontro. — 231, — digo a Josephine e Hanson quando nos aproximamos do quarto de Scarlett. Eles entram. Ouço Josephine exclamar. Meu pai e eu ficamos do lado de fora.

Ele aperta meu ombro. — Estou orgulhoso de você, Crew. Sua mãe também estaria.



Então ele se dirige para dentro. Fico parado no corredor, chorando pela segunda vez hoje.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

Scarlett

Crew está agindo de forma estranha. Ele voltou para casa distraído, mas pontual, perdendo a visita de Sophie e Nadia por apenas alguns minutos. Acariciou Teddy e beijou Elizabeth antes de ir para a cama, mas foi no piloto automático. As mesmas ações que ele faz todas as noites quando volta do trabalho.

Eu o observo verificar seu telefone no reflexo do espelho. Olho pela janela. Larguei o tubo de batom.

— Você sabe... nós não temos que fazer isso esta noite.

Isso o arranca de seu devaneio. Crew olha, parecendo surpreso. E confuso. — O quê? Por que?

— Tem sido um longo dia. E você parece... sei lá, fora de si. Podemos reagendar.

Suas sobrancelhas se erguem e um toque de diversão atinge seus lábios. — Reagendar? É o nosso aniversário.

— Eu sei, mas é só um encontro. Nosso histórico com feriados anuais ou comemorações ou o que quer que seja não é ótimo. E não deveríamos celebrar nosso casamento todos os dias, não apenas no dia em que nos casamos?

Um sorriso aberto é sua resposta a esse comentário. — Quem sabia que você era tão romântica, Red?



Reviro os olhos. — Cale-se. Estou falando sério.

— Eu também. Então termine de se arrumar para podermos ir jantar.

— Com fome?

— Sim. — Ele desliza o telefone para longe, me estudando com a expressão de um pecador, não um santo. — Para a *sobremesa*. Estarei lá embaixo.

Nós brincamos como adolescentes excitados desde que Elizabeth nasceu, mas o sexo não aconteceu. E se alguém tivesse me dito no meu casamento há um ano que eu deixaria minha filha recém-nascida em casa para ir a um jantar de aniversário com Crew Kensington com total confiança de que estávamos em um relacionamento monogâmico, eu teria rido na cara deles.

No entanto, aqui estamos nós.

Passo um perfume, pego um par de Louboutins no armário e desço as escadas. Minha mãe se acomodou no sofá. Seu entusiasmo em ser avó é quase tão surpreendente quanto o estado de meu relacionamento com Crew. Fui criada principalmente por babás. Mas minha mãe mima Elizabeth sempre que pode. Até meu pai já me surpreendeu de vez em quando, pedindo para abraçá-la ou abrindo um sorriso sincero ao vê-la. Ele não está aqui esta noite, e não pergunto por quê. O relacionamento dos meus pais não é para eu controlar ou julgar. Mais importante, não tem relação com meu casamento.

Crew está encostado na parede ao lado do elevador, olhando para o nada. Ele se endireita quando me vê chegando, seu olhar azul escurecendo com luxúria.

Eu sorrio para ele antes de cumprimentar minha mãe. — Oi, mãe.

Ela sorri enquanto me olha. — Você está linda, Scarlett.

— Obrigada. Você precisa de alguma coisa antes de irmos?

— Não, não. — Ela acena com a mão em direção à entrada. — Vocês dois tenham uma noite adorável. Se Elizabeth acordar, estarei aqui.

— Ok. — Hesito por alguns segundos, embora ela já tenha voltado para o livro aberto em seu colo. Então, eu ando até Crew.



— Pronta? — Ele pergunta.

— Pronta, — confirmo quando entramos no elevador.

— Como foi o trabalho? — Ele pergunta.

— Bom. A edição de julho está pronta e a linha de verão está esgotada.

Ele sorri para mim com orgulho. — Parabéns, Red.

— Obrigada. Como foi o seu dia? — A Kensington Consolidated resistiu oficialmente à tempestade. A investigação terminou sem acusações. Ações aumentaram. Ser o CEO de uma empresa Dow³⁹ não é uma tarefa típica de nove às cinco no entanto.

Parece que estamos casados há décadas. Crew está falando sobre algum negócio que Oliver quer fazer enquanto caminhamos do elevador para a garagem da cobertura onde nossos carros são guardados. Entramos no Lamborghini de Crew.

Impulsivamente, eu me inclino e abro o zíper de suas calças. Ele para de falar imediatamente, observando minha mão espalmado seu pau. O ronco dos dentes de metal se abrindo é o único som no carro.

— Ele mostrou a você as entregas? — Eu pergunto, traçando o contorno de sua ereção com meus dedos.

A respiração de Crew é rápida e irregular. — Eu nem consigo me lembrar do que estávamos falando, para ser honesto.

Eu rio um pouco antes de puxar seu pênis para fora e abaixar minha cabeça, passando minha língua ao redor da coroa.

— *Scarlett*. — Meu nome sai em um gemido distorcido, cheio de areia, cascalho e desejo.

³⁹ É um índice de ações, ou mesmo um indicador financeiro que representa o mercado americano como um todo.



As luzes da garagem são ativadas por movimento. Elas disparam, mergulhando o carro na quase escuridão, não nas sombras. A falta de luz parece tabu e erótica. O calor se acumula em meu estômago e umedece entre minhas pernas, fazendo-me sentir carente e desesperada. Eu aperto minhas coxas juntas.

Eu o chupo mais fundo, escavando minhas bochechas e roçando a parte de baixo com meus dentes, do jeito que eu sei que ele gosta. Sou recompensada com um rosnado rouco. Uma mão desliza em meu cabelo e puxa. — Deus, você é a coisa mais sexy que eu já vi, Red, — ele diz asperamente. — Você me chupa tão bem, baby.

Eu gemo ao redor dele, sabendo que as vibrações irão percorrer seu eixo. Seus quadris se movem, me dizendo que ele está perto. A respiração pesada enche o carro antes dele gemer e encher minha boca. Eu engulo e me inclino para trás, deixando seu pau meio duro ir depois de uma chupada final e úmida.

A cabeça de Crew está inclinada para trás. Ele rola para olhar para mim, seus olhos semicerrados e nebulosos de prazer. Um sorriso preguiçoso e satisfeito em seus lábios. Seu pênis ainda está para fora. Continua duro. A fantasia de toda mulher.

— Venha aqui, — ele ordena.

Eu olho ao redor da garagem escura e vazia, e então rastejo através do câmbio e me acomodo em seu colo. Seu pau se acomoda contra a renda encharcada da minha calcinha enquanto meu vestido se espalha em nosso colo. Eu gemo com o contato.

A mão de Crew sobe pela minha coxa e entre as minhas pernas. Ele rosna quando sente como estou molhada, o estrondo profundo e possessivo e seguido pelo meu nome.

Ele acabou de gozar, mas estou tão excitada que acho que ele poderia respirar em mim e eu explodiria. Sua mão se move para seu pau, agarrando o longo comprimento e esfregando contra o meu centro. — Você quer isso, Scarlett?



— Sim. — Coloco o máximo de necessidade nas três letras que consigo, desenhando a palavra em um gemido quando ele começa a cutucar dentro de mim.

— Está tudo bem, certo? Você está bem?

Esqueça a respiração. A leve pressão e a preocupação em sua voz me fazem cerrar os punhos para lutar contra o meu orgasmo. — Estou bem, — eu suspiro. — Completamente recuperada. Apenas me foda. *Por favor.*

Ele o faz, movendo minha calcinha para o lado e me enchendo com o delicioso deslizamento que eu senti falta. Sua boca encontra o ponto entre meu pescoço e meu ombro, pressionando beijos quentes e úmidos e sussurrando palavras sujas contra minha pele. Eu balanço e me movo contra ele, encontrando cada impulso até cair do pico do prazer. Ondas de calor espiralam e se espalham, deixando-me saciada e esgotada. Sinto Crew estremecer quando ele goza dentro de mim.

Não saio de seu colo, querendo ficar nesse momento mais um pouco. Conectada, sentindo a ascensão e queda rítmica de seu peito enquanto ele respira.

— Nada mal para um velho casal casado, hein?

Meus lábios se abrem em um sorriso enquanto me inclino para trás e acaricio seu abdômen. — Que bom que você não se deixou levar.

Seu sorriso é largo e genuíno enquanto eu deslizo dele e volto para o meu lado do carro. Nós dois arrumamos nossas roupas antes de Crew ligar o carro e sair da garagem. Ele dirige com uma mão, mantendo a outra emaranhada na minha.

Eu reconheço o restaurante que ele para do lado de fora, embora eu nunca tenha comido aqui antes. É conhecido por ser moderno e sofisticado.

Crew entrega as chaves ao manobrista e entramos. Há outro casal esperando no estande da recepcionista, paramos atrás.

— Você já esteve aqui antes? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. — Eles têm a melhor vista.

— Melhor vista de quê?



— Você vai ver, — é sua resposta enigmática.

Olho em volta, observando as paredes de tijolos, os detalhes em preto e as cadeiras de metal. E a loira caminhando em nossa direção.

— Que surpresa! — A voz de Hannah é animada, cheia de falsa confiança.

Crew não diz nada.

— É isso? — Eu questiono, mantendo minha voz curta e seca.

— Como vai você? Ouvi dizer que você teve um bebê? — Hannah olha para o meu estômago, como se estivesse procurando por evidências.

Antes que eu tenha que responder, outra mulher se aproxima de nós. — Han, a mesa está pronta.

— Ah, tudo bem, — responde Hannah. — Eu estarei lá, Savannah.

Savannah se concentrou em Crew. Seus olhos se arregalam apreciativamente, então deslizam para mim. — Oh meu Deus. Eu *amo* seu vestido.

— Obrigada. — Eu a olho e escondo um sorriso. — Eu gosto do seu também.

— Obrigada. — Savannah olha para o busto de contas. — É da linha de verão da *Rouge*. Eu simplesmente amo as coisas deles.

A boca de Hannah torce como se ela estivesse chupando uma rodela de limão. Savannah está claramente alheia, mas é óbvio que Hannah sabe quem é a dona da *Rouge*.

— Essa é uma das suas? — Crew pergunta, parecendo surpreso. Nada em que ele trabalha tem uma produção tangível que você pode encontrar na rua. Já vi estranhos lendo minha revista e vestindo minhas roupas antes, mas ainda parece estranho.

— Puta merda! — Savannah de repente exclama. — Você é Scarlett Kensington, não é?

— Sim, — eu respondo. — E este é meu marido, Crew. Estamos comemorando nosso aniversário de casamento.



— Aww. Isso é *tão* romântico, — Savannah fala.

— Crew é *super* romântico, — elogio. — E tão solidário. No caminho até aqui, ele disse as coisas mais doces para mim. — Eu não olho, mas tenho certeza que ele está sufocando alguma diversão.

— Você tornou *duro* não fazer isso. — O humor dança naquelas profundezas azuis, obviamente orgulhoso da insinuação.

Hannah parece irritada e desconfortável. Savannah está sorrindo para nós como se fôssemos metas de casal ganhando vida.

Um garçom se aproxima. — Sr. e a Sra. Kensington? Sua mesa particular está pronta, se vocês quiserem me acompanhar até o terraço.

Dou um pequeno aceno para Hannah e Savannah. — Aproveitem suas noites, senhoras.

— Então eu sou *super romântico*? — Crew brinca enquanto seguimos o maitre pelo restaurante.

— Você tem seus momentos, — eu respondo. — E foi se gabar disso ou trocar insultos com sua ex ciumenta.

— Hannah não é minha ex-nada.

— Que seja.

— É fofo quando você está com ciúmes, Red. — Crew se inclina, seus lábios roçando a concha da minha orelha. — Especialmente quando você está cheia do meu esperma.

Suprimo um arrepio que não tem nada a ver com o fato de o ar-condicionado estar no máximo aqui. O maitre de smoking continua caminhando em direção ao elevador, completamente inconsciente do fato de que a boca do meu marido é exatamente o oposto de tudo aqui, imunda.

As portas prateadas do elevador se abrem para revelar o telhado. Pedra cinza cobre o chão. Árvores e flores artisticamente dispostas interrompem as mesas



espaçadas. Luzes cintilantes iluminam o espaço. Somos as únicas pessoas aqui. Crew deve ter alugado todo o terraço.

— Uau, — eu respiro.

— Um garçom estará aqui em breve para anotar seus pedidos. Aproveite sua noite. — O homem volta para o elevador, deixando Crew e eu sozinhos aqui. Ele caminha até a beira do telhado, com vista para toda a cidade. Eu sigo.

— Você gostou daqui?

— Eu amei aqui. — Eu olho para ele. — Desde que você *me* acusou de ciúmes, sempre me perguntei: o que você disse para aquele cara no Proof? Na noite em que você veio a cabine, pouco antes de ficarmos noivos?

— Tecnicamente, ficamos noivos quando tínhamos dezesseis anos.

Reviro os olhos. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu disse a ele que você era minha, — responde Crew.

— Isso é tudo que você disse a ele?

— *Ele?* Você nem lembra o nome do cara, não é?

— Pare de mudar de assunto.

— Você lembra?

Eu penso naquela noite. Tento me lembrar do cara que veio à minha cabine e conversou com Sophie e Nadia. Mas tudo o que me lembro daquela noite é Crew. Como ele parecia. O que ele disse. — Não, — eu admito. — Eu não lembro.

Ele sorri, satisfeito. — Eu poderia ter ameaçado *Evan* com um pouco de dano corporal se ele se envolvesse com você naquela noite.

A possessividade em sua voz provoca uma mistura contrária de contentamento e aborrecimento. — Eu não era *sua*. Nós nem éramos casados então.

Crew dá de ombros. — Parecia que você era.



Lembro-me de como fiquei feliz quando ele dispensou aquela ruiva. Eu não deveria ter me importado com quem ele transou naquela época. Mas eu fiz. — Vê? Eu sabia que você era romântico.

— Você disse que *não era*.

Eu levanto uma sobrancelha. — O que?

— Você disse, “Eu não era sua.” Isso significa que você é agora?

— Sim, — eu digo a ele. — Eu sou.

No último ano, aprendi muito. Uma das coisas que descobri sobre Crew é que sua segurança significa que ele raramente fica sem algo a dizer. Este é um daqueles raros momentos. Onde ele me presenteia com um sorriso sentimental que me diz que ele é tão meu quanto eu dele.

— Você achou que estaríamos aqui no dia em que nos casássemos? Assim, quero dizer. — Faço um gesto entre nós, como se o amor fosse uma conexão tangível que você pode ver entre duas pessoas. — Já imaginou como seria se você tivesse se casado com outra pessoa?

— Você já?

— Eu perguntei a você primeiro.

Ele me ignora. — Você sabe uma coisa sobre nós que sempre foi confusa? Por que *eu*? Até meu pai me dizer que eu seria CEO, fazia algum sentido. Mas uma vez que ele o fez, eu sempre me perguntei...

Sua reflexão é muito aguçada, muito precisa. — Seu pai te contou.

— Ele mencionou que você... me *pediu*.

Eu sorrio ironicamente. — Hanson Ellsworth não concede pedidos.

— Então...

— Então, foi mais uma ameaça. Eu disse a ele que me casaria com você... ou com ninguém.

— Por quê?

Eu dou de ombros. — Parte disso foi rebelião. Naquela época, todos presumiam que Oliver acabaria no topo. Pedir a Arthur para mudar os termos depois de estabelecidos seria embaraçoso para meu pai.

— E a outra parte?

— Eu queria você. — Eu mastigo meu lábio inferior. — Eu queria você, — repito.

O resultado dessa confissão me deixa envergonhada.

— Vamos. — Tento puxar Crew para a mesa. — Devemos olhar o cardápio.

Ele não se mexe. — Ainda não. Espere.

Eu olho ao redor do telhado. — Esperar o quê...

Flashes altos de cores iluminam o céu, me interrompendo. Eu encaro a vista espetacular.

— Estamos comemorando, — Crew me diz.

Eu percebo, se alguma coisa, eu estava *subestimando* seu lado suave antes.

O dinheiro pode comprar muito. Importância. Elogios. Relevância. Férias luxuosas e jantares caros e uma exibição deslumbrante destinada a duas pessoas em uma cidade de milhões.

O amor é imune à moeda. O dinheiro não é o motivo de um leve meio sorriso no rosto de Crew. Porque há frio na barriga e uma certeza total na minha cabeça de que vamos durar.

Lado a lado, vemos os fogos de artifício explodindo no horizonte de Manhattan, iluminando a cidade que chamamos de lar. E não há nada de falso nisso.

